*P. Cipriano do Vale*
O. F. M.

# EVANGELHOS

## *dos domingos e dias festivos*

# EXPLICADOS

1944
Edição do «BOLETIM MENSAL»
BRAGA

# EVANGELHOS

*dos domingos e dias festivos*

# EXPLICADOS

*P. Cipriano do Vale*
O. F. M.

# EVANGELHOS

## *dos domingos e dias festivos*

# EXPLICADOS

1944
Edição do «BOLETIM MENSAL»
BRAGA

**Nihil obstat**

Olysipone die 12 Augusti 1944

*P. Joseph Petrus Ferreira, o. f. m.*

Censor Ordinis

**Imprimi potest**

Olysipone die 15 Augusti 1944

*P. Emmanuel Taveira da Silva, o. f. m.*

Min. Prov.

---

**Nihil obstat**

Brach., 15-9-1944

*P. Adão Salgado*

**Imprimatur**

Brach., 15-9-1944

† A., Arch. Primas

---

Tip. das «Missões Franciscanas»

:-: :-: :-: BRAGA :-: :-: :-:

# Prólogo

O presente comentário sucinto dos Evangelhos dos domingos e dias festivos foi redigido, há mais de vinte anos, para uso pessoal. Convencidos, todavia, de que êle poderá ser útil a mais alguém, e secundando os desejos dos nossos Superiores, resolvemos pô-lo à disposição do público.

Não se trata de um Sermonário, nem mesmo de uma colecção de Homilias do género vulgarmente usado. O livrinho não pretende oferecer senão uma explicação breve do texto evangélico, que deve servir de base à homilia.

Pensamos, afinal, que a melhor forma de prègação homilética é a que adoptaram comumente os Santos Padres: isto é, a exposição singela do texto sagrado, posto ao alcance da inteligência dos fiéis e adaptado à prática da vida cristã. É assim que em verdade se apresenta aos fiéis a palavra de Deus, para sua sólida instrução e edificação: e não com algumas considerações feitas a propósito (e quantas vezes a despropósito!) do texto do S. Evangelho.

Mas a interpretação exacta do Evangelho não é sempre das coisas mais fáceis: por vezes é até muito difícil. Exige-se para isso uma preparação séria e vasta, que nem todos possuem, ou ao menos o auxílio de comentários autorizados, que nem a todos são acessíveis. E as condições do ministério pastoral, particularmente nos tempos actuais, não permitem muitas vezes aos sacerdotes dispor do tempo

*necessário para procurarem nos livros as informações indispensáveis para a recta compreensão do texto sagrado.*

*Julgamos, por isso, prestar-lhes um bom serviço oferecendo-lhes uma exposição abreviada dos Evangelhos, em forma sucinta e singela, mas inspirada nos comentários recentes e acompanhando os progressos da exegese católica.*

*Na versão do texto evangélico reproduzimos fielmente o texto do Missal, que é o da Vulgata latina, em conformidade com o decreto da Comissão Pontifícia de Re Bíblica de 30 de Abril de 1934. O que não obsta a que, por vezes na interpretação do mesmo texto autêntico, mas sobretudo no comentário, tenhamos na devida consideração o texto original (ver as normas da Com. Bíbl., de 22 de Agôsto de 1943).*

*Na exposição, abstemo-nos de entrar em questões controversas ou referir as diversas interpretações, apresentando apenas aquela que nos parece a mais provável e segura.*

*A exposição é resumida, como o exige a brevidade que se impõe na prègação homilética.*

*No fim indicamos geralmente algumas considerações práticas, fundadas na genuina interpretação do texto evangélico: procurando igualmente seguir, quanto possível, o pensamento da Igreja na sua adaptação litúrgica. Não insistimos muito nesta parte, porque não é êsse o fim principal do nosso trabalho. De resto, uma vez de posse do verdadeiro sentido da palavra de Deus, é fácil ao sacerdote tirar-lhe as conclusões práticas, acomodando-a às necessidades espirituais dos fiéis. Nessa acomodação, porém, não devem esquecer-se as sábias instruções do SS. Padre Pio XII na sua Encíclica Divino afflante Spiritu, de 30 de Setembro de 1943:* «Ainda que, principalmente no desempenho do ofício de prègador, pode ser útil para ilus-

trar e recomendar as coisas da fé certo uso mais lato do sagrado texto, segundo a significação translata das palavras, sendo isso feito com moderação e sobriedade, nunca todavia deve esquecer-se que êste uso das palavras da Sagrada Escritura lhe é como extrínseco e adventício, e que sobretudo hoje não carece de perigo, quando os fiéis, especialmente os que são instruídos nas ciências sagradas e profanas, procuram o que Deus nas Sagradas Letras nos ensina, e não aquilo qne expõe o orador ou escritor facundo, manejando com destreza as palavras da Bíblia. Nem aquela «palavra de Deus viva e eficaz, mais penetrante que espadas de dois fios e que chega até à divisão da alma e do espírito e das junturas e medulas, discernindo os pensamentos e sentimentos do coração» (Hebr. 4, 12), *necessita de enfeites ou de acomodação humana, para mover e sacudir as almas: porque as mesmas Páginas Sagradas, redigidas sob a inspiração divina, têm por si próprias abundante sentido genuíno; enriquecidas da virtude divina, têm fôrça própria; adornadas de suma beleza, brilham e resplandecem por si mesmas, contanto que sejam pelo intérprete tão integral e cuidadosamente explicadas, que venham à luz todos os tesouros de sabedoria e prudência nelas ocultas*„. *E ainda:* «Evitem com cuidado e diligência aquelas acomodações próprias do capricho individual e tiradas de coisas muito alheias ao caso, o que não é uso, senão abuso da palavra divina».

* * *

*Para a recta compreensão das narrações evangélicas é de grande importância o conhecimento das condições históricas em que elas se realizaram. Por isso, começamos a explicação dos Evangelhos pela indicação precisa, quanto possível, da época, lugar e outras circunstâncias em que devem colocar-se os factos ou ensinamentos do Salvador*

Pelo que toca à cronologia, é sabido que, embora circunscrita a um número limitado de anos, persiste a incerteza da data dos principais acontecimentos da vida de Nosso Senhor, da qual depende naturalmente a de todos os outros. O seu nascimento deve colocar-se pelo menos cinco anos antes da era cristã. A sua morte mais provàvelmente no ano 30. Maior é a divergência dos intérpretes em determinar a duração do seu ministério público. Ainda que entre os autores recentes parece ganhar terreno a opinião que reduz a duração dêsse período da vida do Senhor a dois anos e alguns meses, consideramos mais provável a daqueles que lhe atribuem cêrca de três anos e meio. A aproximação dos Sinópticos e de S. João levam-nos a admitir quatro Páscoas no decurso da vida pública.

Mais difícil é determinar a ordem de sucessão dos factos narrados nos Evangelhos: pelo que maior é nisso a diversidade de pareceres. Qualquer ordem que se adopte, tem de ter muito de hipotético.

Segundo o critério que preferimos, o Baptismo de Jesus seria no outono do a. 26 da nossa era; seguindo-se o jejum e tentação no deserto e o novo encontro com o Precursor. Pelo mês de Dezembro do mesmo ano dirigiu-se o Salvador para a Galileia, acompanhado dos primeiros discípulos, e ali inaugurou o seu ministério público, indo de Nazaré para Cafarnaúm, onde estabeleceu o centro da sua prègação. Esta primeira missão na Galileia, terminada pelo apêlo definitivo dos mesmos discípulos, duraria cêrca de três meses. Pela Páscoa do a. 27 foi Jesus a Jerusalém, exercendo o ministério na Judeia durante alguns meses. Pelo mês de Dezembro regressou à Galileia, atravessando a Samaria, e ali continuou as suas missões. Pelo Pentecostes do a. 28 teve lugar a eleição dos doze Apóstolos e o Sermão da montanha. Voltou o Salvador a Jerusalém para a festa dos Tabernáculos dêsse ano (Jo. 5),

*continuando em seguida a sua actividade na Galileia. Pela Páscoa do a. 29 teve lugar a primeira multiplicação dos pães. Depois disso aparece-nos Jesus percorrendo as regiões da Fenícia, Decápole etc.. Pela festa dos Tabernáculos (setembro-outubro) foi a Jerusalém, onde parece ter demorado poucos dias, regressando logo à Galileia. Pouco depois voltou à Capital para a festa da Dedicação do Templo (novembro-dezembro). Seguiu-se o último período da sua missão na Galileia, em que teve lugar a confissão de S. Pedro, com a promessa do primado, e a Transfiguração no Tabor. Algumas semanas antes da última Páscoa, deixou Jesus definitivamente a Galileia, dirigindo-se, através da Pereia, por Jericó e Betânia, a Jerusalém, para a sua Paixão e Morte.*

*Tal é, nas suas linhas gerais, o quadro da vida pública de Nosso Senhor, que convém ter presente para a compreensão das indicações cronológicas dadas oportunamente.*

LISBOA, festa de N. Senhora das Neves, 5 de Agôsto de 1944.

# 1.º Domingo do Advento

*Evangelho de S. Lucas, c. XXI, vv. 25-33:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Haverá sinais no sol, na lua e nas estrêlas, e sôbre a terra angústia dos povos na confusão do estrépito do mar e das ondas, desmaiando os homens pelo terror e apreensão das coisas que estão para vir sôbre o mundo; porque serão abaladas as potências celestes. E então verão o Filho do homem vir numa nuvem com grande poder e glória. — Mas quando isto começar a realizar-se, cobrai ânimo e levantai as vossas cabeças, porque se aproxima a vossa redenção. E disse-lhes esta semelhança: Vêde a figueira e tôdas as árvores: quando já começam a florescer, conheceis por elas que já está próximo o estio. Assim também, quando virdes suceder estas coisas, sabei que está próximo o reino de Deus. Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo se realize. Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão.

universal: Antes deixarão de existir o céu e a terra do que passarão as suas palavras, o seu Evangelho, que é eterno.

Maior importância prática tem para nós a exortação de Jesus, que a seguir lemos no Evangelho de S. Lucas (21,34-36), e que se referem à sua vinda no fim do mundo, a qual será improvisa; pelo que devemos vigiar constantemente, para não sermos por ela surpreendidos: — "Acautelai-vos, para que os vossos ânimos não sejam embotados na crápula, embriaguez e solicitudes (desregradas) da vida, e vos não surpreenda de improviso aquêle dia, como um laço; porque atingirá todos os que estão sôbre a face da terra inteira. Antes, vigiai, orando sempre, para poderdes escapar a tudo isto que deve suceder e estar firmes na presença do Filho do homem„.

Isto é, se queremos escapar à Justiça divina e não recear a vinda de Jesus e o Juizo final, fujamos dos prazeres carnais e mundanos, que embotam o espírito, e não nos deixemos absorver excessivamente pelos cuidados temporais; mas vigiemos e oremos constantemente, estejamos sempre preparados.

— Ao começar o ano litúrgico e o tempo do Advento, a Igreja recorda-nos, neste trecho do Evangelho, a última vinda de Jesus Cristo como Juiz do Universo. Com esta recordação quere ela excitar-nos a bem nos prepararmos para celebrar condignamente a comemoração da sua primeira

vinda, como Salvador do mundo, na festa do Natal. E o melhor meio para isso é dispormo-nos devidamente para a sua vinda às nossas almas para nos santificar. E desta sorte estaremos também preparados para a sua vinda, como nosso Juiz.

Há, com efeito, três *Adventos* ou vindas de Nosso Senhor: 1) ao mundo, pela Incarnação, na humildade e fraqueza da nossa carne mortal; 2) às nossas almas, pela sua Graça e pela S. Comunhão; 3) novamente ao mundo, na majestade e glória de Juiz Supremo e Universal. Estas três vindas (uma comemorada, outra efectivada e outra esperada) serão para nós um motivo de alento e confiança, se para elas nos prepararmos convenientemente. A isso nos exorta a Igreja durante o Advento. A essa tríplice preparação converge tôda a Liturgia dêste período. Seguindo a sua invitação, preparemo-nos durante êste tempo para celebrar dignamente a festa do Natal, aniversário da primeira vinda de Jesus; para o receber devidamente nas nossas almas; e para o esperar confiadamente, quando Êle vier a julgar-nos.

Quais os meios para isso? Aquêles que nos recomendou Jesus, isto é: a abstenção do gozos ilícitos e das preocupações desregradas do mundo, a mortificação, a vigilância constante e a oração assídua. O tempo do Advento é, na mente da Igreja e à imitação da Quaresma, tempo de penitência e de oração...

# 2.º Domingo do Advento

*Evangelho de S. Mateus, c. XI, vv. 2-10:*

**NAQUELE tempo, tendo João ouvido na prisão as obras de Cristo, mandou-lhe dizer por dois dos seus discípulos: És tu Aquêle que deve vir, ou devemos esperar outro? E respondeu-lhes Jesus: Ide referir a João o que ouvis e vêdes: os cegos recobram a vista, os coxos andam, os leprosos são limpos, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e os pobres são evangelizados. E feliz é aquêle que não se escandalizar por minha causa. E, tendo-se êles retirado, começou Jesus a falar à multidão a respeito de João: Que fostes vós ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? Mas que fostes vós ver? Um homem vestido de roupas delicadas? Os que trazem vestidos delicados estão nos palácios dos reis. Mas que fostes vós ver? Um profeta? Sim, eu vo-lo digo, e mais que um profeta. Pois é aquêle de quem está escrito: Eis que eu envio o meu Anjo adiante de ti, o qual diante de ti preparará o teu caminho (Mat. 3,1).**

## Explicação do texto

O facto narrado no Evangelho dêste dia parece dever colocar-se no decurso do 2.º ano do ministério público de Nosso Senhor, pouco depois do Sermão da montanha. Corria a segunda missão de Jesus na Galileia. S. João Baptista tinha sido encarcerado alguns meses antes, pelo fim do 1.º ano do ministério de Nosso Senhor, na fortaleza de Macheronte, ao oriente do Mar Morto, por ordem de Herodes Antipas, Tetrarca da Galileia. Não tardaria a ser morto ali, antes da festa dos Tabernáculos dêsse mesmo 2.º ano (a. 28 da nossa era).

Da sua prisão seguia o Precursor atentamente os progressos da obra de Jesus, sendo informado pelos próprios discípulos da sua prègação e milagres. Entre êstes, não deixariam de contar-lhe como Jesus tinha livrado vários possessos do demónio, curado um homem que tinha a mão atrofiada, o servo do centurião de Cafarnaúm, muitos paralíticos, leprosos e outros enfermos, ressuscitado o filho da viúva de Naím etc.. João Baptista alegrava-se com estas notícias. Pessoalmente, não duvidava êle da missão e da divindade de Jesus, a quem tinha indicado como o Messias, o Cordeiro de Deus etc..

Se êle agora manda os seus discípulos interrogar Jesus, não é para dissipar uma dúvida do

próprio espírito, cuja firmeza Jesus vai elogiar, mas antes para fomentar a fé dos seus discípulos ou ainda oferecer a Jesus uma ocasião de se manifestar como o verdadeiro Messias, dentro da economia que Êle se tinha imposto. A pregunta, que êle manda fazer a Jesus, significa: Sois Vós verdadeiramente o Messias prometido e que nós esperamos?

Os enviados de João presenciearam muitos milagres obrados por Jesus (curas de enfermos, feridos, possessos do demónio, cegos — Luc. 7,21). Como resposta, Jesus manda-lhes contar a João o que viam e ouviam. Êsses milagres, bem como a prègação do Evangelho aos pobres e humildes, eram precisamente o que o profeta Isaías anunciara como a obra do Messias. As obras mostravam pois quem Êle era. Esta resposta prudente e modesta, mas convincente, era a afirmação da sua missão e a sua prova manifesta.

Jesus acrescenta: "Feliz aquele que não se escandalizar por minha causa„; isto é, o que, vendo as minhas obras, não achar na humildade e fraqueza da minha humanidade um obstáculo à fé que elas exigem, crendo na minha divindade e não resistindo à evidência dos testemunhos que a provam.

Jesus faz em seguida o elogio do seu Precursor: da firmeza do seu carácter (imagem da cana agitada pelo vento); da sua austeridade (os que vestem roupas delicadas não são os que se dedicam ao

serviço de Deus, despresando as vaidades do mundo, mas os que servem aos reis da terra e formam a sua côrte); da sua alta missão e dignidade (maior do que a dos profetas que o precederam); acrescentando que entre os homens não houve ainda nenhum que lhe fôsse superior (pela dignidade e excelência da sua missão de Precursor).

O elogio de Jesus dá um sumo valor ao testemunho de João Baptista.

Êle afirmara repetidas vezes e sob diversas formas que Jesus era o Messias. Jesus afirma que êle é o seu Precursor, anunciado pelos profetas. Assim, exaltando a missão do Baptista, Jesus afirma novamento a própria missão e dignidade. João gozava de grande crédito entre o povo, pela austeridade da sua vida e singularidade das suas virtudes. Confirmando êste crédito com a sua autoridade, Jesus mostra-lhes que devem receber o seu testemunho em favor da sua pessoa e da sua missão messiánica.

Ao mesmo tempo, elogiando a pessoa e a dignidade do seu Precursor, Jesus apresenta aos seus ouvintes um modêlo superior de virtudes, que deviam imitar. João Baptista, que tinha a missão de preparar a obra de Jesus, dava simultâneamente a todos o exemplo do modo como deviam dispôr-se para O receber. Para entrar no Reino de Deus, que Jesus vinha inaugurar, é necessária a firmeza e coragem, para vencer os obstáculos à prática das

virtudes evangélicas... Há um flagrante contraste entre os que querem seguir o Rei dos céus e os que seguem ou querem agradar aos reis da terra. Quem vive nas delícias e delicadeza, êsse serve ao mundo. Deus é servido na austeridade, abnegação e penitência. "Desde o tempo de João Baptista até ao presente, o Reino dos céus é forçado, e são os que fazem violência os que o conquistam„ (Mat. 11,12).

— Fazendo-nos ler hoje êste trecho do Evangelho, a Igreja põe-nos diante dos olhos a missão e dignidade de Jesus, cuja vinda nos preparamos a celebrar. Êle foi verdadeiramente o Messias, que veio salvar o mundo e estabelecer nele o Reino de Deus, da Justiça, da Verdade e da Santidade... Êle só é o nosso Mestre, o nosso Salvador, o objecto das nossas esperanças e aspirações. Devemos-lhe a adesão completa e firme de tôda a nossa alma, pela fé e pelo amor... — Guardemo-nos bem de que Êle, que veio para nos salvar, se torne para nós uma ocasião de escândalo e ruína espiritual (Luc. 2,34)... — Preparemo-nos devidamente para O receber na sua vinda às nossas almas. Como? Pela prática das sólidas virtudes cristãs. Imitemos as virtudes do Precursor. Sejamos, como êle firmes, corajosos e mortificados. Renunciemos de vez às vaidades do mundo e às delicadezas de uma vida efeminada. O Reino dos céus é para os que o conquistam pela violência...

# 3.º Domingo do Advento

*Evangelho de S. João, c. I, vv. 19-28:*

NAQUELE tempo mandaram os Judeus de Jerusalém a João sacerdotes e levitas, para lhe preguntarem: Quem és tu? E êle confessou e não negou; e confessou: Eu não sou o Cristo. E preguntaram-lhe: Que és pois? És Elias? E êle disse: Não sou. És tu o Profeta? E respondeu: Não. Disseram-lhe pois: Quem és? para darmos uma resposta aos que nos mandaram. Que dizes a teu respeito? Disse (João): Eu sou a voz do que clama no deserto: Endireitai o caminho do Senhor; como disse o profeta Isaías. E entre os emissários havia-os dos Fariseus. E interrogaram-no dizendo: Porque é, pois, que baptizas, se tu não és o Cristo, nem Elias, nem o Profeta? Respondeu-lhes João: Eu baptizo com àgua: no meio de vós está aquele, que vós não conheceis, que deve vir depois de mim, o qual me precede, de quem eu não sou digno de desatar a correia das sandálias. Isto passou-se em Betânia, da outra parte do Jordão, onde João baptizava.

## Explicação do texto

O episódio, que lemos no Evangelho dêste dia, é narrado pelo evangelista S. João imediatamente depois do prólogo do seu livro; e teria lugar ao começar Jesus a sua vida pública, quando S. João Baptista exercia ainda o seu ministério. Jesus seria baptizado no outono do ano 26 da nossa era. Seguiu-se o jejum de quarenta dias e a tentação no deserto. Depois disso, encontrou-se Jesus novamente com o Baptista, que o apontou como "o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo„; e, seguido dos seus primeiros discípulos, partiu para a Galiléia, onde fez o seu primeiro milagre, nas bodas de Caná. Êste testemunho do Precursor foi por êle dado, como nota o evangelista, na véspera do encontro de Jesus, vindo do deserto. Seria pelo mês de Dezembro do ano 26. A cena passou-se em Betánia (lugar ainda não identificado), na parte transjordánica, onde João baptizava.

S. João Baptista, anunciando a aproximação do Reino de Deus, excitara uma grande comoção entre o povo, que de tôdas as partes acorria para ouvir a sua prègação e receber o seu baptismo de penitência. Os chefes da nação, designados no 4.º Evangelho com o nome de "Judeus„ (isto é, os representantes oficiais do povo judaico), não podiam ser indiferentes a êste movimento popular. E assim resolveram interrogar aquele agitador das

turbas sôbre a ideia que êle se fazia da sua pessoa e da sua missão. Para isso deputaram alguns sacerdotes, representantes da autoridade religiosa, acompanhados de levitas, seus subalternos.

A primeira questão que lhe propõem, é relativa à sua pessoa. Forte do prestígio de que gozava entre o povo, poderia êle pretender fazer-se passar pelo Messias ou acaso um dos profetas que deviam preceder a sua vinda. Começam todavia por preguntar-lhe simplesmente: Quem és tu? — S. João, que compreendeu logo o verdadeiro sentido da pregunta, respondeu categòricamente, sem hesitação nem dissimulação (confessou e não negou): Não sou o Messias. — Não se atribuindo a dignidade e as funções do Messias, pretenderia êle ser Elias que, segundo os profetas, deveria aparecer antes daquele? Ainda que o Baptista efectivamente precedia o Messias "no espírito e virtude de Elias„ (Luc. 1,17; Mat. 17,11 e seg.), tratando-se da pessoa do antigo profeta, respondeu simplesmente: Não sou. — Quereria êle apresentar-se como o Profeta por excelência, anunciado por Moisés (Deut. 18,15)? João declara sêcamente que não é êsse Profeta. — Pouco satisfeitos com estas respostas, os enviados insistem por que lhes diga positivamente o que pensa a seu respeito, afim de poderem dar conta do resultado do inquérito oficial que lhes encarregaram.

S. João declara-lhes então, humildemente mas sem rodeios, qual a missão que lhe fôra conferida,

do alto. Êle não pretende outra coisa senão realizar as palavras do profeta Isaías (40,3). O seu ministério reduz-se a *preparar os caminhos do Senhor.* Identificando assim a sua missão, João anuncia à nação judaica, representada nos enviados do Sinédrio, a próxima vinda do Messias, que êles esperavam, e de que êle era o Precursor imediato.

Os emissários eram sacerdotes, que geralmente pertenciam ao partido dos Sadoceus. Observa porém o Evangelista que entre êles havia também Fariseus.

Êstes eram mais zelosos, tratando-se de qualquer inovação doutrinal ou ritual, e não toleravam nenhuma concorrência. Por isso fazem-lhe uma nova pregunta, sôbre o que pràticamente mais lhes interessava, e que era como uma acusação de usurpar funções que lhe não pertenciam. Com que direito é que êle baptizava, introduzindo uma inovação, que era da competência exclusiva da Autoridade superior?

João responde-lhes, anunciando-lhes mais claramente a presença do Messias e a sua dignidade incomparável. Êle baptizava com água, rito usual de purificação, sem eficácia própria, mas apenas representativo da purificacão interior, que devia ser efectuada pelo Messias, o qual baptizaria no Espírito Santo. E o Messias já estava presente no meio dêles; mas êles não o conheciam. Vindo depois do seu precursor, o Messias tomava a sua dianteira, era-lhe incomparavelmente superior. E tal era a

sua dignidade, que João declara-se indigno de lhe prestar o mais humilde serviço, como o de lhe calçar ou descalçar as sandálias.

— A Igreja convida-nos nêste dia a alegrarmo--nos, repetindo as palavras de S. Paulo: "Gaudete in Domino semper; iterum dico, gaudete„ (Fil. 4,4). E a razão: "Dominus enim prope est„ (ibid.). Recordando-nos o testemunho do Baptista, que anunciou a chegada do Messias, lembra-nos que se aproxima a solenidade do Natal, em que não só deve comemorar-se a vinda de Jesus ao mundo, mas também renovar-se espiritualmente a sua vinda às nossas almas. A vinda de Jesus está próxima; "Prope est jam Dominus„, repete-nos a Igreja. Convém que redobremos de solicitude em bem nos prepararmos para ela. Esta preparação é-nos insinuada na exortação do Precursor: "*Endireitai os caminhos do Senhor*„.

É pela *penitência* que aplanaremos êsse caminho, removendo os obstáculos que se opõem á operação da Graça nas nossas almas. — Devemos ainda imitar a *humildade* de S. João. É ela o caminho mais direto e seguro para chegar a participar das graças que nos proporciona a visita do Senhor.

Jesus está entre nós. Conheçamos e apreciemos devidamente a sua presença e os seus dons... Não suceda que de nós também possa dizer-se o que João Baptista dizia aos Judeus: "No meio de vós está Aquêle que vós não conheceis„...

# 4.º Domingo do Advento

*Evangelho de S. Lucas, c. III, vv. 1-6:*

**NO ano décimo quinto do império de Tibério César, governando a Judeia Pôncio Pilatos, sendo Herodes tetrarca da Galileia, Filipe seu irmão tetrarca da Itureia e da região de Traconitide, e Lisánias tetrarca de Abilene, no tempo dos pontifices Anás e Caifás, foi dirigida a palavra de Deus a João, filho de Zacarias, no deserto. E veio por tôda a região do Jordão, prègando um baptismo de penitência para remissão dos pecados, como está escrito no livro dos oráculos do profeta Isaias: «Voz do que clama no deserto: Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas. Todos os vales serão enchidos, e todos os montes e colinas serão abaixados; os caminhos tortuosos tornar-se-ão direitos, e os escabrosos planos. E verá tôda a carne (todos os homens) a salvação de Deus».**

## Explicação do texto

O Evangelho dêste dia apresenta-nos a inauguração do ministério público de S. João Baptista,

indicando-nos as circunstâncias históricas em que ela se efectuou, e a sua missão de Precursor do Messias, significada nas palavras do profeta Isaías, que lhe são aplicadas.

Quando João começou a sua prègação, em data que parece ter precedido de pouco tempo o baptismo de Jesus, governava o império romano Tibério. Êste sucedeu a Augusto a 19 de Agosto do ano 767 de Roma, 14 da era cristã. Tinha sido porém já antes associado ao império daquele pelos anos 764-765 de Roma, 11-12 da nossa era. Contando desta data, o seu 15.º ano corresponde ao a. 26-27 depois de C. Jesus teria então 31 ou 32 anos. — Pôncio Pilatos foi procurador da Judeia (com a Samaria e Idumeia) do a. 26 ao a. 36 dep. de C. — Herodes Antipas, filho de Herodes o Grande, governou a Galileia (com a Pereia) do a. 4 a. C. ao a. 39 dep. C. — Filipe, filho de Herodes o Grande e de Cleópatra, governou do a. 4 a. C. ao a. 34 dep. C. — Lisánias governava contemporàneamente a região de Abilene, a oeste de Damasco. — Caifás exerceu oficialmente o sumo pontificado do a. 18 ao a. 36 dep. C. Anás, seu sôgro, que fôra sumo pontífice do a. 6 ao a. 15 dep. C., continuava a gozar de grande influência e prestígio perante os Judeus, imprimindo-lhe o sumo pontificado como um carácter inamissível, em conformidade com a Lei Mosaica.

S. João Baptista, que passara parte da sua

vida no deserto da Judeia, a oeste do Mar Morto, preparando-se para a sua missão por uma vida austera, saiu dali, por ordem de Deus, para exercer o seu ministério na região do Jordão.

Êle exortava o povo à penitência, como condição necessária à remissão dos pecados, e a um baptismo ou ablução corporal, símbolo da purificação interior, que devia operar o Messias por êle anunciado, e preságio do baptismo cristão.

A missão do Precursor era preparar as almas para a vinda do Messias. Essa missão fôra significada numa alegoria de Isaías, com que o profeta anunciara a proximidade do regresso dos exilados de Babilónia à sua pátria, e que corresponde bem aos costumes do Oriente. Antigamente, e quási até aos nossos dias, os caminhos públicos no Oriente estavam geralmente em miserável estado, deixados ao abandôno, não havendo quem dêles cuidasse. Só quando um soberano ou grande personagem devia atravessar o país é que se pensava em restaurá-los. Então iam os arautos ou precursores transmitindo ordens para que todos tratassem de reparar os caminhos por onde êle devia passar, enchendo as fossas abertas pelas chuvas, removendo as pedras, endireitando as curvas, aplanando as asperezas etc.

Descrevendo esta preparação material dos caminhos para a visita dos soberanos, quiz representar o profeta alegòricamente a preparação das almas, das

inteligências e dos corações, para receber a próxima visita do Messias, Rei do Universo. E assim mostra-nos o seu Precursor como o porta-voz das ordens divinas, para que tudo se prepare convenientemente para O receber e honrar, afastando todos os obstáculos à sua passagem e entrada nas almas. Êsses obstáculos não são outros senão os pecados dos homens.

E por isso, o que S. Lucas quere significar por esta alegoria do profeta Isaías, di-no-lo S. Mateus, sem metáfora, por êstes termos: "Fazei penitência, porque se aproxima o Reino de Deus„ (Mat. 3,2). — O Messias vem visitar e salvar todos os homens. Pelo que conclui o evangelista com o profeta: "Verão todos os homens a salvação enviada por Deus„.

— Mostrando-nos o Precursor no exercício da sua função de preparar os caminhos para a vinda do Messias, quere a Igreja excitar-nos mais uma vez a bem nos prepararmos para a visita de Jesus às nossas almas. É preciso que delas sejam removidos todos os obstáculos que possam impedir a obra da sua Graça em nós. Os obstáculos morais são simbolizados pelos obstáculos físicos, de que fala o profeta Isaías. É preciso encher o vazio da alma, substituindo as preocupações frívolas por pensamentos sérios. Ao orgulho e ambição devem suceder a humildade e modéstia. Os caminhos tortuosos da mentira e duplicidade devem ser cor-

Virgem conceberá e dará à luz um filho, cujo nome será Emanuel, isto é, Deus é conosco„ (Is. 7,14).

Quando se realizou o mistério da Incarnação, Maria Santíssima era apenas desposada com José, vivendo ainda em casa de seus pais. O matrimónio seria definitivo quando os esposos fôssem coabitar na mesma casa. Mas, naquele tempo entre os Judeus, os desposórios conferiam aos esposos os mesmos direitos que o matrimónio propriamente dito; de sorte que a prole concebida durante o tempo dos desposórios era igualmente legítima perante a Lei e perante a opinião pública. Dada a virtude dos dois esposos, isto poderia, ao menos mais tarde, favorecer o conhecimento da conceição virginal de Jesus. Mas, enfim, se Deus assim o quis, foi pelos seus insondáveis desígnios.

Em todo o caso, não foi pequena a prova, a que Êle quiz sujeitar nesta ocasião Maria Santíssima e S. José.

Maria, pela sua humildade, não tinha confiado a José o segrêdo da mensagem celeste, deixando a Deus o cuidado de lho revelar quando fôsse oportuno, e sujeitando-se confiada e resignadamente às provas que do seu silêncio poderiam seguir-se... Ora, antes de passar a habitar com S. José, manifestaram-se os sinais exteriores da sua maternidade...

José viu-se então numa terrível perplexidade e cruel angústia.

Sendo justo, isto é, fiel às prescrições da Lei, não podia unir-se a uma mulher aparentemente culpada, que a Lei mandava denunciar aos juizes, para ser lapidada (Deut. 22,23). Por outro lado, porém, conhecendo a virtude de Maria, sempre pura e casta, não podia ter dela a menor suspeita; e não queria difamar uma inocente. O facto era para êle inexplicável... Na sua dolorosa perplexidade, S. José optou pela solução mais discreta e mais consentânea com a honra de Maria. Resolveu repudiá-la em segrêdo; isto é, desfazer o contracto dos desposórios, dando a Maria uma carta de divórcio, perante duas testemunhas, sem mesmo mencionar o motivo da separação.

Em conjuntura tão crítica e quando se aproximava o desenlace fatal, o Céu interveio em auxílio dos dois esposos, velando pela execução dos desígnios providenciais relativos à Obra da nossa Redenção. Um anjo apareceu em sonhos a S. José, dizendo-lhe que não receasse receber Maria em sua casa, contraindo com ela definitivamente o matrimónio. E revela-lhe então o mistério da Incarção. Maria, diz-lhe, concebeu do Espírito Santo e não de outro modo. O fruto das suas entranhas será o Salvador do seu povo, o Redentor da Humanidade, que Êle vem livrar do cativeiro do pecado. S. José, recebendo Maria como esposa, receberá também o menino como filho. Aceitando a paternidade, são-lhe conferidas as suas funções.

É êle quem deve impor-lhe um nome, o nome de Jesus, que significa "O Senhor é Salvação„.

Esta lição evangélica põe-nos diante dos olhos as heroicas virtudes de Maria e de S. José, que Deus quiz submeter a tão dura prova, e que tão confiadamente se abandonaram à divina Providência e se submeteram aos seus misteriosos desígnios. Ao mesmo tempo mostra-nos como Deus vela pelos justos, que nêle põem tôda a confiança, multiplicando os prodígios para os socorrer nos transes aflitivos e consolar nas suas provas. Se nós formos também fiéis a Deus, submissos aos seus desígnios e abandonados à sua Providência, Êle velará por nós.

Para acentuar a conceição virginal de Jesus, acrescenta o evangelista que isto sucedeu assim para que se realizasse a profecia de Isaïas, anunciando que a Virgem conceberia e daria à luz um filho, que seria Deus conosco (Emanuel), isto é, Homem-Deus. E ajunta que S. José não teve relações com Maria Virgem até que Ela deu à luz o seu Filho. Quere dizer: que Jesus nasceu da Virgem Maria por obra do Espírito Santo.

— Fazendo-nos ler êste trecho do Evangelho na Vigília do Natal, recorda-nos a Igreja a origem celeste de Jesus, cujo nascimento vamos comemorar na noite seguinte. Vai realizar-se o estupendo milagre de uma Virgem dar à luz, tendo concebido por obra e graça do Espírito Santo, permanecendo

Virgem antes do parto, no parto e depois do parto. O seu Filho chamar-se-á *Jesus*, porque vem salvar-nos do pecado e da condenação eterna, restituindo-nos a Vida Sobrenatural e o direito ao Céu.

Êle é *Deus conosco*, porque é Deus feito homem e habitando entre os homens.

Preparemo-nos para celebrar condignamente tão fausto acontecimento, e procuremos tornar-nos mais e mais dignos de participar dos frutos da Redenção, que Jesus vem oferecer-nos.

Sigamos em espírito os Santos Esposos, a caminho de Belém. E na próxima noite ajoelhemos extasiados perante o magnífico espectáculo da Virgem agasalhando no seu seio o Divino Infante...

# Festa do Natal

## Primeira Missa

*Evangelho de S. Lucas, c. II, vv. 1-14:*

NAQUELE tempo saiu um edito de César Augusto para que fôsse recenseado todo o orbe. Êste foi o primeiro recenseamento, governando Quirínio a Síria. E todos iam inscrever-se, cada um à própria cidade. José subiu também da Galileia, da cidade de Nazaré, à Judeia, à cidade de David, que se chama Belém, porque era da casa e família de David, para inscrever-se com Maria, sua esposa, que estava grávida. E, estando êles ali, chegou o tempo de ela dar à luz; e deu à luz o seu filho primogénito, e enfaixou-o e reclinou-o numa mangedoura, porque não havia lugar para êles na estalagem. E havia uns pastores naquela região, vigiando e fazendo a guarda nocturna sôbre o seu rebanho. E veio ter com êles um anjo do Senhor, e a glória de Deus os circundou de claridade, e foram dominados de grande temor. E disse-lhes o anjo: Não temais, porque eis que vos anuncio um

**grande gozo, que será para todo o povo: nasceu-vos hoje um Salvador, que é o Cristo Senhor, na cidade de David. E isto é para vós um sinal: Achareis um menino envolto em faixas e reclinado numa mangedoura. E logo juntou-se ao anjo uma multidão da milicia celeste, louvando a Deus e dizendo: Glória a Deus nas alturas, e sôbre a terra paz aos homens de boa vontade.**

## Explicação do texto

O evangelista S. Lucas narra-nos as circunstâncias históricas do nascimento do Salvador e a sua primeira revelação aos pastores das cercanias de Belém. Era no tempo do imperador Augusto, que governou com êste nome do ano 27 a. C. ao a. 14 dep. C. Na Palestina reinava Herodes o Grande, que morreu no a. 750 de Roma (quatro anos antes da nossa era). O nascimento de Jesus deve fixar-se pelo menos cinco anos antes da era vigente (a. 749 de Roma). O mês e o dia não podem precisar-se, sendo as antigas tradições discordantes.

É ainda obscura a questão do recenseamento do Império Romano (o Orbe), que na Palestina teria sido executado no tempo de Quirínio, governador da província da Síria, da qual a Palestina fazia parte. Talvez fôsse começado por Quirínio pelo a. 9-8 a. C. e terminado por Saturnino, que

governou a Síria do a. 9 ao a. 6 a. C.. Um segundo recenseamento foi efectuado por Quirínio, pelo a. 6 dep. C..

O recenseamento da população tinha por fim, ordinàriamente, fixar os impostos que deviam ser aplicados às províncias ou povos tributários do Império; e consistia em inscrever nos registos oficiais o que se referia às pessoas e aos bens de fortuna de cada um. — Segundo o costume nacional, aliás observado noutras provincias, a população inscrevia-se, não no lugar do domicílio, mas no lugar de origem da família a que pertencia. Por isso José teve de ir inscrever-se em Belém, pátria de David, de quem era descendente. Maria, que descendia igualmente de David e era já oficialmente e em realidade esposa de S. José, teve de acompanhá-lo também a Belém, não obstante o seu estado. A Providência dispunha assim tôdas as coisas, para que se cumprisse a profecia de Miqueias (5,1), segundo a qual o Messias devia nascer em Belém: "Tu, Belém de Efrata, bem pequena és entre as mil de Judá; todavia, de ti me saïrá o que deve dominar em Israël„. — Ainda que Maria era já verdadeira esposa de S. José, o evangelista diz simplesmente que ela era *desposada* com êle, pondo assim em relêvo a conceição sobrenatural de Jesus e a virgindade de Maria Santíssima.

Belém dista de Nazaré uns 120 quilómetros para o sul. A viagem faz-se còmodamente em

quatro dias, descansando de noite. Maria e José viajavam a pé, como de costume; talvez com um jumento, que no Oriente não falta em geral às famílias pobres.

Nas cidades do Oriente, geralmente à entrada, havia uma estalagem pública, designada com o nome de *Khan* ou *Caravançará*, para as caravanas fazerem as suas estações, podendo ali instalar-se os viandantes com os seus animais.

Maria e José não poderam ali abrigar-se, ou pela extraordinária afluência de peregrinos, ou pelas circunstâncias, que lhes não permitiram achar ali um lugar conveniente. Retiraram-se então a uma *gruta* visinha da cidade, segundo uma antiga tradição fidedigna. Esta gruta, que servia de curral aos animais, foi o lugar que Deus feito homem escolheu para o seu nascimento. Sôbre a gruta ergueu-se depois a basílica da Natividade, ainda hoje existente.

O evangelista refere com a maior parcimónia e simplicidade o facto do nascimento de Jesus. Não nos diz se êste foi imediatamete depois da chegada de Maria e José a Belém, ou só passados alguns dias. Dizendo-nos que Maria deu á luz o seu filho *primogénito*, não insinua de modo algum que ela teve depois outros filhos, como pretendem certos incrédulos. Na terminologia bíblica e legal, o primeiro filho que nasce, é chamado desde logo o primogénito, seja êle único ou não; título que

lhe pertencia desde o nascimento e impunha aos pais determinados deveres perante a lei.

Maria foi virgem antes do parto, no parto e depois do parto, como no-lo ensina a Fé e o afirmou constantemente a tradição eclesiástica.

O Evangelho dá-nos um indício de que Maria foi isenta das dôres dos partos comuns, dizendo-nos que ela mesma lhe dispensou os primeiros cuidados.

Enfaixado, foi o Menino deitado numa mangedoura, servindo-lhe de berço. A presença de dois animais na gruta, por ocasião do nascimento de Jesus, é uma circunstância lendária, criada pela imaginação popular.

— A primeira revelação de Jesus foi feita pelo Céu aos pobres pastores, que representavam a classe ínfima da população rural. Como de costume, os das cercanias de Belém viviam nos campos ou pastagens, em cabanas ou ao ar livre, sucedendo-se por turnos durante a noite na guarda dos rebanhos. Um anjo lhes apareceu, e uma grande claridade os circundou: o que os encheu de temor. O anjo, porém, tranquilizou-os, anunciando-lhes um acontecimento, que seria para todos causa de grande alegria: Nasceu-lhes um Salvador, o Messias por quem suspiravam. Disse-lhes como poderiam reconhecê-lo em Belém. Se outros meninos tinham porventura nascido na mesma noite, nenhum estava reclinado num presépio. E logo uma numerosa

multidão de anjos ou mensageiros de Deus celebrou um acontecimento tão feliz para a terra e glorioso para o Céu. O nascimento de Jesus é o início da Obra que maior glória dará a Deus, e anuncia a paz e felicidade suprema aos homens bem dispostos para receberem a sua mensagem, a doutrina da Verdade e a graça da Redenção...

# Segunda Missa do Natal

*Evangelho de S. Lucas, c. II, vv. 15-20:*

NAQUELE tempo os pastores diziam uns para os outros: Vamos pois até Belém, e vejamos o que aconteceu, que o Senhor nos manifestou. E foram apressados, e acharam Maria e José e o Menino reclinado numa mangedoura. O que tendo visto, reconheceram (referiram) o que lhes fôra dito a respeito desta criança. E todos os que ouviram, admiraram-se do que lhes foi dito pelos pastores. Maria porém retinha tôdas estas coisas, meditando-as no seu coração. E regressaram os pastores, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, conforme lhes fôra dito.

## Explicação do texto

O Evangelho da segunda Missa do Natal refere-nos a visita dos pastores ao Presépio. O anjo do Senhor anunciara-lhes o jubiloso acontecimento do nascimento do Messias, e dera-lhes o sinal por onde poderiam reconhecê-lo.

Almas simples e abertas à influência da Graça, não duvidam da verdade da mensagem celeste, e decidem-se imediatamente a procurar em Belém o Menino recem-nascido. Não lhes seria difícil encontrá-lo, quer porque o anjo poderia ter-lhes indicado com mais precisão o lugar, quer porque conheciam bem as grutas ou outros locais que serviam comumente de abrigo aos animais. Uma tradição local situa o *Campo dos Pastores*, onde se teria realizado a aparição angélica, a uns 1.500 metros a leste de Belém, na planície de Beith-Sahur, cêrca de 200 metros da basílica da Natividade.

Foram apressados, como nota o evangelista: o que atesta a prontidão e ardor da sua fé e obediência às indicações do Céu. Encontraram Maria e José, e, segundo o sinal que lhes dera o anjo, um Menino deitado na mangedoura. A pobreza do presépio e a condição humilde da Sagrada Família não abalou a sua fé simples, baseada na mensagem angélica. Naquele pobre Menino reconhecem e adoram o Salvador prometido a Israël.

É verosímil que oferecessem a Maria e a José os seus modestos dons, para aliviar a sua manifesta penúria. Tudo se passou certamente com a maior simplicidade e naturalidade.

Cheios de júbilo, os pastores contam ingènuamente a todos os que encontram, na gruta ou pelo caminho, como tiveram conhecimento do sucedido, a aparição do anjo, o que êle lhes dissera, e as

palavras do cântico celeste. Tornam-se assim os primeiros apóstolos ou propagadores da Boa Nova.

Todos os que ouviam, enchiam-se naturalmente de admiração. Se, como os pastores, prestaram fé humilde e dócil ao anúncio do Céu, não o sabemos.

Qual a impressão causada em Maria e José pela inesperada visita dos pastores, não no-lo diz o evangelista. Observa apenas que Maria, no silêncio do seu coração, recolhia, conservava e meditava tudo o que via e ouvia.

Ela conhecia melhor do que todos o mistério da Incarnação. Mas observava atentamente tudo o que se passava em volta de Jesus, ouvia e guardava cuidadosamente tudo o que dele se dizia, e no silêncio da sua alma, meditava constantemente, conferia os sucessos e as palavras com as revelações que ela mesma recebera do Céu, adorando os desígnios de Deus e admirando os maravilhosos planos da Redenção. Tudo lhe revelava com mais clareza os mistérios que nela e diante dos seus olhos se cumpriam. E, sem dúvida, graças à solicitude, com que Maria guardava no seu espírito tôdas estas coisas, é que elas chegaram, directa ou indirectamente, ao conhecimento do evangelista e, por êle, confirmam hoje a fé e edificam a piedade ingénua das almas cristãs, que com a simplicidade dos pastores se aproximam do Presépio de Belém.

Os pastores voltaram depois disto aos seus

rebanhos e às suas ocupações ordinárias. E nada mais sabemos a seu respeito. Todavia, cheios de reconhecimento pela graça recebida do Céu, glorificavam e louvavam a Deus, constatando em tudo o que viam e ouviam a realização da mensagem angélica e dos misericordiosos desígnios de Deus relativos à salvação dos homens.

Foram os pastores os primeiros chamados a reconhecer e adorar o Messias prometido a Israël e o Redentor da Humanidade. Os pobres e humildes são os preferidos no Reino do Céu. Êles receberam sem reluctância a mensagem celeste, creram sem dificuldade na palavra divina e responderam sem hesitação ao apêlo do Alto.

A todos é dirigida a mesma mensagem, anunciada a mesma palavra e feito igual apêlo. Só obedecem porém ao chamamento divino, à Fé e à Graça, os espíritos simples, que procuram sinceramente a Verdade, e as almas de boa vontade, prontas a seguir o caminho que lhes é superiormente indicado.

— A Igreja celebra na *Missa da Meia-noite* principalmente o *Nascimento do Salvador em Belém.* Por isso lemos nessa Missa a narração singela dêsse faustoso acontecimento, e a sua manifestação aos pastores, rematada pelo sublime *canto angélico,* tão próprio a celebrar esta Noite bendita, e que aliàs por ela começou a ser usado na Liturgia Romana.

Na *Segunda Missa*, da Aurora, recorda-nos o Evangelho a *visita dos pastores ao Presépio*, as suas impressões e o seu reconhecimento, manifestado na glorificação e louvor de Deus. Nêstes primeiros adoradores do Salvador estão representados todos os crentes. Por isso celebramos nesta Missa principalmente o nosso encontro com Jesus e a sua visita às nossas almas.

Na *Terceira Missa*, a principal do dia, celebra-se com a maior solenidade o mistério inefável da *Incarnação do Filho de Deus.* O Evangelho recorda-nos a geração eterna do Verbo no seio do Pai e a sua geração temporal no seio da Virgem. O seu aparecimento no mundo, na nossa carne mortal, foi o princípio da manifestação da sua glória divina: "Et Verbum caro factum est... et vidimus gloriam ejus...„

# Terceira Missa do Natal

*Evangelho de S. João, c. I, vv. 1-14:*

NO principio era o Verbo, e o Verbo era com Deus, e era Deus o Verbo. Êste era no principio com Deus. Tudo foi feito por Êle, e sem Êle nada foi feito, do que foi feito. Nele era a Vida, e a Vida era a Luz dos homens. E a Luz brilhou nas trevas, e as trevas não a compreenderam. Houve um homem, enviado de Deus, cujo nome era João. Êste veio para testemunho, para dar testemunho da Luz, para que todos cressem por êle. Não era êle a Luz, mas para dar testemunho da Luz. Havia a verdadeira Luz, que alumia todo o homem que vem a êste mundo. Estava no mundo, e o mundo foi feito por Êle, e o mundo não o conheceu. Veio ao que era seu, e os seus não O receberam. Mas a todos os que O receberam, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus, aos que creem no seu nome; os quais nasceram, não do sangue, nem da concupiscência da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo fez-se carne e habitou entre nós; e vimos a sua

**glória, glória como do Unigénito do Pai, cheio de Graça e de Verdade.**

## Explicação do texto

No prólogo sublime do 4.º Evangelho, que a Igreja nos faz recitar na Missa do dia de Natal, apresenta-se à nossa consideração a incomparável excelência do Verbo — nome pessoal da Segunda Pessoa da SS. Trindade, usado exclusivamente por S. João — o qual se nos revela no mistério da Incarnação, que hoje celebramos.

Começando pela *pessoa mesma do Verbo*, diz-nos o evangelista quem Êle é em si e na sua relação para com a Divindade: No princípio, quando tôdas as coisas foram criadas (Gen. 1,1), já o Verbo era: Êle é anterior à criação, é eterno. Êle era com Deus (Pai): unido intimamente a Êle, é uma pessoa dele distinta. Êle mesmo era Deus: consubstancial ao Pai, fazendo com Êle (e com o Espírito Santo) uma só essência divina. Tal é o Verbo desde a eternidade.

Passando a tratar da *relação do Verbo para com as criaturas*, o evangelista afirma categòricamente que Êle é o Criador de tôdas as coisas, sem excepção. Tudo o que existe foi feito por Êle, pela sua mediação; porquanto por Êle criou o Pai tôdas as coisas, como Artífice que tudo concebe e

executa pela Sabedoria... Nada se fez sem a sua intervenção, como sem o poder de Deus.

Criador de tôdas as coisas na ordem natural, é-o também na ordem sobrenatural. Nele era a Vida espiritual: a natural, que Êle comunica aos seres dotados de razão; e a sobrenatural, que é por excelência a Luz do homem.

No conceito do evangelista S. João, o Verbo Incarnado é a Luz, a Vida, a Fonte da Vida, de que os homens participam pela Fé. O Verbo dá a Vida divina aos homens, iluminando-os, fazendo-os conhecer a Verdade que vivifica.

A função da Luz é dissipar as trevas com o seu brilho. Os homens, porém, obstinados, fecharam os olhos para não verem a Luz. Não quizeram receber a Luz da Verdade, preferindo-lhe as trevas, a mentira e o pecado.

Em seguida, refere-se o evangelista à *Missão e Incarnação do Verbo.* E primeiramente diz-nos como a Incarnação foi preparada, e a sua necessidade.

Comparando o Baptista, precursor do Verbo Incarnado, com o mesmo Verbo, mostra a enorme distância que os separa, na dignidade e na função. O Baptista foi enviado por Deus como testemunha oficial do Verbo, para dar testemunho de que Êle era a Luz do mundo, sem a qual os homens não podiam ter a Luz e a Vida; e assim, por meio dele, todos cressem no Verbo Incarnado e alcan-

çassem a Luz, a Vida e a Salvação. A Luz do Verbo é destinada a todos os homens, sem distinção de nacionalidade ou de raça.

Aquêle que é a verdadeira Luz, em cuja comparação tôdas as outras luzes são trevas, e que ilumina todos os homens, vem enfim ao mundo para cumprir a sua missão (v. 9). Todavia Êle, Verbo incriado e criador, já estava no mundo desde o princípio, porque o mundo foi feito por Êle. Estava no mundo criando-o e conservando-o, e dava-se a conhecer aos homens como Criador, ordenador e conservador do Universo. E contudo os homens não viam a Luz, ignoravam a sua presença, não O conheciam...

De um modo particular, revelou-se o Verbo ao povo escolhido, aos *seus:* quer pela Lei mosaica, quer pelos profetas, quer sobretudo pela sua presença corporal. E os *seus* não O receberam, como o prova tôda a história do povo judaico e enfim a atitude que a nação oficialmente e na sua maior parte tomou para com Jesus.

Alguns, porém, receberam a Luz e aproveitaram o seu benefício. A êstes, Judeus ou Gentios, de qualquer raça ou condição, a todos deu o Verbo a faculdade de se tornarem *filhos de Deus*, por adopção. Esta sublime dignidade e graça sobrenatural confere-a o Verbo aos que nele creem. A Fé em Cristo é a condição necessária para poder participar da filiação divina. Esta filiação di-

vina consiste em receber uma nova vida, por uma nova geração, que é sobrenatural e obra exclusiva da Graça. Por isso dela é excluido tudo o que concorre para a geração natural do homem: o sangue, a concupiscência e a vontade humana. É unicamente pela virtude de Deus que os homens participam da natureza divina e se fazem filhos de Deus.

Enfim, eis a suprema manifestação do Verbo no mistério da Incarnação: — *O Verbo fez-se homem*, assumindo a nossa carne; sem deixar de ser o que era, começou a ser o que não era. Tomando realmente a natureza humana, *habitou entre nós*, transitòriamente, como num tabernáculo... Como outrora a glória de Deus, sob a forma duma nuvem, se manifestava sensivelmente sôbre o tabernáculo dos Hebreus no deserto, assim agora se revelou na humanidade de Jesus. Os discípulos foram testemunhas da sua *divindade* (glória), que se revelou pelos prodígios do seu poder, sabedoria e santidade. Esta glória revelada em Cristo era tal, qual convém ao único e verdadeiro Filho de Deus, e qual podia esperar-se de uma pessoa divina.

Êle se revelou *cheio de Graça*, ou da plenitude de todos os dons espirituais, e de *Verdade*, ou de suma Sabedoria; pois que "nele estão contidos todos os tesouros da sabedoria e ciência„ (Col. 2,3). — A glória do Verbo é, para S. João, a divindade manifestada pelos prodígios (Jo. 2,11).

dois anos, estava mais seguro de atingir a vítima que buscava: pois a estrêla poderia só mais tarde ter aparecido ou sido observada pelos magos.

O número das vítimas do massacre de Herodes — de que não temos notícia senão pelo Evangelho — não deve ser exagerado. Segundo as probabilidades históricas. não passaria talvez de 20 ou 30 crianças. (Belém não teria mais de mil a dois mil habitantes. Em média, a cada mil habitantes correspondem anualmente trinta nascimentos, repartidos pelos dois sexos; e cêrca de metade morrem antes de atingirem a idade de dois anos).

O evangelista aplica ao massacre dos Inocentes uma prosopopeia tocante de Jeremias (31,15), por êle directamente referida à desgraça dos Judeus, conduzidos para o exílio de Babilónia ou mortos na ocasião por Nabucodonosor.

O profeta faz saír Raquel, esposa predilecta de Jacob, do seu túmulo, situado, segundo uma tradição, perto de Belém, para chorar as desgraças dos seus filhos. E a sua voz ouve-se em Ramá, onde os Judeus se juntaram ao partir para o exílio... Não se trata de uma profecia pròpriamente dita, mas de uma aplicação fundada na analogia dos acontecimentos. A figura de Jeremias tem uma nova realização na dôr das mães, a quem Herodes fez massacrar os filhos inocentes.

— Felizes êsses inocentinhos, cuja memória hoje celebra a Igreja com uma festa mista de dôr

e alegria, os quais tiveram a sorte de serem os primeiros a dar a sua vida por causa de Jesus, antes de conhecerem a malícia e as misérias da vida mortal. Breves foram os dias que passaram neste mundo; o martírio foi-lhes fácil; e, sem obstáculos nem demoras, passaram a uma melhor vida, de eterna felicidade e glória. Trocaram os seus brinquedos e joguetes infantis pelas coroas e palmas do Paraíso, que lhe mereceu e entregou Aquêle por quem derramaram o seu sangue inocente...

# Domingo dentro da Oitava do Natal

*Evangelho de S. Lucas, c. II, vv. 33-40*

NAQUELE tempo José e Maria, Mãe de Jesus, estavam admirados do que dêle se dizia. E abençoou-os Simeão, e disse para Maria sua Mãe: Eis que Êle é posto para ruina e exaltação de muitos em Israël, e para sinal de contradição; e uma espada trespassará a tua mesma alma; para que sejam revelados os sentimentos de muitos corações. E havia uma profetisa, Ana, filha de Fanuel, da tribu de Aser; era ela muito avançada em idade, tendo vivido com seu marido sete anos desde a sua virgindade, e na viuvez até aos oitenta e quatro anos; a qual não deixava o templo, servindo (a Deus) noite e dia, com jejuns e orações. E sobrevindo naquele momento, louvava a Deus e falava dele (do Menino) a todos os que esperavam a redenção de Israël. E depois de terem cumprido tudo conforme a Lei do Senhor, voltaram para a Galileia, para a sua cidade de Nazaré. E o Menino

**crescia e se fortalecia, cheio de sabedoria; e a graça de Deus era sôbre Êle.**

## Explicação do texto

O trecho do Evangelho, que hoje lemos na Missa, é a conclusão da narração da cena da Apresentação de Jesus no Templo e Purificação de Maria, que a Igreja celebra no dia 2 de Fevereiro, e que na primeira parte nos é proposta no Evangelho dêsse dia. No meio das alegrias da festa do Natal, a Igreja recorda-nos êste episódio da infância do Salvador, em que estão como compendiados os seus destinos providenciais. Desde o bêrço Jesus é objecto de admiráveis predições relativas à sua Missão redentora, a qual nos homens produzirá efeitos opostos, segundo o modo como por êles será recebida.

Observa o evangelista S. Lucas que Maria e José se admiravam do que o santo velho Simeão dizia de Jesus. Esta admiração era causada quer pelo conhecimento que Simeão, por uma maravilhosa intervenção divina, tinha dos destinos do Menino, quer porque as suas palavras vinham completar as revelações que êles mesmos haviam recebido do Céu. Assim se ia aperfeiçoando gradualmente neles o conhecimento da Missão de Jesus.

Simeão abençoou-os: privilégio da sua idade.

Ou antes, felicitou-os pelos singularíssimos favores divinos, de que eram objecto.

Mas aos olhos do santo velho abre-se a perspectiva dos misteriosos e transcendentes destinos de Jesus, cheios de graves conseqüências para o seu povo e para a humanidade inteira. Voltando-se para Maria, declara-lhe que o seu Filho será ocasião de ruina espiritual para muitos, que recusarão recebê-lo e aproveitar-se da sua obra redentora, e de levantamento moral para muitos outros, que se mostrarão dóceis e obedientes à Graça. Nele tropeçarão e caïrão os que contra Êle se erguem com orgulho; e por Êle serão exaltados os que perante Êle se curvarão com humildade... Será um *sinal de contradição.* Recebido por uns e regeitado por outros, todos tomarão partido por ou contra Êle. Por sua causa, estarão os homens sempre divididos em dois campos opostos. Na profecia de Simeão contém-se em resumo tôda a história da Religião de Jesus.

Maria, sua Mãe, será intimamente associada à sua obra, aos seus trabalhos e aos seus sofrimentos. Está-lhe reservada a mais pungente dôr, que, como uma crua espada, lhe trespassará a alma, na sua Paixão.

Tudo isto terá, nos desígnios providenciais, como resultado a manifestação dos sentimentos dos corações dos homens. Os corações rectos reconhecê-lo-ão como Messias, Salvador e Mestre;

os outros declarar-se-ão seus adversários, manifestando assim o sen ódio à luz da Verdade (Jo. 3,19-21). Por Êle serão pois reveladas as boas ou más disposições dos homens para com Deus.

Ao testemunho de Simeão junta-se o de uma piedosa viúva, Ana, de oitenta e quatro anos de idade, dos quais sete passados no matrimónio.

Vivia ela na intimidade divina, passando no Templo a maior parte dos seus dias, servindo constantemente ao Senhor na oração e penitência.

Por divina inspiração veio ao encontro da Sagrada Família e reconheceu na pessoa de Jesus o Messias prometido a Israël. Tendo a dita de contemplar com seus olhos o Salvador, como o velho Simeão, rompeu como êle em louvores a Deus. E, fazendo-se logo apóstola do Messias, falava dele a todos os que esperavam ansiosos a sua vinda e suspiravam pela redenção do seu povo.

Tendo dado cumprimento a tudo o que prescrevia a Lei de Moisés, dentro dos quarenta dias depois do nascimento de Jesus, a Sagrada Família voltou ainda a Belém, onde teve lugar a adoração dos magos, a visão de S. José e o massacre dos Inocentes, e donde fugiram para o Egito.

Voltando do Egito, depois da morte de Herodes, foram estabelecer-se de novo em Nazaré, lugar da sua residência anterior. S. Lucas menciona êste regresso definitivo à casa de Nazaré, omitindo os sucessos intermediários, referidos por S. Ma-

teus: ou porque os ignorava, ou por outros motivos particulares...

O evangelista observa, enfim, que Jesus ia crescendo, robustecendo-se fisicamente, e enchendo-se espiritualmente de sabedoria na sua Humanidade santíssima. Como homem, Êle desenvolvia-se e aperfeiçoava-se conforme as leis da natureza humana. Mas sôbre Êle repousava a Graça e complacência divina, como sôbre o Filho de Deus e homem perfeito.

— A pessoa de Jesus foi sempre e será até ao fim dos séculos um *sinal de contradição* entre os homens: em si e no seu corpo místico, que é a Igreja.

Como todos os homens, também nós temos de tomar partido, por Êle ou contra Êle. Também para nós, Êle será ocasião da nossa ruina espiritual ou do nosso levantamento e glorificação, segundo as nossas disposições e o modo como O recebermos e aproveitarmos os frutos dos seu trabalhos e sacrifícios. Importa-nos, pois, declarar-nos decididamente por Êle, abraçar a sua doutrina, praticar os seus preceitos, e trabalhar por promover o seu reinado nas almas, levando-as ao seu conhecimento, obediência e amor...

# Festa da Circuncisão do Senhor

*Evangelho de S. Lucas, c. II, v. 21:*

**NAQUELE tempo, quando foram completados os oito dias para circuncidar o Menino, foi-lhe dado o nome de Jesus, que fôra indicado pelo anjo, antes de Êle ser concebido no ventre (de sua Mãe).**

## Explicação do texto

Em breves palavras, diz-nos o evangelista S. Lucas, na passagem que acabamos de ler, que a Sagrada Família cumpriu no tempo devido a lei que mandava circuncidar todos os meninos do sexo masculino, e que nessa ocasião foi posto oficialmente a Nosso Senhor o nome de Jesus, em conformidade com a ordem do Céu, transmitida a Maria pelo anjo da Anunciação (Luc. 1,31) e depois comunicada igualmente por um anjo a S. José (Mat. 1,21).

— A Circuncisão era um rito doloroso, geralmente usado entre os povos semitas, dado por Deus a Abraão como sinal exterior da aliança contraída com êle e os seus descendentes, e mais tarde imposto aos Israelitas pela Lei de Moisés, que

conservou o seu valor e fôrça obrigatória até à promulgação da Lei Evangélica. Era a figura do Baptismo, embora não tivesse por si mesma igual eficácia sacramental. Por ela eram os Israelitas incorporados no povo de Deus, como pelo Baptismo os cristãos o são na Igreja de Cristo.

Realizava-se no oitavo dia depois do nascimento, geralmente em casa da família. O ministro dêste rito era o pai da criança ou outra pessoa hábil. Hoje os judeus levam ordinàriamente os seus filhos à Sinagoga para êsse fim.

Nosso Senhor, autor, fim e senhor da Lei, isento de todo o pecado, não era de modo algum obrigado a submeter-se a esta cerimónia dolorosa e humilhante. Quiz, porém, sujeitar-se a esta e geralmente a tôdas as cerimónias legais: 1.º para nos dar o exemplo de perfeita obediência, cumprindo tôdas as prescrições da Lei, a começar por êste rito capital do Judaïsmo; — 2.º para nos dar o exemplo de profunda humildade, abaixando-se até à nossa condição de pecadores, fazendo-se em tudo semelhante a nós, com excepção do mesmo pecado, segundo a expressão do Apóstolo S. Paulo; — 3.º para derramar assim, desde a sua entrada no mundo, as premícias do seu preciosíssimo Sangue, como prelúdio da sua Paixão, em que por nós o daria todo; fazendo ainda no bêrço a sua iniciação na dor e no Sacrifício, por amor dos homens.

"Belém é o prelúdio do Calvário, e o berço do Menino Jesus recebe o reflexo sangrento da Cruz de Cristo„ (Farrar).

Figura do Baptismo, a Circuncisão recorda-nos os seus efeitos sobrenaturais, a excelência da nossa condição de cristãos, e as obrigações que esta qualidade nos impõe.

1.º — O Baptismo repara em nós a ruina causada pelo pecado original (e por todos os pecados, nos adultos), restituindo-nos a graça e amisade divina, unindo-nos a Deus e abrindo-nos os tesouros abundantes dos dons sobrenaturais.

2.º — Pelo Baptismo somos incorporados na Igreja, corpo místico de Jesus.

3.º — Por êle renunciamos ao mundo e às suas pompas, ao diabo e às suas sugestões, à carne com as suas inclinações perversas; e obrigamo-nos a servir só a Deus tôda a nossa vida.

4.º — Pelo Baptismo obrigamo-nos a cumprir todos os preceitos de Deus e da Santa Igreja; como os Judeus pela circuncisão se obrigavam a tôda a lei moisaica.

— Segundo o uso dos Israelitas, o menino recebia o nome oficialmente por ocasião da circuncisão, como se faz entre nós no dia do Baptismo. Nosso Senhor recebeu então publicamente o nome de *Jesus*; nome trazido do Céu para a terra, "da qual devia fazer as delícias e a esperança„. O nome de Jesus significa: "O Senhor é Salvação„. Êste é o nome pró-

# Vigília da Epifania

*Evangelho de S. Mateus, c. II, vv. 19-23:*

NAQUELE tempo, tendo morrido Herodes, eis que um anjo do Senhor apareceu em sonhos a José no Egito, dizendo: Levanta-te, toma o Menino e a sua Mãe, e vai para a terra de Israel, porque já estão mortos os que procuravam tirar a vida ao Menino. Êle, levantando-se, tomou o Menino e a sua Mãe, e foi para a terra de Israel. Ouvindo, porém, que na Judeia reinava Arquelau em lugar do seu pai Herodes, temeu ir para lá. E, avisado em sonhos, retirou-se para as partes da Galileia, e foi habitar numa cidade chamada Nazaré, para que se cumprisse o que fôra dito pelos profetas: Êle será chamado Nazareno.

## Explicação do texto

O Evangelho de hoje recorda-nos o último episódio, que nos referem os Evangelistas, relativo à infância de Jesus: — o regresso da Sagrada Família do Egito à Palestina ou terra de Israel, indo

habitar na cidade de Nazaré, na Galileia, donde havia antes saído para Belém.

Herodes, que mandou matar os inocentes, obrigando então a Sagrada Família a exilar-se no Egito, não sobreviveu muito tempo ao seu crime, e depressa sentiu sôbre si o pêso da Divina Justiça. Morreu alguns dias antes da Páscoa do a. 750 de Roma (quatro anos antes da era actual), de uma doença horrível, devorado em vida pela corrupção do túmulo, cheio de vermes e exalando do seu corpo um odor fétido, sofrendo dôres atrozes e ardendo, como vivera, de raiva e inveja. Sentindo-se de todos odiado e sabendo que a sua morte era por todos desejada como a libertação da mais cruel tirania, mandou prender os chefes das principais famílias judaicas e encerrá-los no hipódromo de Jericó, ordenando a sua irmã Salomé que, no momento em que êle expirasse, fizésse matar tôda aquela gente, para ter, como dizia, nos seus funerais o chôro e as lamentações de tôda a nação. Assim acabou êste monstro de crueldade, em prôa às dôres e ao desespêro de um inferno antecipado.

A demora da Sagrada Família no Egito parece ter sido breve. Logo depois da morte de Herodes, um anjo do Senhor apareceu de novo a José, ordenando-lhe que regressasse à sua pátria. Já não vivia aquele que, com os seus ministros e aduladores, procurava tirar a vida a Jesus, temendo ainda só a mesma sombra de um rival. José obedeceu pronta

e fielmente, como à primeira ordem de fugir para o Egito, embora acolhendo com íntima satisfação a nova mensagem do Céu. E sem inquirir de mais nada, voltou para a Palestina. Uma vez na terra de Israel, pensava talvez em voltar para Belém e fixar ali a sua morada. Não seria conforme aos desígnios divinos que o Messias se preparasse para a sua missão na cidade de David, onde providencialmente nascera?... No caminho, porém, soube que na Judeia, onde estava Belém, governava Arquelau, digno sucessor de seu pai Herodes na crueldade e tirania, e que iniciou o seu govêrno fazendo massacrar no Templo de Jerusalém três mil judeus rebeldes. Receando o tirano, que já tinha má reputação, S. José hesitou. A sua obediência era pronta, inteira e confiada. Contente com as ordens que Deus lhe dava, não deixava de recorrer a Êle pela oração nos seus embaraços. Que devia fazer naquela conjuntura? Não tardou a receber novas indicações do Céu, que lhe eram dadas no momento oportuno. Devia voltar para a Galileia. Ali governava outro filho de Herodes o Grande, o tetrarca Herodes Antipas, menos cruel que seu irmão Arquelau, embora também ambicioso e devasso. Foi êle que mais tarde mandou cortar a cabeça a S. João Baptista. E diante dele compareceu depois Jesus na sua Paixão.

A humilde casinha de Nazaré devia ser testemunha dos mistérios da vida oculta do Homem-

Deus, durante mais de trinta anos. É a primeira vez que S. Mateus fala de Nazaré no seu Evangelho; e por isso a apresenta como uma cidade ainda desconhecida dos leitores. Os factos por êle narrados antes do nascimento de Jesus em Belém não são localizados. É S. Lucas quem nos informa que ali habitava antes Maria, e José, e das suas viagens à Judeia, donde nos diz que voltaram novamente para Nazaré.

Nazaré era uma pequena povoação da Galileia, de tão insignificante importância que o seu nome não aparece no Antigo Testamento nem nos antigos escritores profanos, sendo conhecida apenas pelos Evangelhos e pela literatura cristã. A sua história começa com Jesus Cristo, que a imortalizou. Observa o Evangelista que Jesus foi habitar em Nazaré, para assim se realizar o que fôra dito pelos profetas: Êle será chamado Nazareno.

Que Jesus foi chamado Nazareno ou de Nazaré, consta de muitos lugares dos Evangelhos e dos Actos dos Apóstolos. E o mesmo epíteto foi depois aplicado aos cristãos, que foram designados "a seita dos Nazarenos„ (Act. 24,5). Mais obscuro, porém, é o significado dêste nome, na mente do Evangelista, e a sua relação com as profecias do Antigo Testamento.

Como nota S. Jerónimo, falando de profetas (e não de um profeta, no singular), o Evangelista parece não querer referir-se a uma passagem

determinada, mas às predicções genéricas contidas na S. Escritura, e reproduzir, não as suas palavras, mas apenas o sentido. Em nenhum lugar da S. Escritura se encontra a predicção: Êle será chamado Nazareno. Parece que com esta referência quere o Evangelista significar que Jesus, em conformidade com as profecias, realizaria na sua pessoa o significado do nome de Nazaré. Esta palavra significa flor, germe, rebento, ramo. E recorda a célebre profecia de Isaías (11,1): "*Egredietur virga de radice Jesse, et flos de radice ejus ascendet*„ (um ramo saïrá do tronco de Jessé, e das suas raízes crescerá um rebento); que S. Jerónimo interpreta: "*Et Nazaræus de radice ejus conscendet*„. Nascido em Belém (terra de Jessé), Jesus cresceria em Nazaré da Galileia...

# Festa da Epifania

*Evangelho de S. Mateus, c. II, vv. 1-12:*

TENDO Jesus nascido em Belém da Judeia no tempo do rei Herodes, eis que uns magos do Oriente vieram a Jerusalém, dizendo: Onde está o Rei dos Judeus nascido? Pois que vimos a sua estrêla no Oriente, e viemos adorá-lo. Ouvindo isto o rei Herodes, perturbou-se, e tôda a Jerusalém com êle. E, tendo reünido todos os príncipes dos sacerdotes e escribas do povo, inquiria dêles onde devia nascer o Cristo (Messias). E êles lhe disseram: Em Belém da Judeia; porque assim está escrito pelo profeta (Miqueias): E tu, Belém, terra de Judá, não és de modo algum a mais pequena entre as principais (cidades) de Judá, pois que de ti saïrá o chefe, que conduzirá o meu povo, Israel. Então Herodes, tendo chamado secretamente os magos, informou-se cuidadosamente do tempo em que lhes aparecera a estrêla; e, mandando-os a Belém, disse: Ide, investigai com diligência o que diz respeito ao menino e, quando o achardes, fazei-

**-mo saber, para eu ir também adorá-lo. Tendo êles ouvido o rei, partiram. E eis que a estrêla, que viram no Oriente, os precedia até que chegando parou sôbre o lugar onde estava o menino. Vendo a estrêla, encheram-se de uma alegria muito grande. E, chegando à casa, viram o menino com Maria, sua Mãe; e, prostrando-se, o adoraram. E, abrindo os seus tesouros, ofereceram-lhe presentes, ouro, incenso e mirra. E, tendo sido advertidos em sonhos de que não voltassem a Herodes, regressaram por outro caminho ao seu país.**

## Explicação do texto

Depois de ter chamado, em primeiro lugar, os humildes pastores ao berço de Jesus, quiz Deus conduzir ali também os magos, primícias dos gentios.

A visita dos magos, cuja data precisa se ignora, teria lugar algumas semanas ou alguns meses depois do nascimento do Salvador; certamente depois da sua apresentação no Templo (quarenta dias passados). Depois da viagem a Jerusalém por esta ocasião, a Sagrada Família voltou para Belém, talvez com intenção de ali fixar residência. É provável que já tivesse ali obtido uma modesta habitação, onde recebeu a visita dos magos.

Os magos eram sábios astrónomos. Êste nome

designava primeiramente, entre os Medos e Persas, uma casta sacerdotal, praticando a astrologia e a medicina. Aplicou-se depois no Oriente aos sábios, que tinham o monopólio das ciências. Mais tarde designou os mágicos ou feiticeiros... Não é provável que fôssem reis, como quere a tradição popular, aliás recente. Em todo o caso, eram personagens de saber e consideração. — Ignora-se a sua pátria, que poderia ser a Pérsia, a Caldeia ou, mais provàvelmente, a Arábia, como o insinua a natureza dos seus presentes.

O seu número é igualmente incerto. A tradição indicando o número de três, funda-se talvez no dos presentes oferecidos. Foram-lhes atribuídos os nomes de Gaspar, Melchior e Baltasar, colocados no Martirológio Romano entre os santos.

Os magos viram no Oriente uma *estrêla*. Esta estrêla seria, mais provàvelmente, um meteoro miraculoso, móvel e transitório, que aparecia e desaparecia ocasionalmente. Foi visto por êles no Oriente; desapareceu depois; e de novo os conduziu de Jerusalém a Belém, isto é, de Norte a Sul, talvez de dia, parando enfim sôbre o lugar preciso onde estava o Menino Jesus.

Os astros eram, entre os orientais, símbolos do poder divino. Os magos davam-se ao seu estudo. Era crença geral que aos grandes acontecimentos e ao nascimento dos grandes homens presidiam fenómenos celestes. Havia pelo Oriente

ao menos vagas tradições relativas ao Messias que viria da Judeia, talvez fundadas na profecia de Balaam, ali divulgada. Em todo o caso, a aparição de um astro era acomodada às ideias e preocupações dos magos. Estes, porém, foram certamente movidos por uma inspiração interior, que lhes indicou que o astro, que viram, anunciava o nascimento do Rei dos Judeus.

Dóceis à luz do Céu e ao impulso da graça, os magos dirigiram-se a Jerusalém, capital da Judeia, onde naturalmente esperavam achar o Rei dos Judeus, isto é, o Messias, como todos o entenderam, com o mesmo Herodes. Supondo que tôda a cidade estava ao corrente da grande notícia, fôram êles quem lha comunicou. Esta, de boca em boca, não tardou a chegar aos ouvidos do velho rei Herodes. Êle, que temia a sombra de todo o rival, e por isso não poupou os próprios filhos, perturbou-se profundamente; mas usou de dissimulação e hipocrisia, perante êstes personagens estrangeiros que o não conheciam.

Convocou imediatamente o Sinédrio para reünião extraordinária. Os sinedritas indicaram sem hesitação o lugar do nascimento do Messias, interpretando a profecia de Miqueias (5,2), que S. Mateus reproduz, não à letra, mas quanto ao sentido: "Tu, Belém de Efrata, bem pequena és entre as mil (cidades) de Judá; mas de ti me saïrá o que deve dominar em Israel„.

Sabendo assim onde devia nascer o Messias, Herodes informou-se cuidadosamente dos magos, mas em segrêdo, da data precisa do aparecimento da estrêla. E, ocultando os seus tenebrosos planos sob a capa da religiosidade, pretendeu fazer servir a candura e confiança dos magos para os seus fins. Quais eram êles, sabemo-lo pelo que depois sucedeu. Mas a Providência desfez os seus projectos.

Partiram então os magos para Belém, a cêrca de oito quilómetros de distância. Com imenso gozo viram que a estrêla, que lhes havia aparecido antes no Oriente, se lhes manifestou de novo, guiando-os no seu caminho, até pousar sôbre a modesta habitação onde estava a Sagrada Família. Entrando em casa, acharam o Menino, que procuravam, com Maria, sua Mãe. S. José estaria ausente...

Sem se escandalizarem com a humildade e pobreza daquele Rei, prostrando-se por terra, adoraram-no e ofereceram-lhe os seus presentes: ouro, incenso e mirra, os mais preciosos produtos do Oriente. São as únicas oferendas que os Evangelhos nos referem terem sido feitas a Jesus durante a sua vida mortal. Depois da sua morte ofereceram-lhe um lençol com aromas e um túmulo para a sepultura... A tradição atribuiu a êstes presentes um simbolismo, vendo no ouro significada a realeza, no incenso a divindade, na mirra a humanidade de Jesus.

Deus os fez advertir durante a noite de não

voltarem a Herodes, mas de regressarem logo à sua terra por outro caminho. Quando Herodes o soube já êles iam longe.

— A Igreja celebra neste dia a Epifania ou Teofania, isto é, a manifestação da divindade de Jesus, em três ocasiões diversas: na estrêla, que conduziu os magos a Belém; no baptismo do Jordão; e no primeiro milagre nas bodas de Caná. Mas na Igreja Ocidental o principal objecto desta festa é a Adoração dos magos e a Vocação à Fé cristã dos Gentios, de que aquêles foram os representantes e as primícias. Celebrando êste mistério, louvemos ao Senhor e agradeçamos-lhe reconhecidos a graça que nos fez, dando-nos a luz da Fé; e procuremos corresponder a esta graça com uma vida verdadeiramente cristã. Ofereçamos-lhe com os magos também os nossos presentes: o ouro da caridade, o incenso da oração e a mirra da mortificação...

# 1.º Domingo depois da Epifania

(Festa da Sagrada Família)

*Evangelho de S. Lucas, c. II, vv. 42-52:*

SENDO Jesus da idade de doze anos, indo êles (os pais) a Jerusalém segundo o uso da festa (da Páscoa), e tendo terminado os dias, ao regressarem, ficou o Menino Jesus em Jerusalém, sem que seus pais o soubessem. Julgando que Êle fôsse na caravana, caminharam um dia, e procuravam-no entre os parentes e os conhecidos; e, não o tendo achado, voltaram a Jerusalém em sua procnra. E, passados três dias, encontraram-no no Templo, sentado no meio dos doutores, ouvindo-os e interrogando-os. E admiravam-se todos os que o ouviam, da sua inteligência e das suas respostas. E, ao vê-lo, ficaram admirados. E disse-lhe a sua Mãe: Filho, porque procedeste assim connosco? Olha que teu pai e eu andávamos aflitos à tua procura. E Êle lhes disse: Porque é que me procuráveis? Não sabieis que eu devo estar com meu Pai? E êles não compreenderam o que Êle lhes disse. E desceu com

**êles e foi para Nazaré, e era-lhes submisso. E sua Mãe guardava tudo isto no seu coração. E Jesus avançava em sabedoria, em idade e em graça diante de Deus e diante dos homens.**

## Explicação do texto

O Evangelho de hoje levanta-nos por um momento o véu que cobre a vida íntima da Sagrada Família em todo o tempo que Jesus passou em Nazaré, narrando-nos êste episódio sucedido quando Êle tinha doze anos de idade.

A Lei Moisaica obrigava todos os Israelitas a irem ao Templo três vezes no ano, isto é, nas festas da Páscoa, do Pentecostes e dos Tabernáculos. Os que habitavam mais longe, fora da Judeia, podiam ir ali só uma vez; o que faziam geralmente pela Páscoa. Nem as mulheres nem as crianças antes dos quinze anos tinham essa obrigação. Mas, como nota o Evangelista, Maria costumava acompanhar S. José todos os anos. O mesmo faria provàvelmente Jesus, desde que a idade lho permitiu, segundo o costume das famílias mais piedosas.

O Evangelista não diz que Êle foi ali pela primeira vez aos doze anos. Se indica a idade que Êle tinha nessa ocasião, é para fazer sobressair a sua sabedoria precoce.

A solenidade da Páscoa durava oito dias. Desde

o segundo dia, porém, era permitido aos peregrinos regressar a suas casas. Se a Sagrada Família se demorou em Jerusalém até ao fim da festa ou não, não o sabemos. As caravanas eram muito numerosas, compostas por diversos grupos de parentes e habitantes do mesmo lugar ou dos lugares vizinhos... Sem dúvida, Maria e José, sem faltar aos deveres da vigilância paterna, davam a Jesus uma certa liberdade, confiados plenamente na sua obediência, prudência e bom senso, certos de que Êle estaria sempre onde devia estar. Por isso, não se inquietaram com a sua ausência ocasional, supondo-o na companhia de outro grupo de parentes ou conhecidos. Jesus porém ficara em Jerusalém. Só notaram a sua falta no fim do primeiro dia de jornada, na primeira estação, quando, juntando-se os diversos grupos, não o acharam entre a comitiva. Profundamente aflitos passaram aquela noite. E na manhã seguinte, voltaram para traz pelo mesmo caminho, em sua procura. Ao fim do dia, chegaram a Jerusalém, sem o terem encontrado. Só no dia seguinte, terceiro da separação, o acharam no Templo.

Jesus estava em alguma das galerias ou câmaras adjacentes ao Templo, onde os doutores da Lei davam as suas lições ou discutiam pontos de doutrina, particularmente aos sábados e dias festivos. O Menino estava no meio deles, ouvindo-os e interrogando-os, excitando a admiração de todos pelas

suas preguntas e respostas, que não eram de um rapaz ordinário daquela idade.

Maria e José ficaram surpreendidos e atónitos do que viram, pois era uma novidade no procedimento de Jesus, embora conhecessem a sua inteligência e sabedoria. E, habituados à sua delicada atenção e submissão, extranhavam a sua atitude despreocupada e tranqüila naquela circunstância para êles tão aflitiva.

Há nas palavras de Maria uma queixa, humilde e afectuosa, mas repassada da dôr da sua alma delicada: Porque nos sujeitaste a esta prova? Mas como que se esconde por detraz de S. José (teu pai e eu), dando-lhe o título de pai de Jesus, que êle era putativamente ou seja perante o público.

Jesus responde, com simplicidade e doçura, mas com elevação e nobreza, dando a razão do seu procedimento singular: Porque vos cansastes tanto em procurar-me? Não sabíeis que eu devia estar em casa de meu Pai? Sabendo quem é meu Pai, devíeis saber onde encontrar-me: no Templo.

Esta resposta tinha um sentido misterioso, que os mesmos pais de Jesus não compreenderam, como observa o evangelista. São as primeiras palavras de Jesus que nos transmitiu o Evangelho, e as únicas que dele conhecemos durante a sua vida oculta. Nelas Jesus afirma a sua filiação divina e a sua missão singular na terra.

Maria e José sabiam quem Êle era, e quem

era o seu único Pai. Mas não compreendiam ainda bem todo o alcance da sua missão divina, e até que ponto e de que modo a sua vida humana devia ser consagrada ao serviço do Pai celeste. A economia da obra de Jesus e da parte que nela lhes cabia, não lhes foi revelada senão progressivamente. Em particular, não compreendiam então porque é que Jesus teve de separar-se deles, sem mesmo os advertir, para estar com seu Pai, no Templo.

E só Jesus sabia bem porque o fez. A sua acção e a sua resposta, misteriosas para os seus pais, sê-lo-ão sempre para nós também. Mas estas primeiras palavras de Jesus exprimem o princípio fundamental da sua vida sôbre a terra; isto é, que a Vontade do seu Pai celeste era a única norma das suas acções. Deixa os seus pais, embora aflitos, porque o Pai do céu o quere noutro lugar, no exercício da sua divina missão.

Depois disto, Jesus volta à vida obscura de Nazaré, até ao momento de dar princípio à sua actividade apostólica. E o Evangelho resume todo êste período da sua vida nestas breves, mas significativas palavras: "*Et erat subditus illis*„.

Sendo para nós um modêlo perfeito de tôdas as virtudes, é-o particularmente da virtude da Obediência. Êle, o Filho de Deus humanado...

O Evangelista encerra a narração dos factos relativos à vida oculta de Jesus, dizendo que Êle crescia e progredia física, intelectual e moralmente.

Crescia em tudo humanamente. Na ciência adquirida ou experimental. Em graça, pela multiplicação contínua das obras meritórias. A êste aperfeiçoamento correspondia uma complacência sempre crescente da parte de Deus, no nosso modo de falar, e da parte dos homens, que admiravam as suas qualidades e obras, sem contudo suspeitarem quem Êle era.

— Jesus ensina-nos com o seu exemplo que a norma suprema da nossa vida, à qual tudo o mais deve obedecer e ser sacrificado, é a *Vontade de Deus*. A Vontade de Deus e o seu serviço estão acima de tôdas as outras considerações e preocupações humanas. Quando Deus nos chama, tôdas as demais vozes devem calar-se...

# Oitava da Epifania

*Evangelho de S. João, c. I, vv. 29-34:*

**NAQUELE tempo viu João a Jesus que vinha para êle, e diz: Eis o Cordeiro de Deus, o que tira o pecado do mundo. Êste é aquêle de quem eu disse: Depois de mim vem um homem, que está antes de mim, porque era primeiro do que eu. E eu não o conhecia; mas para que Êle fôsse manifestado a Israel é que eu vim baptizar com água. E testificou João dizendo: Vi o Espírito descer do céu como uma pomba, e repousou sobre Êle. E eu não o conhecia; mas o que me mandou baptizar com água, êsse me disse: Aquêle, sôbre quem vires o Espírito descer e repousar, êsse é o que baptiza com o Espírito Santo. E eu vi e testifiquei que êste é o Filho de Deus.**

## Explicação do texto

O Evangelho dêste dia, que segue imediatamente o que lemos no 3.º domingo do Advento, refere-nos o testemunho que S. João Baptista deu

publicamente de Jesus, indicando-o como o Redentor do mundo e o Filho de Deus.

Jesus fôra baptizado por S. João talvez no outono do ano 26 da nossa era. Depois disso, retirou-se ao deserto, onde jejuou durante quarenta dias, e foi tentado pelo demónio. Pelo mês de Dezembro do mesmo ano, saíu Jesus do deserto, para iniciar o seu ministério público, dirigindo-se para as margens do Jordão, onde S. João baptizava, e ali se confundiu com a multidão. Estava talvez presente, embora como um desconhecido, quando S. João Baptista deu dele solenemente o seu primeiro testemunho aos emissários do Sinédrio (ver o Evangelho do 3.º domingo do Advento). No dia seguinte dirigiu-se novamente ao Precursor.

Ao vê-lo vir para êle, S. João aponta-o ao povo com aquelas palavras, tantas vezes repetidas na Igreja: "Eis o Cordeiro de Deus, eis aquêle que tira o pecado do mundo„. A imagem do Cordeiro poderia ser sugerida a S. João pelo cordeiro pascal ou pelos cordeiros que eram quotidianamente imolados no templo; ou antes pela profecia de Isaías (cap. 53), que representava o Servo do Senhor ou o Messias como um manso cordeiro levado a imolar, e que, fazendo-se a vítima dos nossos pecados, devia pela sua morte resgatar a humanidade. Em todo o caso, há nas palavras do Baptista uma alusão manifesta à morte de Jesus e à sua função redentora. Foi por ela que o Salvador expiou os

pecados dos homens e tirou ou apagou do mundo o pecado.

De novo repete S. João o testemunho que de Jesus dera na vespera aos emissários do Sinédrio, afirmando a sua superioridade incomparável pelo facto da sua preexistência. Embora se manifeste ao mundo depois do seu Precursor, é incomparàvelmente superior a êle, pois era antes que êle fôsse, existindo na sua natureza divina desde tôda a eternidade. A missão do Precursor não é senão preparar as almas para a sua vinda e manifestação a Israel e ao mundo.

As afirmações do Baptista deveriam parecer estranhas aos seus ouvintes. Como podia êle dar tais testemunhos da pessoa e da missão de Jesus? S. João explica como lhe foi dado reconhecer na pessoa de Jesus o Messias. O meio para isso foi-lhe revelado oportunamente por quem o enviou. Êle não conhecia a Jesus antes do seu baptismo. Não quere isto dizer que o não conhecesse pessoalmente, como homem. Se, de facto, o conheceu e com êle tratou ou não, nada nos autoriza nem a afirmá-lo nem a negá-lo. Mas o que êle aqui aiirma é que o não conhecia na sua qualidade de Messias.

Deus, porém, de quem tinha recebido a sua missão precursora, devendo anunciar e revelar ao povo o seu Messias, deu-lhe um sinal para o reconhecer: a descida do Espírito Santo sôbre Êle.

Ora João viu descer sôbre Jesus, depois do seu baptismo, o Espírito Santo em forma de pomba. Ouviu, além disso, como referem os outros evangelistas, a voz do Pai Celeste, dizendo: "Êste é o meu Filho muito amado, em quem puz as minhas complacências„. É por isso que S. João pode afirmar e testificar que Êle é não só o Messias, o enviado de Deus para salvar os homens e remir os pecados do mundo, mas ainda que Êle é o verdadeiro Filho de Deus, revestido de carne humana. É Êle que baptizará, não só com a água, como o seu Precursor, mas com o Espírito Santo, dando ao baptismo a sua eficácia sobrenatural de purificar e santificar as almas. S. Mateus (3,13-15) insínua que o Baptista reconheceu em Jesus o Messias logo que Êle se lhe apresentou para ser baptizado. Em todo o caso, nos três sinópticos, de acôrdo com o 4.º Evangelho, a designação oficial e definitiva de Jesus como Messias teve lugar depois do baptismo, quando Êle saía da água. Assim o Precursor não o conheceu oficial e jurìdicamente, de sorte a poder dar dêle público testemunho, senão depois de ter visto a pomba e ouvido a voz do Céu na teofania do Jordão. O seu testemunho oficial funda-se na revelação divina. Só isto quere significar o autor do 4.º Evangelho.

— Na Igreja Ocidental comemora-se no dia da Oitava da Epifania, de um modo particular, o

Baptismo de Nosso Senhor (que na Igreja Oriental se celebra no mesmo dia da festa da Epifania, segundo o antigo costume). Por isso, na lição do Evangelho faz-nos a Igreja ver Jesus proclamado oficialmente pelo seu Precursor como o Messias, Filho de Deus e Redentor da Humanidade. Êle é o instituídor e a causa meritória da graça do Baptismo. É Êle que baptiza no Espírito Santo; pois é pela sua mediação e pelos seus merecimentos que no Baptismo desce sôbre nós o Espírito Santo com a sua graça e os seus dons. É Êle que pelo Baptismo santifica e salva todos os que nele crêem...

# 2.º Domingo depois da Epifania

*Evangelho de S. João, c. II, vv. 1-11:*

NAQUELE tempo houve umas bodas em Caná da Galileia, e estava ali a Mãe de Jesus. E foi também convidado para as bodas Jesus e os seus discipulos. E, começando a faltar o vinho, diz a Mãe de Jesus para Êle; Não têm vinho. E diz-lhe Jesus: Que queres tu de mim, Mulher? Ainda não é chegada a minha hora. Diz a sua Mãe aos criados: Fazei o que Êle vos disser. Havia ali colocadas seis talhas de pedra, por causa da purificação dos Judeus, levando cada uma duas ou três medidas. Diz-lhes Jesus: Enchei as talhas de água. E encheram-nas até cima. E diz-lhes Jesus: Tirai agora e levai ao mestre-sala. E levaram. Quando porém o mestre-sala provou a água tornada em vinho — e não sabia donde era, mas sabiam-no os criados que tinham tirado a água — chama o mestre-sala o noivo e diz-lhe: Tôda a gente põe primeiro o vinho melhor e, quando estiverem embriagados, o pior; tu guardaste o

**melhor vinho até agora. Por êste deu Jesus princípio aos seus milagres, em Caná da Galileia, e manifestou a sua glória, e creram nêle os seus discípulos.**

## Explicação do texto

O Evangelho de hoje refere-nos o primeiro milagre obrado por Jesus, no princípio do seu ministério público, para mostrar a sua divindade e confirmar a fé dos seus prímefros discípulos, como no-lo diz o mesmo Evangelista.

Depois do seu Baptismo e do jejum e tentação no deserto, deu Jesus princípio à sua vida pública, pelo fim do ano 26 da nossa era, tendo então cêrca de 31 ou 32 anos... Dirigindo-se às margens do Jordão, recebeu ali o testemunho do seu Precursor (ver o Ev. da Oitava da Epifania) e, seguido dos primeiros discípulos (André, João, Pedro, Filipe e Natanaël), partiu para a Galileia, onde obrou então o primeiro milagre. Seria pelo mês de Dezembro do ano 26 ou Janeiro do ano 27.

O milagre teve lugar em Caná da Galileia. Esta povoação, pátria de Natanaël, era provàvelmente a que hoje se chama Kafr Kennâ, situada a cêrca de 8 quilómetros a Nordeste de Nazaré.

As bodas celebravam-se com grande pompa e regosijo, sendo convidados os parentes e amigos, e durando a festa uma semana inteira. Ignoramos

O Evangelista refere o milagre dum modo vívido e quási jocoso... Tudo se passou tão simplesmente, que o mestre-sala não se deu conta do sucedido. Verificando a óptima qualidade do vinho, crê numa surpresa do noivo, que reputa contrária aos costumes, inspirados por um critério compreensível. Das palavras do mestre-sala não deve, porém, deduzir-se que aquêles convivas estivessem então embriagados. A presença de Jesus e o seu milagre levam-nos a crêr que ali se não chegasse a tais excessos. Apenas se trata de um aforismo ou dito de experiência comum. Tornando porém notório o facto sucedido, confirma a realidade e o valor do milagre.

Enfim, observa o Evangelista que desta maneira deu Jesus princípio aos seus milagres, e faz sobressair qual o fim e o efeito dêstes. O fim foi *manifestar a sua glória*, isto é, a sua divindade (vêr c. 1, v. 14). O efeito foi que *creram nêle os seus discípulos.* Já tinham nele alguma fé; mas esta foi confirmada e aperfeiçoada pela experiência do poder divino de Jesus, revelado nos seus milagres...

— Esta *manifestação da divindade de Jesus* deve também confirmar-nos na nossa fé... Jesus mostra-nos, além disso, a sua *bondade e condescendência* humana, assistindo àquelas bodas e obrando o seu primeiro milagre para evitar a confusão dos esposos... Pela sua presença, quiz

Jesus *santificar o matrimónio*, que devia elevar à dignidade de Sacramento.

Sendo um benefício temporal, êste milagre é ao mesmo tempo a figura dos *dons espirituais*, que o Senhor tão liberalmente nos concede, no banquete da Graça, da Eucaristia e da Glória, para a qual Êle nos reserva o melhor vinho.

Enfim, neste milagre revela-se-nos ainda a *solicitude de Maria* por nós e o *poder e eficácia da sua intercessão*. A parte importante e decisiva que Ela teve neste milagre insinua-nos a que Ela tem na distribuição das graças divinas, de que o milagre das bodas de Caná é a figura...

# Festa da Purificação de N. Senhora

*Evangelho de S. Lucas, c. II, vv. 22-32:*

NAQUELE tempo, quando se cumpriu o tempo da purificação de Maria, segundo a lei de Moisés, levaram Jesus a Jerusalém para o apresentarem ao Senhor, como está escrito na lei do Senhor: Todo o individuo do sexo masculino, que primeiro sair do seio materno, será consagrado ao Senhor; e para oferecerem em sacrificio, conforme se diz na lei do Senhor, um par de rôlas ou dois pombinhos. E eis que havia em Jerusalém um homem chamado Simeão, e êste homem era justo e piedoso, esperando a consolação de Israel, e sôbre êle repousava o Espirito Santo. E tinha-lhe sido revelado pelo Espirito Santo que não veria a morte antes que visse o Cristo do Senhor. E, conduzido pelo Espirito, veio ao Templo. E quando os pais introduziam o Menino Jesus para fazerem o que prescrevia a Lei a respeito dele, tomou-o nos

braços e bendisse ao Senhor, dizendo: Agora deixais ir em paz o vosso servo, Senhor, segundo a vossa palavra; porque os meus olhos viram a vossa salvação, que preparastes à face de todos os povos: luz para manifestação das nações e glória do vosso povo Israël.

## Explicação do texto

Na lição do Evangelho dêste dia, refere-nos S. Lucas como a Sagrada Família deu cumprimento às últimas prescrições da Lei de Moisés relativas ao nascimento de Jesus e à maternidade de Maria Santíssima, falando-nos da Purificação da Mãe e da Apresentação, oferecimento ao Senhor e resgate do seu Filho primogénito no Templo, onde Êle foi reconhecido como o Messias e Salvador de Israël e de tôda a Humanidade.

Segundo a Lei de Moisés, a mulher que tinha dado à luz, era considerada impura, não podendo tocar nenhuma coisa santa nem aproximar-se do Templo: durante quarenta dias, se dera à luz um menino, oitenta dias, se uma menina. Passado êsse tempo, devia apresentar-se no Templo para cumprir a cerimónia da purificação legal, oferecendo ali um cordeiro em holocausto, e um pombinho ou uma rôla como sacrifício de expiação. Se era pobre, oferecia em vez do cordeiro outra pombinha ou

rôla. E foi o que fêz Maria, como refere o Evangelista.

Além disso, todos os primogénitos do sexo masculino eram consagrados ao Senhor, em princípio para o servir no Tabernáculo, em memória do dia em que Deus exterminou todos os primogénitos do Egito e se reservou para si todos os de Israël. Sendo depois os Levitas encarregados do culto divino em lugar dos primogénitos das outras tríbus, deviam êstes ser resgatados pelo preço de cinco siclos de prata (cêrca de 1 libra e meia, em ouro), depois de terem sido apresentados e consagrados ao Senhor.

Estas prescrições da Lei não se aplicavam certamente a Jesus e a Maria, para quem não tinham razão de ser. Jesus era o verdadeiro Filho de Deus, unido substancialmente à divindade na sua natureza humana; e portanto essencial e insubstituivelmente consagrado ao serviço divino. Nem precisava de ser resgatado Aquêle que era o Redentor do mundo. Maria, isenta de tôda a mácula, tendo concebido do Espírito Santo, e sendo Virgem íntegra e santa depois como antes do parto, não precisava de ser purificada. Sujeitando-se, porém, à lei comum, quizeram dar-nos uma lição de humildade e obediência. Jesus quiz cumprir na sua pessoa tôda a Lei. De resto, subtrair-se ao cumprimento da lei comum obrigaria Maria a revelar um segrêdo, que devia então ficar oculto, em insondável mistério.

Desta maneira fêz Jesus a sua primeira entrada e a sua oblação oficial no Templo de Jerusalém, confirmando pùblicamente a oblação que de si mesmo fizera ao Eterno Pai ao assumir a natureza humana e entrar no mundo... E então recebeu Deus no Templo, pela vez primeira, uma oblação digna da sua Majestade e Santidade infinitas.

Quando se realizava a cerimónia da Apresentação de Jesus no Templo, veio também ali, movido por inspiração divina, um homem de nome Simeão, avançado em idade, justo, piedoso e temente a Deus. Êste homem suspirava pela vinda do Messias, que seria a suprema consolação de Israël, seu povo. Estava cheio de graças e dons do Espírito Santo. E o mesmo Espírito lhe revelara e assegurara que não morreria sem ter visto com seus olhos o Ungido do Senhor, isto é, o Messias, que devia reinar em Israël como representante de Deus. Reconhecendo no Menino Jesus Aquêle que tanto desejava, tomou-o afectuosamente nos seus braços. E, tendo alcançado tão grande graça e felicidade, louvou ao Senhor com um cântico magnifico, em que exprime a sua profunda alegria, consolação e esperança: — o "*Nunc dimittis*„...

Já pode morrer em paz, diz; porque, em cumprimento da promessa que lhe fôra feita por Deus, já os seus olhos viram Aquêle que é a personificação da Salvação divina, tão suspirada... Essa Salvação é oferecida e posta à disposição de todos

os povos da terra. Ela será a luz, que iluminará tôdas as nações, dissipando as trevas que as envolvem e fazendo-lhes ver a Verdade. Abrindo os olhos a esta luz, que saïrá de Israël, as nações verão assim a sua glória, no Messias Salvador.

Mas aos olhos do santo Simeão abre-se a perspectiva dos efeitos diversos que nos homens ocasionará a Salvação oferecida a todos por Jesus. Se Êle será para uns causa de levantamento, para outros será ocasião de ruína espiritual. Êle será no mundo um *sinal de contradição*... (Ver o Evangelho do domingo dentro da Oitava do Natal).

— A procissão litúrgica, que neste dia celebra a Igreja, é como que uma representação da Apresentação da Sagrada Família no Templo de Jerusalém. Os fiéis saüdam em Jesus a luz do mundo, que nos livrou das trevas do êrro e do pecado. Por isso se repete nesta cerimónia o belo cântico de Simeão. Tendo visto esta luz, cerrem-se os nossos olhos a tôda a luz terrena. Tendo recebido de Deus esta graça e consolação, renunciemos a tôdas as consolações do mundo, e suspiremos ùnicamente pelo momento supremo em que essa consolação se tornará para nós plena e imperecedoura...

# 3.° Domingo depois da Epifania

*Evangelho de S. Mateus, c. VIII, vv. 1-13:*

NAQUELE tempo, tendo Jesus descido do monte, seguiu-o numerosa multidão. E eis que um leproso, aproximando-se, o adorava, dizendo: Senhor, se quizerdes, podeis purificar-me. E estendendo Jesus a mão, tocou-o, dizendo: Quero, sê purificado. E imediatamente foi curado da sua lepra. E diz-lhe Jesus: Olha, não o digas a ninguém. Mas vai mostrar-te ao sacerdote, e oferecer o sacrifício que ordenou Moisés, em testemunho para êles. E, tendo entrado em Cafarnaúm, veio ter com êle um centurião, dizendo-lhe em tom suplicante: Senhor, o meu servo jaz em casa paralítico, sendo horrìvelmente atormentado. Diz-lhe Jesus: Eu irei curá-lo. Respondeu-lhe porém o centurião: Senhor, não sou digno de que entreis debaixo do meu tecto; mas dizei só uma palavra, e será curado o meu servo. Pois que eu sou também um homem debaixo da autoridade, que tenho sob o meu poder soldados. E digo a um: Vai, e êle vai; e a

**outro: Vem, e êle vem; e ao meu criado: Faze isto, e êle faz. Ouvindo isto Jesus, admirou-se, e disse aos que o seguiam: Em verdade vos digo, em ninguém achei tanta fé em Israël. Digo-vos que muitos virão do Oriente e do Ocidente sentar-se à mesa com Abraão, Isaac e Jacob no reino dos céus; enquanto que os filhos do reino serão lançados nas trevas exteriores; ali será o pranto e o ranger dos dentes. E disse Jesus ao centurião: Vai, como creste, assim te seja. E foi curado o servo naquela mesma hora.**

## Explicação do texto

Os dois milagres de Jesus, que acabamos de ler, fazem parte duma secção do Evangelho de S. Mateus, em que nos é referida uma série dêles (cap. 8-9); e parece terem sido obrados em diversas ocasiões, embora dentro do período da missão na Galileia, que durou, com interrupções mais ou menos longas, desde os primeiros meses da sua vida pública (a. 26-27) até perto da Páscoa do 4.º ano (a. 30). O primeiro milagre teria lugar no 1.º ano, ao terminar a primeira missão (pela Páscoa do a. 27). O outro no 2.º ano, depois da eleição dos Apóstolos e do Sermão da montanha (pelo Pentecostes do a. 28).

O lugar do primeiro é incerto, tendo sido obrado numa das cidades da Galileia ou a caminho de Jerusalém, para a 1.ª Páscoa. O segundo foi efectuado em Cafarnaúm, onde Jesus estabelecera o centro da sua prègação durante a missão na Galileia, quando ali voltou depois do Sermão da montanha.

— A lepra era então, como ainda nos nossos dias, uma enfermidade que inspirava o maior horror. Entre os Judeus, o infeliz por ela atingido era obrigado ao isolamento, evitando todo o trato com os outros; pelo que, ao ver alguém aproximar-se, devia gritar: impuro! impuro! Era considerada, menos como uma doença, do que como uma impureza. E por isso o leproso do Evangelho não pede ser curado, mas purificado ou limpo... Saindo do seu retiro, ousou aproximar-se de Jesus, confiado no seu poder e na sua bondade já conhecida. Chegado junto dêle, lança-se por terra e roga-lhe humildemente que o limpe. Mostra ter uma grande confiança no poder de Jesus, pois sabe que basta um acto da sua vontade para o curar da lepra. Nem lhe pede directamente a cura, mas abandona-se ao seu querer. E Jesus, movido de compaixão, ouve a sua súplica: pondo sôbre êle a sua mão, e apelando ùnicamente para a sua vontade eficaz, cura-o imediatamente. E por uma prudente precaução, a que obedeceu a economia da sua revelação messiánica, como ainda para nos

dar exemplo de modéstia e humildade, manda-lhe guardar segrêdo: precaução aliás inútil, pois que o milagre era assaz evidente para ser manifesto a todos. Ordena-lhe ainda que vá apresentar-se ao sacerdote, que ocasionalmente estaria de serviço no Templo, o qual devia constatar a sua cura, segundo um ritual minucioso prescrito pela Lei de Moisés, oferecendo o sacrifício nela determinado. Assim daria a todos uma prova de que Jesus, embora usando de um poder sobrenatural, não se eximia nem se insurgia contra as observâncias legais.

— Depois do Sermão da montanha, entrando Jesus em Cafarnaúm, obrou o milagre da cura do servo dum centurião, comandante de uma centúria ou grupo de cem soldados, provàvelmente às ordens do Tetrarca Herodes Antipas. Êste homem era pagão de origem, mas benévolo e generoso para com os Judeus, tendo-lhes mandado construir a sinagoga. O servo, que era muito estimado do seu amo, achava-se cruelmente atormentado por um ataque de paralisia, e estava à morte... O centurião, não ousando apresentar-se pessoalmente a Jesus, por ser pagão, fêz-se recomendar a Êle por alguns dos principais dentre os Judeus, que lhe declararam que era digno de ser atendido. Jesus acolheu favoràvelmente a súplica, e dirigiu-se para casa do centurião, com os seus intercessores. Sabendo porém o centurião que Jesus se aproximava, mandou de novo os amigos ao seu encontro, dizendo-lhe que

se não incomodasse por sua causa, porque êle, como pagão, não era digno de que entrasse na sua casa. Há nas palavras do centurião um acento de viva fé e de profunda humildade. Pensando na santidade de Jesus e na própria qualidade de pagão e pecador, confessa-se indigno de O receber em sua casa. E fazendo um grande conceito do seu poder, crê que a sua presença não é necessária para obrar um milagre, bastando só uma palavra ou ordem sua para logo ser obedecido pela doença. Êle mesmo, apesar de estar sob a dependência de outros, como oficial subalterno, sabe qual é a eficácia de uma ordem, estando acostumado a dá-las e a ser prontamente obedecido. Com maior razão, Jesus pode fazer cumprir a sua vontade, tendo um poder muito maior, mesmo sôbre as doenças e os elementos, que lhe obedecerão como servidores dóceis.

Jesus mostrou-se admirado do que ouviu. E deu o maior elogio à fé do centurião, declarando que nem mesmo em Israël, isto é, entre os Judeus, onde aliás havia muita fé, não tinha achado tanta como nêste pagão. E esta insigne profissão de fé deu-lhe ocasião de predizer a conversão dos gentios, que viriam em massa tomar parte no banquete do seu reino, com os três grandes patriarcas do povo escolhido; e a exclusão dos Judeus, que eram os primeiros convidados para o banquete e como que os candidatos escolhidos para o Reino dos céus, do qual seriam rejeitados pela sua incredulidade.

A sorte dêstes será com os réprobos, nas trevas, nos lamentos e no desespêro.

Jesus concedeu ao centurião a cura imediata do servo, solicitada com tanta fé e humildade.

— O centurião e o leproso do Evangelho dão-nos um belo exemplo de oração, de fé, de confiança e de humildade... Pelo contacto de Jesus, que se opera pela Graça, pelos Sacramentos e especialmente pela Sagrada Comunhão, também nós seremos purificados da lepra dos nossos pecados e das nossas misérias morais... A Igreja faz-nos repetir antes da S. Comunhão as palavras do centurião, para nos excitar à contrição, à humildade, à fé e à confiança. Se não tivermos êstes sentimentos cristãos, também nós teremos a sorte reservada aos "filhos do reino„, dele excluidos, segundo a terrível predicção do Salvador...

# 4.° Domingo depois da Epifania

*Evangelho de S. Mateus, c. VIII, vv. 23-27:*

NAQUELE tempo, tendo Jesus entrado para uma barca, seguiram-no os seus discipulos. E eis que se fez uma grande agitação no mar, de sorte que a barca era coberta pelas ondas; Êle porém dormia. E, chegando-se a Êle os seus discipulos, acordaram-no, dizendo: Senhor, salvai-nos, que perecemos! E diz-lhes Jesus: porque sois tímidos, homens de pouca fé? Então, levantando-se, ordenou aos ventos e ao mar, e fez-se grande calma. E os homens admiravam-se, dizendo: Quem é Êste, que até os ventos e o mar lhe obedecem?

## Explicação do texto

O milagre da primeira serenação da tempestade no lago de Genesaré, narrado pelos três primeiros evangelistas, teria lugar pelo fim do 2.º ano do ministério público de Nosso Senhor, perto da festa dos Tabernáculos, ao terminar o segundo período da missão na Galileia.

Depois de ter passado um dia inteiro a ensinar o povo, em parábolas, deixou Jesus a parte ocidental do lago, dirigindo-se para o lado oposto, para a região de Gerasa, afim de ali descansar um pouco com os discípulos. Jesus entra em primeiro lugar para a barca: deferência que usam ter os barqueiros da Palestina para com as pessoas de distinção. Ajudado por êles, vai instalar-se no lugar de honra, à pôpa, ao lado do leme, sôbre um pedaço de tapete e uma almofada. Entram em seguida os discípulos. Erguem o mastro; içam a vela; e o piloto, talvez Pedro, vai para o leme, ao lado de Jesus. E a barca vai deslizando suavemente pelo lago calmo e sereno. Durante a travessia, que ordinàriamente durava cêrca de três horas, Jesus, fatigado dos trabalhos dos dias anteriores, abandonou-se ao sono.

De repente, porém, desencadeou-se uma violenta tempestade: o que sucede com freqüência naquele lago, onde as tempestades se levantam instantâneamente, sem que nada as faça prever, e se acalmam com igual rapidez.

Soprando os ventos do Norte, vindos do Hermon e montes adjadentes, e precipitando-se pelo profundo vale do Jordão, como de costume, deviam então atacar violentamente a barca pelo lado esquerdo. As vagas erguiam-se a grande altura, cobriam a barca e ameaçavam a cada instante submergi-la.

E, no meio de tudo isto, Jesus dormia tranquilamente. Êste sono de Jesus em tais circunstâncias não parece isento de mistério.

Os discípulos, homens acostumados ao mar e conhecedores de todos os seus caprichos, não se perturbaram certamente ao primeiro movimento das ondas. Mas a tempestade foi assumindo tais proporções que êles se creram em gravíssimo perigo. E resolveram-se então a acordar Jesus, que continuava a dormir, pedindo-lhe em anciosos gritos que os salvasse, pois estavam em risco iminente de perder-se... Não deixavam por certo de se mostrar surpreendidos com o sossêgo e indiferença do Mestre no perigo que a todos ameaçava.

Jesus acordou, e repreendeu afectuosamente os discípulos pela sua pusilanimidade e pouca fé. É verdade que os discípulos mostram nesta circunstância ter alguma confiança no Mestre, pois invocam o seu auxílio. Mas a sua fé estava longe de ser perfeita. Nada deviam temer, tendo Jesus consigo na barca, ainda mesmo dormindo, se tivessem uma fé plena e firme no seu poder, sabedoria e bondade.

Em seguida Jesus levantou-se, na atitude majestosa e enérgica do Senhor de todos os elementos. E como em tom ameaçador, com solenidade e fôrça, ordenou aos ventos e ao mar que se serenassem. Logo o vento cessou e, conseqüentemente, baixaram as ondas, fazendo-se imediatamente grande

calma no lago. A mudança foi tão instantânea, que surpreendeu os discípulos, que bem sabiam como as tempestades se formam e se desfazem, em condições normais. Assim manifestou Jesus o seu poder supremo, a que os mesmos elementos naturais obedeciam. Os discípulos (homens), testemunhas dêste prodígio, encheram-se de temor e admiração. Já tinham presenciado muitos milagres de Jesus. Mas nenhum os impressionara tanto como êste, nenhum lhes mostrou assim a extensão do poder do Divino Mestre. Êste prodígio serviu para firmar e aperfeiçoar a sua fé.

— Como aos primeiros discípulos de Jesus, assim também a nós o milagre da serenação da tempestade nos manifesta a sua humanidade e a sua divindade. Como homem, Jesus, fatigado do trabalho apostólico, reclina-se numa almofada e dorme profundamente. Como Deus, acalma a tempestade só com a sua palavra, fazendo-se obedecer dos elementos da natureza.

Mas o milagre narrado no Evangelho é também uma alegoria em acção, significando, segundo o comum sentir dos Santos Padres, os que Jesus Cristo não cessaria de obrar em favor da sua Igreja. Na tempestade do lago de Genesaré representam-se as perseguições e perigos que ela deveria sustentar, qual barquinha, que atravessando o mar tempestuoso dos séculos, estaria sempre em risco de naufragar... No meio de tantos perigos e tribula-

ções da Igreja, Jesus parece dormir profundamente, abandonando-a aos seus destinos. Mas não faltando à Igreja a Fé e a Oração, nunca as portas do inferno prevelacerão contra ela... Se Cristo, sofrendo com paciência o ódio e as perseguições contra a sua Igreja, parece dormir, o seu coração vigia sempre; e no tempo oportuno fará sentir a sua presença e o seu poder. No meio dos perigos que a ameaçam, a Igreja repete o grito suplicante dos apóstolos: Senhor, salvai-nos, que perecemos! E, quando tudo parece perdido, levanta-se Jesus, serena a tempestade e salva a sua barca. A Igreja, levando consigo a Jesus, jàmais poderá naufragar...

A mesma alegoria pode aplicar-se a cada uma das almas fiéis. A sua vida, com efeito, compara-se a um trajecto cheio de perigos pelo mar proceloso do mundo para o pôrto da eternidade. Nesta viagem tempestuosa, muitas vezes correrá o risco de naufragar. Mas, se a alma fiel tem consigo a Jesus, fazendo o trajecto à sua ordem e serviço, se com uma fé inabalável e uma absoluta confiança ora, pedindo o auxílio divino, nada deve temer. Jesus a salvará em todos os perigos e necessidades, no tempo e do modo mais oportunos. À sua palavra serenam-se tôdas as tempestades, na ordem espiritual como na natureza física, e faz-se uma grande calma...

# 5.º Domingo depois da Epifania

*Evangelho de S. Mateus, c. XIII, vv. 24-30:*

NAQUELE tempo propôs Jesus às multidões esta parábola: O reino dos céus é semelhante a um homem, que semeou boa semente no seu campo. Enquanto, porém, dormiam os homens, o seu inimigo veio semear por cima cizânia, pelo meio do trigo, e foi-se. E quando cresceu a herva e deu fruto, então apareceu também a cizânia. Foram os servos do senhor da casa dizer-lhe: Senhor, não semeastes boa semente no vosso campo? Como é pois que êle tem cizânia? Disse-lhes êle: Foi um inimigo que fez isso. E êles lhe disseram: Quereis, pois, que vamos colhê-la? Mas êle disse: Não, para que não suceda que, colhendo a cizânia, arranqueis com ela o trigo. Deixai crescer ambas as coisas até à ceifa; e no tempo da ceifa direi aos segadores: Colhei primeiro a cizânia, e atai-a em feixes para queimar; o trigo porém juntai-o no meu celeiro.

## Explicação do texto

A parábola da cizânia seria proposta por Jesus ao povo, que o seguia, no 2.º ano do seu ministério público, perto da festa dos Tabernáculos (a. 28). Pela mesma ocasião teve também lugar o milagre da serenação da tempestade (lido no domingo precedente).

Ensinava então Jesus na Galileia, nas margens do lago de Genesaré, perto de Cafarnaúm. Adoptara Jesus por êsse tempo um novo método de ensino, por parábolas, expondo ao público de um modo mais obscuro os mistérios do Reino de Deus. Fazendo-o assim, quiz o Divino Mestre castigar a irreflexão e apatia da multidão, subtraindo-lhe parcialmente a luz, pela sua falta de correspondência à Graça divína. Não lhes falta porém com a doutrina da Verdade. Sòmente exige dos ouvintes uma atenção e esfôrço maior, para poderem compreender essa doutrina. Aos discípulos dóceis, atentos e generosos, trata Jesus de modo diverso, instruindo-os com maior clareza sôbre as verdades enunciadas parabòlicamente.

A narração parabólica não oferece dificuldade. E o caso é inteiramente verosímil, especialmente na Palestina, onde as vinganças dos agricultores são bastante freqüentes, no corte de árvores, queima das colheitas, etc.

Um homem semeou o trigo no seu campo.

Quando todos dormiam, provàvelmente de noite, veio outro semear a cizânia pelo meio do trigo. Executou o seu crime sem ser visto. Mas tal acção não pode ser obra senão de um inimigo, mais ou menos conhecido.

A cizânia do Evangelho seria a planta que os botânicos chamam *lolium temulentum*, a *zauan* dos árabes. As suas fôlhas apenas podem distinguir-se das do trigo antes dá formação das espigas; desde então porém distinguem-se as duas coisas sem dificuldade. As suas raízes estão entrelaçadas com as do trigo, de sorte que não se poderia arrancar a primeira sem arrancar juntamente uma boa quantidade do segundo. Espera-se pois pela ceifa. E então, sendo geralmente o trigo mais alto que a cizânia, os ceifadores cortam-no por cima, ligando-o em feixes; e a cizânia é cortada também, e deixada para queimar, do que se encarregam ordinàriamente os pastores e os rapazes. Se na parábola se segue a ordem inversa, e a cizânia é cuidadosamente ligada em feixes, para ser queimada noutra parte, isso obedece à aplicação alegórica que se tem em vista.

Quando Jesus regressou naquele dia a casa, pediram-lhe os discípulos que lhes explicasse esta parábola. E o Divino Mestre deu-lhes a explicação autêntica, que lemos no mesmo Evangelho de S. Mateus, 13,37-43: — "O que semeia a boa semente é o Filho do homem. O campo é o mundo.

A boa semente são os filhos do reino. A cizânia são os filhos do mal. O inimigo, que a semeou, é o diabo. A ceifa é o fim do mundo. Os segadores são os anjos. Assim, pois, como a cizânia é colhida e queimada pelo fogo, assim também será no fim do mundo. O Filho do homem mandará os seus anjos, e colherão do seu reino todos os escândalos e os que obram a iniqüidade, e lançá-los-ão na fornalha do fogo. Ali será o chôro e o ranger dos dentes. Então os justos brilharão como o sol no reino de seu Pai. O que tem ouvidos, ouça!„

Como se deduz da explicação dada pelo Divino Mestre, esta parábola tem por fim mostrar a razão de ser da *coëxistência dos bons e dos maus* no reino de Deus começado na terra (a Igreja), *e a sorte que a Justiça divina reserva a uns e a outros no último dia,* em que fará a separação definitiva, com a recompensa dos bons e o castigo dos maus.

Jesus, o Filho do homem, semeia apenas no mundo o bom grão. Êste bom grão são aquêles que recebem a palavra divina com boa disposição e cooperam com a divina Graça, os justos. Êsses são os filhos do Reino, porque são êles os chamados ao Reino dos céus e o fruto legítimo da Graça divina. Os bons, se o são, só a Jesus o devem, pois foi Êle quem os semeou e os fêz crescer. Os maus, ou filhos do mal (ou do Maligno), são a ci-

zânia, semeada no mesmo campo, que é o mundo, onde se encontram misturados os bons e os maus. É o diabo, com os seus ministros e sequazes, quem semeia o mal no mundo.

Muitos dos servos ou ministros do Senhor não compreendem porque é que Deus tolera o mal no mundo, permite nele tantas desordens e escândalos, deixa o diabo e os seus sequazes causar na Igreja tantas ruïnas e danos. E, levados dum zêlo pouco esclarecido e prudente, quereriam arrancar imediatamente tôda a cizânia do mundo, fazer vir sôbre êle o fogo do céu. Não se lembram de que, arrancando a cizânia, prejudicariam também o trigo.

Não o pensa assim Deus. A sua paciência e tolerância, que a alguns parece escandalizar, é uma lição de admirável prudência e sabedoria, como o Salvador o fêz ver nesta parábola. É por interêsse dos mesmos bons que Deus tolera a permanência do mal no seu campo, na sua Igreja.

Mas Êle reserva-se para o fim do mundo a separação do Bem e do Mal, a manifestação suprema e definitiva da sua Justiça. Então não haverá confusão possível, e todos receberão o destino que merecem. Deus mandará os seus anjos fazer cessar todos os escândalos, isto é, tôdas as causas e ocasiões de ruína espiritual, que são o flagelo inseparável (necessário) do mundo. Horrenda é a sorte que espera os maus, ou que obraram a iniqüidade. Ao contrário, aos justos, aos filhos do

Reino, está reservada uma sorte feliz e gloriosa no reino do Pai celeste.

É verdade que Deus poderia castigar aqui os maus, sem tocar nos bons. Mas não faz ordinàriamente tal discernimento neste mundo, onde faz nascer o seu sol para todos igualmente, e a todos também faz participar dos seus castigos.

"O que tem ouvidos, ouça!„ O procedimento da sábia Providência de Deus é para todos nós um motivo de calma e confiança não só, mas uma lição de paciência, magnanimidade e tolerância. "Os maus exercem a paciência dos bons, e os bons devem trabalhar na conversão dos maus„. (Sto. Agostinho)...

# 6.° Domingo depois da Epifania

*Evangelho de S. Mateus, c. XIII, vv. 31-35:*

NAQUELE tempo propôs Jesus às multidões esta parábola: O reino dos céus é semelhante a um grão de mostarda, que um homem tomou e semeou no seu campo. É a mais pequena de tôdas as sementes; mas, depois de crescer, é maior que todos os legumes, e torna-se uma árvore, de sorte que as aves do céu vêm pousar nos seus ramos. Disse-lhes est'outra parábola: O reino dos céus é semelhante ao fermento, que uma mulher tomou e escondeu em três medidas de farinha, até que o todo foi levedado.

Tudo isto disse Jesus às multidões em parábolas, e sem parábolas nada lhes dizia, para que se cumprisse o que fôra dito pelo profeta: Abrirei a minha bôca em parábolas, publicarei coisas ocultas desde a fundação do mundo.

## Explicação do texto

Ainda que estas duas parábolas seguem ime-

diatamente a do domingo precedente no Evangelho de S. Mateus — sem todavia haver entre elas um nexo manifesto, lógico ou cronológico — é provável que elas foram pronunciadas pelo Divino Mestre noutra ocasião, como o sugere a ordem seguida por S. Lucas, que as coloca numa época posterior. Seriam talvez propostas entre a Páscoa e a Festa dos Tabernáculos do terceiro ano da vida pública de Nosso Senhor (a. 29). O local não pode determinar-se.

A *Mostarda*, de que fala a parábola evangélica, é a planta chamada pelos botânicos *brassica nigra*, campestre, que se eleva ordinàriamente a cêrca de um metro, mas em condições favoráveis atinge maior altura. Assim nas margens do lago de Tiberíades e do Jordão atinge as dimensões de uma árvore de três ou quatro metros, tornando-se mesmo lenhosa na base; de sorte que os árabes a designaram com o nome de "árvore de mostarda„. Sôbre ela vão empoleirar-se os pintassilgos em grande número... O seu grão é pequeno, mas muito activo. (Mostarda deriva de *mustum ardens*. porque os seus grãos eram preparados no vinho...„, Se o grão de mostarda não é, absolutamente falando, a mais pequena das sementes, é bastante pequena para justificar o modo de falar evangélico. Nosso Senhor dirá ainda aos discípulos: "Se tiverdes fé como um grão de mostarda„ (Mat. 17,20). E já entre os rabinos servia de termo de compara-

ção para designar uma coisa muito pequena. A comparação de Jesus é relativa. A mostarda, como semente, é a mais pequenina das que comumente se semeavam nas hortas da Palestina; como planta, atinge uma altura mais elevada que a dos outros legumes, tomando as proporções de arbusto.

A acção do *fermento*, que, em quantidade insignificante, é suficiente para levedar uma grande porção de massa, de todos é conhecida. No Oriente, mais ainda do que noutras partes, são as mulheres que amassam e cosem o pão.

A medida de farinha *(sato)* corresponderia na Palestina, segundo S. Jerónimo, a um moio e meio, ou sejam 13,131 litros. Três medidas ou satos equivaleriam, portanto, a cêrca de 40 litros (39,403). Seria uma fornada mais que ordinária, uma boa provisão. Jesus quere salientar a grande quantidade de massa levedada, dentro do verosímil.

Em dada ocasião do seu ministério público, começou Jesus a servir-se de um novo método de ensino, por meio de parábolas, tendo em conta as disposições do auditório (ver o que dissemos no domingo precedente). O Evangelho vê nisso o cumprimento de uma predicção profética. As palavras por êle citadas são do salmo 77,2, atribuído a Asaf, que é qualificado de profeta em 2 Paral. 28,30. O que o salmista dizia de si era, ao mesmo tempo, uma predicção do que faria o Messias dum modo mais perfeito, nos desígnios divinos.

— Nas duas breves parábolas, que a Igreja hoje nos faz ler, quis o Divino Mestre significar a maravilhosa fôrça *extensiva* e *intensiva* do seu Evangelho e do Reino de Deus, por Êle inaugurado sôbre a terra.

Assim como o grão de mostarda, tão pequenino quando é lançado à terra, se desenvolve e cresce até se tornar um grande arbusto, assim também o Reino de Deus (a Igreja) será humilde e modesto, quási imperceptível nos seus princípios, mas atingirá progressivamente proporções inesperadas. Êle crescerá de um modo maravilhoso, estender-se-á ràpidamente a todo o mundo e atraïrá a si todos os povos da terra. Esta prodigiosa expansão é desproporcionada com a exigüidade dos seus princípios, e deve-se ùnicamente à fôrça e virtude divina que nele se contém.

A fôrça extensiva do grão de mostarda é constatada exteriormente, na sua prodigiosa expansão; a transformação operada pelo fermento é-o sobretudo interiormente, no gôsto que êle dá ao pão. Como o fermento introduzido numa certa quantidade de massa, basta para a levedar tôda, assim o Reino de Deus (o Evangelho) tem uma virtude intensa e comunicativa capaz de penetrar e transformar tôdas as almas por êle atingidas. A sua virtude transformadora é tão misteriosa como irresistível.

As duas parábolas representam-nos, pois, de

algum modo o corpo e a alma da Igreja, desenvolvendo-se maravilhosamente, em virtude da fôrça vivificante e salutífera do Evangelho e da Graça divina, que penetram e transformam tôdas as almas, atingidas pela sua acção sobrenatural.

Admiremos, não só, o prodigioso desenvolvimento da Santa Igreja e a virtude misteriosa do Evangelho e da divina Graça, mas trabalhemos todos incansàvelmente na obra divina da propagação da Doutrina e da Moral cristã, segundo a condição de cada um... E, antes de tudo, procuremos conservar e activar em nós o fermento da Graça divina, pela Oração e pelos Sacramentos. Quanto mais desenvolvida for neste mundo a Vida divina em nós, tanto maior será a nossa glória e felicidade na Vida eterna.

Lembremo-nos ainda de que a humildade é a lei fundamental de tôdas as obras de Deus. Humildes foram os princípios da Igreja; e foi assim que ela provou a sua origem divina. É também sôbre as bases da humildade que deve fundar-se o edifício da nossa perfeição espiritual. A grandeza e firmeza da obra da divina Graça em nós será proporcionada à profundeza e solidez da nossa humildade. E assim se cumpre em cada um de nós a palavra divina: "Todo o que se exalta será humilhado, e o que se humilha será exaltado„. (Luc. 14,11).

# Domingo da Septuagésima

*Evangelho de S. Mateus, c. XX, vv. 1-16:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: O reino dos céus é semelhante a um pai de família, que saiu pela manhã cêdo a assalariar operários para a sua vinha. Tendo ajustado com os operários um dinheiro ao dia, mandou-os para a sua vinha. E, saindo pela terceira hora, viu outros que estavam na praça ociosos, e disse-lhes: Ide também vós para a minha vinha, e dar-vos-ei o que fôr justo. E êles foram. Saindo novamente pela sexta e nona hora, fêz da mesma sorte. E saindo pela undécima, encontrou outros parados, e diz-lhes; Porque estais aqui todo o dia ociosos? Dizem-lhes êles: Porque ninguém nos assalariou. Diz-lhes: Ide também vós para a vinha. Ao anoitecer, diz o senhor da vinha ao seu mordomo: Chama os operários e dá-lhes o salário, começando dos últimos até aos primeiros. Vindo pois os que chegaram pela undécima hora, receberam cada um um dinheiro. E, chegando os

primeiros, julgaram que haviam de receber mais; receberam porém também êles um dinheiro cada um. E, tendo-o recebido, murmuravam contra o pai de família, dizendo: Êstes últimos trabalharam só uma hora, e igualaste-los a nós, que suportámos o pêso do dia e o calor. Êle, porém, respondeu a um deles: Amigo, não te faço nenhum agravo. Não convieste comigo num dinheiro? Toma o que é teu, e vai-te. Quero, porém, dar a êste último tanto como a ti. Não posso eu fazer o que quero com o que é meu? Ou o teu olho é mau porque eu sou bom? Assim serão os últimos os primeiros e os primeiros os últimos. Porque muitos são chamados e poucos escolhidos.

## Explicação do texto

Jesus parece ter proposto esta parábola aos seus discípulos cêrca do fim da sua vida pública, quando pela última vez se dirigia para Jerusalém, através da Pereia, para a sua paixão. Estaria já na planície do Jordão, em frente a Jericó. Por ela quis o Divino Mestre ensinar-lhes que Deus é absolutamente livre na distribuïção dos seus dons; e que, sem faltar à justiça para com ninguém, pode tratar com liberalidade a quem lhe apraz.

Dissera Jesus aos seus discípulos, aterrorizados com a sua doutrina sôbre a dificuldade da salvação, que salvar-se era impossível aos homens, pelas suas próprias fôrças, mas que tudo era possível a Deus, isto é, com o auxílio da graça divina. Então S. Pedro preguntou-lhe, em nome de todos, que é o que êles receberiam em prémio de ter deixado tudo para O seguir. Jesus prometeu-lhes não só a êles, mas o todos os que como êles sacrificariam tudo pelo seu amor, a mais magnífica recompensa nesta vida e sobretudo na eternidade. Mas nem por isso devem julgar-se com direito a ocupar os primeiros lugares ou a uma maior recompensa. Acontecerá que os que aqui são ou parecem ser os primeiros, serão em realidade os últimos no seu reino. Deus é independente nas suas liberalidades, que são puramente gratúitas. Na recompensa será, sim, tido em conta o mérito de cada um. Êste porém depende, não da duração e dificuldade do trabalho, mas da graça divina, dos dons que Deus a cada um distribui livremente.

É todavia verosímil que por esta parábola quis o Divino Mestre também justificar perante os Fariseus, orgulhosos e invejosos, a misericórdia e liberalidade de que usava para com os pecadores, prometendo-lhes a recompensa dos justos.

*Explicação literal.* — O Reino dos céus é a Igreja, que começa na terra e atinge a sua perfeição na eternidade. O proprietário da vinha ou pai

de família oferece trabalho a todos os operários que encontra, tendo portanto que lhes dar a fazer e meios para lhes pagar. Poderia ser no tempo da vindima, quando teria trabalho para todos.

Os operários ou jornaleiros reüniam-se, como ainda hoje, na praça pública ou *bazar*, esperando ali que os fôssem assalariar para o trabalho. Ali aparecem, naturalmente, desde manhã cêdo, se querem trabalhar. Se na parábola aparecem a diversas horas do dia, e mesmo ao findar dêste, isso obedece à lição que o Senhor quere dar.

Os judeus contavam (como geralmente os antigos) as horas do dia do nascer ao pôr do sol. O dia constava de doze horas, sendo a primeira ao romper do dia e a última antes do anoitecer. Dividia-se o dia em doze partes iguais, cuja duração variava com as diversas épocas do ano. A hora undécima era 1 hora antes do sol posto.

Um *dinheiro* equivaleria mais ou menos a 1 franco ou 200 réis, da moeda antiga.

Com os primeiros operários, o proprietário ajusta o prêço do salário normal. Aos segundos, que já não podiam pretender tanto como os primeiros, promete uma paga justa. Aos terceiros e quartos faz o mesmo. Aos últimos já não fala de paga, pois nesse dia não teriam já direito senão a uma mínima recompensa.

Ao fim do dia, a paga é igual para todos, e começa ainda pelos últimos. Compreende-se o des-

contentamento e a murmnração dos primeiros. Entendem que o procedimento do proprietário não é justo. Mas, sob o ponto de vista da justiça, o proprietário é irrepreensível. Não precisa de justificar-se nem discutir com os descontentes. Delicadamente, diz a um, talvez ao mais insolente, o que tem a dizer. Satisfeitas as exigências da justiça para com todos, o senhor é livre de usar de liberalidade para quem e quando lhe apraz.

O ôlho, bom ou mau, representa o espírito ou modo como cada um vê as coisas. Aqui o ôlho mau é a figura da inveja.

A sentença "serão os últimos os primeiros e os primeiros os últimos„, que pode interpretar-se como acima dissemos, é unida à parábola por analogia do objecto, e não como conclusão da mesma parábola, que deve explicar-se independentemente dela.

O mesmo se diga, e com mais razão, da outra sentença "muitos são chamados e poucos escolhidos„. Verdadeiras e autênticas, estas sentenças do Senhor não nos oferecem no caso a indicação do sentido próprio da parábola.

*Aplicação da parábola* — Deus é o senhor da vinha. A vinha é a Igreja. Os operários são os homens. As diversas horas do dia significam as diversas idades em que cada homem é chamado por Deus a trabalhar na sua vinha. O trabalho da vinha representa as boas obras de cada um. O sa-

lário é a recompensa da vida eterna. A murmuração dos primeiros operários pode significar o escândalo daqueles que, servindo ao Senhor desde tenra idade, não achariam justo que Deus desse a mesma recompensa aos que a Êle se converteram em idade tardia, talvez na última hora da vida. (Ela representava talvez em primeiro lugar a inveja dos fariseus, escandalizados com a facilidade e liberalidade com que Jesus chamava os pecadores para o seu reino.)

A todos os homens chama Deus ao seu reino, até ao fim do mundo e em tôdas as idades da vida de cada um. Ninguém deve desesperar da salvação, porque até ao fim da vida se pode salvar. Todos receberão a mesma recompensa, quanto à substância: a vida eterna. Nisto todos são igualados, participando todos da mesma graça divina, que a todos dá o direito à mesma visão beatífica.

Todavia, nem todos os lugares são iguais no Céu. Nosso Senhor, ensina noutros lugares que o prémio será proporcionado aos méritos de cada um. Mas o mérito, se depende da cooperação do homem, tem todo o seu valor da graça divina, que lhe é dada... Jesus quis aqui insinuar sobretudo a gratuïdade da graça e da salvação, que é um dom da sua bondade e misericórdia, a qual a todos se estende sem distinção e sem limites.

Deus é sumamente justo, e a ninguém falta com a recompensa prometida. Se Êle para certas

almas usa de maior liberalidade e generosidade, ninguém tem o direito de queixar-se disso, antes todos devem bendizer os seus secretos desígnios e glorificar a sua misericordiosa bondade...

# Domingo da Sexagésima

*Evangelho de S. Lucas, c. VIII, vv. 4-15:*

NAQUELE tempo, juntando-se uma grande multidão e vindo ter com êle gente das várias cidades, disse Jesus em forma de parábola: Saiu o semeador a semear a sua semente. E, ao semeá-la, uma caiu pela borda do caminho, e foi calcada aos pés e comeram-na as aves do céu. Outra caiu sôbre a pedra e, apenas nascida, secou, porque não tinha humidade. Outra caiu no meio dos espinhos e, crescendo com ela os espinhos, sufocaram-na. E outra caiu na terra boa e, crescendo, produziu fruto centuplicado. Dizendo isto, clamava: O que tem ouvidos para ouvir, ouça. Preguntaram-lhe os seus discipulos o que significava esta parábola. Êle disse-lhes: A vós foi-vos concedido conhecer os mistérios do reino de Deus; aos outros (falo) em parábolas, para que vendo não vejam e ouvindo não compreendam. Eis o que significa a parábola: A semente é a palavra de Deus. Os que estão pela borda do caminho são os

**que ouviram; (mas) logo vem o diabo e tira a palavra do seu coração, para que não creiam e se salvem. Os que estão sôbre a pedra são os que, tendo ouvido, recebem a palavra com alegria, mas não têm raiz; os quais crêem por algum tempo, e no tempo da tentação retiram-se. A que caiu entre os espinhos são aquêles que ouviram, e se vão deixando sufocar pelos cuidados, as riquezas e os prazeres da vida; e não chegam a produzir fruto. A que está na terra boa são os que, tendo ouvido com um coração bem disposto, conservam a palavra e produzem fruto pela perseverança.**

## Explicação do texto

Jesus teria proposto ao povo esta parábola no decurso do segundo ano da sua vida pública, durante a missão na Galileia, perto da festa dos Tabernáculos (a. 28). Saíndo de Cafarnaúm, seguiu o Divino Mestre pela margem ocidental do lago de Genesaré. Tendo-se juntado muita gente, vinda das diversas cidades e aldeias, entrou numa barca, e ali sentado ensinava o povo, que estava em terra, propondo-lhe esta e outras parábolas.

A imagem é tirada da vida campestre, e era bem conhecida dos ouvintes de Jesus, dados à pesca e à agricultura. De resto, a todos é bem inteligível.

O agricultor foi semear no seu campo o trigo ou a cevada. O campo, que Jesus tinha diante dos olhos era o campo da Palestina. Devido às condições peculiares do país, poucos campos há ali na planície, onde a terra tem geralmente bastante profundidade. A maior parte deles estende-se pelas colinas e vales. Neles acham-se freqüentemente caminhos ou carreiros, que os circundam ou atravessam. A semente que sôbre êles cai, é perdida, sendo calcada pelos transeuntes ou comida pelos pássaros. Há partes cheias de pedregulho, onde a terra apenas cobre as pedras e não tem humo suficiente. A semente germina e cresce ràpidamente; mas a planta é em breve secada pelos raios do sol. Há muitas plantas espinhosas, particularmente cardos, que lançam profundas raízes entre as pedras e dificilmente podem arrancar-se. Crescendo com o grão, mas com mais rapidez e fôrça, os espinhos sufocam as outras plantas que à sua roda se desenvolveram. Há enfim terra boa, fértil, quente e húmida a um tempo, onde o grão se desenvolve favoràvelmente e produz fruto em abundância, mesmo centuplicado.

Em tais condições, compreende-se bem a diversa sorte da semente que o semeador lançou à terra.

Jesus tinha em vista um ensino superior, espiritual. E por isso Êle clamava: O que tem ouvidos para ouvir, ouça; significando assim aos ou-

vintes que deviam esforçar-se por compreender a verdade que sob esta imagem Êle queria incutir-lhes. Mas nem os mesmos discípulos de Jesus compreendiam a aplicação que o Divino Mestre queria dar a esta parábola; pelo que rogam-lhe que lha explique. Jesus dá-lhes a explicação autêntica e espiritual da parábola. Antes, porém, dá-lhes a razão porque adoptou o método de ensino por parábolas. A êles, diz, é concedido penetrar mais a fundo os mistérios do reino de Deus: porque, bem dispostos, pedem a luz necessária para conhecer as verdades divinas. Se isto não é concedido aos outros, não é porque o Divino Mestre os não queira instruir, mas só pela sua negligência, irreflexão e más disposições morais, resistindo à graça e desprezando as luzes divinas.

O Divino Mestre quis com esta parábola ensinar-nos que a *Palavra de Deus*, sendo a mesma e possuindo a mesma virtude para todos, produz contudo *diversos resultados* nos que a ouvem, dependendo êstes da *diversidade de disposições* de cada um. Assim dá Êle a razão da incredulidade de muitos, que conhecem a sua doutrina e a rejeitam, e do pouco ou nenhum fruto que muitos tiram dela, apesar de crerem. E a todos admoesta implìcitamente a afastar de si os obstáculos à salvação, para que a Palavra de Deus neles possa produzir frutos abundantes.

Quatro são as espécies de terreno, em que

caíu a semente; as quais, segundo a explicação de Jesus, representam quatro categorias de almas, que escutam a Palavra divina:

1.º — O caminho duro e pisado pelos transeuntes representa as almas indiferentes, insensíveis, levianas e dissipadas. Estas não deixam penetrar dentro a palavra de Deus, que fica à superfície. O inimigo do Bem leva depressa a boa semente, que não chega a germinar. Tais ouvintes não se convertem nem salvam pela prègação.

2.º — O terreno pedroso representa as almas superficiais e inconstantes. Nestas penetra fàcilmente a palavra divina, sendo sensíveis e impressionáveis. Mas não são corajosas e perseverantes, desanimando à mais leve dificuldade. Vêm as tentações e adversidades e, incapazes de as afrontar, abandonam tudo.

3.º — O terreno coberto de espinhos figura as almas divididas e absorvidas pelas coisas do mundo. As paixões não mortificadas, excitadas pelas seduções externas, afastam-nas do bom caminho, arrastam-nas ao mal, e sufocam assim a boa semente que nelas havia penetrado, mas não chega a produzir o seu fruto.

4.º — O bom terreno é a imagem das almas bem dispostas, generosas, constantes e perseverantes, ainda no meio das tribulações e adversidades da vida. É em tais almas que a Palavra e a Graça divina produzem fruto de salvação: mais ou me-

nos abundante, segundo a medida das disposições e da correspondência de cada um.

A Palavra de Deus, cuja aceitação e prática conduzem os homens à salvação, é liberalmente distribuída a todos os que a querem ouvir... Em todos os tempos existiram e continuarão a existir as quatro classes de ouvintes da divina Palavra, e a todos se pode aplicar a parábola do Evangelho. O fruto da divina semente depende das disposições que encontra nas almas. Procuremos evitar os obstáculos que impedem a Palavra divina de produzir em nós o seu fruto salutar: o orgulho, a dissipação, a inconstância, as paixões não mortificadas, a ambição e a solicitude desregrada pelas coisas do mundo. Sejamos constantes e perseverantes.

Todavia, as almas, como a terra, cultivam-se e transformam-se. As que não produzem fruto ou o produzem em quantidade medíocre, poderão produzí-lo em abundância, pelo trabalho paciente e constante, ajudado da divina Graça. O céu está cheio de almas que o conquistaram à fôrça. O que tantos fizeram, também nós o podemos fazer, cooperando fielmente com o auxílio divino...

# Domingo da Quinquagésima

*Evangelho de S. Lucas, c. XVII, vv. 31-43*

NAQUELE tempo, tomando Jesus consigo os Doze, disse-lhes: Eis que vamos a Jerusalém, e cumprir-se-á tudo o que está escrito pelos profetas a respeito do Filho do homem. Porque será entregue aos gentios, escarnecido, flagelado e cuspido; e, depois de o terem flagelado, dar-lhe-ão a morte; e ao terceiro dia ressuscitará. E êles nada disto compreenderam, e era esta linguagem misteriosa para êles, e não entendiam o que Êle dizia. E aconteceu que, ao aproximar-se de Jericó, estava um cego sentado à borda do caminho, pedindo esmola. Tendo ouvido a multidão que passava, preguntou o que era aquilo. Disseram-lhe: É Jesus de Nazaré que passa. E êle gritou: Jesus, filho de David, tende piedade de mim! E os que iam adiante intimavam-no a que se calasse. Mas êle gritava com muito mais fôrça: Filho de David, tende piedade de mim! E Jesus, parando, mandou que lho trouxessem. E, tendo-se

**êle aproximado, preguntou-lhe: Que queres que te faça? Respondeu êle: Senhor, que eu veja! E Jesus disse-lhe: Vê! A tua fé salvou-te. E imediatamente recuperou a vista, e seguia-o, glorificando a Deus. E todo o povo, que isto viu, deu louvor a Deus.**

## Explicação do texto

Ia Jesus pela última vez da Galileia para Jerusalém, através da Pereia, aproximando-se o têrmo da sua vida e da sua missão sôbre a terra. Era talvez já na última semana, que precedeu a da sua Paixão, quando se passou o que acabamos de ler no Evangelho dêste dia. Tendo atravessado o Jordão, Jesus tomou a direcção de Jerusalém, passando por Jericó. Os discípulos, conhecendo o ódio dos adversários do Divino Mestre na capital, receavam ir para ali. Mas Jesus, como nota o Evangelista S. Marcos (10,32), caminhava à frente dêles. Êles admiravam a sua coragem, e seguiam-no timidamente. Então Jesus, tomando-os à parte, manifestou-lhes confidencialmente a sorte que O esperava em Jerusalém. Era a quarta vez que Êle lhes anunciava a sua Paixão. Não só Êle conhecia os propósitos dos seus inimigos, mas a sua paixão e morte tinha sido predita e minuciosamente descrita pelos profetas. Vai livremente entregar-se aos seus algozes, para consumar a sua obra reden-

tora, dando assim cumprimento às profecias. Anunciando com antecedência a sua paixão e morte aos discípulos, Jesus prepara-os para aquela hora decisiva, em que a sua fé vai ser sujeita a uma rude prova. Mostra-lhes assim que, se vai morrer tão ignominiosamente — escarnecido, ultrajado e cuspido — é por sua livre vontade, ùnicamente por cumprir a vontade do Pai celeste e a missão que Êle lhe deu de salvar os homens. Mas, ao mesmo tempo que lhes anuncia a sua morte, prediz-lhes também a sua ressurreição ao terceiro dia; prevenindo-os assim do seu triunfo final, para que a fé deles não desfaleça.

O anúncio de Jesus era claro e preciso. Todavia, os discípulos não compreendiam ainda nada do que Êle lhes dizia, como observa com ênfase o evangelista. Não era, aliás, a primeira vez que Jesus lhes falava da sua paixão e morte. Mas, com as idelas que tinham do Messias, não entendiam como Êle podia daquela maneira realizar a sua missão. Era para êles um mistério. Todavia deduziam das suas palavras que a fundação do seu reino messiánico estava iminente. Longe, porém, de entrarem nas ideias de Jesus, ocupavam-se então de disputar entre si, ousando mesmo pedir ao Salvador os primeiros lugares no seu reino: do que foram por Êle severamente repreendidos.

Próximo de Jericó, obrou Jesus mais um prodígio, curando um cego, de nome Bartimeu (S. Mar-

cos). O cego estava sentado à borda do caminho, às portas da cidade, pedindo esmola, como costumam fazer os pobres da sua condição, sobretudo quando pressentem concorrência de gente... Nisto, ouve um grande ruído, da multidão que passa. Pregunta o que é aquilo. Dizem-lhe que é Jesus de Nazaré que vai passando... O cego tinha certamente ouvido já falar de Jesus e dos seus milagres. Entre o povo começava a manifestar-se a opinião de que Êle era o Messias, pelos prodígios que obrava. Todos sabiam que o Messias seria descendente de David; motivo porque o cego junta ao nome de Jesus o epíteto de Filho de David. Era êste título que recordava melhor aos Judeus as suas esperanças messiánicas. A presença de Jesus faz nascer no cego a esperança de mais um milagre em seu favor. Atreve-se a proclamá-lo em alta voz como o Messias, esperando que êste título o não deixará indiferente. Cheio de fé e confiança, apela para a piedade de Jesus, pedindo-lhe indirectamente uma prova da sua misericórdia, a cura. Os que iam à frente do cortejo, incomodados certamente com os gritos do cego, procuravam impor-lhe silêncio. Mas a coragem e confiança do cego eram maiores do que o zêlo dos que pretendiam fazê-lo calar. Grita ainda com mais fôrça: Filho de David, tende piedade de mim. A sua perseverança foi logo recompensada.

Jesus, movido de compaixão, pára e manda

que o tragam junto de si, como se faz naturalmente a um cego. Pregunta-lhe então o que quere, para o obrigar assim a precisar a sua petição e manifestar publicamente a sua fé. E, sem outras condições nem demoras, cura-o imediatamente, apenas pela virtude da sua palavra: Vê! E elogia a sua fé e confiança, que fizeram que a sua petição fôsse atendida.

O cego, tendo assim recobrado milagrosamente a vista, manifesta o seu reconhecimento, dando glória a Deus e seguindo a Jesus, talvez como discípulo.

O povo, movido pelo prodígio de que fôra testemunha, louvava também ao Senhor.

— O cego de Jericó dá-nos um exemplo do que pode a fé, a confiança em Deus e a oração perseverante. Tais foram os motivos que moveram o Salvador a obrar o milagre da sua cura.

Êle é ainda a figura da humanidade, cega espiritualmente, envolta nas trevas da ignorância e do êrro, que Jesus veio curar, restituindo-lhe a luz da Verdade divina. Devemos agradecer-lhe ter-nos dado a capacidade de ver. Todavia, apesar de gozarmos da luz da Fé, ainda muitos obstáculos, as nossas paixões e fraquezas, nos impedem de ver claramente; e muitas vezes fechamos os olhos à luz...

À imitação do cego de Jericó, devemos recorrer a Jesus, pedindo-lhe que cure a nossa cegueira.

Jesus, sempre cheio de misericórdia, está pronto a ouvir-nos; mas exige de nós uma fé viva e corajosa, uma confiança ilimitada e a oração perseverante.

Tendo, como aquêle pobre cego, chegado até Jesus e sido por Êle iluminados, sejamos-lhe agradecidos, e não nos separemos jàmais dele. Vendo a Jesus, sigamo-lo constantemente, dando sem fim glória a Deus...

# 1.º Domingo da Quaresma

*Evangelho de S. Mateus, c. IV, vv. 1-11:*

NAQUELE tempo foi Jesus conduzido ao deserto pelo Espírito, para ser tentado pelo diabo. E, depois de jejuar quarenta dias e quarenta noites, teve enfim fome. E, chegando-se o tentador, disse-lhe: Se és o Filho de Deus, dize que estas pedras se tornem em pães. Êle porém respondeu-lhe: Está escrito: Não só de pão vive o homem, mas de tôda a palavra que sai da bôca de Deus. Então, levando-o o diabo para a cidade santa, colocou-o sôbre o pináculo do templo e diz-lhe: Se és o Filho de Deus, deita-te abaixo, porque está escrito: Êle dará ordens aos seus anjos em teu favor, e tomar-te-ão nas mãos, para que não tropeces com o teu pé contra a pedra. Disse-lhe Jesus: Está também escrito: Não tentarás ao Senhor teu Deus. De novo o transportou o diabo a um monte muito elevado e, mostrando-lhe todos os reinos do mundo e a sua glória, disse-lhe: Dar-te-ei tudo isto se, prostrando-te, me adorares. Então diz-

**-lhe Jesus: Retira-te, Satanás, porque está escrito: Adorarás o Senhor teu Deus e a Êle só servirás. Deixou-o então o diabo, e vieram os anjos, que o serviam.**

## Explicação do texto

Depois de ter iniciado a sua vida pública pelo Baptismo no Jordão, provàvelmente pelo outono do a. 26 da nossa era, Jesus retirou-se ao deserto, dirigido pelo Espírito Santo, cuja plenitude repousava sôbre Êle. Êste deserto seria o deserto de Judá ao oriente de Jerusalém ou, mais precisamente, o monte da Quarentena (Qarantal), a oeste de Jericó, segundo uma antiga tradição.

Antes de dar princípio ao seu ministério, quis Jesus preparar-se para êle no recolhimento, na oração e na penitência. Ali passou quarenta dias e quarenta noites no jejum mais rigoroso, sem comer coisa alguma em todo êste tempo, evidentemente por uma assistência divina peculiar. Vivia ùnicamente da vida do Espírito, ocupado só das coisas de Deus.

No fim dêste tempo Jesus teve fome. Esta era de todo natural; e só por intervenção do Espírito foi suspensa até o momento, em que devia dar ocasião à tentação diabólica.

Jesus quis ser tentado pelo demónio. As suas tentações não podiam ser interiores e espontâneas,

como as nossas. que vêm da nossa concupiscência, das nossas paixões. Em Jesus a parte superior da alma tinha um domínio absoluto sôbre a parte inferior. Só poderia ser tentado por sugestão exterior, do demónio, e quando o quizesse, sem que a tentação pudesse excitar a menor perturbação no seu espírito, penetrando embora até à imaginação. Mas Jesus permitiu que o demónio O tentasse, fazendo-se nisto mesmo semelhante a nós — fora o perigo de pecar. Assim convinha, como diz S. Paulo (Hebr. 2,18; 4,16), embora a vitória não fôsse duvidosa.

Ao principiar o seu ministério público, devia Jesus aceitar as suas penosas condições por um acto positivo, que a tentação tornou mais preciso e firme; como na véspera da sua morte devia aceitar beber o cális da amargura até ao fim, não obstante a repugnância da parte inferior da sua humanidade ou da sensibilidade.

Mas as tentações de Jesus têm ainda um carácter *messiánico*. O demónio, suspeitando da natureza da pessoa e da missão de Jesus, mas sem conhecer a realidade do mistério da Incarnação, tenta induzi-lo ao mal e ganhá-lo ao seu serviço, impedindo a sua obra redentora e frustrando a realização dos desígnios divinos.

O diabo tomou ocasião da fome de Jesus para o tentar, sugerindo-lhe que fizesse um milagre para a satisfazer. Muito havia já na pessoa de Jesus,

que levava o demónio a suspeitar da sua qualidade de Filho de Deus. Vendo-o porém agora padecer fome, como homem, tenta seduzi-lo a usar desordenadamente do seu poder, para ocorrer à própria necessidade, subtraindo-se à disposição divina. Mas o Salvador responde-lhe com um texto da Sagrada Escritura (Deut. 8,3), mostrando-lhe que, no que toca à sua subsistência, o homem deve abandonar-se ao cuidado de Deus e confiar-se à sua Providência.

O demónio usou de um novo artifício. Conduziu Jesus (não sabemos como) a um ponto elevado do Templo (talvez o ângulo sudeste do átrio, que dominava o vale do Cedron), e sugeriu-lhe que se deitasse dali abaixo, apoiando esta sugestão nas palavras da Escritura, que asseguram o justo da protecção divina em todos os seus caminhos. Por êste acto de ostentação vã e de presunção, Jesus excitaria talvez o entusiasmo do povo, que o aclamaria como Messias. Mas iria contra a vontade divina, segundo a qual Jesus devia seguir no desempenho da sua missão o caminho penoso do apostolado, do trabalho, das humilhações e do sacrifício... Jesus responde-lhe por outro texto da Sagrada Escritura (Deut. 6,16), segundo o qual o homem não deve tentar a Deus; deve conformar-se à sua vontade, e não pretender impôr-lhe a sua.

Levando então Jesus a um monte elevado, o

demónio fez-lhe contemplar, como em extenso panorama, todos os reinos do mundo, com todo o seu fausto, grandezas e seduções. Por permissão divina, o diabo dominava no mundo, escravo do pecado. Em vez de conquistar o mundo com tantos trabalhos e sacrifícios, poderia Jesus, seguindo a sugestão do demónio, obter fàcilmente o domínio sôbre êle, com a condição de reconhecer a suzerania daquele que era seu senhor, com cujo auxílio conseguiria tôda a glória mundana. Tal é a verdadeira pretensão do demónio: colocar-se no lugar de Deus, fazer-se adorar e servir. O Senhor responde decisivamente à tentação com as palavras da S. Escritura (Deut. 6,13), segundo as quais Deus é o único Senhor, a quem devemos adorar e servir. Jesus veio ao mundo precisamente para destruir o reino do demónio e restabelecer o reino de Deus.

Vencido assim o demónio, e talvez convencido de que em realidade tratava com o Filho de Deus, deixou de tentar Jesus, até ao momento em que faria um último esfôrço para o desviar da sua missão, quando devia consumá-la, na véspera da sua Paixão. E vieram os anjos servir o seu Senhor. Repelido o pão do diabo, vem-lhe do Céu o pão dos anjos.

— O exemplo do Divino Mestre deve levar-nos a santificar o tempo da *Quaresma* com a oração e a penitência. Para isso nos faz hoje a Igreja ler êste trecho evangélico... Sendo tentado como nós, Je-

sus mostrou-nos com o seu exemplo o modo de vencer as tentações: como devemos preparar-nos para elas, combatê-las e esperar confiadamente o auxílio divino, que não nos faltará no tempo oportuno. As tentações de Jesus correspondem, em suma, às que ocasionam todos os pecados; a sensualidade, a vã glória, a ambição e o orgulho.

Mas, sobretudo, o exemplo de Nosso Senhor ensina-nos que a vontade de Deus deve ser a norma única da nossa vida; e que devemos conseguir o nosso fim último pelo caminho da abnegação e do sacrifício, do qual o demónio tenta afastar-nos. Jesus venceu tôdas as sugestões diabólicas apelando para a vontade divina. Tal deve ser também o princípio que nos deve manter firmes e constantes no Dever e no Sacrifício, no meio de tôdas as tentações e provas da nossa vida mortal...

# 2.° Domingo da Quaresma

*Evangelho de S. Mateus, c. XVII, vv. 1-9:*

NAQUELE tempo tomou Jesus consigo Pedro, Tiago e João, irmão dêste, e levou-os áparte a um monte elevado. E transfigurou-se diante dêles: a sua face tornou-se brilhante como o sol e os seus vestidos brancos como a neve. E apareceram-lhes Moisés e Elias falando com Êle. E disse Pedro a Jesus: Senhor, bom é que estejamos aqui. Se quereis, faremos aqui três tendas, uma para Vós, outra para Moisés e outra para Elias. Falando êle ainda, eis que uma nuvem brilhante os cobriu. E (ouviu-se) uma voz da nuvem, dizendo; Êste é o meu Filho amado, em quem pus a minha complacência; ouvi-O. Tendo ouvido isto, os discípulos cairam com a face por terra, e foram dominados de um grande temor. E veio ter com êles Jesus e, tocando-os, disse: Levantai-vos e não temais. E, erguendo os olhos, não viram ninguém mais que Jesus. E, descendo êles do monte, ordenou-lhes Jesus: Não digais a ninguém o que

**vistes, até que o Filho do homem ressuscite dos mortos.**

## Explicação do texto

A transfiguração de Nosso Senhor Jesus Cristo, cuja narração lemos no Evangelho de hoje, teve lugar no último ano da sua vida pública, pelo fim da longa missão na Galileia; provàvelmente depois da festa da Dedicação, pelo mês de Dezembro (do a. 29). O lugar do prodígio foi um monte elevado, como referem os evangelistas. Êste monte seria, segundo uma antiga tradição sem rival, o Tabor, de de 562 m. de altura, na Galileia, a cêrca de três horas de distância de Nazaré, para Sudeste; isolado no meio das planícies circunjacentes, de acesso difícil, maravilhoso oásis de solidão e silêncio, donde se disfruta um vasto panorama; hoje coroado por uma formosa basílica.

Seis dias antes estava Jesus com os discípulos em Cesareia de Filipe, onde teve lugar a memorável confissão de S. Pedro, que o Senhor recompensou com a promessa de que lhe daria as chaves do Reino dos céus, conferindo-lhe, isto é, a plenitude da jurisdição na sua Igreja, que sôbre êle seria fundada. Depois disso, começou o Salvador a anunciar aos apóstolos a sua próxima paixão. Êles porém não compreendiam êste mistério, chegando S. Pedro a tentar dissuadi-lo de tais projectos. Pelo

que foi severamente repreendido pelo Senhor, que então instruiu os discípulos da necessidade da renûncia e abnegação total, devendo cada um tomar a própria cruz em seu seguimento. Para que porém a sua paixão não fôsse para êles causa de escândalo e desfalecimento na fé, quis Jesus revelar a alguns dêles, embora parcial e transitòriamente, a sua glória divina.

Tendo atravessado a parte superior da Galileia, instruindo os seus discípulos, chegou Jesus à raíz da montanha. Deixando em baixo os restantes, tomou consigo três dentre êles, Pedro, Tiago e João; e, provàvelmente ao cair da tarde, subiu com êles o monte, para passar ali a noite em oração.

Para serem testemunhas da sua gloriosa transfiguração, escolheu Jesus êstes três discípulos, os mais fiéis, que Êle durante a sua vida pública distinguiu com particulares favores, e que mais tarde deviam ser também testemunhas da sua cruel agonia no Jardim das Oliveiras. Eram, efectivamente, aquêles que depois haviam de presencear as dores e humilhações da sua humanidade, os que mais precisavam de serem para isso preparados pela vista da sua glória. Além de que, querendo Jesus que fôsse guardado o segrêdo da visão até ao fim da sua vida, não o confiou mais que a um número restrito dos seus.

Estando Jesus em oração, foi transfigurado. A glória, de que sempre gozava a sua alma em vir-

tude da união com a divindade, transpareceu momentâneamente no seu corpo santíssimo. Esta glória era natural à humanidade do Senhor; e era contida miraculosamente, segundo a economia do mistério da Incarnação. Neste momento manifestou-se exteriormente, dum modo admirável, aparecendo o seu rosto e os seus vestidos iluminados dum fulgurante esplendor.

A esta manifestação da divindade do Salvador juntou-se o testemunho dos dois representantes da Antiga Aliança: Moisés, representando a Lei, que preparou o Evangelho, e Elias, o representante dos profetas e precursor do Messias. Aparecendo também os dois numa forma gloriosa, testificaram a dignidade sobrehumana de Jesus, e tratavam com Êle da sua paixão e morte, para dar cumprimento à Lei e às profecias;—testemunho particularmente acomodado às disposições dos apóstolos... No Tabor não se perde de vista o Calvário. E o mistério da Transfiguração é ordenado ao mistério da Redenção.

Os discípulos, que haviam sucumbido ao sono, acordaram, e viram a gloriosa transfiguração do Divino Mestre. Extasiado com esta visão, S. Pedro acha que ali se estava bem, melhor do que em nenhuma outra parte. E oferece-se para construir ali três tendas: para Jesus e para os dois ilustres personagens da visão, como se lá devessem ficar para sempre. Mais tarde confessava o mesmo

Apóstolo que naquela ocasião não sabia o que dizia (Marc. 9,6).

Uma nuvem os cobriu então, símbolo da presença da Majestade divina. E da nuvem saiu uma voz, pela qual o Pai celeste, pelas mesma palavras com que o fizera outrora no Jordão, proclama que Aquêle é o seu Filho muito amado, gerado de tôda a eternidade, em quem põe tôda a sua amorosa complacência. E exorta os apóstolos, e por êles a todos os futuros discípulos, a escutá-lo humilde e submissamente.

Ouvindo esta voz, os discípulos ficaram aterrorizados e cairam com a face por terra, atitude da mais humilde adoração e reverência, perante a aparição divina.

Jesus aproximou-se dêles, deu-lhes a mão e incutiu-lhes confiança. A visão tinha desaparecido. O Divino Mestre retomara a sua aparência habitual.

Ao romper do dia, desceu Jesus da montanha com os discípulos, proïbindo-lhes que contassem a ninguém o que haviam visto. Não convinha aos desígnios de Deus que fôsse revelado o mistério durante a vida mortal do Salvador. Por agora, basta que os três discípulos estejam assim preparados e confortados, na previsão dos mistérios do Getsémani e do Calvário.

— Recordando-nos hoje êste mistério, a Igreja quere prevenir em nós, como Jesus nos discípulos, o escândalo da Cruz, cuja memória celebraremos

no fim da Quaresma. Êle deve confirmar a nossa fé na divindade de Jesus e alentar a nossa confiança. Assim preparados, devemos adorar os desígnios divinos, que excedem a nossa compreensão, sujeitando-nos humildemente ao seu supremo beneplácito.

A transfiguração de Jesus é também o exemplo e o penhor da nossa própria transfiguração gloriosa. Se, a exemplo do Salvador, seguirmos fielmente o caminho do Sacrifício, em absoluta conformidade com a vontade divina, purificados pela penitência, também seremos com Êle glorificados. Esta admirável transfiguração opera-se em nós agora pela Graça e na eternidade pela Glória.

A perspectiva da glória final deve inspirar-nos esperança e alento no caminho do Sacrifício e da Penitência (quaresmal)...

# 3.° Domingo da Quaresma

*Evangelho de S. Lucas c. XI, vv. 14-28:*

NAQUELE tempo expulsava Jesus um demónio, e êste era mudo. E, tendo expulsado o demónio, falou o mudo, e admiravam-se as turbas. Alguns dentre êles, porém, disseram: É por virtude de Beelzebub, o príncipe dos demónios, que Êle expulsa os demónios. E outros, tentando-o, pediam-lhe um sinal do céu. Mas Êle, conhecendo os seus pensamentos, disse-lhes: Todo o reino dividido contra si mesmo, é devastado, e as casas caem uma sôbre a outra. Se também Satanás é dividido contra si mesmo, como subsistirá o seu reino? Porque vós dizeis que eu expulso os demónios por virtude de Beelzebub. Mas, se eu expulso os demónios por virtude de Beelzebub, por virtude de quem os expulsam os vossos filhos? Por isso, êles mesmos serão os vossos juizes. Se porém eu expulso os demónios pelo dedo de Deus, é que portanto chegou para vós o reino de Deus. Quando o forte armado guarda o seu palácio, em

paz está o que êle possui. Mas quando vier e o vencer um mais forte do que êle, tira-lhe tôdas as armas, em que êle punha a sua confiança, e distribui os seus despojos. O que não está comigo, está contra mim, e o que não junta comigo, dissipa. Quando o espírito imundo sair do homem, vai por lugares áridos, procurando repouso; e, não o achando, diz: Voltarei para a minha casa, donde saí. E, vindo, encontra-a varrida e ornada. Então vai, e traz consigo outros sete espíritos piores do que êle e, entrando, estabelecem ali a sua morada; e o último estado daquele homem torna-se pior que o primeiro. Dizendo Êle isto, uma mulher, erguendo a voz dentre a multidão, disse-lhe: Feliz o ventre que Vos trouxe e os peitos em que bebestes o leite! Respondeu Êle: Antes, felizes os que ouvem a palavra de Deus e a põem em prática.

## Explicação do texto

Os factos e instruções do Divino Mestre, que lemos no Evangelho de hoje, parece deverem colocar-se pelo fim do segundo ano da sua vida pública (entre a festa dos Tabernáculos de 2.º ano e a Páscoa do 3.º). O lugar é incerto. Seria provàvelmente na Judeia.

Jesus expulsou de um homem um demónio, que o impedia de falar; pelo que o evangelista lhe chama um demónio mudo. Expulso o demónio, o homem falava livremente; do que se admirou a multidão, testemunha do facto, vendo o poder extraordinário de Jesus, a ponto de se preguntarem se não seria Êle o Filho de David.

Nem todos, porém, reconheciam o milagre, nem tiravam dele a mesma conclusão. Havia entre os presentes muitos incrédulos ou adversários declarados do Divino Mestre. Dêstes, uns tiraram daqui ocasião para caluniar perversamente o Senhor, pretendendo que Êle obrava tais prodígios por virtude de Beelzebub, príncipe dos demónios, com quem mantinha portanto relações. (Beelzebub, nome do deus de Acaron, significa "senhor das moscas„; nome mudado depois em Beelzebul, "senhor do estêrco„). Outros, tendo êste milagre por insuficiente, pediam-lhe um prodígio vindo do céu, como os que outrora obrara o profeta Elias. Queriam assim provar a extensão do seu poder; que depois poderiam igualmente atribuir ao mesmo demónio. Jesus, porém, que não fazia milagres por ostentação ou para satisfazer uma vã curiosidade, não quis fazer a vontade a êstes. Quis, porém, desfazer a calúnia dos primeiros, não só porque era tão ultrajante para a sua santidade, mas ainda para lhes mostrar que Êle veio a êste mundo para triunfar plenamente do poder diabólico.

Jesus recorda aos seus adversários uma lei certa da experiência comum: um reino dividido entre si, em estado de anarquia, não pode subsistir muito tempo, mas é votado fatalmente à ruina. E, fazendo a aplicação desta verdade ao caso, mostra-lhes que a acção, que Êle exerce contra os demónios, não pode vir do consentimento deles. Isso seria Satanás fazer guerra a si mesmo e destruir o seu próprio reino. Se Jesus subtrai ao demónio as suas vítimas, não pode ser seu cooperador.

Em seguida, faz-lhes observar que com tal imputação se mostravam parciais e injustos.

Êles tinham também os seus exorcistas, que diziam combater os malefícios de Satanás; e ninguém os acusava de terem pacto com êle. Porque, pois, lhe faziam a Êle esta acusação? Os outros, fazendo a mesma coisa, depõem em seu favor, condenando assim a calúnia e os caluniadores. Êles são os seus juízes.

Portanto, é pelo poder de Deus que Êle expulsa os demónios. A sua vitória sôbre o poder dos demónios é universal, irresistível e decisiva. Isto prova que é chegado o reino de Deus, que a obra redentora do Messias é começada.

Para conseguir esta plena vitória sôbre o demónio, Jesus devia ser mais poderoso do que êle. A sua missão era destruir o domínio do demónio sôbre o mundo, em que êle até então governava pacìficamente. Com o seu poder divino, penetra

nos domínios de Satanás, arranca-lhe as armas, distribui os seus despojos, liga-o e torna-o assim impotente. Assim vencido Satanás, o seu reino é destruido, e vai ceder o lugar ao reino de Deus.

Nesta luta entre Jesus e Satanás, para o estabelecimento do reino de Deus, ninguém pode ficar indiferente. É indispensável tomar partido por um ou por outro. Quem não está com Jesus, está com o demónio contra Êle. Quem está com Jesus, junta frutos abundantes para a vida eterna. Os outros dissipam os bens recebidos de Deus.

Todavia, Satanás, uma vez expulso dos seus domínios, não descansará até voltar para êles. Não achando repouso fora da casa que ocupava, tentará voltar para ela. Para isso empregará todos os esforços. Sendo a ocupação da casa bem cuidada mais difícil, vai procurar ajuda. Traz consigo sete demónios piores do que êle, e, todos juntos, ocupam a casa, donde será mais difícil expulsá-los. Assim, pior será a sorte daqueles que êle dominar novamente... Por esta parábola, quis Jesus significar, primeiramente, que aquêles que se recusavam a reconhecer a vinda do reino de Deus e o sentído da sua luta contra o império do demónio, expõem-se a cair numa situação pior do que a que tinham antes. Tal é também a sorte daqueles que resistem à Fé e à Graça divina, que desprezam os dons de Deus, ou que decaem do estado de graça. Maior

será a sua ruína e pior a sua condição, recaindo em poder do demónio.

Uma piedosa mulher, comovida com as palavras de Jesus, prestou pública homenagem à sua Mãe, que deu o ser a um tal Filho. Jesus não recusa esta felicitação, nem para si nem para sua Mãe Santíssima. Elevando-se porém à ordem sobrenatural, em que aliás Maria se distinguiu sôbre todos, proclama felizes as almas rectas e fiéis, que escutam atentamente a palavra de Deus e a põem em prática. De nada serve reconhecer a dignidade do Salvador para aquêles que não ouvem e se não submetem plenamente aos seus ensinos.

— Esta lição do Evangelho, ao mesmo tempo que nos faz ver a incredulidade e a dureza dos inimigos de Jesus, que resistem à sua prègação e aos seus milagres, recorda-nos que Êle é o nosso Salvador, que veio ao mundo destruir o poder do demónio e restabelecer o reino de Deus nas almas dos que nele crêem.... Livres do poder de Satanás pela virtude do nosso Redentor, guardemo-nos bem de resistir à sua graça e decair do estado de liberdade em que Êle nos colocou, para não nos expormos a uma maior desgraça e a uma condição mais difícil, senão desesperada. Para isso, sejamos atentos a ouvir com docilidade a palavra de Deus e procuremos praticá-la fielmente. Só assim seremos do número daqueles que Jesus proclama verdadeiramente felizes...

# 4.º Domingo da Quaresma

*Evangelho de S. João, c. VI, vv. 1-15:*

NAQUELE tempo passou Jesus à outra parte do mar da Galileia ou de Tiberíades. E seguia-o uma numerosa multidão, porque viam os milagres que Êle obrava sôbre os enfermos. E Jesus subiu ao monte, onde estava sentado com os seus discípulos. Estava próxima a Páscoa, a festa dos Judeus. Erguendo, pois, Jesus os olhos e vendo que vem ter com Êle uma grande multidão, diz para Filipe: Como compraremos pães para êstes comerem? Dizia porém isto para o provar, pois que Êle sabia o que ia fazer. Respondeu-lhe Filipe: Nem duzentos dinheiros de pães lhes bastam para receber cada um um pedaço. Diz lhe um dos seus discípulos, André, o irmão de Simão Pedro: Há aqui um rapaz que tem cinco pães de cevada e dois peixes; mas que é isto para tantos? Disse Jesus: Fazei sentar a gente. Havia muito feno naquele sitio. Sentaram-se pois os homens, em número de cêrca de cinco mil. Tomou então Jesus os pães e, tendo

dado graças, deu-os aos que estavam sentados; e igualmente dos peixes, quanto queriam. E, quando estavam satisfeitos, diz aos seus discípulos: Juntai os bocados que sobraram, para que nada se perca. Juntaram-nos, portanto, e encheram doze cestas de pedaços dos cinco pães de cevada, que sobraram aos que tinham comido. Ora aquêles homens, vendo o milagre que Êle fêz, diziam: Êste é verdadeiramente o Profeta, que deve vir ao mundo. Sabendo, pois, Jesus que estavam no propósito de vir buscá-lo à fôrça para o fazer rei, retirou-se de novo para o monte, Êle só.

## Explicação do texto

O milagre da primeira multiplicação dos pães, narrado por todos os evangelistas, teria lugar no terceiro ano do ministério público de Nosso Senhor, pouco antes da festa da Páscoa, terceira e penúltima antes da sua Paixão.

Informado da morte do Precursor, deixou Jesus a Galileia, onde governava Herodes, dirigindo-se primeiro a Jerusalém, para a festa dos Tabernáculos (2.º ano). Regressando de Jerusalém, reüniu na Pereia os 72 discípulos, mandados em missão, e na Galileia os 12 Apóstolos, missionando também. Com êles atravessou o lago de Genesaré, chamado

também de Tiberíades, dirigindo-se para a parte oriental do lago, para a região de Betsaida, na Tetrarquia de Filipe. Ao mesmo tempo que evitava o perigo da tirania de Herodes, o qual tinha mandado matar o Baptista e suspeitava que Jesus era o mesmo ressuscitado, quiz também proporcionar aos discípulos, regressados da sua missão, um pouco de repouso na solidão... Mas o povo, que o seguia em massa, vendo a direcção que Êle tomara, foi por terra sair-lhe ao encontro; de sorte que, ao desembarcar, encontrou-se Jesus rodeado de numerosa multidão. O Senhor, movido de compaixão, esquecendo a sua comodidade e a dos seus discípulos, passou o dia ensinando o povo e curando os enfermos, provendo assim às suas necessidades espirituais e corporais.

Quando o dia já ia declinando, pelo meio da tarde, pensavam os discípulos em despedir o povo, e lembraram ao Senhor que era tempo de os fazer partir, afim de poderem procurar-se alimentos nas aldeias próximas, porque estavam num lugar deserto... Mas Jesus respondeu-lhes que não era preciso, que lhes dessem êles mesmos de comer; propondo-lhes isto como coisa fácil, embora sabendo bem que não estavam para isso preparados.

Dirigindo-se a Filipe, preguntou-lhe Jesus como se poderiam comprar pães para aquela gente tôda. O apóstolo respondeu-lhe que nem com duzentos dinheiros poderia obter-se um pedaço de pão para

cada um... De facto, duzentos dinheiros equivaleriam a cêrca de quarenta mil reis, da moeda antiga. Para cinco mil homens, sem contar as mulheres e as crianças, era bem pouco. E certamente não tinham tanto os apóstolos. Jesus, porém, queria experimentar e provocar a fé dos discípulos. Êle sabia o que ia fazer. Os discípulos, tendo inquirido, não acharam ali mais do que cinco pães e dois peixes. Pães de cevada, que era o pão dos pobres.

Mandou o Divino Mestre aos discípulos que fizessem sentar o povo no feno, por grupos de 100 ou 50, para serem servidos com ordem e maior facilidade. Logo obedeceram. Tomou então Jesus os pães nas suas mãos, pronunciou sôbre êles a oração de acção de graças, abençoou-os, partiu-os e mandou-os distribuir pelo povo. O mesmo fêz com os peixes. E os pães e os peixes foram-se multiplicando prodigiosamente nas suas mãos, de sorte que todos receberam quanto quizeram, com fartura.

Mandou depois o Senhor juntar os restos que ficaram, "para que nada se perca„: bela lição de economia e de respeito pelos dons de Deus... Foram os discípulos, cada um com a sua cesta, que os judeus levavam consigo nas viagens, e juntaram doze cestas de fragmentos. Assim podiam todos constatar a grandeza do prodígio.

Os evangelistas, que narram todos êste milagre, dizem concordemente que eram cinco mil ho-

mens; acrescentando S. Mateus, "sem contar as mulheres e as crianças„, segundo o modo de contar dos judeus.

O milagre da multiplicação dos pães, maior sensìvelmente do que os outros já obrados por Jesus, encheu de admiração e entusiasmo aquela boa gente. E, à vista de tal poder taumatúrgico, concluíram que Jesus era o Profeta anunciado por Moisés, que devia vir ao mundo, isto é, o Messias.

O Divino Mestre pressentiu as conseqüências do entusiasmo popular. Não tardariam a proclamá-lo Rei de Israël, dignidade que, segundo a concepção vulgar, pertencia ao Messias, que devia triunfar dos inimigos do povo escolhido... Mas Jesus, cujo reino não era dêste mundo, mandou imediatamente aos discípulos que entrassem na barca e passassem à outra margem do lago, subtraindo-os assim ao contágio do entusiasmo do povo. E retirou-se só ao monte, para passar a noite em oração.

— Êste milagre é um dos mais retumbantes e evidentes testemunhos do poder de Jesus. Com êle quis o Divino Mestre incutir aos homens a fé na sua pessoa e missão divina.

Nele nos mostra o Salvador igualmente a sua bondade e misericórdia. Não só cuida das nossas necessidades espirituais, mas ainda das corporais; provando assim que nada do necessário faltará àquêles que procuram o reino de Deus.

Mas a razão especial por que Jesus obrou então êste milagre, deu-a Êle a entender pouco depois, quando, vindo a multidão de novo ter com Êle a Cafarnaúm, lhes disse que deviam procurá-lo, não pelo pão material, mas pelo pão da vida eterna, que Êle lhes havia de dar. E fêz então a solene promessa da Eucaristia... A multiplicação dos pães, sendo um facto real, é também a figura do Pão Eucarístico. A relação entre os dois milagres aparece no facto mesmo e no modo como Jesus o realizou. Num e noutro milagre, ambos tão grandiosos, mostra o Salvador igualmente a sua omnipotência e a sua infinita caridade.

Recordando-nos hoje o primeiro, a Igreja quere preparar-nos desde já para celebrar dignamente o segundo, a Instituïção da SS. Eucaristia. Sigamos a Jesus como aquêle povo; procuremos alimentar-nos com freqüência do Pão Eucarístico; e proclamemos Jesus Rei dos nossos corações. Esta é a realeza que Êle não rejeita nem cede a ninguém...

# Domingo da Paixão

*Evangelho de S. João, c. VIII, vv. 46-59:*

NAQUELE tempo dizia Jesus aos Judeus: Quem dentre vós pode argüir-me de pecado? Se vos digo a verdade, porque é que vós me não acreditais? O que é de Deus, escuta as palavras de Deus. Por isso vós não escutais, porque não sois de Deus. Responderam-lhe os Judeus: Não dizemos nós com razão que tu és um Samaritano e tens demónio? Respondeu Jesus: Eu não tenho demónio, mas honro a meu Pai, e vós ultrajais-me a mim. Eu porém não procuro a minha glória; há quem a procure e faça justiça. Em verdade, em verdade vos digo: Se alguém guardar a minha palavra, não verá jamais a morte. Disseram-lhe os Judeus: Agora conhecemos bem que tens demónio. Abraão morreu e os profetas; e tu dizes: Se alguém guardar a minha palavra, não provará jamais a morte. Acaso és tu maior do que o nosso pai Abraão, o qual morreu? E os profetas morreram também. Quem te fazes a ti mesmo? Res-

pondeu Jesus: Se eu me glorificar a mim mesmo, a minha glória nada é. Quem me glorifica é o meu Pai, o qual vós dizeis que é o vosso Deus. E vós não o conheceis; mas conheço-o Eu. E, se eu disser que o não conheço, serei como vós um mentiroso. Mas conheço-o, e guardo a sua palavra. Abraão, vosso pai, com júbilo desejou ver o meu dia; e viu-o, regozijando-se. Disseram-lhe então os Judeus: Ainda não tens cincoenta anos, e viste Abraão? Disse-lhes Jesus: Em verdade, em verdade vos digo, antes que existisse Abraão, sou Eu. Então apanharam pedras para lhe atirar. Mas Jesus escondeu-se, e saiu do Templo.

## Explicação do texto

A lição do Evangelho dêste dia faz parte de uma violenta discussão entre Jesus e os seus adversários (que S. João designa com o nome de Judeus), a qual teve lugar no átrio do Templo de Jerusalém, passada a festa dos Tabernáculos (de 15 a 22 do 7.º mês — fim de Setembro ou princípio de Outubro) o último ano da vida pública de Nosso Senhor (a. 29).

Fôra Jesus a Jerusalém ocultamente com os seus discípulos, evitando o cortejo de peregrinos da Galileia, para celebrar aquela solenidade judaica.

Tendo chegado já no meio da oitava da festa, passou os últimos dias dela ensinando o povo no átrio do Templo, e respondendo aos ataques dos seus inimigos, que foram aumentando sempre de violência; tentando êles então apoderar-se do Divino Mestre, mas em vão, porque ainda não tinha chegado a sua hora, em que permitiria aos seus adversários executarem os seus tenebrosos desígnios. Depois da festa, tentaram comprometê-lo com o caso da mulher adúltera; mas o Salvador desfêz com facilidade os seus planos. Depois disso, dirigiu Jesus novamente aos Judeus vários discursos, defendendo a sua autoridade e condenando severamente a incredulidade dos seus adversários, que, em vez de receberem a sua doutrina, tentavam tirar-lhe a vida. Pretendendo ser filhos de Abraão, não imitavam as suas obras; antes, imitando as obras de Satanás, mostravam ser seus filhos. Se Jesus dirigiu nesta ocasião aos seus inimigos as palavras mais severas, a malícia deles atingiu os últimos limites da audácia. O Salvador dá provas de uma dignidade e coragem superiores, ao mesmo tempo que duma calma imperturbável e duma extrema paciência.

O Divino Mestre desafia os seus inimigos a que o acusem de algum pecado, de algum vício na sua doutrina ou na sua vida. Se, pois, têm tôdas as garantias de que lhes ensina a Verdade, porque não crêem nele? Se não crêem nele, é porque não

são guiados pelo Espírito de Deus, e portanto não são de Deus. Aliás prestariam ouvidos à palavra de Deus, que Êle lhes anunciava.

Os Judeus, não podendo de outra sorte responder ás justas acusações que Jesus lhes dirigia, responderam-lhe com os mais grosseiros ultrajes. Chamam-lhe Samaritano (tipo de impiedade e estupidez) e possesso do demónio. Ao primeiro insulto Jesus nada responde, porque era uma calúnia manifesta. Ao segundo responde, porque era um ultraje à sua santidade e à de Deus, seu Pai. Não é um possesso do demónio, Êle que só busca a honra de Deus. Não se defende a si mesmo (como homem), porque não busca a própria glória. Seu Pai se encarregará de o glorificar e de lhe fazer justiça de tais ultrajes, pois que desprezá-lo a Êle era desprezar e ultrajar ao mesmo Deus.

Jesus afirma então solenemente o seu poder e a sua missão de dar aos homens a vida eterna. Os que nele crerem e forem fiéis à sua doutrina, não morrerão, mas viverão eternamente. Os adversários, porém, crendo que Jesus falava da vida temporal, insistem então nos seus insultos. Só um possesso poderia atribuir-se um privilégio, de que nem Abraão nem os profetas usufruiram, a imortalidade e o poder de a conferir aos outros. Quem se fazia Êle, pois? Era Êle Deus, o único imortal?

Jesus responde que, se se atribuísse a si mesmo, sendo homem, o poder e a dignidade que reclamou

para si, a sua glória seria vã. Quem a manifesta, porém, é o seu Pai, Aquêle que êles diziam ser o seu Deus; mentindo, porque pelas suas obras mostravam não o conhecer, não reconhecendo Aquêle que era o seu Filho. Jesus porém conhece-O, porque participa da sua mesma natureza; e guarda a sua palavra. cumprindo nêste mundo a missão que Êle lhe deu e fazendo-o conhecer aos homens. Se dissesse outra coisa, seria mentiroso como êles. Mas as suas palavras, vindo de Deus, são a mesma verdade.

Em seguida, Jesus afirma que em realidade é maior que Abraão. O grande Patriarca dos Judeus, com efeito, regozijou-se com a promessa e a esperança da sua vinda ao mundo, que lhe foi divinamente revelada.

Os Judeus preguntaram-lhe irònicamente se tinha visto Abraão, na sua vida mortal (tendo vivido cêrca de dois mil anos antes). E Jesus afirma categóricamente a sua preexistência com relação a Abraão; isto é, a sua existência eterna, como Deus, antes de assumir a humanidade na Incarnação. Bem compreenderam os adversários o alcance da afirmação do Salvador, pois que logo quiseram lapidá-lo como blasfemo, usurpando um atributo divino. Jesus, porém, ocultou-se entre a multidão e retirou-se do Templo. Ainda não era chegada a sua hora.

— A Igreja, ao iniciar o período consagrado

especialmente à veneração da Paixão do Senhor, recorda-nos neste Evangelho: *a)* os *insultos*, de que Jesus foi objecto da parte dos Judeus, cujo ódio ia crescendo e preparando o desenlace final; — *b)* a sua *humilhação*, tendo de ocultar-se e fugir, para não ser lapidado; — *c)* a sua *inocência e santidade* irrepreensíveis; — *d)* a sua admirável *mansidão e paciência*; — *e)* a sua absoluta *confiança em Deus*, cuja glória só procurava; — *f)* a afirmação clara da sua *divindade* e da sua missão de nos comunicar a vida eterna.

Jesus esconde-se agora. Mas, quando chegar a hora determinada, dará por nós a sua vida, livre e generosamente, por amor nosso e pela glória de Deus...

# Domingo de Ramos

*Evangelho de S. Mateus, c. XXI, vv. 1-9:*

NAQUELE tempo, aproximando-se Jesus de Jerusalém e chegando a Betfagé sôbre o monte das Oliveiras, mandou então dois discípulos, dizendo-lhes: Ide à povoação que está diante de vós, e logo encontrareis uma jumenta presa e com ela um jumentinho; soltai-os e trazei-mos. E, se alguém vos disser alguma coisa, direis: O Senhor precisa deles, e logo os mandará. Isto sucedeu para que se cumprisse o que foi dito pelo profeta: Dizei à filha de Sião: Eis que o teu rei vem a ti manso e montado sôbre um jumento, sôbre um jumentinho, filho da jumenta. Indo pois os discípulos e fazendo como lhes mandou Jesus, trouxeram a jumenta e o jumentinho, e colocaram sôbre êles os seus mantos e fizeram-no montar em cima. E a numerosa multidão estendeu os seus mantos no caminho; outros cortavam ramos das árvores e espalhavam-nos no caminho. E as turbas que o seguiam, clamavam dizendo: Hosana ao Filho de

**David! Bendito seja o que vem em nome do Senhor! Hosana nas alturas!**

## Explicação do texto

O Evangelho de hoje (recitado na função da Bênção dos Ramos ou no fim da Missa privada) narra-nos a entrada triunfal do Salvador em Jerusalém, aclamado pela multidão como o Messias de Israel, ao principiar a semana memorável, em que devia consumar a sua missão redentora. É o ponto culminante do seu triunfo perante o povo, ao mesmo tempo que o prognóstico imediato da sua Paixão e Morte.

Era, ao que parece, num domingo, o primeiro dia da semana, na qual caía a Páscoa. Já muita gente acorria de tôdas as partes para esta solenidade.

Saindo de Betânia, Jesus dirige-se para Jerusalém, subindo o monte das Oliveiras. Ao chegar diante da aldeia de Betfagé, sôbre o monte, que dominava a leste a Cidade Santa, Jesus mandou dois dos seus discípulos àquela localidade buscar uma jumenta com o seu jumentinho, que ainda não havia sido montado por ninguém.

Era de prever que os donos dos animais estranhassem a acção dos discípulos e lhes pedissem satisfações. Por isso Jesus lhes manda que, se forem interrogados por alguém, digam que o Senhor

precisa deles, e que em seguida os devolverá ao seu proprietário. Nestas palavras mostra Jesus que queria dar um carácter peculiar a esta sua entrada em Jerusalém. Se Êle precisava daqueles animais era para dar cumprimento ao que a seu respeito dissera o profeta Zacarias (9,9), como o fazem salientar os evangelistas (Mat. e João).

Os discípulos cumpriram as ordens de Jesus, encontrando a jumenta e o jumentinho à porta de uma casa, no caminho, e trazendo-os sem que ninguém se opusesse a isso, apesar de ter sucedido o que o Divino Mestre previra. Talvez o dono fôsse discípulo de Jesus; ou, pelo menos, honrava-se de lhe prestar aquêle pequeno serviço. Os discípulos colocaram os seus mantos sôbre os animais, e o Salvador montou sôbre o jumentinho, acompanhado pela mãe dêste.

Se esta maneira de entrar em Jerusalém não era ridícula — porque no Oriente o jumento era um animal mais estimado do que entre nós, sendo mesmo outrora montado por ilustres personagens, era todavia um triunfo modesto, simples e pacífico, como convinha ao carácter da realeza de Jesus-Messias, e como o descreveram os profetas

Da multidão que acompanhava Jesus, vinda de Betânia e das aldeias vizinhas, uns estendiam os seus mantos pelo caminho, para que Jesus passasse sôbre êles como sôbre um tapete: prática desde onga data conhecida dos Judeus; e que era uma

honra extraordinária para distinguir as personagens ilustres. Outros cortavam ramos de oliveira e outras árvores, e com elas juncavam o caminho por onde o Salvador devia passar. E de Jerusalém muitos peregrinos, que ali estavam já para as festas da Páscoa, tendo sabido que Jesus se dirigia para a cidade, saíram ao seu encontro com palmas nas mãos.

E o cortejo dirigiu-se triunfante para a cidade, aclamando a multidão com júbilo e entusiasmo Jesus como o Messias, o Filho de David e rei de Israel, repetindo as aclamações usadas nas ocasiões solenes, na festa da Páscoa e dos Tabernáculos: — *Hosana* — *Viva*, *Salvè*, ao Filho de David! Glória ao Messias, ao Rei que vem em nome do Senhor! Hosana no mais alto dos céus! — E assim entrou Jesus na cidade, entre as delirantes aclamações do povo.

Êste triunfo irritou em extremo os inimigos de Jesus, que temiam as conseqüências do entusiasmo popular, que êles não podiam conter. Alguns fariseus dirigiram-se ao Divino Mestre, para que fizesse cessar aquelas aclamações, para êles tão irritantes. Mas Êle respondeu-lhes que, se os homens se calassem, aclamá-lo-iam as pedras. Os desígnios divinos deviam necessàriamente realizar-se, sem que ninguém o pudesse impedir.

— Jesus, que durante a sua vida pública evitou sempre cuidadosamente tôdas as manifestações

ruidosas e que noutras ocasiões se opôs, mesmo pela fuga, a que o povo o aclamasse rei, não se prestando a secundar os projectos quiméricos de restauração nacional, que iam fermentando na multidão, quis neste dia ser reconhecido e aclamado pùblicamente como o Messias de Israel, na mesma capital da nação, provocando o entusiasmo popular e apresentando-se com os caracteres sob os quais o triunfo do Messias tinha sido predito pelos profetas... Não o fêz por ostentação, ou ambição de grandezas, tão contrárias ao seu carácter, mas unicamente porque assim o exigia a glória de Deus e o bem dos homens. Era chegado o momento em que Êle vinha a Jerusalém para consumar a sua missão messiánica e redentora. Devia antes disso apresentar-se públicamente como o Messias, afim de que os Judeus não tivessem excusa de o não terem reconhecido como tal. Escolheu porém a ocasião menos propícia para que o povo no seu entusiasmo fôsse levado a uma empreza contrária aos seus desígnios, tentando uma restauração nacional. A sua aclamação messiánica fêz-se às portas de Jerusalém, sob as vistas da Autoridade romana, que vigiava todos os movimentos populares... Apresentou-se assim como Messias humilde e pacífico, cuja missão não era estabelecer um reino temporal, mas reinar sôbre as almas, conquistadas pelos seus trabalhos e pelo seu sangue.

Mostrou assim o Salvador que podia dispor

da multidão, quando queria; e que livremente renunciava às suas aclamações para se sujeitar a uma morte ignominiosa.

Enfim, no seu triunfo, quis Jesus fazer-nos ver como a glória do mundo é efémera. O mesmo povo, que hoje o aclama como Messias, passados poucos dias pedirá em altos gritos a sua morte numa cruz. Êle, porém, não se deixava iludir pelos aplausos dos homens. No meio do seu triunfo, não esquecia o desenlace final. E, menos preocupado com o seu destino do que com a cegueira do seu povo infiel e ingrato, chorava sôbre a cidade deïcida, a que tão triste sorte era reservada, por não querer aproveitar-se da salvação que Êle viera oferecer-lhe...

# Domingo de Páscoa

*Evangelho de S. Marcos, c. XVI, vv. 1-7:*

**NAQUELE tempo Maria Madalena, Maria mãe de Tiago e Salomé compraram aromas para irem embalsamar Jesus. E pela manhã cedo, no primeiro dia da semana, vão ao sepulcro, nascido já o sol. E diziam entre si: Quem nos há de remover a pedra da porta do sepulcro? E, tendo olhado, vêem que a pedra fôra removida; ela era, de facto, muito grande. E, tendo entrado no sepulcro, viram um jovem sentado à direita, vestido duma túnica branca; e ficaram cheias de espanto. Êle porém diz-lhes: Não vos espanteis. Procurais Jesus de Nazaré, que foi crucificado? Ressuscitou, não está aqui. Eis o lugar onde o puseram. Mas ide, e dizei aos seus discípulos e a Pedro: Êle vos precede na Galiléia; ali o vereis, como vo-lo disse.**

## Explicação do texto

O Evangelho do Domingo de Páscoa refere-nos a *ida ao sepulcro* das santas mulheres, ao

amanhecer do dia da Ressurreição, a consoladora *notícia* dêste facto que lhes deu o anjo, que ali se encontrava, e a *mensagem* que deviam transmitir aos apóstolos da parte de Jesus, de que foram incumbidas pelo mensageiro celeste.

Descido da Cruz, foi o corpo do Salvador embalsamado por José de Arimateia e Nicodemos, rápidamente e dum modo provisório, porque começava logo o dia de Sábado, em que tudo devia estar acabado, pois êsse dia exigia dos Judeus um repouso absoluto. E assim foi o corpo colocado no sepulcro, à entrada do qual foi colocada, como de costume, uma grande pedra roliça. As santas mulheres, que assistiam, fixaram-se em tudo atentamente, porque tinham a intenção de voltar depois ali, para completarem o embalsamento do corpo do Senhor. Isto nos mostra claramente quanto elas, bem como os discípulos de Jesus, estavam longe de esperar a sua ressurreição.

De facto, uma vez terminado o repouso sabático, ao pôr do sol dêsse dia, as santas mulheres foram comprar uma boa provisão de aromas ou óleos perfumados. E logo ao romper do primeiro dia da semana, correspondente ao nosso domingo, dirigiram-se ao sepulcro, para pôrem em execução os seus piedosos projectos, ignorando ainda as precauções tomadas pelo Sinédrio, isto é, que a sepultura fôra selada e guardada pelos soldados.

Pelo caminho, preocupava-as a dificuldade de remover a pedra que fechava a entrada do sepulcro, trabalho certamente superior às suas fôrças. Quem lhes faria êsse serviço naquela hora matinal? Ao chegarem porém ao sepulcro, olharam, e viram que a pedra, que era muito grande, estava removida, deixando aberta a entrada para a câmara interior. Jesus saíra do sepulcro antes que a pedra fôsse removida, pelo dote da subtileza do seu corpo glorioso; como depois entrou no Cenáculo com as portas fechadas. Mas um anjo veio depois remover a pedra, para indicar que o sepulcro estava vazio.

Maria Madalena, vendo o sepulcro aberto, pensou que êle tinha sido violado e o corpo de Jesus roubado. E correu logo a avisar os apóstolos S. Pedro e S. João (Jo. 20,2). As outras santas mulheres, mais senhoras de si, entraram no vestíbulo do sepulcro, que precedia a câmara funerária, e viram o anjo, ficando aterrorizadas. Mas o anjo tranquilizou-as, dizendo-lhes afàvelmente que era inútil procurar ali a Jesus de Nazaré, que fôra crucificado. Não estava ali, pois tinha ressuscitado. E para que cressem na boa notícia, que lhes dava, convidou-as a verificar com os próprios olhos que o sepulcro estava vazio, indicando-lhes o lugar onde o corpo de Jesus fôra depositado.

Em seguida, mandou-lhes o anjo levar aos discípulos a boa nova, dizendo-lhes que Jesus os es-

perava na Galileia, onde lhes apareceria, como lho havia dito. Esta notícia deve ser comunicada especialmente a Pedro, como chefe dos apóstolos, e como para lhe assegurar que o seu Mestre lhe perdoara a sua fraqueza e lhe conservava o mesmo amor e os privilégios antes conferidos.

Mas as santas mulheres, como refere o mesmo evangelista, apenas saídas do sepulcro, fugiram espavoridas e não disseram nada a ninguém. E só mais tarde, acalmadas, se decidiram a cumprir a missão de que foram incumbidas pelo anjo. Os apóstolos, porém, não deram crédito às suas palavras, tendo-as por alucinadas ou delirantes. Tal era o estado de espírito dos discípulos do Senhor.

Pouco depois, aparecia Jesus mesmo à Madalena, que voltara ao sepulcro (Jo. 20,11 seg.). E, pelo fim da tarde, apareceu aos dois discípulos de Emaús, a S. Pedro e por fim a todos os apóstolos reünidos. Êstes, ao seu aparecimento, julgaram ainda que se tratava de um espírito ou fantasma. Só depois de o terem visto detidamente, ouvido e apalpado, é que êles enfim creram que Jesus havia verdadeiramente ressuscitado.

— A Ressurreição de Jesus é *o mais sólido fundamento da Fé cristã*... Foi ela a prova mais decisiva que Jesus deu da sua missão divina. Com êste milagre, o maior de todos, pôs Êle o sêlo mais indelével à sua personalidade, à sua doutrina e à sua obra messiánica. Foi ela que transformou o

espírito dos apóstolos, e que abalou e conquistou o mundo ao Evangelho.

Por isso, justamente a Ressurreição de Jesus era *a base e o principal objecto da prègação apostólica*; sendo considerada como uma verdade tão necessária que sem ela vã seria a prègação dos apóstolos e a fé dos cristãos. Em todos os tempos foi ela a arma mais poderosa da apologética cristã; e ainda hoje e sempre será a base mais firme e inabalável da nossa Fé.

A Ressurreição de Jesus é ainda uma parte integrante e *o complemento necessário da nossa Redenção.* Morrendo por nós, o Salvador associou-nos à sua expiação. Ressuscitando por nós, associou-nos à vida divina, da qual é para nós a fonte perene. É pela nossa fé e união com Cristo ressuscitado que nós somos salvos, à sua imagem e semelhança, conforme a doutrina do Apóstolo S. Paulo.

Ela é ainda *o penhor seguro da nossa ressurreição corporal*, a garantia da plena realização da nossa esperança. Se Cristo ressuscitou, também nós havemos de ressuscitar em Cristo, com Cristo e por Cristo: isto é, em virtude da nossa união com Êle num só Corpo, do qual Êle é a Cabeça, e pela sua virtude e merecimentos.

A festa da Páscoa e da Ressurreição do Senhor é por excelência a festa do triunfo da Fé, da Esperança e da Vida Sobrenatural e Eterna...

# Domingo «in albis» (ou da Pascoela)

*Evangelho de S. João, c. XX, vv. 19-31:*

NAQUELE tempo, sendo já tarde naquele dia, o primeiro da semana, e estando fechadas as portas onde se achavam os discipulos, pelo temor dos Judeus, veio Jesus e colocou-se no meio, e disse-lhes: Paz a vós! E, dizendo isto, mostrou-lhes as mãos e o lado. Alegraram-se pois os discipulos vendo o Senhor. Disse-lhes então Jesus novamente: Paz a vós! Como me enviou o Pai, também eu vos envio a vós. E, dizendo isto, assoprou sôbre êles, e diz-lhes: Recebei o Espírito Santo. Àquêles cujos pecados perdoardes, são-lhes perdoados; e aos que os retiverdes, são retidos. Mas Tomé, um dos Doze, o chamado Dídimo (Gémeo), não estava com êles quando veio Jesus. E diziam-lhe os outros discipulos: Vimos o Senhor. Êle porém disse-lhes: Se eu não vir nas suas mãos a marca dos cravos e meter o meu dedo no lugar dos cravos e introduzir a minha mão no seu lado, não

**crerei. E oito dias depois, de novo estavam dentro os discípulos, e com êles Tomé. Veio Jesus, estando as portas fechadas, e pôs-se no meio, e disse: Paz a vós! Depois diz a Tomé: Chega o teu dedo aqui e vê as minhas mãos, e chega a tua mão e mete-a no meu lado; e não sejas incrédulo, mas crente. Respondeu Tomé, dizendo-lhe: Meu Senhor e meu Deus! Diz-lhe Jesus: Porque me viste, Tomé, creste. Felizes os que, não vendo, creem. Muitos outros prodígios fêz Jesus diante dos discípulos, que não estão escritos neste livro. Êstes, porém, foram escritos para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus, e para que, crendo, tenhais a vida em seu nome.**

## Explicação do texto

A primeira aparição do Salvador aos seus discípulos reünidos, que lemos no Evangelho de hoje, efectuou-se no mesmo dia da Ressurreição, sendo já tarde. Naquele primeiro dia tinha Jesus aparecido à Madalena, a Pedro e aos dois discípulos de Emaús. À noite estavam os discípulos juntos no Cenáculo, contando-se como S. Pedro tinha visto o Senhor ressuscitado, e referindo os de Emaús a aparição de que foram favorecidos. Tôdas as por-

tas estavam cuidadosamente fechadas, por mêdo das autoridades judaicas, que certamente naquelas circunstâncias não veriam com bons olhos aquêle ajuntamento. De repente, apareceu Jesus no meio deles. Creram os discípulos ver um espírito ou fantasma, e ficaram aterrorizados. Jesus, porém, saüdando-os, como de costume, com as palavras "Paz seja convosco„, tranquilizou-os. Censurou a sua incredulidade, porque não tinham prestado fé às primeiras testemunhas da sua ressurreição nem às suas palavras. Mostrou-lhes então as mãos, os pés e o lado com os sinais das chagas, convidando-os a tocá-los. Para lhes tirar tôdas as dúvidas e provar-lhes que lhes aparecia com o seu corpo real, e não em espírito, comeu com êles. Compreende-se quão grande seria a alegria dos discípulos quando assim adquiriram a plena certeza de que o Mestre havia ressuscitado.

Repetindo a sua saüdação "Paz seja convosco„, Jesus confirmou-os definitivamente na sua missão apostólica, devendo ser os continuadores da sua obra sôbre a Terra e seus enviados, como Êle o fôra do Pai. E, soprando sôbre êles, para significar o dom que ia conferir-lhes, comunicou-lhes o Espírito Santo, em vista do poder especial que neste momento lhes doou. Êste foi o poder sacramental de perdoar e reter os pecados, em nome de Deus, segundo as disposições de cada um. Assim instituiu Nosso Senhor o Sacramento

da Penitência, fazendo os apóstolos e os seus sucessores juizes das consciências.

Desta vez não estava com os demais apóstolos S. Tomé. Procurando depois aquêles convencê-lo de que tinham visto o Senhor ressuscitado, êle não acreditava no que lhe diziam. Para crer punha as suas condições realistas; declarando com insistência que não acreditaria na ressurreição do Mestre sem ter verificado por suas próprias mãos a realidade do seu corpo, com as cicatrizes da sua paixão. Nesta atitude de incredulidade e ceticismo perseverou durante tôda uma semana, sem participar da alegria dos outros apóstolos.

Oito dias depois, na oitava da Ressurreição, teve lugar a segunda aparição do Salvador a todos os discípulos reünidos com S. Tomé, como lemos no Evangelho dêste dia. Jesus entrou novamente no recinto com as portas fechadas, e saüdou do mesmo modo os discípulos, com palavras de paz e confiança: "Paz seja convosco„. E, voltando-se para Tomé, oferece-se para satisfazer às condições por êle propostas e à sua curiosidade temerária. E ao mesmo tempo repreende-o docemente pela sua dureza e incredulidade. Não sabemos se o apóstolo chegou ou não a fazer a prova da realidade, como pretendia. Não foi talvez preciso tanto. A sua resistência foi depressa vencida e as suas dúvidas dissipadas. Impressionado de ver que Jesus repetia as suas mesmas palavras e da sua censura,

e convencido da realidade da ressurreição do seu corpo, proclamou altamente a sua Divindade, com aquelas palavras, que são uma sucinta mas inérgica confissão de fé: "Meu Senhor e meu Deus!„.

A incredulidade do apóstolo S. Tomé, culpável sem dúvida — pelo que foi repreendido pelo Senhor, serviu todavia para atestar mais claramente a verdade e realidade da ressurreição corporal de Jesus, e confirmar assim a nossa Fé.

O Senhor censurou S. Tomé de ter crido (na sua divindade) só depois de ter verificado com os seus sentidos a realidade do cumprimento das suas palavras. Mas a Fé apoia-se numa luz sobrenatural, que é muito mais clara e firme do que o testemunho dos sentidos. "Bem-aventurados, diz, os que creem sem terem visto„. É a felicidade de todos os verdadeiros crentes, que, prescindindo do testemunho dos sentidos e das provas exteriores, se deixam dòcilmente penetrar pela luz divina e pela claridade interior da Fé. E a Fé verdadeira é a base da Justificação e de tôdas as Bem-aventuranças.

O Evangelista fecha o seu livro, indicando que não referiu todos os milagres obrados pelo Salvador, mas que fêz neles uma selecção, com o fim de confirmar os seus leitores na fé em Jesus, Messias e Filho de Deus, para assim possuírem, por Êle, a vida eterna.

— Esta lição do S. Evangelho põe em evidência a *realidade da ressurreição corporal* de Jesus

e, em parte, os dotes dos corpos gloriosos (subtileza). Mostra-nos a *grandeza da missão* dos enviados de Jesus, ministros e cooperadores da sua obra, aos quais Êle conferiu o seu mesmo poder, de perdoar os pecados e santificar as almas. *A incredulidade de S. Tomé*, como o seu acto de Fé depois da repreensão do Salvador, deve levar-nos a aderir à Palavra Divina, uma vez conhecida, sem hesitação, prestando a Deus o humilde obséquio da nossa razão e dos nossos sentidos. Vivamos da Fé! Só assim poderemos conseguir a verdadeira felicidade, recebendo o prémio da homenagem, que prestamos a Deus e ao seu Filho Jesus, que veio ao mundo ensinar-nos o caminho da Verdade, da Vida e da Bem-aventurança eterna...

# 2.º Domingo depois da Páscoa

*Evangelho de S. João, c. X, vv. 11-16:*

**NAQUELE tempo disse Jesus aos Fariseus: Eu sou o bom Pastor. O bom pastor dá a sua vida pelas suas ovelhas. O mercenário e que não é pastor, a quem não pertencem as ovelhas, vê vir o lôbo, e abandona as ovelhas e foge; e o lôbo arrebata e dispersa as ovelhas. O mercenário porém foge porque é mercenário e não se interessa pelas ovelhas. Eu sou o bom Pastor, e conheço as minhas ovelhas, e as minhas ovelhas conhecem-me a mim; como o Pai me conhece, assim também eu conheço o Pai; e dou a minha vida pelas minhas ovelhas. E tenho outras ovelhas que não são dêste redil; também a essas eu devo conduzir, e ouvirão a minha voz, e será um só rebanho e um só pastor.**

## Explicação do texto

O discurso do Divino Mestre, de que faz parte a lição do Evangelho de hoje, foi por Êle

pronunciado em Jerusalém, no último ano da sua vida pública, pouco depois da festa dos Tabernáculos (11 a 22 do 7.º mês — fim de Setembro ou princípio de Outubro). Por esta ocasião, foi Jesus violentamente atacado e gravemente ofendido pelos seus adversários, que por fim o quiseram lapidar por se dizer Deus. Êle, porém, ocultou-se entre a multidão, e retirou-se do Templo, porque ainda não era chegada a sua hora. Passando então por um cego de nascença, Jesus curou-o milagrosamente: facto êste que mais confundiu e exasperou os fariseus. Tendo o cego confessado corajosamente que Jesus era o Messias, enviado de Deus, foi por êles expulso da Sinagoga. Desta sorte mostravam aquêles, que se diziam os pastores de Israel, que repudiavam a Verdade, com a qual deviam nutrir o rebanho, e negligenciavam a salvação dêste, desprezando-o. Não assim o Divino Mestre, que jàmais abandona as ovelhas ou as deixa perder-se por descuido seu. Encontrando o pobre cego, consolou-o e revelou-se-lhe como o Filho de Deus. E ao mesmo tempo repreendeu a cegueira e obstinação dos fariseus.

Por meio de uma parábola tirada da vida pastoril, denunciou-os implicitamente como ladrões do rebanho, e não pastores, pois que não entravam no redil pela porta. Por isso as ovelhas os não seguiam, mas fugiam deles, não os reconhecendo como pastores. A porta do redil, diz Jesus, é Êle

mesmo. Todos os que entrarem por esta porta, serão pastores autorizados, que conduzirão as ovelhas às pastagens fartas; pois que Êle veio para que todos tivessem a vida abundantemente.

Enfim o Divino Mestre (no trecho que hoje lemos) apresenta-se sob a figura do *Bom Pastor*, o qual não só conhece as suas ovelhas, as chama pelo seu nome e as leva ao pasto, mas por elas dá ainda a própria vida, para as salvar. Já no Antigo Testamento os profetas haviam anunciado o Messias sob a imagem do pastor, que viria salvar o seu rebanho, o povo escolhido.

Há no Evangelho dêste dia três afirmações principais de Nosso Senhor, que oferecem assunto para três considerações práticas:

1.º — Jesus é o Bom Pastor. O bom, o verdadeiro Pastor, diz Êle, *dá a vida pelas suas ovelhas*. A esta suprema dedicação do verdadeiro Pastor, digno dêste nome, opõe-se o procedimento do mercenário, o qual apascenta o rebanho, não por dedicação, mas ùnicamente por interêsse próprio. Êste, como as ovelhas não são suas e lhe não interessam, abandona-as na ocasião do perigo, deixando que os lôbos as dispersem e devorem. Não o fêz assim o Salvador, que livre e desinteressadamente, fiel à missão que recebeu do Pai, ofereceu a sua vida em holocausto, para salvar as suas ovelhas e lhes dar a vida divina, a Graça, em superabundância...

2.º — Jesus é o Bom Pastor, que *conhece as suas ovelhas;* e *estas conhecem-no a Êle.* Há uma constante e íntima familiaridade entre o pastor e as ovelhas. Participando por Êle da vida sobrenatural, da Graça divina, as ovelhas são chamadas e admitidas à união íntima e habitual com Jesus, o seu Pastor: união que se revela num conhecimento cordial, confiado e amoroso. A perfeição e intimidade dêste conhecimento tem o seu exemplar sublime no conhecimento mútuo perfeito do Pai e do Filho, das Pessoas da Santíssima Trindade. Conhecendo o Pai, para procurar a sua glória e cumprir a sua vontade, Jesus veio ao mundo, para dar a vida pelas suas ovelhas...

3.º — O Salvador acrescenta: *Tenho ainda outras ovelhas que não são dêste redil.* Também essas lhe pertencem, também essas deve o Bom Pastor apascentar. Ouvindo a sua voz, elas virão fazer parte do seu rebanho; o qual será um só, como um só é o Pastor. O redil, de que fala Jesus. era o povo de Israel, escolhido por Deus e sob a sua especial protecção, ao qual o Salvador dispensou os primeiros cuidados e chamou antes de todos à sua Igreja. As ovelhas, que não pertenciam ao rebanho e erravam ainda sem pastor, eram os gentios. Também êstes, depois de ouvirem a sua voz, pela prègação do Evangelho, deviam fazer parte do seu rebanho. O Senhor quere a salvação de todos os homens, e por todos deu a própria vida.

Todos são chamados ao seu aprisco, para formar um só corpo místico, a Igreja, de que Êle é a Cabeça, o Chefe e o Pastor...

— O exemplo de Jesus, o Bom Pastor, recorda a todos os *pastores das almas* os graves deveres do seu cargo, que, exercendo em nome do Pastor Supremo, devem cumprir no mesmo espírito e com o mesmo zêlo e fidelidade. A êles cumpre conhecer, amar, defender e alimentar as suas ovelhas, e dar ainda por elas a própria vida, se isso fôr necessário.

As *ovelhas* de Jesus devem também conhecer e amar o seu Pastor, ouvir atentamente a sua voz, e segui-lo fiel e constantemente.

É dever de todos nós trabalhar, na medida das próprias fôrças, para a realização dos desejos e desígnios de Jesus, procurando a conversão de todos aquêles que ainda estão fora do seu rebanho, isto é, do corpo ou da alma da Igreja; os infiéis, os ímpios ou incrédulos, os pecadores. Todos devem igualmente trabalhar pela união e concórdia das ovelhas, no seio da Igreja, para que esta seja em verdade, segundo a vontade do Bom Pastor, um só corpo com um só coração e uma só alma — "Cor unum et anima una„. É preciso que o rebanho de Cristo, na sua totalidade como nas suas partes, seja estreitamente unido na Fé e na Caridade...

# 3.º Domingo depois da Páscoa

*Evangelho de S. João, c. XVI, vv. 16-22:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Um pouco e já me não vereis, e de novo um pouco e ver-me-eis, porque vou para o Pai. Disseram, pois, dentre os seus discípulos uns para os outros: Que é isto que Êle nos diz: Um pouco e não me vereis, e de novo um pouco e ver-me-eis? e: Porque vou para o Pai? Diziam, pois: Que é êste pouco, de que Êle fala? Não sabemos o que quere dizer. Conheceu Jesus que queriam interrogá-lo, e disse-lhes: Inquiris entre vós a respeito do que eu disse: Um pouco e não me vereis, e de novo um pouco e ver-me-eis. Em verdade, em verdade vos digo que chorareis e vos lamentareis, enquanto que o mundo se alegrará. Vós vos entristecereis, mas a vossa tristeza tornar-se-á em alegria. A mulher, quando está para dar à luz, está em aflição, porque chegou a sua hora; quando porém tiver dado à luz o menino, já se não lembra da aflição, pela alegria de que nasceu um ho-

**mem para o mundo. Também vós, pois, agora tendes tristeza; mas novamente vos verei, e alegrar-se-á o vosso coração, e a vossa alegria ninguém vo-la tirará.**

## Explicação do texto

A lição do Evangelho dêste dia, como a dos quatro domingos seguintes, até à festa do Pentecostes, faz parte do admirável discurso, que o Divino Mestre proferiu no Cenáculo, depois da última ceia, antes de separar-se dos seus queridos discípulos. Êste discurso é como o testamento de Jesus, contendo as suas derradeiras recomendações e como a expressão da sua última vontade. Nada mais sublime, belo e comovedor. Aqui se revela do modo mais íntimo e completo a alma de Jesus, o seu espírito elevado como o seu coração terno. As mais sublimes verdades são expressas do modo mais singelo e familiar, com uma calma e dignidade sem igual, e numa contínua efusão de afecto profundo, de inefável ternura, de unção celeste e dominadora.

Em todo o discurso, o Divino Mestre consola, exorta e ora pelos seus discípulos. Depois de lhes anunciar a separação iminente e de lhes inculcar o preceito da caridade, como a expressão singular da sua última vontade, Jesus reaviva a fé e confiança dos apóstolos, tranqüiliza-os e consola-os, assegurando-lhes que a separação é momentánea, e que

brevemente os associará à sua glória. Promete-lhes o Espírito Santo, que os assistirá perpètuamente nas suas dificuldades e provas, a sua própria assistência íntima, a sua paz e o seu amor (cap. 14). Exorta-os instantemente à íntima união com Êle, à perfeita e constante caridade fraterna, à observância dos seus mandamentos, e à perseverança e firmeza no meio das perseguições que lhes moverá o mundo, por causa dele (cap. 15,1 - 16,4). Mostra-lhes em seguida que é necessário que Êle se ausente da terra, voltando ao seio do Pai, para que venha o Espírito Santo exercer no mundo a sua missão (16,5-15). Diz-lhes que a sua tristeza será passageira e o gôzo sem fim, depois que o virem novamente (16,16-22). Faz-lhes ver quais os frutos da vinda do Espírito Santo sôbre êles, assegurando-os do triunfo final (16,23-33). E termina com uma sublime oração por si, pelos discípulos e por todos aquêles que por meio dêstes crerão nêle, isto é, pela sua Igreja (cap. 17).

— Na parte do discurso que hoje lemos, diz Jesus aos apóstolos que a separação, que está iminente, será momentánea. A sua tristeza será passageira e tornar-se-á brevemente em alegria perpétua e sem limites.

Ainda que as primeiras palavras de Jesus poderiam entender-se da separação pela morte e da volta depois da ressurreição, o contexto sugere antes que devem entender-se da sua ausência corporal

ou sensível da terra, depois da ascensão, e da união definitiva no Céu, onde o gôzo será sem fim.

"Um pouco e já me não vereis„. Êste "pouco„ seria o espaço que decorreria desde aquêle momento, antes e depois da ressurreição, até à ascensão, quando Jesus desapareceria corporalmente dos olhos dos seus discípulos, de um modo definitivo. "De novo um pouco e ver-me-eis„. Êste "pouco„ seria o espaço da ausência de Jesus desde a sua ascensão até à morte dos apóstolos, quando iriam encontrá-lo e unir-se a Êle para sempre no Céu. Não veriam mais a Jesus, porque "Êle ia para o Pai„, subindo ao Céu.

As palavras do Salvador eram enigmáticas. Não admira que os discípulos não compreendessem o que Êle queria significar, quando os destinos do Divino Mestre e os próprios eram ainda para êles tão obscuros. Não se atreviam porém a interromper as confidências do Senhor. Jesus, que conhecia a perturbação dos seus espíritos, adianta-se a responder-lhes, embora não directamente à questão que êles se punham. Procura antes inspirar-lhes ânimo e confiança, preparando-os para suportarem corajosa e constantemente a prova que ia cair sôbre êles. Declara-lhes que aquêle pouco tempo da sua ausência será para êles o tempo das lágrimas, da aflição e tristeza; enquanto que o mundo se alegraria e gozaria, perseguindo-os e maltratando-os, satisfeito dos seus triunfos. Mas a tristeza deles

converter-se-á em perfeita e perene alegria. O gôzo no Céu será proporcionado à tristeza no mundo; e a recompensa eterna aos trabalhos e sofrimentos da terra.

Com a comparação da mulher que dá à luz, significa o Senhor aos apóstolos que as grandes dôres são a condição das grandes alegrias, e que estas sobrepujam e fazem esquecer aquelas. O gôzo futuro fará esquecer tôdas as penas desta vida, sofridas para o conquistar. Não há proporção entre as aflições e tristezas dêste mundo e a alegria e glória que as recompensará no Céu: "Non sunt condignæ passiones hujus temporis ad futuram gloriam quæ revelabitur in nobis„ (Rom. 8,18). A glória celeste inundar-nos-á de gôzo inefável, perpétuo e inamissível.

— As palavras de Jesus são para todos os seus discípulos um motivo de confiança e esperança consoladora. A sorte, que lhes está reservada neste mundo, são as perseguições, as dôres e as lágrimas, à imitação do Divino Mestre... Mas o tempo do sofrimento é breve, enquanto que o do gôzo é eterno. E as tribulações são para os justos uma fonte inexaurível de merecimentos e de felicidade para sempre. "O prazer é breve, a pena perpétua; pequeno o sofrimento e infinita a glória.„ (S. Francisco de Assis).

# 4.º Domingo depois da Páscoa

*Evangelho de S. João, c. XVI, vv. 5-14:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Vou para Aquêle que me enviou, e nenhum de vós me pregunta: Para onde vais? Mas, porque vos disse isto, a tristeza encheu o vosso coração. Digo-vos porém a verdade: para vós é conveniente que eu vá. Porque, se eu não fôr, o Paráclito não virá a vós; mas, se fôr, eu vo-lo enviarei. E, quando Êle vier, convencerá o mundo relativamente ao pecado, à justiça e ao juizo. Com relação ao pecado, porque não creem em mim; com relação à justiça, porque vou para o Pai e não mais me vereis; com relação ao juizo, porque o príncipe dêste mundo já está julgado. Ainda tenho muitas coisas a dizer-vos, mas não as podeis suportar agora. Quando porém vier Aquêle, o Espírito da Verdade, ensinar-vos-á a verdade tôda. Porque não falará de si mesmo, mas dirá o que ouvir, e vos anunciará as coisas que estão para vir. Êle me glorificará, porque receberá do que é meu e vo-lo anunciará.

## Explicação do texto

Nesta parte do discurso proferido por Jesus no Cenáculo, depois da última ceia, consola, anima e conforta Êle os seus discípulos, fazendo-lhes ver que é necessário que Êle se ausente, voltando ao seio do Pai, sendo isto uma condição indispensável da vinda do Espírito Santo, que Êle lhes enviará. E mostra-lhes qual a missão do mesmo Espírito Santo, com relação ao mundo, com relação aos apóstolos e com relação a Êle mesmo.

Jesus dissera já repetidas vezes aos apóstolos que ia para o Pai, para Aquêle que o tinha enviado (Jo. 7,33; 13,33; 14,2-5 e 12). E S. Pedro havia-lhe preguntado já na última ceia: Para onde ides? (Jo. 13,36). Se agora Êle parece estranhar que não lhe preguntem *para onde Êle vai*, outra coisa quere, sem dúvida, significar do que o que dizem materialmente estas palavras.

Porque Êle lhes disse que ia para Aquêle que o enviou, os apóstolos encheram-se de tristeza. Absorvidos pela pena da separação do Mestre, esqueciam que ela era necessária para a sua glorificação e para o próprio interêsse deles. E era nisso que êles deviam antes de tudo pensar: para onde Êle ia.

Jesus, terminada a sua carreira mortal e a sua missão na terra, volta para o seio do Pai, para ali gozar da glória devida à sua humanidade. Se os

discípulos compreendessem bem isto, em vez de entristecer-se, deveriam alegrar-se por tal motivo. Assim o fariam, se verdadeiramente o amavam (Jo. 14,28). Se o não fazem, é porque prestam mais atenção aos próprios interêsses do que à glória do Divino Mestre, que devia seguir a sua morte. E todavia o verdadeiro interêsse deles mesmos exigia a ausência de Jesus. Era necessário que Êle fôsse, para lhes enviar o Espírito Santo. Só depois de o Salvador ter pago com o seu sacrifício o dom que nos faria, e de ter sido glorificado no Céu, é que o Espírito Santo viria completar a sua obra e glorificá-lo na terra. Tal era a misteriosa disposição dos planos divinos. O Espírito Santo é chamado pelo Evangelista o *Paráclito*, isto é, Advogado, Defensor ou Consolador.

Em seguida, indica o Divino Mestre aos discípulos quais os efeitos da vinda do Espírito Santo, ou a sua missão na terra, complemento da obra por Êle iniciada.

Com relação ao *mundo* (os inimigos de Jesus), o Espírito Santo virá argüi-lo e convencê-lo do *pecado, da justiça* e do *juízo* ou condenação. *a)* Relativamente ao *pecado*, Êle convencerá o mundo, que acusou Jesus de pecador, de que foi êle quem pecou, rejeitando-O a Êle e à salvação que Êle lhe ofereceu, reduzindo-se assim voluntàriamente à impotência de justificar-se, pela sua incredulidade e rebeldia. Á medida que Jesus será prègado e re-

conhecido pelo que Êle era, a incredulidade do mundo revelar-se-á como um pecado sem excusa. *b)* Relativamente à *justiça*, o Espírito Santo mostrará ao mundo a justiça daquele, que êle perseguiu e crucificou por se dizer o Messias e o Filho de Deus. Se as suas pretensões não fôssem justas, Êle não teria entrado na glória do Pai. Ora o Espírito Santo, pela acção que exercerá em nome de Jesus sôbre os apóstolos e sôbre a Igreja, provará que Êle está à direita do Pai, na sua glória. *c)* Relativamente ao *juízo*, o Espírito Santo condenará o mundo, que condenou Jesus sob a inspiração de Satanás, príncipe do mundo. Pela morte e triunfo do Redentor, Satanás foi vencido e privado do seu império sôbre as almas. O Espírito santificador provará pela sua obra que Jesus triunfou, e que Satanás e os seus agentes foram condenados. Ninguém ousaria hoje sustentar que o mundo (os Judeus) venceu Jesus. O Espírito Santo, pela sua acção de justiça e santidade, convenceu-o da enormidade da sua culpa, glorificando Aquêle que êle rejeitou e condenou.

Aos *Apóstolos*, que ainda então não eram capazes de compreender tôda a doutrina de Jesus e tôda a extensão da própria missão, o Espírito Santo os introduzirá em tôda a Verdade, dando-lhes a compreensão completa e profunda da doutrina revelada, que deverão prègar, e das decisões que deverão tomar, revelando-lhes ainda as coisas ocultas

futuras, relativas à missão apostólica e aos destinos da Igreja. Isso atestam os escritos apostólicos.

O Espírito Santo não falará de si mesmo; isto é, não ensinará outra doutrina senão a de Jesus, embora completada e aprofundada. Êle será o eco da voz do Pai e do Filho, de quem procede e recebe tôda a ciência. O que ouve do Pai e recebe do Filho, Êle o transmitirá aos apóstolos, iluminando a sua inteligência e abrindo o seu coração ao amor da Verdade. Assim o Espírito Santo glorificará a Jesus sôbre a terra, como Jesus glorificou o Pai pelas suas palavras e pelas suas obras. Êle o fará conhecer, amar e louvar dos homens, como Filho de Deus, Redentor do mundo e Causa meritória de tôdas as graças, que o Divino Espírito comunicará às almas em abundância.

— Devemos procurar acima de tudo a *glória de Deus* e não os nossos próprios interêsses. Antes, o nosso verdadeiro interêsse está em que se cumpra a vontade e os desígnios de Deus. Só na sua glória devemos colocar a nossa satisfação e felicidade.

Guardemo-nos de imitar a incredulidade e obstinação do mundo, para não incorrermos na sua condenação.

Preparemo-nos para receber dignamente o Espírito Santo, afim de que Êle cumpra em nós a sua obra de Mestre e Santificador das almas...

# 5.º Domingo depois da Páscoa

*Evangelho de S. João, c. XVI, vv. 23-30.*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Êle vo-la dará. Até agora não pedistes nada em meu nome; pedi e recebereis, para que a vossa alegria seja perfeita. Disse-vos estas coisas em parábolas. Chega a hora em que já não vos falarei em parábolas, mas claramente vos anunciarei o que se refere ao Pai. Nesse dia pedireis em meu nome; e não vos digo que eu rogarei ao Pai por vós; porquanto o mesmo Pai vos ama, porque vós me amastes e crestes que eu vim de Deus. Sai do Pai e vim ao mundo; novamente deixo o mundo e vou para o Pai. Dizem-lhe os seus discípulos: Agora, sim, falais claramente, e não dizeis nenhuma parábola. Agora sabemos que sabeis tôdas as coisas e não precisais de que alguém Vos pregunte. Por isso cremos que viestes de Deus.

## Explicação do texto

Como nos domingos precedentes, pertence a lição do Evangelho dêste dia ao discurso que o Divino Mestre pronunciou no Cenáculo, depois da última ceia, consolando e exortando os seus discípulos, antes de separar-se deles. O principal motivo de consolação para êles, que Jesus lhes repete nesta hora suprema, é a promessa da vinda do Espírito Santo. Depois de mostrar-lhes que era necessário que Êle se ausentasse dêste mundo, voltando para junto do Pai, para que o Espírito Santo viesse exercer a sua missão de julgar o mundo e instruir os apóstolos, completando assim a obra por Êle começada sôbre a terra (Ev. do 4.º Domingo); e de lhes dizer que a separação era momentânea, pelo que breve seria a sua tristeza, enquanto que a alegria depois seria sem fim (Ev. do 3.º Domingo); Jesus faz-lhes ver quais os *frutos* da vinda do Espírito Santo e da sua intercessão por êles junto do Pai. Êsses frutos reduzem-se a dois: *a)* pelo Espírito Santo serão conduzidos ao conhecimento de tôda a Verdade; *b)* a sua oração em nome de Jesus terá uma eficácia infalível.

Os apóstolos, diz Jesus, já não precisarão, na sua ausência, de o interrogar sôbre coisa alguma: "Naquele dia não me preguntareis coisa alguma„ (v. 23.ª). Serão plenamente instruídos nas verdades da Fé pelo mesmo Mestre da Verdade, que lhes

inspirará e ensinará tôdas as coisas necessárias. A Luz do Espírito Santo dissipará tôdas as suas dúvidas, dando-lhes um perfeito conhecimento da Verdade revelada. Desde êsse momento Jesus já lhes não falará em parábolas, por metáforas mais ou menos misteriosas; mas mostrar-lhes-á claramente "o que se refere ao Pai„, isto é, as verdades da Fé, por meio da ilustração do Espírito Santo (v. 25). O resumo dessas verdades está nestas palavras, que são como o compêndio da doutrina e da missão do Salvador: "Saí do Pai e vim ao mundo; novamente deixo o mundo e vou para o Pai„ (v. 28). É todo o mistério da Incarnação, pelo qual chegamos ao mais perfeito conhecimento do Pai e de todos os mistérios divinos. — A estas palavras de Jesus responderam os apóstolos com uma bela confissão de fé na divindade de Jesus, uma inteira confiança e uma adesão sem reserva (vv. 29-30).

O Divino Mestre afirma solenemente a *eficácia infalível da oração feita em seu nome:* "Em verdade, em verdade vos digo: Se pedirdes alguma coisa ao Pai em meu nome, Êle vo-la dará„ (v. 23). "Nêsse dia pedireis em meu nome...„ (v. 26). Pedir *em nome de Jesus* é: *a)* pedir em união com Êle, pela graça santificante, que nos faz membros de um só corpo, de que Êle é a cabeça; *b)* pela sua virtude e merecimentos, pelos quais ùnicamente nos são concedidos todos os dons sobrenaturais; *c)* para o mesmo fim e razão de ser da sua missão,

isto é, a glória de Deus e a nossa eterna salvação; *d*) em perfeita harmonia e conformidade com a sua vontade e desígnios, no intüito de contribuir para a realização da mesma obra... É nestas condições que, com a ajuda e pela eficácia da graça divina, que nos foi merecida pelo Filho de Deus feito homem e nos é comunicada pelo Espírito Santo, a oração é infalível.

Desta sorte não tinham até ali pedido os apóstolos. Dirigindo-se directamente ao Pai nas suas orações, não pediam em nome de Jesus nem se valiam da sua mediação, não conhecendo ainda perfeitamente a sua eficácia. Vindo o Espírito Santo, conhecerão melhor o poder da mediação de Jesus, pedirão em seu nome, e receberão o que pedirem. Será êsse o meio certo de alcançar a plenitude da alegria, que o Divino Mestre lhes prometera (Jo. 15,11).

"Nesse dia pedireis em meu nome; e não vos digo que eu rogarei ao Pai por vós etc...„ (vv. 26-27). Por estas palavras não exclui Jesus a sua mediação para que a nossa oração seja eficaz. Êle ora sempre com os fiéis, oferecendo por êles tôdas as suas orações ao Pai, como cabeça do corpo místico, que é a Igreja. Afirma-lhes porém a benevolência e amor do Pai, em que têm a garantia segura de que serão ouvidos. Unidos a Jesus pela fé e a caridade (v. 27), serão intimamente unidos com Êle, farão com Êle uma só coisa; de sorte que uma só

é a oração de Jesus e dos seus fiéis discípulos... Orando pois em união com o Filho e pela graça do Espírito Santo, estarão certos de que serão ouvidos do Pai. Tal é a eficácia da oração das almas justas, em estado de graça, pedindo em união com Jesus, pelos seus merecimentos, para a realização dos mesmos fins e em perfeita conformidade com a sua santíssima vontade.

— A Igreja quere hoje chamar-nos de um modo particular à *Oração*, a que são tradicionalmente consagrados os três dias seguintes, que precedem a festa da Ascensão do Senhor, com o nome de Rogações ou Ladaïnhas.

Consideremos, pois, em conformidade com a doutrina do Salvador no Evangelho dêste dia: *a*) as *condições* da boa Oração, em nome de Jesus; *b*) a sua *eficácia* infalível, segundo a promessa de Nosso Senhor; *c*) os seus *frutos*, nomeadamente a vida eterna, a alegria e felicidade verdadeira, plena e perpétua, à qual só devemos aspirar e que, com a glória de Deus, a que está unida e subordinada, deve ser o fim principal da nossa Oração...

# Festa da Ascensão

*Evangelho de S. Marcos, c. XVI, vv. 14-20:*

NAQUELE tempo apareceu Jesus aos onze discípulos, estando êles sentados à mesa, e repreendeu-os pela sua incredulidade e dureza de coração, porque não haviam prestado fé aos que o viram ressuscitado. E disse-lhes: Indo pelo mundo todo, anunciai o Evangelho a tôda a criatura. O que crer e fôr baptizado, será salvo; o que porém não crer, será condenado. E êstes prodígios acompanharão os que crerem: em meu nome expulsarão os demónios, falarão em novas línguas, levantarão (do chão) serpentes e, se beberem algum veneno, não lhes fará mal; imporão as mãos sôbre os enfermos, e serão curados. E o Senhor Jesus, depois de lhes falar (assim), elevou-se para o Céu e sentou-se à direita de Deus. E êles foram prègar por tôda a parte, cooperando (com êles) o Senhor e confirmando a prègação pelos milagres que a acompanhavam.

## Explicação do texto

Em breve resumo, na perícopa final do seu Evangelho, refere-nos S. Marcos as aparições de Jesus no mésmo dia da sua Ressurreição: primeiro a Maria Madalena e depois aos discípulos de Emaús. Nem a uma nem aos outros os apóstolos prestaram crédito. Á noite, estando êles reünidos no Cenáculo, com excepção de S. Tomé, e sentados à mesa, teve lugar a aparição do Salvador, que lemos hoje no Evangelho, e que nos referem igualmente S. Lucas (24,36-49) e S. João (20,19-23). Jesus repreendeu-os pela sua incredulidade e obstinação, pois não tinham prestado fé nem às suas promessas nem ao testemunho daqueles que o tinham já visto ressuscitado. A repreensão era bem merecida.

Desde a Ressurreição à Ascensão do Senhor decorreram quarenta dias, durante os quais Êle se manifestou diversas vezes aos apóstolos e lhes deu as suas últimas instruções. Conferiu-lhes então definitivamente a missão de evangelizar todos os povos, no mundo inteiro. Da aceitação ou recusa da sua prègação depende a salvação ou a condenação dos homens. A condição necessária da salvação é a Fé e o Baptismo, pelo qual todos são incorporados a Jesus Cristo. Prometeu-lhes a sua assistência perpétua e concedeu-lhes, a êles e aos que como êles crerem, o dom dos milagres em confirmação da Verdade evangélica. O Evangelista

enumera cinco espécies de milagres, a título de exemplo. Êsses e outros favoreceram a propagação do Cristianismo.

Enfim, o Evangelista, depois de referir a missão dada aos apóstolos, diz em sintéticas palavras que o Senhor, consumada a sua obra na terra, foi para o Céu, onde ocupa o lugar que lhe pertence à direita de Deus, conforme o afirmara solenemente no tribunal de Caifás (Marc. 14,62). Assim o confessamos nós na mais antiga profissão da nossa fé, o *Credo*.

E os apóstolos, depois da Ascensão do Senhor e da vinda do Espírito Santo, foram por tôda a parte cumprir as ordens do Salvador; o qual, conforme a sua promessa, cooperava com êles, fazendo-lhes sentir a sua presença, e confirmando a sua prègação com numerosos prodígios. Isso nos provam os Actos dos Apóstolos e a história da Igreja, na qual nunca faltaram os milagres, em confirmação da sua origem divina, verdade e santidade.

— A *Ascensão de Jesus ao Céu*, que nos é referida mais minuciosamente por S. Lucas no Evangelho e sobretudo nos Actos dos Apóstolos, teve lugar no monte das Oliveiras, a cêrca de um quilómetro de distância de Jerusalém, quarenta dias depois da Ressurreição. Reünindo os seus discípulos, ordenou-lhes o Salvador que não saíssem de Jerusalém até à vinda do Espírito Santo. Os discípulos,

não compreendo ainda mesmo então a natureza da obra de Jesus, continuavam a sonhar com a restauração do reino de Israel, conforme a mentalidade judaica. Pelo que preguntaram ao Divino Mestre ainda umà vez se era chegado enfim êsse tempo.

Jesus não quis satisfazer a sua curiosidade nem desfazer ainda definitivamente os seus preconceitos. Disse-lhes apenas que não lhes pertencia penetrar nos desígnios de Deus, que Êle se tinha reservado. Prometeu-lhes porém a virtude do Espírito Santo, que lhes faria compreender devidamente qual a missão que tinham a cumprir no mundo, sendo testemunhas dele, da sua pessoa, das suas obras e da sua doutrina, até aos confins da terra.

Dirigindo-se enfim com os discípulos ao monte das Oliveiras, tendo-os abençoado pela última vez, o Senhor elevou-se no ar, à vista deles, dirigindo-se para o Céu. Uma nuvem encobriu-o aos olhos dos assistentes... Depois, apareceram dois anjos, vestidos de branco, símbolo de júbilo e pureza, os quais lhes disseram que o Salvador voltaria um dia, na mesma forma, revestido de glória, para julgar o Universo. Por agora, não deviam esperar vê-lo mais, mas tratar de cumprir a missão que Êle lhes confiara. E assim voltaram todos para Jerusalém, reünindo-se no Cenáculo, em contínua oração, com a Mãe de Jesus, até que sôbre êles viesse o Espírito Santo, segundo a promessa do Divino Mestre.

— A festa de hoje é tôda de júbilo e de esperança: júbilo pela *glorificação de Nosso Senhor*, e esperança da *nossa própria glorificação.*

A ascensão de Jesus ao Céu é o termo glorioso da sua carreira mortal, a justa recompensa dos seus merecimentos, a coroa digna da sua obra na terra, o apogeu do seu triunfo.

Entrando na sua glória, abriu as portas do Paraíso a todos os membros do seu Corpo místico, que com Êle devem ser também glorificados, sendo então o seu triunfo completo.

Sentado à direita do Pai, é ali não só o Rei do Universo, a quem todos devem reverenciar e adorar, mas também o nosso Advogado e Medianeiro supremo e potentíssimo.

*Sursum corda!* Ergamos os nossos corações para o Céu! O Céu é o termo da nossa peregrinação na terra. Ali temos todos um lugar, preparado por Jesus: "Vado parare vobis locum„ (Jo. 14,2). O meio de o conseguir é seguir a doutrina e os exemplos do Senhor. Êle é o caminho, a Verdade e a Vida. Mas Jesus entrou na sua glória pelo caminho dos trabalhos, do sofrimento e da Cruz. Tal é o caminho que todos devemos seguir para chegarmos ao Paraíso. Assim no-lo disse claramente o Divino Mestre: "Si quis vult post me venire, abneget semetipsum, tollat crucem suam, et sequatur me„ (Luc. 9,23)...

# Domingo dentro da Oitava da Ascensão

*Evangelho de S. João, c. XV, vv. 26-27 e XVI, vv. 1-4:*

**NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Quando vier o Paráclito, que eu vos enviarei da parte do Pai, o Espírito da Verdade, que procede do Pai, Êle dará testemunho de mim. E vós também sereis testemunhas, porque desde o princípio estais comigo. Disse-vos estas coisas para que não vos escandalizeis. Expulsar-vos-ão das Sinagogas. Chega mesmo a hora em que aquêle que vos matar, pensará prestar um serviço a Deus. E isto vos farão, porque não conheceram nem o Pai nem a mim. Mas disse-vos estas coisas para que, chegando o seu tempo, vos lembreis de que eu vo-las disse.**

## Explicação do texto

Esta passagem do discurso de Jesus na última ceia precede as que a Igreja apresentou à nossa consideração nos domingos anteriores.

Depois de ter anunciado aos seus discípulos a separação iminente, de lhes ter prometido o Espírito Santo e a sua perpétua assistência, e de os ter exortado vivamente à íntima união com Êle, à caridade fraterna e à constância no meio das adversidades, Jesus diz-lhes qual *a missão que êles têm a cumprir sôbre a terra*, sob o impulso do Espírito Santo, e anuncia-lhes *as perseguições que terão a sofrer da parte do mundo*, isto é, dos adversários do Divino Mestre e do seu Evangelho, por sua causa.

Jesus tinha anunciado ao mundo a Verdade, confirmando a sua missão com os mais extraordinários prodígios. O mundo tinha-o odiado e perseguido a Êle e repudiado a sua doutrina porque, por uma cegueira voluntária e obstinada, não o conheceu a Êle nem ao Pai que o enviara; pelo que o seu pecado era sem escusa.

A perseguição do mundo, porém, não impedirá o triunfo da Verdade. Jesus vai deixar êste mundo para ser glorificado no Céu; mas sê-lo-á também sôbre a terra. O Espírito Santo dará ao mundo testemunho em favor dele, pelos prodígios que obrará na sua Igreja e que a todos serão visíveis.

O Espírito Santo é designado no Evangelho de S. João com o nome de *Paráclito*, isto é, Advogado, Defensor ou Consolador. É o *Espírito da Verdade*, em oposição ao espírito do mundo, que é o espírito da Mentira (1 Jo. 2,16). Êle será en-

viado pelo Filho, para dar testemunho em seu favor. Será enviado da parte do Pai, de quem procede; pelo que a sua autoridade é divina e irrecusável.

Para dar testemunho ao mundo, o Espírito Santo servir-se-á dos apóstolos. Êstes, enviados de Jesus, que desde o princípio ouviram a sua doutrina e presenciaram as suas obras, cheios da luz e da fôrça do Espírito Santo, darão também testemunho do Divino Mestre, levando o seu nome triunfante e glorioso aos confins da terra. A fôrça e a glória dos apóstolos será cumprir a sua missão como testemunhas oficiais de Jesus Cristo, até darem por Êle a própria vida.

O Salvador porém previne os seus discípulos da sorte que os espera, para que se não *escandalizem*. O mundo far-lhes-á uma guerra de morte, odiando-os e perseguindo-os cruelmente. Serão expulsos das Sinagogas, excomungados pelos Judeus, apontados ao desprêzo e execração pública. Dar-lhes-ão mesmo a morte, por serem discípulos de Jesus e prègarem o seu nome e a sua doutrina, por um falso zêlo da glória de Deus, a quem pensarão prestar culto, matando os seus blasfemadores. Disto é exemplo o Apóstolo S. Paulo antes da sua conversão. Serão assim perseguidos: *a*) Porque, tendo odiado e perseguido o Divino Mestre, os homens odiarão e perseguirão também os seus discípulos, que não devem esperar melhor sorte.

*b*) Porque, seguindo a Jesus, separaram-se do mundo; êste os odiará, porque o procedimento dos discípulos de Jesus é a condenação do seu. *c*) Enfim, o mundo persegui-los-á porque não conhece nem Jesus nem Aquêle que o enviou; por isso opôr-se-á tenazmente à prègação do Evangelho. No fundo de tôdas as perseguições contra Jesus e os seus discípulos está a incredulidade ou infidelidade a Deus e a oposição obstinada à Verdade.

O Divino Mestre, que não dissera antes claramente aos seus discípulos estas coisas, quando estava com êles, prediz-lhes agora o futuro que lhes está reservado, na sua ausência, afim de que, quando estas coisas se realizarem, se lembrem das suas palavras, e creiam nêle e não se escandalizem. Firmes na fé e no amor a Jesus, não devem sucumbir nem vacilar no tempo das provas e das perseguições; mas devem permanecer-lhe fiéis, perseverando corajòsamente na luta contra o mundo e no desempenho da sua árdua missão, até conseguirem a palma da vitória.

— A predicção de Jesus cumpriu-se plenamente na pessoa dos apóstolos não só, mas continua a verificar-se na sua igreja. Esta foi desde o princípio, é e será sempre odiada e perseguida; e sempre pelos mesmos motivos.

A perseguição: tal é a sorte reservada aos fiéis discípulos de Jesus, a exemplo do Divino

Mestre. Mas, como para Êle, assim também para os seus discípulos a perseguição será o caminho do triunfo e da verdadeira felicidade.

"Omnes, qui pie volunt vivere in Christo Jesu, persecutionem patientur„ (2 Tim. 3,12). — "Beati qui persecutionem patiuntur propter justitiam, quoniam ipsorum est regnum cælorum„ (Mat. 5,10). — "Communicantes Christi passionibus gaudete, ut et in revelatione gloriæ ejus gaudeatis exultantes„ (1 Petr. 4,13).

Animados com esta esperança, sejamos firmes na nossa Fé e constantes na prática do Bem, dando, como os apóstolos, testemunho de Jesus perante o mundo, e sofrendo corajosamente por seu amor todos os ódios, desprêzos e vexames, que a nossa fidelidade à sua pessoa e à sua lei atrair sôbre nós...

# Domingo do Pentecostes

*Evangelho de S. João, c. XIV, vv. 23-31:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Se alguém me ama, guardará a minha palavra, e o meu Pai o amará, e viremos a êle, e estabeleceremos nêle a nossa morada. O que me não ama, não guarda as minhas palavras. E a palavra que ouvis, não é minha, mas do Pai que me enviou. Disse-vos estas coisas estando junto de vós. Mas o Paráclito, o Espírito Santo que o Pai enviará em meu nome, êsse vos ensinará tudo e vos recordará tudo o que Eu vos disse. Deixo-vos a paz, dou-vos a minha paz; não vo-la dou como a dá o mundo. Não se perturbe o vosso coração nem tema. Ouvistes o que eu vos disse: Vou e venho a vós. Se me amásseis, alegrar-vos-ieis de que vou para o Pai, porque o Pai é maior do que Eu. E agora disse-vos (isto) antes que suceda, para que, quando suceder, creiais. Já vos não direi muitas coisas mais; porque chega o príncipe dêste mundo; e êle não tem em

**mim poder algum; mas é preciso que o mundo saiba que eu amo o Pai e, como o Pai mo ordenou, assim faço.**

## Explicação do texto

Nesta grande solenidade do Pentecostes, em que se comemora a promulgação oficial do Evangelho e a pública inauguração da Santa Igreja, faz-nos esta ainda uma vez ler um trecho do sublime discurso de Jesus na última ceia, em que Êle, despedindo-se dos seus discípulos, lhes prodigaliza as mais doces consolações e insinuantes exortações, próprias a confirmar a sua fé e alentar a sua confiança, preparando-os assim para as provações que os esperavam no mundo, depois da sua ausência. A passagem que hoje lemos, e que na ordem do Evangelho precede as dos domingos anteriores, é tôda penetrada de amor, paz e confiança, os mais belos frutos do Espírito Santo, que Jesus prometeu enviar aos seus apóstolos.

O motivo principal de consolação que o Divino Mestre propõe aos seus discípulos, é a promessa da vinda do Espírito Santo e da sua perpétua assistência até ao fim dos séculos. Mas a condição essencial para ter parte nessa promessa é a Fé na sua divindade e o Amor manifestado pelas obras. A quem crê nêle e o ama, Jesus enviará o Espírito Santo e com Êle tôdas as graças. O mundo incré-

dulo e infiel não pode receber os dons de Deus nem gozar da manifestação íntima e da presença do Salvador.

O que porém conhece e ama a Jesus, guarda a sua palavra. E êsse é amado por Êle e pelo Pai. Em razão da união substancial existente entre as Três Pessoas divinas, o Pai virá com o Filho e o Espírito Santo estabelecer a sua morada permanente nas almas dos seus amigos fiéis. Tôda a alma em estado de graça, e que guarda os mandamentos divinos, é o templo e morada de tôda a Santíssima Trindade. Mas o que não ama a Jesus, não guarda as suas palavras. As obras são a manifestação inequívoca da verdadeira Fé e do verdadeiro Amor.

Jesus acrescenta que as palavras, que transmite aos discípulos, não são suas, mas do Pai que o enviou. Não fala, isto é, como homem, mas como Deus. Entre o Pai e o Filho há uma união indissolúvel. O Filho é o Verbo, a Palavra Substancial do Pai, comunicada ao mundo pelo Verbo Incarnado.

A missão doutrinal de Jesus pode considerar-se terminada. Para completar a formação dos discípulos, ainda muito imperfeita, o Pai lhes enviará, em seu nome, o Paráclito (Advogado, Defensor ou Consolador), isto é, o Espírito Santo. Tôda a Santíssima Trindade coopera na obra divina da redenção e santificação das almas. O Espírito Santo dará aos apóstolos pleno conhecimento das verda-

des reveladas. Êle lhes recordará e fará penetrar o sentido de tôda a doutrina que tinham ouvido ao Divino Mestre, iluminando as verdades por Êle propostas e descobrindo as riquezas inexgotáveis contidas nas suas palavras. Esta assistência do Espírito Santo é prometida não só aos apóstolos, mas aos seus sucessores, isto é, à Igreja docente. É apoiada sôbre ela que a Igreja vai cumprindo a sua missão de Mestra infalível da Verdade revelada atravez dos séculos.

Jesus lega aos seus discípulos a paz, a paz que é sua, a paz verdadeira, não a paz efémera e enganosa que dá o mundo. Só Êle pode dar a paz verdadeira, a da alma, que o mundo não pode dar... Gozando dessa paz suprema, os seus discípulos não devem perturbar-se nem temer os sucessos que os esperam. Devem afrontar o futuro corajosamente.

Com a paz incute-lhes Jesus a confiança. Êle não os deixa para sempre; vai, mas voltará a êles, com o Espírito Santo e a sua presença íntima. Se o amam verdadeiramente, não devem entristecer-se, mas antes alegrar-se, porque Êle vai para junto do Pai, afim de tomar posse da glória que lhe é devida no seio de Deus. O Pai é maior que Êle, com relação à sua natureza humana, na qual vai ser exaltado e glorificado.

As predicções que o Divino Mestre acaba de fazer aos discípulos devem confortá-los no meio

da prova a que vai ser sujeita a sua fé. Êle vai passar pelas humilhações da sua paixão e morte. Recordando-se que tudo isso estava previsto, devem crer que Êle é o Filho de Deus, e que a sua morte é a condição da sua glorificação e de uma maior abundância de graças para êles mesmos.

Aproxima-se o termo das ternas comunicações do Divino Mestre com os seus discípulos. Chega a hora em que Satanás, o príncipe dêste mundo, por meio dos seus sequazes, vai mover-lhe a última batalha. Satanás, porém não tem poder algum sôbre Êle. Jesus entrega-se ao poder das trevas livremente, só por amor e em espírito de verdadeira obediência, para cumprir a vontade de Deus seu Pai, a quem, como homem, se fêz obediente até à morte; não tendo vindo a êste mundo senão para procurar a sua glória e cumprir a divina missão de salvar os homens. Assim mostrará ao mundo que ama seu Pai, como Êle quere ser amado dos seus discípulos, pela obediência e prática dos mandamentos.

— Renovemos neste dia solene a nossa Fé e o nosso Amor para com Jesus; manifestando essa Fé e êsse Amor nas obras, pela prática fiel da sua doutrina. E assim Êle nos comunicará o Espírito Santo, com a abundância dos seus dons. E as nossas almas, tornadas pela Graça templos da Santíssima Trindade, gozarão do verdadeiro amor, paz e confiança, que o Senhor prometeu e assegurou aos seus apóstolos e a todos os seus fiéis servos...

# Festa da Santíssima Trindade

*Evangelho de S. Mateus, c. XXVIII, vv. 18-20:*

**NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discipulos: Foi-me dado todo o poder no céu e sôbre a terra. Ide, pois ensinar todos os povos, baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo, ensinando-os a guardar tudo aquilo que eu vos mandei. E eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo.**

## Explicação do texto

As palavras do Santo Evangelho, que a Igreja nos faz ler na festa da Santíssima Trindade, são a conclusão da narração da vida e doutrina de Nosso Senhor Jesus Cristo ou Evangelho segundo S. Mateus. O Divino Mestre pronunciou-as numa das suas aparições depois da Ressurreição e antes da Ascensão ao Céu, conferindo definitivamente aos apóstolos a missão de anunciar o seu Evangelho ao mundo inteiro e estabelecer por tôda a terra a sua Igreja, reünindo todos os povos na unidade da fé, do baptismo e da observância dos mandamentos

divinos. Estas breves palavras, as últimas que o Evangelista nos refere de Jesus, duma extrema simplicidade ao mesmo tempo que da mais excelsa majestade, encerram três afirmações solenes e categóricas do Divino Mestre: a da plenitude do seu poder no Céu e sôbre a terra; a da missão autoritativa e universal conferida aos apóstolos e aos seus sucessores; e a da sua perpétua assistência aos seus enviados e à sua Igreja.

"*Foi-me dado todo o poder no Céu e sôbre a terra*„. — Nenhum homem são ousaria pronunciar semelhantes palavras. Tal plenitude e universalidade de poder só a Deus pode ser atribuída. Não fala porém o Senhor do poder que tem como Deus, e que é igual ao das outras pessoas divinas; fala, sim, do poder que lhe compete como Verbo incarnado ou na sua qualidade de Messias, enviado por Deus ao mundo, princípio e fim das obras divinas, Exemplar e Chefe da Humanidade, a quem o Pai conferiu o domínio universal e absoluto sôbre tôda a Criação e constituiu Senhor, Juiz e Árbitro dos destinos dos homens.

Apelando para êste seu poder absoluto e soberano, Jesus manda os seus apóstolos: "*Ide, pois*„, como seus representantes e enviados legítimos e autorizados, investidos de uma missão universal, a a mais sublime que pode existir sôbre a terra.

"*Ensinai todos os povos*„. — Acabaram os privilégios de raça. A prègação do Evangelho é des-

tinada a tôdas as nações, sem distinção nem restrição alguma... Antes de tudo, devem os apóstolos *ensinar*, anunciar aos homens a doutrina da nova Revelação, as verdades evangélicas, instruindo-os e confirmando-os na Fé, para que por ela possam ser justificados.

"*Baptizando-os em nome do Pai e do Filho e do Espírito Santo*". — Nestas palavras temos a expressão mais formal e explícita do mistério fundamental da nossa Fé, o das Três Pessoas da Santíssima Trindade, e da condição essencial da vida espiritual de todos os cristãos. Aos que crerem na prègação do Evangelho, devem os apóstolos regenerar nas águas do Baptismo, o primeiro dos Sacramentos e a porta por onde se entra na Igreja, o complemento necessário da Fé cristã. Esta regeneração das almas faz-se em nome, isto é, pela virtude da Santíssima Trindade, cuja vida nos é comunicada. Pelo Baptismo tornamo-nos filhos de Deus por adopção e somos elevados à participação da mesma natureza divina, pela Graça, dom sobrenatural e gratúito, que o Redentor nos mereceu.

"*Ensinando-os a guardar tudo aquilo que eu vos mandei*". — Os que recebem a Fé e são admitidos no seio da Igreja pelo Baptismo, são obrigados a praticar tôda a doutrina do Evangelho: os mandamentos da Lei de Deus, que contêm a substância da Lei Natural, não só, mas todos os preceitos que Jesus deu aos seus apóstolos e que

êles nos transmitiram pela sua prègação e que nós conhecemos ora pelos livros do Novo Testamento ora pela tradição autêntica da Igreja. A nova Religião, fundada por Jesus e prègada pelos apóstolos, contém portanto verdades religiosas a crer, preceitos morais a cumprir e ritos sagrados a executar.

Árdua e superior às fôrças humanas era a missão conferida aos apóstolos pelo Divino Mestre. Êle, porém, não os abandonará jàmais. Ao contrário, promete-lhes a sua assistência solícita, constante e perpétua: "*Eu estou convosco todos os dias até ao fim do mundo*„. Quem assim fala, está seguro da perenidade da sua obra, até ao fim dos tempos. E quem faz tal promessa é Aquêle, a quem todo o poder foi dado no céu e sôbre a terra. Jesus estará sempre com a sua Igreja: espiritualmente, pelo Espírito Santo que perenemente a assiste, pela sua Palavra, pelo seu Poder, pela sua Graça, pela sua Providência solícita e vigilante; e ainda corporalmente, na Eucaristia, Centro da Vida Sobrenatural, Viático e Fôrça da Igreja militante, até ao fim dos séculos.

— Neste dia, em que celebramos de um modo particular o mistério augustíssimo da Santíssima Trindade (à qual todo o culto cristão é dirigido, e só a Ela), a Igreja, fazendo-nos ler êste trecho do Evangelho, recorda-nos que as Três Pessoas Divinas são o princípio e a fonte de tôda a nossa

Vida Sobrenatural. É em seu nome e pela sua virtude que a Vida Sobrenatural nos é comunicada, sustentada, reparada, desenvolvida e consumada, pela Graça Divina e pelos Sacramentos da Igreja, canais da mesma Graça.

— *Deveres para com a SS. Trindade — a)* Devemos *crer* firmemente nêste augusto mistério, o mais sublime e impenetrável da nossa Religião. Assim prestaremos o mais excelente obséquio à Veracidade Divina, sujeitando-lhe humildemente a nossa pobre razão. — *b)* Devemos *amar* a SS. Trindade com tôda a fôrça da nossa vontade: ao Pai que nos criou e conserva, ao Filho que nos remiu, ao Espírito Santo que nos santifica. — *c)* Devemos *honrar* fielmente a SS. Trindade com tôda a nossa veneração e devoção. É esta a mais esclarecida e sólida piedade, que nos leva a prestar acima de tudo às Três Pessoas Divinas o culto de amor e honra que lhes é devido. Honraremos, porém, sobretudo êste Mistério procurando tornar a nossa alma uma habitação digna da SS. Trindade e reproduzir em nós pela Caridade a vida íntima de Deus Trino e Uno...

# 1.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. VI, vv. 36-42:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discipulos: Sêde misericordiosos como o vosso Pai é misericordioso. Não julgueis, e não sereis julgados; não condeneis, e não sereis condenados; perdoai, e sereis perdoados. Dai, e ser-vos-á dado: lançarão no vosso seio uma boa medida, comprimida, agitada e trasbordante; porque pela medida com que medirdes ser-vos-á medido a vós. Disse-lhes também uma comparação: Acaso pode um cego guiar um cego? Não caïrão ambos numa cova? Não está o discipulo acima do mestre; mas todo o que fôr bem instruído poderá ser como o seu mestre. Porque vês o argueiro que está no olho do teu irmão, e não advertes a trave que está no teu próprio olho? Como podes dizer ao teu irmão: Irmão, deixa tirar o argueiro que está no teu olho, não vendo tu a trave que está no teu próprio olho? Hipócrita, tira primeiro a trave do teu

**olho, e então verás bem para tirar o argueiro, que está no olho do teu irmão.**

## Explicação do texto

A lição do Evangelho de hoje faz parte da prègação do Divino Mestre no decurso do segundo ano da sua vida pública, durante a longa missão da Galileia, e nomeadamente do resumo doutrinal, que os Evangelistas nos transmitiram dêsse período, conhecida pelo nome de Sermão da montanha, pronunciado pelo Pentecostes dêsse ano (a. 28). Nêle expôs Jesus as bases e como que o programa do Reino de Deus, que Êle vinha estabelecer sôbre a terra. No resumo, que o Evangelista S. Lucas nos transmitiu dêsse sermão, o Salvador, depois de expor as condições essenciais do reino de Deus, sob a forma de bem-aventuranças e imprecações, promulga a lei fundamental do mesmo reino, que é a Caridade, indicando as diversas formas do exercício desta virtude. Na parte que hoje lemos, Jesus exorta os seus discípulos, e por êles a todos nós, a usar de misericórdia para com o próximo, assegurando que cada um será julgado e medido pela medida com que medir os demais; e a não ver os defeitos dos outros, ignorando os próprios, talvez mais graves; mas que cada um se corrija primeiro a si mesmo, antes de pretender corrigir os outros.

O Divino Mestre propõe aos homens o ideal

mais sublime da perfeição: Deus mesmo é o exemplar que os cristãos devem procurar imitar, quanto lho permite a humana fraqueza. A misericórdia de Deus é sem limites, e exerce-se para com todos os homens sem distinção. Assim os cristãos, imitando nas suas relações com o próximo o exemplo do Pai do céu, devem ser indulgentes, compassivos e misericordiosos, sempre e para com todos.

Jesus propusera aos seus discípulos a regra áurea da caridade evangéliea: isto é, que devemos fazer aos outros aquilo que queremos que êles nos façam a nós (Luc. 6,31). Aqui ensina-lhes que cada um será tratado por Deus da mesma maneira com que tratar aos demais. O homem misericordioso pode contar com a misericórdia divina. Não assim quem não tiver misericórdia.

A misericórdia, que devemos usar para com o próximo, manifesta-se particularmente: em não *julgar* e não *condenar* os outros; em desculpar e *perdoar* as injúrias e as faltas do próximo; em *dar*, usando de generosidade para com todos os necessitados, espiritual ou corporalmente. Não basta não ter ódio aos inimigos nem renunciar à vingança das injúrias pessoais: ao que aliás é obrigado o cristão, segundo a doutrina do Divino Mestre. Não devemos mesmo julgar temeràriamente do próximo. Deus é o único que tem o direito de julgar e condenar os homens, conhecendo só Êle a responsabilidade e culpabilidade de cada um. Os homens

julgam segundo as aparências exteriores; e enganam-se muitas vezes. Deus só vê os corações. A Êle é reservado o juizo das consciências.

A recompensa da nossa generosidade para com o próximo será superabundante. Para o exprimir serve-se Jesus duma comparação tirada do uso comum, quando a medida é farta e larga: uma medida boa, comprimida, sacudida e trasbordante. Quanto mais generosos formos para com o nosso próximo, mais Deus o será para connosco. Assim, ser-nos-á medido pela medida com que medirmos os outros; mas com o excesso próprio da medida de Deus.

É bom o zêlo pelo bem do próximo e desejar conduzi-lo pelo bom caminho. Para isso porém é indispensável que aquêle, que pretende dirigir os outros, seja devidamente instruído e esclarecido. Um cego não pode conduzir a outro cego; aliás ambos correm risco de se perderem. Assim também ninguém deve pretender guiar os outros, com um zêlo indiscreto, não tendo para isso a ciência e prudência necessárias. Aliás, será para os outros causa de ruína espiritual. É preciso que quem deve procurar o aperfeiçoamento dos outros, seja êle mesmo já perfeito. Tanto mais que o discípulo não passará além do mestre. Se aproveitar bem as suas lições, poderá igualá-lo, na melhor das hipóteses (comumente falando). Um discípulo instruído por um mestre imperfeito, não poderá aproveitar muito

no caminho da perfeição. A primeira condição, portanto, para exercer o zêlo com fruto e proveito do próximo, é ser esclarecido, prudente e perfeito.

O Salvador repreende ainda o falso zêlo daqueles, que pretendem corrigir os defeitos dos outros antes de corrigirem os defeitos próprios. O homem é inclinado a diminuir ou dissimular os próprios defeitos e a aumentar os alheios. Enquanto cada um não se corrigir a si mesmo, não terá autoridade moral para corrigir os demais. Nem lhe será possível ver bem os defeitos alheios, enquanto fôr sujeito aos mesmos defeitos, talvez em grau mais grave e evidente, dos quais não procura corrigir-se. Quem, em vez de trabalhar por corrigir os defeitos próprios, se ocupa dos defeitos alheios, dá provas de um falso zêlo e de falta de sinceridade. É um hipócrita, segundo a expressão do Divino Mestre. Fingindo obrar por caridade e por amor da virtude e perfeição, é talvez movido pelo orgulho e pela inveja... Para que a correcção seja eficaz, é necessário que quem é corrigido esteja convencido da sinceridade de quem o corrige. E não poderá está-lo se o corrector não começa por corrigir-se a si mesmo. Aliás, quem é vicioso ou cheio de defeitos não pode corrigir com utilidade o próximo; porque o fruto que cada um produz depende da própria natureza e disposição; como uma árvore boa produz bons frutos e uma árvore má não pode produzi-los senão maus (v. 43

seg.) Quem é bom exerce uma influência benéfica; quem é mau influência nefasta.

Tais são as altas lições de caridade, generosidade, verdadeiro zêlo e humilde discrição, que a todos os seus discípulos dá a Divina Sabedoria.

# Festa do SS. Corpo de Cristo

*Evangelho de S. João, c. VI, vv. 55-59:*

**NAQUELE tempo disse Jesus à multidão dos Judeus: A minha carne é uma verdadeira comida e o meu sangue uma verdadeira bebida. O que come a minha carne e bebe o meu sangue, permanece em mim, e eu nêle. Assim como me enviou o Pai que vive, e eu vivo pelo Pai, assim o que me come, viverá também êle por mim. Êste é o Pão que desceu do Céu. Não é como o maná, que vossos pais comeram, e morreram. O que come êste Pão, viverá eternamente.**

## Explicação do texto

A lição do Evangelho dêste dia, consagrado pela Igreja à comemoração solene da Instituïção do Santíssimo Sacramento do Altar, faz parte do sublime discurso de Jesus, contido no capítulo 6.º do Evangelho de S. João, denominado o Discurso do *Pão da Vida eterna* ou da *Promessa* da SS. Euca-

ristia. O Divino Mestre pronunciou êste discurso na sinagoga de Cafarnaúm, cêrca da festa da Páscoa, um ano antes da que precedeu imediatamente a da sua paixão e morte, no terceiro ano do seu ministério público. Na antevéspera tinha Êle multiplicado milagrosamente os cinco pães e dois peixes, no deserto próximo de Betsaida, dando com êles de comer em abundância a cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças (ver o Evangelho do 4.º Domingo da Quaresma). Para se subtrair à multidão, que queria aclamá-lo rei, Jesus retirou-se só ao monte, para ali passar a noite em oração, mandando os discípulos navegar para Cafarnaúm. No decurso da noite veio porém ter com êles, caminhando sôbre as águas agitadas do lago de Tiberíades. No dia seguinte, o povo, não achando Jesus na parte oriental, onde fôra obrado o milagre, veio procurá-lo a Cafarnaúm; e, tendo-o encontrado, preguntou-lhe como é que Êle tinha ido para ali. Jesus, sem responder a esta pregunta indiscreta, procurou levantar o espírito dos seus ouvintes para preocupações de ordem mais elevada. O Divino Mestre censurou-os de o procurarem interessadamente, pelo pão material, que lhes havia distribuído em abundância, exortando-os a procurar antes de tudo o Pão espiritual, imperecedoiro e eterno, que o Filho do homem lhes daria, com a condição de crerem nele, como enviado de Deus (cap. 6, vv. 26-29). O povo, a quem não bastava o

estupendo milagre que acabava de presenciar no deserto de Betsaida, pedia-lhe ainda um prodígio para acreditar a sua missão divina, lembrando-lhe que outrora tinha Deus dado ao povo por Moisés um pão celeste, o maná. Jesus respondeu-lhes que o verdadeiro pão do Céu não era o que lhes tinha dado Moisés (o qual era apenas uma figura), mas o que o Pai agora lhes dá, o Pão de Deus, que desceu do Céu para dar a vida (da Graça) ao mundo. O povo, que entendeu ainda estas palavras materialmente, respondeu-lhe, pedindo-lhe que lhe desse sempre êste pão (vv. 30-34). Então Jesus declarou-lhes que o Pão da vida era Êle mesmo, que descera do Céu para comunicar a vida ao mundo. O que crê nele, participará dêste alimento celeste e sobrenatural, que o saciará para sempre (vv. 35-40). Como o povo murmurasse, surpreendido do que ouvia, Jesus afirmou-lhes categòricamente e com insistência que Êle é o Pão descido do Céu, que dá a vida eterna. O Pão, que Êle dará, é a sua carne, que dará a vida ao mundo (vv. 41-51). Como os Judeus discutissem entre si como seria possível que Êle lhes desse a sua carne a comer, o Salvador declarou-lhes explícita e solenemente: "Se não comerdes a carne do Filho do homem e não beberdes o seu sangue, não tereis a vida em vós„ (v. 53). Ao contrário: "O que comer a minha carne e beber o meu sangue, tem a vida eterna, e eu o ressuscitarei no último dia„

(v. 54). A estas palavras seguem-se imediatamente as que lemos na Missa dêste dia.

O Corpo e o Sangue de Jesus são, como Êle o declara formalmente, um verdadeiro (não simbólico ou figurado) alimento para as almas crentes. A participação dêste alimento, diz, estabelece entre Êle e as almas uma união íntima, mútua e perpétua. Tal é o efeito próprio dêste sacramento. Cristo permanece no que comunga, e o que comunga permanece em Cristo, participando da plenitude da sua vida. Assim como Êle vive pela virtude divina, de que participa substancialmente, também o que O receber em alimento, pela Comunhão, viverá por Êle, em virtude da mesma vida divina, que Êle lhe comunicará sobrenaturalmente. Êste é o verdadeiro Pão, descido do Céu, para alimento espiritual dos crentes. O maná, que Deus deu ao seu povo no deserto sustentava-lhes a vida temporal, de um modo transitório. Êste verdadeiro Pão celeste, que aquêle figurava, dá a vida espiritual e eterna aos que o tomam (vv. 55-59).

As palavras do Salvador escandalizaram aquêle povo que, entendo-as materialmente, estava ainda muito longe da compreensão do mistério da Eucaristia. Muitos dos que até ali o seguiam, como discípulos, desde aquêle momento afastaram-se dele. Mas Jesus, voltando-se para os Doze Apóstolos que, no meio daquela deserção permaneceram fiéis, embora sem compreenderem o mistério, preguntou-

-lhes com admirável calma e mansidão: "Também vós quereis ir?„ Então Pedro, em nome de todos, respondeu-lhe com esta bela profissão de fé: "Senhor, para quem iremos nós? Vós tendes palavras de vida eterna. E nós cremos, sabendo que Vós sois o Santo de Deus (isto é, o Messias)„.

— Tal é a grandiosa e consoladora *promessa da Eucaristia*, cujo alcance nem os mesmos apóstolos compreenderam naquela ocasião. Compreenderam-no um ano depois, quando Jesus a realizou na última ceia, dando-lhes o seu SS. Corpo e Sangue sob as espécies do Pão e do Vinho. Êste sublime mistério realiza-se perpètuamente no meio de nós, nos nossos altares. Apesar de nos ser tão familiar, será sempre para nós impenetrável, como um augusto mistério superior ás limitadas fôrças da nossa razão. Mas a nossa Fé obriga-nos a crer com firme adesão na palavra do Divino Mestre. E a nossa Razão como o nosso Coração caem aos seus pés rendidos e agradecidos perante êste mistério inefável da Fé e do Amor.

*Efeitos da Eucaristia*, indicados na lição do S. Evangelho de hoje: — *a) União íntima e perpétua* com Nosso Senhor; — *b) participação da Vida divina*, por esta união sobrenatural; — *c) imortalidade gloriosa*, que a mesma união divina nos garante... O Divino Mestre afirmou que a Comunhão eucarística é condição indispensável para partici-

parmos, por meio dele, da Vida Sobrenatural e Eterna. A Comunhão, feita dignamente, com Fé e Amor, é para nós a fonte da Graça e o penhor seguro da eterna glória.

# 2.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XIV, vv. 16.24:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos fariseus esta parábola: Um homem preparou um grande banquete, e convidou muita gente. E à hora do banquete mandou o seu servo dizer aos convidados: Vinde, porque já está tudo preparado. E todos unânimente começaram a escusar-se. O primeiro disse-lhe: Comprei um campo, e tenho necessidade de ir vê-lo; peço-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Comprei cinco juntas de bois, e vou experimentá-los; peço-te que me tenhas por escusado. E outro disse: Casei-me, e por isso não posso ir. E o servo, voltando, referiu isto ao seu senhor. Então irritado o senhor da casa, disse ao seu servo: Vai depressa às praças e ruas da cidade, e traze para aqui os pobres, estropiados, cegos e coxos. E disse o servo: Senhor, fêz-se o que mandastes, e ainda há lugar. E disse o senhor ao servo: Vai pelos caminhos e sebes, e obriga a entrar,

**para que se encha a minha casa. Porque eu vos digo que nenhum daqueles homens, que foram convidados, terá parte no meu banquete.**

## Explicação do texto

O Divino Mestre pronunciaria esta parábola no decurso do último ano do seu ministério público, talvez em Jerusalém, quando ali foi por ocasião da festa da Dedicação do Templo (Novembro-Dezembro do a. 29), num banquete, que lhe ofereceu um dos principais dentre os fariseus, num dia de Sábado. Nessa ocasião curou Jesus um hidrópico, e deu aos fariseus instruções apropriadas sôbre a humildade e caridade, com que deviam proceder em idênticas circunstâncias, ao contrário do que nêles então observara.

Um dos presentes exclamara, depois de ouvir as instruções do Senhor: "Feliz o que participará da refeição no reino de Deus„. Jesus respondeu por esta parábola, mostrando que não basta ser chamado ao banquete celeste para nêle tomar parte; mas que para isso é preciso ser dócil ao apêlo divino; como os homens de facto respondem a êsse apêlo; e porque serão justamente excluídos e substituídos naquele convite e banquete.

Um homem, de haveres, deu um grande banquete, convidando para êle muitas pessoas, natu-

ralmente distintas pela posição social ou da sua intimidade. Quando tudo estava preparado, mandou chamar os convidados, mostrando assim o interêsse que tinha em que êles não faltassem. Todos porém à uma se escusaram ao convite. Para isso apresentaram diversos pretextos. Mas todos estão de acôrdo no fundo, mostrando a sua falta de vontade e o pouco aprêço em que têm o convite. As ocupações aduzidas como impedimento são daquelas que poderiam ser previstas ou diferidas para outra ocasião, se se quizesse. Os dois primeiros desculpam-se ainda com certa delicadeza, nas palavras. O terceiro, atendendo sòmente ás suas conveniências pessoais, não cuida sequer de se desculpar, recusando-se simplesmente a comparecer. Evidentemente nenhuma destas excusas poderia satisfazer o que fizera o convite.

Irritado com a descortesia dos primeiros convidados, êle vai mostrar-lhes que não precisa deles para fazer o seu banquete. Manda chamar tôda a sorte de miseráveis da cidade, às ruas e praças, onde êles costumam encontrar-se. Êsses ao menos não recusam o convite, mas acedem a êle prontamente, não sendo retidos pelos mesmos obstáculos dos interêsses materiais ou conveniências mundanas.

Não estando ainda cheia a sala do festim, manda o senhor buscar aquêles que, ainda mais miseráveis, estavam fora da cidade, pelos caminhos

e junto às sebes. Se êsses, talvez por vergonha, não quizerem vir, serão mesmo forçados. A casa deve encher-se, não ficando um só lugar vazio. Mas os primeiros convidados, que foram tão indelicados, êsses serão inexoràvelmente excluídos do banquete.

— O banquete é na Sagrada Escritura a figura clássica do Reino de Deus. O homem, que dá êste banquete, representa Deus, que a todos convida à felicidade eterna do Paraíso. Os primeiros convidados representam todos aquêles que começam por ouvir a voz de Deus, chamando-os à salvação, pela prègação do Evangelho e pelos apêlos da Graça. Êstes aceitam o convite; creem, e têm um desejo vago e remoto de salvar-se. Mas, pràticamente, rejeitam finalmente o convite e tornam-se indignos dele, pelo desprêzo ou menor aprêço que dão às coisas eternas. À hora do banquete manda-os Deus chamar, e recusam-se a comparecer. Os interêsses espirituais e eternos são sacrificados aos temporais e terrenos.

Nas escusas dos convidados da parábola podem ver-se representadas as que em todos os tempos opõem os homens ao apêlo da Graça divina, e que se resumem nas três concupiscências de que fala o Apóstolo S. João: a soberba e ambição, as riquezas materiais e a sensualidade. É, em suma, o apêgo desordenado e a solicitude desregrada das coisas terrenas o que impede os homens de segui-

rem dòcilmente o apêlo divino e os privam dos bens espirituais.

Deus porém realizará plenamente os seus desígnios e fará ver a sua glória, sem para isso precisar de ninguém. Se os homens se recusam ao convite, o mal será deles. Deus quere salvar os homens e dar-lhes a eterna felicidade, por mera bondade e misericórdia sua. Êle não atende à condição terrena de cada um. Ricos ou pobres, afortunados ou miseráveis, grandes ou humildes, todos são iguais diante de Deus. O que Êle quere é que se encha a sua casa, e que os homens obedeçam com prontidão e docilidade ao seu apêlo. Os que, tendo sido convidados, se recusam finalmente a ir ao banquete, serão excluídos do seu Reino, por culpa sua.

— No seu fim imediato, esta parábola seria destinada a significar que os Judeus foram os primeiros chamados ao Reino messiánico, como depositários das promessas divinas. Tendo porém recusado o convite quando a êle foram chamados pelo Salvador, foram excluídos do reino e nêle substituídos pelos Gentios, espiritualmente miseráveis, mas que prontamente obedeceram ao apêlo.

Jesus porém mostra nela a todos os homens a necessidade de responder pronta e fielmente ao apêlo da Graça divina, sacrificando aos interêsses espirituais os temporais, que àqueles devem ser subordinados; e de guardar-se bem de aderir de-

sordenadamente às coisas terrenas, desprezando as eternas. O maior castigo é ser privado dos dons divinos assim desprezados.

Deus convida todos os homens ainda neste mundo ao *Banquete Eucarístico*, figura e penhor do banquete da Glória. Os homens, porém, desprezam êste convite, recusando-se a segui-lo, sob os mesmos pretextos. Os interêsses da alma são pospostos aos interêsses materiais. Acautelemo-nos de que, tendo em tão pouco aprêço os dons de Deus, deles nos tornemos indignos, e sejamos deles privados para sempre. Pela nossa indiferença e desdém pelas graças de Nosso Senhor atraïremos sôbre nós a sua justa ira...

# 3.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XV, vv. 1-10:*

NAQUELE tempo aproximavam-se de Jesus os publicanos e os pecadores para o ouvirem. E murmuravam os fariseus e os escribas, dizendo: Êste recebe os pecadores e come com êles. Êle porém disse-lhes esta parábola: Qual dentre vós, tendo cem ovelhas e havendo perdido uma delas, não deixa as noventa e nove no deserto, e vai atraz da que se perdeu, até a achar? E, tendo-a achado, põe-na alegre sôbre os seus hombros e, vindo para casa, convoca os amigos e os vizinhos, dizendo-lhes: Alegrai-vos comigo, porque achei a minha ovelha que se perdera? Digo-vos que assim também haverá mais alegria no Céu por um pecador arrependido do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência. Ou qual é a mulher que, tendo dez dracmas, se perder uma dracma, não acende uma lâmpada e varre a casa e procura com diligência até a achar? E, tendo-a

**achado, chama as amigas e vizinhas, dizendo: Alegrai-vos comigo, porque achei a dracma que tinha perdido? Assim também, eu vo-lo digo, há alegria entre os anjos de Deus por um pecador arrependido.**

## Explicação do texto

Estas duas parábolas, com a do filho pródigo, que segue imediatamente no Evangelho de S. Lucas, formam o que se chama a *Trilogia da Misericórdia divina* para com os pecadores. Foram pronunciadas pelo Divino Mestre no decurso do último ano da sua vida pública, pela mesma época da do domingo precedente, isto é, depois da festa da Dedicação do Templo. Por elas quis Nosso Senhor mostrar a misericórdia de Deus para com os pecadores, que Êle procura com solicitude e convida à penitência, alegrando-se sumamente com a sua conversão.

Os fariseus e os escribas ou doutores da Lei censuravam Jesus, escandalizados, por Êle tratar amigàvelmente com gente de má nota, com os publicanos e outros pecadores, cujo convívio êles evitavam orgulhosamente. O Salvador vai mostrar aos seus adversários que êste modo de pensar e agir é contrário à bondade e misericórdia divina.

Os publicanos eram os funcionários públicos encarregados de levantar os impostos e direitos alfandegários. Eram geralmente mal vistos entre os

Judeus, quer porque estavam ao serviço das autoridades estrangeiras, quer pelas injustiças e vexações que freqüentemente cometiam no exercício do seu ofício, quer porque êste os punha em contacto ordinário com os pagãos, o qual os fazia incorrer em impureza legal. Desta classe saiu o apóstolo S. Mateus e Zaqueu, chefe de publicanos convertido.

Se os pecadores se aproximavam de Jesus, faziam-nos atraídos pela sua bondade e clemência, pela sua doutrina e pela Graça. Êle acolhia-os cordialmente, tendo vindo, como dizia, a êste mundo para chamar, não os justos, mas os pecadores; e porque os enfermos, e não os sãos, têm necessidade do auxílio do médico. Os inimigos do Salvador, ao contrário, cheios de soberba e presunção, desprezavam os pecadores, não sofrendo o seu contacto. A esta severidade farisaica opõe Nosso Senhor a sua compaixão e solicitude pela salvação dos pecadores.

A parábola do pastor procurando a ovelha desgarrada é fácil de compreender. Se em algum ponto se afasta da realidade das condições normais, é únicamente para melhor inculcar a lição moral que Nosso Senhor tem em vista. Não há imagem mais tocante do amor e solicitude do Divino Pastor pelos pecadores, que Êle veio salvar. A ovelha desgarrada é a alma infiel que, pelo pecado, se afasta do rebanho dos escolhidos e do

caminho da salvação. O bom Pastor vai em sua procura, chamando-a pelos diversos meios exteriores e interiores da divina Graça. Uma vez que ela ouviu a sua voz e acudiu ao seu apêlo, põe-na aos seus hombros, reconduzindo-a ao redil. Trata-a carinhosamente. Alegra-se pela sua conversão, e convida os seus amigos, os justos, a regozijar-se com Êle.

Declara o Salvador que "haverá mais alegria por um pecador arrependido do que por noventa e nove justos que não precisam de penitência„. Isto não significa que Deus tenha menos amor aos justos do que aos pecadores, nem que a perseverança daqueles não seja mais meritória diante dele do que a conversão dêstes. Mais alegria não representa necessàriamente mais amor. Quando, porém, um pecador se converte, há como que uma maior explosão de alegria, que não teve ocasião de manifestar-se com relação aos justos que perseveram. É então, por assim dizer, a alegria mais sensível, pela reparação da falta antes sentida, e depois dos cuidados e solicitudes que ocasionou a perda de uma alma, agora novamente reavida, convertida e reentrada no caminho da salvação; da mesma sorte que a mãe se alegra pela cura de um filho enfermo, e tanto mais quanto mais grave e perigosa foi a enfermidade.

A mesma lição nos é dada pela parábola da dracma perdida, buscada e achada. Uma dracma

equivale a cêrca de dois tostões, no valor antigo da nossa moeda. Não é muito, em si mesmo. É porém de muito valor para a pobre mulher, que tinha apenas dez, magro fruto das suas economias. Tendo perdido uma, faz tôdas as diligências possíveis para a encontrar. Uma vez reavida, convida as suas amigas e vizinhas a regozijar-se com ela pelo seu achado. Assim, diz Jesus, se alegram os anjos de Deus pela conversão de um pecador. O pecador, com efeito, faz parte da mesma família dos anjos e dos justos. Voltando êle à casa paterna e à sociedade dos justos, todos os seus irmãos se regozijam. A conversão do pecador é motivo de festa para tôda a família, de alegria para todos os filhos de Deus.

— Assim nos ensina o Divino Mestre qual a solicitude de Deus pelos pecadores, quanto Êle faz por os converter e com que alegria os recebe quando arrependidos. Admiremos e louvemos a infinita misericórdia de Deus e a sua solicitude pela nossa salvação. Êle procura-nos a cada um de nós, quando extraviados, pela sua Graça, por mil meios que Êle ordena para a nossa conversão. Se não resistimos ao seu chamamento e nos deixamos reconduzir por Êle ao redil, dar-lhe-emos a maior satisfação e alegria, a Êle e a todos os justos.

Que maior motivo de esperança e confiança para os pecadores do que o ensino que nos dá o Divino Mestre nestas parábolas?

O exemplo de Jesus é também para nós uma lição, ensinando-nos com que amor, zêlo e generosa solicitude devemos procurar salvar as almas extraviadas. Usemos de misericórdia e compaixão para com elas, não de dureza e rigor. Se conseguirmos reconduzir ao bom caminho as almas dele afastadas, daremos a maior satisfação ao Coração de Jesus e aos justos do Céu e da Terra. Um pecador convertido é um filho pródigo que volta ao seio da família cristã, e mais um escolhido, que louvará a Deus no Céu por tôda a eternidade.

# 4.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. V, vv. 1-11:*

NAQUELE tempo, instando a multidão com Jesus para ouvir a palavra de Deus, e estando Êle junto ao lago de Genesaré, viu duas barcas que estavam à borda do lago; enquanto que os pescadores, tendo descido delas, lavavam as rêdes. E, subindo para uma das barcas, que era de Simão, pediu-lhe se afastasse um pouco da terra; e, sentando-se, ensinava da barca as turbas. Tendo acabado de falar, disse para Simão: Conduz a barca para o alto mar, e lançai as vossas rêdes para a pesca. Respondeu-lhe Simão: Mestre, tendo-nos cansado a trabalhar tôda a noite, não apanhámos nada; mas à vossa palavra lançarei as rêdes. E, tendo feito isto, apanharam uma grande quantidade de peixes, tanto que se iam rompendo as suas rêdes. E fizeram sinal aos companheiros, que estavam na outra barca, para que viessem ajudá-los. E êles vieram, e encheram ambas as barcas, de

**sorte que por pouco se afundavam. Vendo isto Simão Pedro, caiu aos pés de Jesus, dizendo: Afastai-vos de mim, porque sou um homem pecador, Senhor. Pois que fôra tomado de espanto, êle e todos os que com êle estavam, pela pesca dos peixes que tinham feito; igualmente Tiago e João, filhos de Zebedeu, que eram colegas de Simão. E disse Jesus para Simão: Não temas; doràvante serás pescador de homens. E, tendo reconduzido as barcas a terra, deixando tudo, foram em seu seguimento.**

## Explicação do texto

A primeira pesca milagrosa, narrada só pelo evangelista S. Lucas, teria lugar no primeiro ano do ministério público de Nosso Senhor, perto da primeira Páscoa, ao terminar a sua primeira missão ou inauguração do seu ministério na Galileia, precedendo a vocação definitiva dos primeiros apóstolos. O milagre foi obrado no lago de Genesaré ou mar da Galileia, provàvelmente perto de Betsaida, pátria dos apóstolos que nêle tiveram parte.

O povo aglomerava-se em volta de Jesus, ávido de ouvir da sua bôca a palavra divina. O Divino Mestre não perdia nenhuma ocasião oportuna para lhes prègar a doutrina evangélica e mostrar o caminho do Céu. Ao ar livre fazia-o

mais à vontade do que nas sinagogas, onde já começava a ser espiado pelos fariseus. Tendo saído pela manhã cedo de Cafarnaúm, caminhava pela margem do lago, e chegou ao lugar onde quatro dos seus futuros apóstolos, com outros companheiros, se ocupavam em lavar e consertar as suas rêdes, depois de terem passado tôda a noite no trabalho da pesca, sem fruto algum... Vendo as duas barcas à borda do lago, entrou numa delas, que pertencia a Simão (S. Pedro). Como noutras ocasiões análogas, pediu que a barca fôsse retirada um pouco para o interior do lago, afim de que o povo aglomerado na margem pudesse melhor ouvi-lo. E ali sentado prègava à multidão o reino de Deus.

Jesus, porém, queria nesta ocasião mover aquêles pescadores, já seus discípulos dóceis, a segui-lo de um modo definitivo, tornando-se os companheiros assíduos do seu ministério apostólico. Por isso obrou um prodígio, que devia aumentar nêles a fé e confiança no seu poder, e ao mesmo tempo seria para êles uma instrução prática relativamente à sua futura missão. Acabada a prègação, mandou a Simão (Pedro) que navegasse mais ao largo, onde as águas são mais profundas, e que se dispusessem a pescar. Não era pequena a prova a que o Senhor sujeitou então a fé de Pedro e dos seus companheiros. Depois de terem trabalhado tôda a noite em vão, deviam agora em pleno dia, na hora menos

oportuna, cansados, recomeçar o trabalho da pesca Cheio, porém, de confiança, Pedro obedeceu sem hesitação à palavra do Senhor. E a sua obediência foi depressa recompensada, numa medida excedendo tudo o que podia esperar. Apenas tinham lançado as rêdes, e logo elas se encheram de peixes em tal abundância, que com o pêso se iam rompendo. Chamaram os companheiros, que estavam na outra barca, talvez na borda do lago; e, ajudados por êles, puderam recolher as rêdes, enchendo de peixes as duas barcas, de tal modo que ameaçavam submergir-se. Depois do insucesso do trabalho da noite, o facto era verdadeiramente extraordinário.

Os que foram testemunhas dêste sucesso, que não podiam atribuir à sua perícia ou fortuna, mas só a um conhecimento e poder sobrenatural, foram cheios de admiração e espanto. E Pedro, cônscio da sua miséria e baixeza, prostrando-se logo aos pés de Jesus, confessa-se indigno de estar na presença daquele que tinha tal poder e santidade. O Senhor reanima a sua confiança. E, sob a imagem da sua antiga ocupação, anuncia-lhe a sua nova vocação ao apostolado, significando assim qual o desígnio que o tinha levado a obrar aquêle prodígio. O Salvador dirige-se só a Pedro, que será pescador de homens. Os outros também o serão. Mas Pedro terá a função principal. É êle que deve dirigir a barca para o mar largo, e guiar

os outros, seus associados, na evangelização do mundo e na conquista das almas.

Tendo recolhido as barcas, os quatro discípulos (Pedro, André, Tiago e João), movidos pelo milagre e pela Graça divina, deixando tudo, uniram-se definitivamente ao Divino Mestre, que deles fêz os primeiros apóstolos.

— Jesus obrou, portanto, êste milagre da pesca milagrosa para dispor os seus discípulos a segui-lo constantemente e aceitar corajosamente a sua missão apostólica. Para isso dá-lhes uma prova manifesta do seu poder divino e inspira-lhes uma confiança ilimitada no seu auxílio. Ao mesmo tempo, significa-lhes alegòricamente a natureza, os trabalhos e sacrifícios, bem como os frutos abundantes do apostolado, acompanhado e dirigido pela divina Graça. O lago designa figuradamente o mundo; os peixes, os homens; a barca, a Igreja; a margem, a eternidade; os pescadores, os apóstolos e os seus sucessores, que, com as rêdes da prègação evangélica, sob o impulso da Graça, devem tirar os homens do abismo do êrro e da corrupção para a luz da Fé e o pôrto da salvação.

Êste milagre é ainda uma profecia em acção do Reino de Deus, isto é, da Igreja. Na Igreja, tôda a actividade, para ser frutuosa, deve obedecer à ordem de Cristo, e ser dirigida por Pedro e pelos seus sucessores. Só nestas condições os esforços dos operários do Evangelho serão coroados

de êxito feliz, salvando-se por êles muitas almas que, na barca da Igreja, serão conduzidas à praia da Eternidade.

O exemplo dos apóstolos ensina-nos ainda: *a)* a obediência pronta e dócil à palavra de Cristo; *b)* uma absoluta confiança no seu poder e providência; *c)* uma completa e generosa dedicação, abandonando-nos totalmente a Êle, com sacrifício de tudo o mais. Seguindo assim a vocação particular, que Deus nos destina, o nosso trabalho será fecundo nesta vida para a glória de Deus, o bem do próximo e o nosso próprio proveito espiritual, e meritório para a Vida eterna...

# 5.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. V, vv. 20-24:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Se a vossa justiça não fôr superior à dos escribas e fariseus, não entrareis no reino dos céus. Ouvistes que foi dito aos antigos: Não matarás; o que porém matar, será sujeito a juizo. Mas eu digo-vos que todo aquêle, que se irar contra o seu irmão, será sujeito a juizo; e o que tratar o seu irmão de *raca*, será sujeito ao Sinédrio; o que porém o tratar de estulto, será réu da geena do fogo. Se pois fizeres a tua ofrenda ao altar, e ali te recordares que o teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali a tua ofrenda diante do altar, e vai primeiro reconciliar-te com o teu irmão; e então virás fazer a tua ofrenda.

## Explicação do texto

Esta passagem do Santo Evangelho faz parte do admirável Sermão da montanha, pronunciado

pelo Divino Mestre pelo Pentecostes do segundo ano do seu ministério público, na Galileia. Êsse discurso é como que um resumo da Doutrina evangélica, dirigido por Jesus aos seus discípulos e, em geral, à multidão que de tôdas as partes da Palestina corria para Êle. O exórdio é constituído pelas Bem-aventuranças, que são como que a exposição das normas evangélicas da verdadeira felicidade, radicalmente opostas às máximas mundanas, e encerram as condições fundamentais para entrar no Reino de Deus, que o Salvador veio estabelecer sôbre a terra.

Em seguida, promulga Jesus a Lei Nova ou evangélica, comparando-a primeiro à Antiga e expondo-a depois em si mesma.

O Divino Mestre declara que não veio abolir a Lei antiga (na sua parte essencial e universal), mas sim completá-la e aperfeiçoá-la. De facto, Jesus ensinou uma moral mais elevada e perfeita do que a que impunha a antiga Lei. Não contente com a letra desta, Êle descobriu o seu espírito ou sentido mais profundo, que os seus discípulos deveriam realizar. Assim a Lei é transformada e aperfeiçoada.

Aos cristãos não basta, portanto, praticar a Justiça ou Lei moral como a praticaram os doutores da Lei e os fariseus, agarrados servilmente à letra dos preceitos legais. Mais do que aos actos exteriores, a Lei nova atende às disposições inte-

riores. Tendendo a um ideal mais sublime de perfeição — "Sêde perfeitos como o vosso Pai celeste é perfeito„, o Evangelho vai mais longe nas suas prescrições, impondo preceitos mais completos e elevados, de ordem espiritual. A base e o resumo dos preceitos evangélicos é uma Caridade perfeita, como jamais fôra prègada.

Assim, a Antiga Lei, de acôrdo com a Lei natural, proïbia aos Judeus o homicídio sòmente; acrescentando que o homicida devia ser levado a juízo e condenado. Donde era fácil concluir que só o homicídio era castigado por Deus. Jesus porém vai mais longe, proïbindo aos seus discípulos expressamente, não só o homicídio, mas tôda a cólera, sentimentos e palavras de desprêzo, ódio e rancor, e, com mais razão ainda, tôdas as ofensas e insultos contra o próximo. O nosso próximo é designado com o nome de *irmão.* Todos nós, segundo o Divino Mestre, somos irmãos, filhos do mesmo Pai que está no Céu.

Jesus apresenta como culpáveis três casos, mais ou menos semelhantes, de cólera contra o próximo: um de simples ira, e dois de ira acompanhada de palavras injuriosas. A palavra *raca* significa *cabeça ôca,* e equivale aos epítetos de *tolo* ou *imbecil.* Não é fácil descobrir diferença importante entre êste insulto e o contido na expressão de *estulto* ou *estúpido.* Em vez de procurar descobrir uma gradação nas três espécies de

cólera, melhor é ver nelas três manifestações semelhantes, mais ou menos injuriosas para com o próximo.

Igualmente, nas três formas de condenação, correspondentes a essas três manifestações de cólera, veremos de preferência três representações do Supremo Tribunal de Deus, que castiga rigorosamente, não só o homicídio, mas tôda a ira, palavras e acções ofensivas contra os nossos irmãos.

O Sinédrio era o tribunal supremo dos Judeus, que julgava as causas maiores. Aqui é a figura do tribunal divino, o qual só pode condenar ao fogo eterno. A *Geena* ou *Vale de Hinnom* era um local, junto aos muros da cidade de Jerusalém, onde foi praticado o culto abominável de Moloch, e por isso nêle se lançavam mais tarde os cadáveres dos animais e as imundícies da cidade, que eram consumidas pelo fogo. Já nos antigos profetas foi tomado como a figura do Inferno (Isaías, 66,24), que o nome de Geena passou depois a designar.

A cólera contra o próximo, que Deus castiga com tanto rigor, deve ser substituída pela Caridade fraterna, mais importante para um cristão do que o mesmo sacrifício, que sem ela não agrada ao Senhor.

Jesus quere e manda que nos reconciliemos com o nosso próximo, se acaso o ofendemos em alguma coisa, por pouco que seja. Sem isso não nos perdoará os nossos pecados, nem aceitará os

nossos sacrifícios, os nossos votos ou as nossas súplicas. Só depois de termos reparado as injúrias e ofensas contra a caridade fraterna é que poderemos aproximar-nos do altar do Senhor, com a confiança de que as nossas ofrendas e votos serão por Êle aceites.

É necessário que paguemos as nossas dívidas ou componhamos as nossas diferenças com o próximo amigàvelmente, antes que êle nos cite perante o tribunal divino, acrescenta ainda o Salvador. Melhor é o recurso à Caridade do que à Justiça com as suas normas severas. Se nesta vida nos não reconciliarmos e compusermos com os nossos próximos, seremos citados e condenados no tribunal divino, e não poderemos escapar ao rigor da sua Justiça.

— O Divino Mestre ensina-nos assim: — *a)* quão importante é o preceito da Caridade para com o próximo, pois que a sua violação é punida com tanto rigor; — *b)* a obrigação que temos de nos reconciliar com o próximo e reparar as ofensas que acaso lhe fizemos, sem o que é impossível agradar a Deus; — *c)* que todos somos irmãos, devendo como tais amar-nos, perdoar-nos, suportar-nos e ajudar-nos mutuamente. A Caridade é a característica e o sêlo da Perfeição cristã...

# 6.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Marcos, c. VIII, vv. 1-9:*

NAQUELE tempo, havendo uma numerosa multidão com Jesus e não tendo que comer, chamando os discípulos, diz-lhes: Tenho compaixão da multidão, porque há já três dias que estão comigo e não têm que comer; e, se os mando sem comer para suas casas, desfalecerão no caminho; e alguns deles vieram de longe. E responderam-lhe os seus discípulos: Como se poderá saciá-los de pão aqui, num deserto? E preguntou-lhes Êle: Quantos pães tendes? Responderam: Sete. E mandou ao povo sentar-se no chão. E tomando os sete pães, dando graças, partiu-os e dava-os aos seus discípulos para que os servissem; e êles os serviram à multidão. E tinham uns poucos de peixinhos. E, abençoando-os, disse que os servissem também. E comeram, ficando saciados. E dos pedaços restantes recolheram sete cêstos. E os que

**comeram eram cêrca de quatro mil. E mandou-os embora.**

## Explicação do texto

Duas vezes obrou Jesus o milagre da multiplicação dos pães, no terceiro ano da sua vida pública, no período da longa missão na Galileia. A primeira multiplicação, narrada pelos quatro evangelistas, teve lugar algumas semanas antes da terceira Páscoa, na região vizinha de Betsaida (ver o Ev. do 4.º domingo da Quaresma). A segunda, referida só por S. Mateus e S. Marcos, seria pelo Pentecostes dêsse mesmo ano, na parte oriental do lago de Genesaré como a primeira, mas um pouco mais para o sul, na região chamada da Decápole. É desta segunda que trata o Evangelho dêste dia.

Seguia o Divino Mestre uma grande multidão, que provàvelmente seria em grande parte composta de gentios, que povoavam em maioria aquelas paragens, onde Jesus passara as últimas semanas. Vindo êles de tôdas as partes, alguns de muito longe, trazendo enfermos de tôdas as sortes para que o Salvador os curasse, e havendo já três dias que o iam seguindo, deviam esgotar-se neste tempo as poucas provisões que porventura houvessem trazido consigo. A região, em que se achavam, era deserta, sendo as povoações da Decápole pouco numerosas e distantes. Não era, portanto, fácil en-

contrar comida para tanta gente. Mas o Divino Mestre, ao mesmo tempo que lhes alimentava o espírito com a celeste doutrina, não esquecia as suas necessidades temporais.

Jesus é o primeiro a chamar a atenção dos apóstolos para a necessidade daquela gente, significando-lhes a compaixão que sente por êles e o seu desejo de dar-lhes de comer antes de voltarem para suas casas. As razões, que a isso O movem, são: porque já há três dias que o seguem, não têm que comer, e não quere despedi-los em jejum, sem terem restaurado as suas fôrças, pois que poderiam desfalecer no caminho, principalmente sendo alguns de muito longe... Não os socorrer, seria recompensar mal a sua solicitude em ouvir a palavra divina. Como, porém, dar-lhes de comer?

Evidentemente, o Divino Mestre, como da primeira vez, sabia muito bem o que havia de fazer. Se Êle fala assim aos discípulos, é para provar mais uma vez a sua fé e fazer-lhes sentir a impossibilidade humana de ocorrer àquela necessidade. Disto eram perfeitamente conscientes os apóstolos, que logo fizeram ver ao Senhor quanto seria difícil arranjar comida para tanta gente, naquelas circunstâncias.

A fé dos apóstolos era ainda muito imperfeita. Não é crível que êles tivessem já esquecido o milagre da primeira multiplicação dos pães, sucedido pouco tempo antes. Não compreenderiam talvez

os desígnios do Divino Mestre, nem pensariam que Êle quizesse agora repetir o mesmo prodígio. Em todo o caso, êles apenas confessam a sua impotência, mostrando implìcitamente que só um milagre poderá remediar a situação. Jesus, para melhor fazer sobressair o milagre que vai obrar, pregunta aos apóstolos que provisões lhes restavam ainda. Ao que êles responderam que apenas tinham sete pães e alguns peixinhos: reserva apenas suficiente para êles mesmos. Jesus, porém, mandou o povo sentar-se no chão, dispondo-se para comer.

Em seguida, tomou o Salvador nas suas mãos os pães e os peixes, deu graças ao Pai celeste, abençoou-os e fê-los distribuir pelo povo. E os pães e peixes foram-se multiplicando prodigiosamente nas mãos do Senhor... Todos comeram e ficaram saciados, sendo cêrca de quatro mil homens, sem contar mulheres e crianças. E dos restos juntaram os discípulos sete cêstos cheios. Assim satisfeitos, despediu-os o Salvador para suas casas. E Êle, entrando numa barca, foi para outra parte.

— Êste milagre de Jesus é antes de tudo uma prova da sua *omnipotência* divina; e como tal deve excitar e confirmar a nossa Fé. Mostra-nos também a largueza da sua *bondade* e compaixão pelas fraquezas humanas; o que deve despertar em nós um amor ardente para com Êle e uma firme confiança na sua misericórdia.

O Salvador ocupa-se das necessidades corporais dos homens. Com maior solicitude ainda provê Êle às nossas necessidades espirituais. Dando-nos o pão material, pela sua generosa e contínua providência, dá-nos sobretudo o pão espiritual da sua Graça, que devemos antes de tudo pedir-lhe.

A sua compaixão pelos necessitados é para todos nós um sublime *exemplo*, que devemos imitar, procurando na medida das nossas fôrças socorrer tôda a sorte de misérias humanas, espirituais e temporais.

O pão material, distribuído miraculosamente aos homens, é ainda a figura do *Pão Eucarístico*, que Êle oferece a todos os cristãos. Na Eucaristia resplandece mais ainda a omnipotência de Jesus, que não cessa de multiplicar o seu Corpo, verdadeiro Pão da vida eterna; e o seu amor excessivo, razão suprema que o levou a obrar êste prodígio perpétuo. Um dom tão precioso da divina Bondade deve excitar em tôdas as almas fiéis os mais vivos sentimentos de reconhecimento e amor.

# 7.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. VII, vv. 15-21:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Acautelai-vos dos falsos profetas, os quais vêm para vós com vestes de ovelhas, mas por dentro são lôbos roubadores. Pelos seus frutos os conhecereis. Acaso colhem dos espinhos uvas ou dos abrolhos figos? Assim, tôda a boa árvore produz bons frutos, enquanto que a árvore viciada produz maus frutos. Não pode uma árvore boa dar maus frutos, nem uma árvore má dar bons frutos. Tôda a árvore que não produz bom fruto, é cortada e lançada no fogo. Portanto, é pelos seus frutos que os reconhecereis. Nem todo aquêle que me diz: Senhor, Senhor, entrará no reino dos céus; mas o que faz a vontade do meu Pai que está nos céus, êsse só entrará no reino dos céus.

## Explicação do texto

Esta passagem do santo Evangelho faz parte do Sermão da montanha, pronunciado pelo Divino Mestre na Galileia, pelo Pentecostes do segundo ano do seu ministério público (a. 28); e, com mais precisão, do epílogo dêsse discurso, que é como o resumo da doutrina evangélica. Nesse epílogo exorta Jesus a todos a *entrar pela porta estreita*, que conduz à vida eterna, e pela qual poucos entram, enquanto que são muitos os que passam pela porta larga da perdição (7,13-14); a *precaver-se dos falsos profetas* ou sedutores, que pretendem desviá-los do recto caminho, reconhecendo-os pelos seus frutos (7,15-20); a não se contentar de uma *santidade* exterior, que nada vale sem a *interior* (7,21-23); e enfim a construir o edifício da perfeição espiritual sôbre *sólidos fundamentos*, pondo em prática a doutrina evangélica, norma segura da verdadeira sabedoria (17,24-27).

Os *falsos profetas*, bem conhecidos no Antigo Testamento, eram os que se apresentavam como enviados de Deus, sem terem recebido dele missão alguma, traficando com a palavra divina e abusando da boa fé e devoção do povo. Na Igreja Cristã, como outrora no povo de Deus, haverá também falsos profetas. No tempo de Nosso Senhor, eram os fariseus e doutores da Lei, que em nome da ortodoxia, impediam o povo de crer no Salvador e

no seu Evangelho, afastando-o assim do verdadeiro caminho da salvação. Na vida da Igreja, são todos os falsos doutores, que, apresentando-se como mestres da Verdade ou defensores da Justiça, procuram desviar os fiéis da doutrina evangélica, da obediência aos legítimos pastores ou das normas da Moral cristã. Tais falsos profetas introduzem-se no rebanho de Cristo como pastores e mestres, apresentando-se como enviados de Deus, modêlos de virtude e cheios de zêlo pelas almas... Em realidade, porém, não vêm da parte de Deus, nem por Êle trabalham, mas por si mesmos, para satisfazer as suas ambições e realizar os seus fins perversos. Não procuram a glória de Deus, nem o triunfo da Verdade e da Justiça, mas só os próprios interêsses. Ensinam doutrinas falsas, prègam uma Moral ou demasiadamente austera ou excessivamente fácil. São hipócritas, que não pretendem senão perverter, seduzir e levar à perdição as almas de boa fé. São lôbos vorazes, disfarçados em ovelhas, das quais trazem por fora vestida a pele. Sob uma aparência de santidade, cândida e inofensiva, ocultam a sua malícia, o orgulho, a ambição e a cupidez que têm por dentro. Não são ministros de Deus, mas de Satanás. Não são auxiliares, mas adversários da obra divina e do bem das almas.

Como, porém, reconhecer os falsos profetas e distingui-los dos verdadeiros? Pelos seus frutos, diz o Divino Mestre, isto é, pelas suas obras;

como pelo fruto se conhece a natureza e qualidade das árvores. É pelos frutos que se conhece bem se a árvore é útil ou nociva. Assim os falsos profetas se conhecerão pelos seus frutos: pelos frutos produzidos por êles mesmos, pois que as próprias obras os traïrão, mais cedo ou mais tarde; mas, mais ainda, pelos frutos que farão produzir aos que aceitarem e seguirem as suas doutrinas. É impossível que uma doutrina falsa produza bons frutos. A malícia não costuma propagar a virtude, mas o vício; o êrro não deixará de produzir as suas conseqüências naturais. A tais falsos profetas espera-os um triste destino, quando soar a hora da Justiça divina: o fogo eterno; como as árvores viciadas e que não produzem bons frutos são cortadas e lançadas no fogo.

Não basta, porém, no reino de Deus, que nos acautelemos dos falsos profetas; é necessário que estejamos precavidos contra as próprias ilusões. É também pelas próprias obras que se reconhecerá se somos ou não aptos para o Reino dos céus. Para entrar no Reino dos céus não bastam as palavras, por mais santas e pias que elas sejam, nem uma virtude e santidade meramente exterior. É indispensável a verdadeira santidade, a interior, a qual consiste na reforma do coração e na inteira conformidade com a vontade de Deus. Não basta invocar o nome de Deus, é necessário cumprir fielmente e em tudo a sua santa vontade. Nisto con-

siste a verdadeira santidade e perfeição; esta é a condição essencial para ser verdadeiro cristão, não só de nome e de baptismo, mas de facto e de verdade. Só quem cumpre fielmente os mandamentos divinos é apto para o Reino dos céus.

— Jesus manda-nos acautelar-nos dos falsos profetas, que hoje como em todos os tempos se introduzem no seu rebanho para o perderem: quer abalando a Fé em nome de uma falsa ciência, quer corrompendo os costumes em nome de uma falsa liberdade. Não nos deixemos seduzir pelas aparências. Pelos seus frutos os conheceremos. As obras e os efeitos da sua doutrina nos revelarão o que êles são e o que pretendem. É pela sólida virtude e santidade que reconheceremos os autênticos enviados de Deus, para nos ensinar o caminho da Verdade e da Salvação.

Não devemos contentar-nos de confessar a nossa Fé pelas palavras, nem de praticar uma piedade meramente exterior; mas devemos procurar a santidade interior e verdadeira, pelo perfeito cumprimento da Vontade de Deus. Cumprir a Vontade de Deus é executar fielmente todos os nossos deveres, com uma intenção recta, que em tudo busca a glória divina. Só assim seremos verdadeiros cristãos e discípulos de Jesus. Só assim o edifício da perfeição cristã será em nós edificado sôbre fundamentos sólidos, e poderá resistir a tôdas as provas e ataques adversos...

# 8.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XVI, vv. 1-9:*

**NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Havia um homem rico, que tinha um feitor, o qual lhe foi denunciado como dissipando os seus bens. E, tendo-o chamado, disse-lhe: Que é o que ouço a teu respeito? Dá contas da tua administração, porque não podes mais ser feitor. O feitor disse então consigo mesmo: Que farei, pois que o meu senhor tira-me a administração? Cavar não posso, de mendigar tenho vergonha. Sei o que hei-de fazer, para que, quando fôr afastado da feitoria, me recebam nas suas casas. E, chamando um por um os devedores do seu senhor, dizia ao primeiro: Quanto deves ao meu senhor? Respondeu êste: Cem cados de azeite. Disse-lhe êle: Toma a tua obrigação, senta-te e escreve depressa: Cincoenta. Em seguida disse a outro. E tu quanto deves? Respondeu êste: Cem córos de trigo. Disse-lhe êle: Toma a tua escri-**

**tura e escreve: Oitenta. E o senhor louvou o feitor mau, porque procedera com tino; porque os filhos dêste século são mais sensatos entre êles do que os filhos da luz. E eu vos digo: Procurai-vos amigos pelo dinheiro da injustiça, para que, quando vierdes a faltar, vos recebam nos tabernáculos eternos.**

## Explicação do texto

O Divino Mestre propôs esta parábola aos discípulos, que o seguiam, no último ano do seu ministério público, talvez em Jerusalém, depois da festa da Dedicação do Templo (Novembro-Dezembro do a. 29). Faz parte das instruções relativas à salvação, dadas pelo Salvador por êsse tempo, e que nos transmitiu o evangelista S. Lucas. Por esta parábola não quis Nosso Senhor propor aos seus discípulos um exemplo a imitar no procedimento do feitor infiel; mas, constatando a habilidade dêste em tirar-se de embaraços, exortá-los a usar de igual zêlo e prudência no que toca à salvação. Os filhos dêste século mostram-se prudentes e hábeis nos negócios temporais. É necessário que os filhos da luz não o sejam menos nos negócios espirituais.

Um rico proprietário tinha um feitor, encarregado de administrar os seus haveres. Foram dizer-

-lhe que êsse feitor, ou por infidelidade e fraude ou por incapacidade, lhe deitava a perder os seus bens e assim o ia arruinando. Certo da sua culpabilidade ou incapacidade, resolveu despedi-lo. Antes, porém, pede-lhe contas da sua administração. Enquanto prepara as suas contas, o feitor pensa no modo de prover à sua situação futura. Acostumado a viver còmodamente e a gastar à larga, não tinha feito reservas, de que pudesse viver daí em diante. Despedido justamente do seu ofício, não encontraria fàcilmente outro senhor que lhe confiasse os seus bens para administrar. Só lhe restavam duas soluções honestas: ou trabalhar ou pedir esmola. Ambas porém lhe repugnam. Acostumado só a mandar os outros, perdera o hábito e não tinha fôrças para cavar. Ter de mendigar, depois de disfrutar uma situação cómoda e regalada, era certamente grande humilhação para êle. Postas de parte essas soluções, acha um expediente hábil, embora fraudulento, que lhe asseguraria a benevolência dos devedores do seu amo, fazendo-os seus próprios devedores e seus obrigados pela cumplicidade na fraude. Teria assim quem se visse forçado a dar-lhe abrigo e auxílio, quando fôsse despedido, e poderia viver ociosamente à custa dos outros.

Os devedores eram consumidores ou comerciantes, os quais tinham comprado géneros, que no tempo determinado pagariam ao prêço corrente,

comprometendo-se a isso por meio de uma obrigação ou escritura de contrato. O plano do feitor é atinado: convocará êsses devedores, e abater-lhes-á uma boa parte da dívida, convidando-os a fazer uma nova escritura de compra, com os números notàvelmente diminuídos. Prestando-lhes tão importante serviço, obrigá-los-á a mostrarem-se-lhe depois reconhecidos. Certamente os devedores foram todos chamados um por um, para o mesmo fim. Na parábola são citados apenas dois, como exemplos do processo usado pelo feitor infiel.

O primeiro devia cem cados de azeite. O *cado* ou *bath* era uma medida equivalente a cêrca de 38 litros. Cem cados eram portanto cêrca de 3.800 litros. A êste primeiro abateu o feitor metade da da dívida.

O segundo devia cem córos de trigo. O *córo* equivalia a cêrca de 590 litros. Cem córos a cêrca de 59.000 litros. A êste é descontado vinte por cento. Para um e outro o benefício é considerável; e a fraude praticada em grande escala.

Qual foi o desfecho do negócio, e como defendeu o proprietário os seus interêsses, não no-lo diz a parábola, porque isso não importa ao seu fim doutrinal. O Divino Mestre acrescenta apenas que "o senhor louvou o feitor mau, porque procedera com tino„. Não o louvou pelos actos em si mesmos, que sob o ponto de vista moral eram maus, fraudulentos, criminosos. Louvou-o, sim,

pela sua prudência e habilidade em se tirar de dificuldades e assegurar a sua futura subsistência em tão crítica situação. Chamando-lhe feitor mau (ou da iniquidade), o Salvador deu satisfação ao senso moral, que não pode aprovar tal procedimento. Se porém as acções não são para imitar, é-o a habilidade que elas representam. E nisto está precisamente a lição principal da parábola, que o Divino Mestre insinua com a reflexão seguinte: "porque os filhos dêste século são mais sensatos entre êles (na sua geração ou para com os seus congéneres) do que os filhos da luz„. Por estas palavras, o Salvador transporta-nos a uma ordem superior. Os filhos dêste século são os homens absorvidos pelas preocupações terrenas. Os filhos da luz são os que se preocupam sobretudo com as coisas espirituais, com o negócio da sua salvação. Os primeiros, diz Jesus, são mais hábeis e sensatos, tratando dos seus interêsses temporais, do que os segundos tratando dos interêsses espirituais e de assegurar-se a posse dos bens eternos. Saibam êstes tirar proveito, para os seus fins superiores, das lições que lhes dão aquêles na diligência e tacto que põem nos seus negócios. Não é a prudência humana, mas a prudência sobrenatural, que Jesus recomenda aos seus discípulos. A lição que Êle quere incutir-lhes pode formular-se assim: Como o feitor infiel, representando os filhos dêste século, usou de prudência e habi-

lidade nos negócios temporais, assim os filhos da luz devem ser prudentes e hábeis nos negócios espirituais.

Desta norma universal de prudência espiritual faz o Salvador uma aplicação particular nas palavras que seguem a parábola: "E eu vos digo: Procurai-vos amigos pelo dinheiro (*Mamona* — a riqueza personificada) da injustiça, para que, quando êle vos faltar, vos recebam nos tabernáculos eternos„. As riquezas são chamadas da *injustiça*, porque são um objecto de cobiça desregrada, ocasião e instrumento de muitas iniquidades, na sua aquisição e no seu uso. A verdadeira prudência e habilidade dos filhos da luz consiste em assegurar-se a posse dos bens eternos, servindo-se para isso dos bens temporais, pelo seu bom uso, e particularmente pela esmola. Usaremos, sàbiamente dos bens temporais, passando-os, antes que êles nos sejam tirados, às mãos dos pobres. Assim faremos dêstes outros tantos amigos que, na pessoa de Jesus, nos abrirão as portas do Céu. A nossa generosidade, embora interessada, não é culpável, tratando-se dos interêsses espirituais. Deus consente que empreguemos assim em nosso proveito os bens que nêste mundo confiou à nossa administração, e que desta sorte serão proveitosos para a eternidade.

Tal é a virtude da *esmola*, que nos assegura a posse dos bens eternos. Não pensemos sòmente

nos bens presentes, como filhos dêste século; pensemos sobretudo nos bens futuros, como filhos da luz...

# 9.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XIX, vv. 41-47:*

**NAQUELE tempo, tendo-se Jesus aproximado de Jerusalém, ao ver a cidade, chorou sôbre ela, dizendo: Ah! se também tu conhecesses neste dia aquilo que te daria a paz! Mas isso está agora oculto aos teus olhos. Porque dias virão para ti, em que os teus inimigos te cercarão de trincheiras e te sitiarão e apertarão de tôdas as partes, e te lançarão por terra a ti e aos teus filhos, que estão dentro de ti, e não deixarão em ti pedra sôbre pedra, porque não conheceste o tempo da tua visita. E, entrando no Templo, começou a expulsar os que nêle vendiam e compravam, dizendo-lhes: Está escrito: A minha casa será uma casa de oração; vós, porém, fizestes dela uma caverna de ladrões. E ensinava todos os dias no Templo.**

## Explicação do texto

O primeiro facto referido na passagem do Evangelho que lemos hoje, deu-se poucos dias antes da Paixão de Jesus, quando Êle entrou triunfalmente em Jerusalém, no domingo de Ramos. Ao descer o monte das Oliveiras, apareceu aos seus olhos o magnífico panorama da cidade santa, com o majestoso Templo reedificado e ricamente ornado por Herodes o Grande. No meio da alegria e das aclamações da multidão que o acompanhava, uma imagem sombria veio então toldar a alma de Jesus. Êle sabe bem o que o espera em Jerusalém. As aclamações triunfais daquele dia não tardarão a converter-se em gritos de ódio reclamando a morte do seu Salvador. Aquela cidade, capital do povo escolhido e centro do culto do verdadeiro Deus, poderia ter os mais belos destinos, se ouvisse a sua voz e reconhecesse a sua missão divina. Em vez disso, Jesus vê profèticamente a triste sorte que lhe está reservada. Recordando a cegueira e obstinação daquele povo e o tremendo castigo que o espera, o Divino Mestre chora comovido sôbre Jerusalém. Êle veio oferecer-lhe a paz e a salvação, da parte de Deus. Prègou-lhe instantemente a penitência, como meio de reconciliação; mas não foi ouvido. Obrou nela tantos prodígios, que atestavam a sua missão divina; mas não o reconheceram. Êle vem ainda uma vez mostrar-lhe o caminho da

salvação. Sabe porém que não será melhor recebido do que antes... Jerusalém não vê por culpa sua, porque fecha obstinadamente os olhos, não querendo reconhecer o seu Salvador. A Justiça Divina deve executar-se rigorosamente contra a cidade deïcida. Jesus chora amargamente a sua desgraça.

O Salvador prediz a completa destruïção de Jerusalém. A cidade será cercada de trincheiras, sitiada e apertada de tôdas as partes pelos inimigos, que a arrazarão completamente, matando todos os que nela acharem, e não deixando pedra sôbre pedra. E isto sucederá porque a cidade, cega e obstinada, não quis conhecer e aproveitar o tempo da *visita* divina, isto é o tempo da misericórdia, a ocasião e os meios que Deus lhe deu para converter-se e salvar-se. Êste tempo da visita divina foi particularmente, como o haviam anunciado os profetas, o da vinda do Messias. Rejeitando a salvação, que Jesus tantas vezes lhe ofereceu, o povo escolhido provocou a cólera de Deus, que exercerá sôbre êle com o maior rigor a sua Justiça.

A profecia de Jesus teve a sua plena realização alguns anos depois, quando, no a. 70 da era cristã, Tito cercou e destruiu a cidade de Jerusalém, na mais horrorosa catástrofe.

O facto da expulsão dos vendilhões do Templo, que os três primeiros evangelistas, fiéis ao plano da primitiva catequese, colocam neste lugar, per-

tence provàvelmente aos princípios do ministério público de Nosso Senhor, segundo a narração mais precisa e completa de S. João, que o coloca na primeira Páscoa.

No primeiro átrio do Templo de Jerusalém, chamado dos Gentios, instalavam-se nas suas tendas ou ao ar livre os negociantes, que vendiam os animais e outras coisas necessárias aos sacrifícios, e os banqueiros, que cambiavam as moedas estrangeiras pela judaica, a única que devia ser oferecida no Templo. Embora se tratasse de coisas necessárias ao culto ou com êle conexas, o Templo tornara-se assim um mercado ou bazar oriental, tomando um carácter profano. Era, além disso, um campo de exploração e de fraudes, a que se prestava o negócio dos vendedores e cambistas. As autoridades religiosas toleravam êste abuso, que era talvez para êles uma garantia da prosperidade do culto exterior e uma fonte de lucro material. Isto, porém, era uma vergonhosa profanação do lugar santo e causa de perturbação e desordem na casa de Deus. Cheio de zêlo pela glória do Pai celeste e de uma santa indignação, Jesus, tomando um azurrague, expulsou dali aquêles vendilhões. E, justificando o seu procedimento, recorda as palavras severas dos profetas: "A minha casa é uma casa de oração„ (Isaias, 56,7); e: "A minha casa não é uma caverna de ladrões„ (Jeremias, 7,11). Era isto o que êles, de facto, tinham feito do Templo do Senhor.

E Jesus, termina o evangelista, ensinava diàriamente no Templo, que era então freqüentado por grande número de peregrinos, pela aproximação das festas da Páscoa; do Domingo de Ramos à 4.ª feira Santa.

— O Salvador chorou sôbre a ruína de Jerusalém; mas sobretudo pela causa dessa desgraça, que foi a cegueira e obstinação do seu povo. Essa cegueira e obstinação são imitadas por tantas nações, que se recusam a receber a doutrina do Evangelho, reconhecer o seu carácter divino e praticar os seus preceitos. Também estas, mais tarde ou mais cedo, sofrerão o castigo da Justiça divina.

Assim chorou Jesus o endurecimento de tantas almas fechadas à sua prègação e às inspirações da divina Graça, para as quais a sua Paixão seria infrutuosa, e que recusariam a salvação que Êle lhes oferecia, ao prêço de tantos sacrifícios. A ruína da cidade de Jerusalém é uma pálida imagem do castigo divino reservado às almas impenitentes. Também nós devemos chorar com Jesus a obstinação e a ruína de tantas almas. E, movidos pelas suas lágrimas, devemos converter-nos e assegurar a nossa salvação. Se assim o não fizermos, temamos os terríveis castigos que a Justiça divina reserva aos pecadores obstinados.

Devemos também respeitar a casa de Deus, lembrando-nos das palavras austeras do Salvador, e do modo como Êle tratou os vendilhões do

Templo. Não trataria Êle hoje com maior rigor tantos cristãos, que profanam as nossas igrejas, não as distinguindo de qualquer outro lugar público? O Templo de Deus é uma casa de oração. Não façamos dele lugar de negócios profanos ou de outras acções indignas. Tratemos as coisas de Deus digna, respeitosa e santamente...

# 10.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XVIII, vv. 9-14:*

NAQUELE tempo disse Jesus para alguns, que se tinham confiadamente na conta de justos e desprezavam os demais, esta parábola: Dois homens subiram ao Templo para orar, um fariseu e o outro publicano. O fariseu, de pé, fazia interiormente esta oração: Ó Deus, graças Vos dou de que não sou como os demais homens, ladrões, injustos, adúlteros, nem ainda como êste publicano. Jejuo duas vezes na semana, pago a décima de tudo o que adquiro. O publicano, porém, estando de longe, não ousava sequer levantar os olhos para o céu, mas batia no seu peito, dizendo: Ó Deus, tende piedade de mim pecador. Eu vo-lo digo, êste desceu para sua casa justificado, antes que o outro; porque todo o que se exalta a si mesmo, será humilhado, enquanto que o que se humilha, será exaltado.

## Explicação do texto

A belíssima e tão instrutiva parábola, que hoje lemos no Evangelho, foi proposta por Jesus talvez pelos fins do seu ministério público, quando pela última vez se dirigia para Jerusalém, atravessando a Pereia, ainda da parte de lá do Jordão. O Divino Mestre dirige-se a certos, que a si mesmos se tinham na conta de justos e desprezavam os demais. Êstes eram os fariseus, que, como fiéis observadores das prescrições exteriores da Lei, estavam cheios da convicção da sua justiça e santidade, e para os outros não tinham senão desdém, considerando-os como pecadores, votados à perdição. Jesus quere mostrar-lhes quanto êles se enganam. A sua orgulhosa persuasão não corresponde à realidade, perante o juízo de Deus. Não basta cumprir fielmente os preceitos exteriores da Lei para ser justo. A verdadeira justiça e santidade é sobretudo interior e funda-se na humildade. Aquêles que externamente parecem mais desprezíveis, como pecadores, podem ser aos olhos de Deus melhores do que aquêles que se crêem justos. Não são as obras exteriores, mas as disposições interiores as que atraem a complacência divina. Ao mesmo tempo, ensina-nos o Salvador qual a eficácia da oração feita com humildade. É mais agradável a Deus e poderosa para obter as suas graças a ora-

ção de um pecador humilde do que a de um orgulhoso que se crê justo.

Para ilustrar estas verdades propõe o Divino Mestre parabòlicamente o exemplo de um fariseu e de um publicano, exemplo sempre de actualidade, que poderia todos os dias verificar-se no Templo de Jerusalém, e também fora dele. As personagens não podiam ser melhor escolhidas, sendo tomadas dos dois extremos da sociedade judaica daquele tempo, para fazer sobressair a oposição manifesta. O fariseu é o tipo da estrita observância da Lei. Pertencia à classe mais estimada do povo, pela sua moral austera, e que mais presumia da sua santidade e dos próprios merecimentos... O publicano era da classe mais desprezada: ao serviço dos estrangeiros, em contacto habitual com os impuros, exposto à prática de tôdas as injustiças e em presa a todos os vícios.

Vão os dois ao Templo na mesma ocasião. Ambos oram de pé, segundo o costume dos judeus. Mas o fariseu, mais arrogante e ousado, toma o primeiro lugar, na parte mais próxima do Santuário; enquanto que o publicano, consciente da sua baixeza e indignidade, conserva-se modestamente na parte mais remota.

A oração do fariseu é típica no género: cheia da própria estima e de desdém para todos os outros. Sob o pretexto de dar graças a Deus, faz o elogio da justiça própria, glorificando-se a si

mesmo, atribuindo-se tôdas as virtudes e merecimentos, felicitando-se de não ter os vícios comuns entre os homens. Só êle é justo. Todos os demais são pecadores. Em particular, é muito superior a êsse desgraçado publicano, que êle descobre lá ao fundo do átrio do Templo, e que só lhe merece desprêzo... Em seguida enumera as suas obras meritórias. Não só evita o mal e cumpre tôdas as obrigações legais, mas pratica ainda obras de devoção, extraordinárias ou mesmo excessivamente escrupulosas. Enquanto a Lei impõe só um dia de jejum anual, êle jejua duas vezes na semana. Se a décima é obrigatória para os produtos das terras e dos animais, êle paga-a de tudo aquilo que adquire, receando talvez que os outros a não tivessem pagado.

Bem diversa é a oração do publicano. Compenetrado da sua miséria, fica de longe, não ousando aproximar-se da habitação de Deus, nem juntar-se ao fariseu, que reputa superior a si. Confundido, não se atreve a levantar os olhos ao céu. Bate no peito em sinal de arrependimento. Não se compara aos outros. Apenas se conhece a si mesmo, sabendo que pecou. Com verdadeira humildade, implora de Deus misericórdia e o perdão dos seus pecados, dizendo contrito: Tende piedade de mim, Senhor, que sou pecador!

Qual das duas orações foi agradável a Deus e por Êle escutada? O Divino Mestre declara que

o publicano retirou para sua casa justificado, em oposição ao fariseu orgulhoso, a quem de nada serviu a oração. O publicano, humilhando-se, recebeu a graça divina, a justiça interior, que é a única que vale aos olhos de Deus. O fariseu ficou com a justiça que tinha, a exterior, que só por si nenhum valor tem na presença divina. Assim são invertidas no juízo de Deus as condições dos dois. O que era desprezado por aquêle que se julgava justo, vale mais do que êle perante Deus. Deus prefere um pecador humilde e arrependido àquele que, fazendo aliás obras boas, põe nelas e nos próprios merecimentos a sua confiança, preferindo-se aos demais e tratando-os com desprêzo. "Deus resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes„ (Jac. 4,6).

O Salvador conclui com uma sentença, que repetia freqüentemente, para inculcar a humildade, base da verdadeira justiça e santidade: "O que se exalta, será humilhado: e o que se humilha, será exaltado„. Tal é, com efeito, a lição que nos dá a parábola do fariseu e do publicano.

— Esta lição é sempre de utilidade prática para todos: para aquêles que se crêem justos, afim de que não confiem demasiado na sua justiça nem desprezem os outros; e para os que se reconhecem pecadores, afim de que não desesperem da misericórdia divina, cujo favor podem obter pelo arrependimento e humildade.

Devemos fugir do orgulho, que Deus detesta e que vicia tôdas as nossas obras, ainda as melhores. Ao contrário, devemos procurar adquirir a virtude da humildade, condição indispensável para poder agradar a Deus, e que o Salvador tanto nos recomendou com as suas palavras e os seus exemplos.

A boa oração, que justifica o homem e atrai sôbre êle a graça divina, é a daquele que se humilha diante de Deus, atribuindo-lhe tôda a glória, implorando a sua misericórdia e confessando a própria miséria. Só esta oração Deus escuta e despacha favoràvelmente. "Oratio humiliantis se nubes penetrabit„ (Eccli, 35,21).

# 11.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Marcos, c. VII, vv. 31-37:*

NAQUELE tempo, saindo Jesus dos confins de Tiro, veio por Sidónia para os lados do mar da Galileia, pelo meio do território da Decápole. E trazem-lhe um surdo e mudo, rogando-lhe que lhe impusesse a mão. E, tendo-o tomado dentre a multidão, à parte, meteu-lhe os seus dedos nos ouvidos e, cuspindo, tocou-lhe a língua (com a saliva) e, levantando os olhos ao céu, deu um suspiro e diz-lhe: *Effetha*, que quere dizer: Abre-te. E abriram-se-lhe os ouvidos e imediatamente se soltou a prisão da sua língua, e falava correctamente. E mandou-lhes que o não dissessem a ninguém. Mas quanto mais lhes mandava, mais êles o publicavam. E admirados em extremo diziam: Êle tudo tem feito bem, e faz ouvir os surdos e falar os mudos.

## Explicação do texto

Estava-se no terceiro ano da vida pública de Nosso Senhor. Passara a festa da Páscoa, que Jesus parece não ter ido esta vez celebrar a Jerusalém, onde já os seus inimigos tratavam de dar-lhe a morte. Para acalmar a animosidade dos fariseus irritados pelas recentes discussões e evitar talvez a hostilidade de Herodes, que governava na Galileia, saíu dali o Divino Mestre para os lados da Fenícia, para a região de Tiro e Sidónia, onde, menos conhecido, poderia dedicar-se com mais sossêgo à formação dos apóstolos. Lá curou a filha da Cananeia. Pouco depois, dirigiu-se novamente, pelo norte, para os lados do lago de Genesaré ou mar da Galileia, passando pela margem oriental e seguindo para o território da Decápole ou confederação de cidades livres, sujeitas directamente ao imperador romano e situadas quási tôdas a leste do Jordão e do lago. Foi nesta região que teve lugar o milagre da cura do surdo-mudo, narrado ùnicamente por S. Marcos, e depois o da segunda multiplicação dos pães, referido pelo mesmo evangelista e por S. Mateus. Seria mais ou menos pela festa do Pentecostes.

O milagre da cura do surdo-mudo é contado por S. Marcos, eco da prègação de S. Pedro, que foi testemunha ocular, com muitas circunstâncias particulares e precisas, que convém notar. Embora

na maioria os habitantes da região fôssem pagãos, seriam provàvelmente judeus os que trouxeram o infeliz a Jesus, pedindo lhe que lhe impusesse as mãos. Era êste gesto um modo de abençoar, comum entre os judeus, do qual aliás Nosso Senhor se serviu freqüentes vezes para obrar os seus milagres.

Jesus acolheu favoràvelmente a súplica. Mas não se contentou de impor as mãos ao surdo-mudo, como lhe pediam. Levou-o àparte, retirado da multidão. Por um lado, queria o Salvador evitar o entusiasmo do povo, ávido de milagres, particularmente nesta ocasião em que Êle desejava passar despercebido e ter um pouco de tranqüilidade com os seus discípulos. Por outro lado, a acção simbólica, que queria executar, poderia ser mal interpretada do público, vendo nela os pagãos um acto de magia e os judeus uma infracção grave aos preceitos dos seus rabinos. Assim evitava escandalizar o povo e dar ocasião às críticas dos seus adversários.

Jesus meteu os dedos nos ouvidos do enfermo e, molhando-os com a própria saliva, tocou com êles a sua língua. Seria isto um modo sensível de provocar a fé do surdo, que não podia ser excitada por palavras. Há porém uma certa relação entre a acção do Salvador e o efeito que Êle queria obter abrir os ouvidos do surdo e facilitar o movimento da língua ao mudo. Não é que a acção tivesse em

si mesma ou Jesus lhe atribuísse alguma virtude particular. Era porém apta a representar o resultado que o Senhor pretendia, e a parte activa que cabia à sua humanidade na operação do milagre. E os gestos e palavras do Senhor têm manifestamente um significado simbólico, de ordem espiritual.

Jesus levantou os olhos ao céu, como para significar que obrava o milagre pela virtude do Alto, isto é, pelo seu poder divino. Suspirou, dirigindo ao Pai uma súplica ou significando a sua compaixão pelas misérias humanas. E pronunciou uma palavra eficaz, que o evangelista quiz conservar na língua original, que Jesus falava, o aramaico: *Effetha*, isto é, *Abre-te.* E a esta palavra autoritativa e poderosa obedeceram imediatamente os órgãos do enfermo, que logo ouviu e falou sem obstáculos nem dificuldade alguma.

O Divino Mestre impôs silêncio aos que foram testemunhas do milagre. Bem sabia Êle que não seria obedecido, não podendo aliás o milagre conservar-se oculto. Obrando assim, mostra que não obrava os seus milagres por ostentação ou para satisfazer a curiosidade pública, como os charlatães, dando-nos um exemplo de modéstia e humildade. Quanto mais, porém, Jesus se ocultava, mais as suas obras eram divulgadas. O povo corria para Êle em massa, de tôdas as partes, trazendo os enfermos, que eram curados. E, cheios de admiração,

davam-lhe o maior elogio que pode fazer-se de um homem: "Êle tudo tem feito bem!„

— Não obstante haver uma certa relação de proporção entre as acções do Salvador e o milagre realizado, aquelas difícilmente se explicam sem um significado simbólico, que da ordem natural nos leva à ordem sobrenatural, fim de tôda a actividade de Jesus.

O surdo-mudo figura bem a humanidade, decaída pelo pecado, incapaz de ouvir a voz de Deus e pronunciar palavras de Vida eterna. Só o poder divino é capaz de a curar e reparar a sua ruína, livrá-la da surdez e mutismo espirituais. Para isso porém é que o Salvador veio ao mundo. O modo como Êle obrou êste milagre representa bem aquêle com que Êle cura as enfermidades da nossa alma. Afasta-nos do bulício do mundo, fazendo-nos entrar em nós mesmos e escutar as inspirações do Alto. Com o dedo do seu poder abre-nos os ouvidos interiores, dispondo-nos pela sua graça para ouvirmos eficazmente a palavra divina. Com a saliva da sua bôca solta-nos a língua, isto é, comunica-nos a sua virtude para podermos confessar e louvar a Deus de um modo salutar. Á sua ordem abre-se a nossa alma à actividade sobrenatural, à Fé, à Graça e às obras de Vida eterna.

Na administração do sacramento do Baptismo usa a Igreja um rito simbólico, inspirado no que o Divino Mestre usou neste milagre. O sacerdote

toca com o dedo molhado na saliva as narinas e os ouvidos do baptizando, enquanto pronuncia a mesma palavra de Jesus: *Effetha*, *adaperire !*, para que a alma regenerada se abra ao odor da virtude e ao som da palavra divina. É a aplicação sensível da acção simbólica do Salvador. Pela sua virtude é que as faculdades da nossa alma são abertas e dispostas à vida cristã e à actividade sobrenatural.

Não percamos pelo pecado a Graça Divina. Mas, se por infelicidade perdermos êste dom sobrenatural, Jesus pode sempre restituir-no-lo pela sua virtude, curando-nos das nossas enfermidades espirituais e dando-nos novamente a capacidade de fazer obras meritórias para a Vida eterna...

# 12.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. X, vv. 23-37:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discipulos: Felizes os olhos que vêem o que vós vêdes. Porque eu vos digo que muitos profetas e reis quiseram ver o que vós vêdes e não o viram, e ouvir o que vós ouvis e não o ouviram. E eis que um doutor da Lei se levantou, dizendo para o tentar: Mestre, que devo fazer para possuir a vida eterna? Êle lhe disse: Que é o que está escrito na Lei? Que lês nela? Respondeu êle: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, de tôda a tua alma, com tôdas as tuas fôrças e de tôda a tua mente, e ao teu próximo como a ti mesmo. Êle lhe disse: Respondeste bem; faze isso e viverás. Mas, querendo êle justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo? Jesus, retomando a palavra, disse: Um homem descia de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos ladrões, que, tendo-o despido e carregado

de golpes, se retiraram, deixando-o meio morto. Por acaso, um sacerdote desceu por aquêle caminho e, tendo-o visto, passou adiante. Da mesma sorte um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo. Mas um samaritano, de viagem, encontrou-se com êle e, vendo-o, foi movido de compaixão. E, chegando-se, ligou-lhe as suas feridas, deitando-lhes azeite e vinho; e, colocando-o sôbre o próprio jumento, conduziu-o a uma estalagem e cuidou dele. E no dia seguinte, tirando dois dinheiros, deu-os ao estalajadeiro e disse-lhe: Cuida dele, e o que gastares a mais, eu to darei quando voltar. Qual dêstes três te parece ter sido o próximo do que caiu nas mãos dos ladrões? Respondeu êle: O que com êle usou de misericórdia. E disse-lhe Jesus: Vai, e faze tu também o mesmo.

## Explicação do texto

Os factos e ensinamentos do Divino Mestre, que lemos no Evangelho dêste dia, teriam lugar no segundo ano do ministério público de Nosso Senhor, talvez pela festa dos Tabernáculos dêsse ano, quando Êle, tendo enviado os seus Apóstolos e os 72 Discípulos em missão, foi a Jerusalém para a festa, e no regresso se encontrou novamente com

êles: com os Discípulos na Pereia, e com os Apóstolos na Galileia.

Quando os 72 Discípulos regressaram jubilosos da missão que lhes fôra ordenada, como que extasiado perante a obra admirável da Revelação que Deus faria ao mundo por meio dos apóstolos do Evangelho, rompeu Jesus num hino de louvor ao Eterno Pai, que assim manifestava a sua glória e a do seu Filho, não aos sábios e prudentes do mundo, mas aos humildes e ignorantes, ùnicamente pela sua graça e misericórdia. E, voltando-se para os discípulos, proclamou-os felizes, por verem a revelação do Mistério divino, manifestado pelas suas obras e ensinamentos: favor tão ardentemente desejado pelos profetas, reis e justos da Antiga Lei, mas que não lhes foi concedido, sendo reservado aos discípulos e a todos os que como êles e por êles creriam na divindade do Salvador, depois da realização do mistério da Incarnação.

A parábola do bom Samaritano seria proposta pelo Divino Mestre por ocasião da viagem a Jerusalém, atravessando a Pereia, depois que os Samaritanos se haviam recusado a recebê-lo no seu território. Estaria Êle talvez já em Jericó nessa ocasião; donde seguiu para Jerusalém, passando por Betánia.

Um doutor da Lei, no intuito de embaraçar o Salvador com uma questão capciosa e difícil, pregunta-lhe que devia fazer para conseguir a vida

eterna: preocupação que seria muito louvável e agradável ao Senhor, se fôsse sincera. Jesus, em vez de responder directamente à questão, leva o doutor a dar êle mesmo a resposta, recordando o que manda a Lei, norma da Justiça e Perfeição, que êle bem devia conhecer. De facto, o doutor repetiu o preceito fundamental de tôda a Lei, em que aliás se resume ainda tôda a Perfeição cristã: o amor de Deus, com todo o nosso ser e tôdas as nossas faculdades, e o amor do próximo. Jesus aprovou a resposta, dizendo-lhe que para alcançar a vida eterna não tinha a fazer mais do que isso: cumprir integralmente o preceito da Caridade. O doutor porém não se deu por satisfeito. Insistiu, talvez para provocar uma discussão. A dificuldade estava em saber quem era o próximo, que a Lei mandava amar. Os judeus não se criam obrigados a amar mais que os seus parentes e compatriotas. O preceito do amor do próximo era assim para êles muito limitado. O Salvador, em vez de responder directamente a uma questão abstracta, respondeu dum modo concreto, pela parábola do bom Samaritano, duma evidência que se impõe, e que interpreta pràticamente o preceito do amor do próximo num sentido muito superior ao que até então lhe davam. Por ela nos ensina o Divino Mestre qual a extensão do objecto da caridade e o seu carácter efectivo.

De Jerusalém a Jericó são seis ou sete horas

de caminho. Êsse caminho era então, como ainda hoje, pouco seguro, atravessando regiões desertas e sendo infestado de salteadores. Nada há pois de extraordinário no que sucedeu ao homenzinho que por êle passou. Não se diz se êsse homem era judeu ou não. Era um homem, e isto basta para o fim da parábola. As personagens, que em seguida entram em cena, parecem intencionalmente escolhidas para a lição de caridade que o Divino Mestre quere dar, e são apresentadas numa gradação descendente: um sacerdote, um levita e um Samaritano. O sacerdote e o levita, que deviam mais que ninguém conhecer e praticar o preceito da caridade, abandonam o desgraçado por indiferença e egoïsmo. "Nada seca tanto o coração como o egoïsmo da piedade„ (Buzy)... Não fêz o mesmo o Samaritano, um estrangeiro, de uma nação detestada pelos Judeus. Êste, movido de compaixão, aproximou-se do infeliz, e pensou-lhe as feridas com azeite e vinho: remédio muito usado pelos antigos e ainda hoje comum no Oriente. Conduziu-o sôbre o seu jumento à primeira estalagem ou *khan*, instalando-o ali o melhor que pôde. Depois de passar ali com êle a noite, tendo de seguir viagem na manhã seguinte, deixou ao estalajadeiro dois dinheiros, o equivalente a quatro tostões, mais ou menos, segundo o antigo valor da nossa moeda. Era o salário de dois dias de trabalho (Mat. 20,2). Não era muito, mas poderia bastar para os gastos

de alguns dias. Se isso não chegasse, por a cura do enfermo ser mais demorada, o Samaritano compromete-se a pagar, quando por ali passar novamente, o que o estalajadeiro gastasse a mais.

Jesus tira então a lição da parábola. Mais uma vez, porém, não responde directamente à questão do doutor da Lei: Quem é o meu próximo? Faz-lhe uma pregunta concreta, em relação com a parábola, obrigando-o a declarar qual dos três viajantes praticou a caridade para com o próximo. O doutor da Lei, por mais que isso lhe repugnasse, teve de confessar que foi o Samaritano, embora sem o nomear. E então o Divino Mestre dêste caso particular tira uma conclusão geral, nestas palavras: Ora bem, faze tu também o mesmo! Isto é, pratica a caridade como fêz o Samaritano. Socorre a todos os necessitados, sem consideração de pessoas, de condições, de parentesco ou de nacionalidade. O teu próximo é todo aquêle que necessita do teu auxílio. O preceito do amor do próximo não conhece limites.

— Estas últimas palavras, que o Salvador dirigiu ao doutor da Lei, devemos aplicá-las a cada um de nós. Para possuir a Vida eterna, é indispensável cumprir perfeitamente o duplo preceito da Caridade: amar a Deus e ao próximo. Nisto se resume tôda a Lei. A caridade para com o próximo deve estender-se a todos, sem restrição. Nada nos dispensa de ver nos nossos semelhantes o nosso

próximo e de os amar: nem as diferenças de raça ou de condição, nem a diversidade de crenças, nem a distinção de nacionalidades. Tudo isso deve ceder à caridade cristã. E esta caridade não deve ser só de sentimentos ou de palavras, mas deve ser efectiva e operosa, pondo os nossos haveres e a nossa mesma pessoa ao serviço dos necessitados, espiritual ou corporalmente. Tal é a caridade cristã verdadeira. "Non diligamus verbo, neque lingua, sed opere et veritate„ (1. Jo. 3,18)...

# 13.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XVII, vv. 11-19:*

**NAQUELE tempo, indo Jesus para Jerusalém, passava entre a Samaria e a Galileia. E, ao entrar numa povoação, vieram ao seu encontro dez leprosos, que, conservando-se a distância, ergueram a voz, dizendo: Jesus, Mestre, tende piedade de nós. Êle, tendo-os visto, disse-lhes: Ide mostrar-vos aos sacerdotes. E, quando iam, foram purificados. E um dentre êles, vendo-se curado, voltou glorificando a Deus em alta voz, e prostrou-se aos seus pés, dando-lhe graças. E êste era um Samaritano. E, tomando a palavra, disse Jesus: Porventura não foram purificados os dez? Onde estão os outros nove? Não houve quem voltasse a dar glória a Deus senão êste estrangeiro? E disse-lhe: Levanta-te, vai, porque a tua fé salvou-te.**

## Explicação do texto

O milagre da cura dos dez leprosos, que lemos no Evangelho dêste dia, seria efectuado no último ano do ministério público de Nosso Senhor, quando pela última vez Êle se dirigia da Galileia para Jerusalém, algumas semanas antes da última Páscoa, em que teve lugar a sua paixão e morte. Muito tempo antes, quisera Jesus atravessar a Samaria para ir a Jerusalém, talvez por ocasião da festa dos Tabernáculos do segundo ano. Não foi porém ali recebido, porque se dirigia à Cidade Santa. E desde então não tornou a atravessar aquela região. Assim, desta vez, passava junto à fronteira, entre a Samaria e a Galileia, por um caminho mais longo, em direcção ao vale do Jordão e a Jericó. A povoação, a que se refere o evangelista, sem a designar pelo nome, estaria situada nos confins das duas províncias, na margem direita do Jordão. Mais não podemos saber.

Antes de entrar na povoação, veio ao seu encontro um grupo de dez leprosos. As vítimas da lepra eram obrigadas a viver longe dos povoados, afastados de todo o convívio social, para evitar a comunicação do seu mal. Êstes dez leprosos, impedidos de tratar com as pessoas sãs, haviam-se juntado, pondo em comum as suas misérias e os recursos das esmolas da caridade pública. Certamente tinham ouvido já falar de Jesus e dos seus

prodígios. Sabendo que Êle passava por ali, saïram-lhe ao encontro. Não ousaram porém aproximar-se dele, mas conservaram-se a distância, como prescrevia a Lei. E assim de longe clamavam em alta voz, para serem ouvidos, pedindo ao Divino Mestre que tivesse deles compaixão. Não solicitavam dele uma esmola ordinária; apelavam para o seu poder e a sua bondade, que já conheciam, para que os livrasse da sua horrível enfermidade. E a sua confiança não foi iludida.

A intervenção do Salvador não se fêz esperar. Todavia, não quis curá-los imediatamente, como fêz noutros casos semelhantes. Mandou-os apresentar-se aos sacerdotes, aos quais pertencia, segundo a Lei, constatar a cura da lepra. E só depois dessa constatação e de terem cumprido os ritos legais é que poderiam conviver com o público. Dando-lhes esta ordem antes de os curar, Jesus punha à prova a sua fé e confiança. Isto equivalia a dizer-lhes que seriam curados; mas só depois de fazerem o que lhes era ordenado. O que depois sucedeu, mostra que o Salvador queria também provar os seus sentimentos de gratidão.

Efectivamente, indo êles a caminho para executarem o preceito de Jesus, acharam-se purificados, isto é, curados da lepra.

Entre os dez leprosos havia um Samaritano, que pertencia, isto é, a um povo profundamente aborrecido e detestado pelos Judeus, porque era

cismático, dado a um culto misto de verdade e de êrro, em parte idolátrico. A comunidade da desgraça, porém, fizera-lhes esquecer o ódio de raça que os separava. Êste Samaritano, vendo-se curado, não foi mais longe; mas creu-se obrigado, antes de mais nada, a manifestar o seu reconhecimento a Jesus pelo benefício recebido. Voltou logo para traz, glorificando em alta voz a Deus, autor do milagre, e prostrando-se humildemente aos pés do Salvador, profundamente agradecido. Esta acção do pobre Samaritano torna mais odioso e repreensível o procedimento dos outros, que naturalmente eram judeus, e que não compareceram mais.

E assim Jesus, que sabia muito bem que todos os dez tinham sido igualmente curados, censurou a ingratidão dos nove, que, sendo judeus, deviam com maior razão mostrar-se agradecidos, do que aquele estrangeiro, que poderia ser escusado pela sua ignorância ou pela inferioridade da sua condição perante o vulgo. Êste, porém, mostrou-se sensível e reconhecido ao benefício recebido de Deus. Os outros, ao contrário, aproveitaram-se egoïsticamente do benefício, sem cuidarem de manifestar algum reconhecimento ao seu benfeitor. Não se queixa, todavia, o Salvador de que não vieram agradecer-lhe a êle; mas de que não vieram dar glória a Deus. Só esta constituía o fim único de tôdas as suas obras e da sua missão na terra.

E, despedindo o Samaritano, diz-lhe: A tua fé salvou-te. Foi a fé ou confiança no poder e na bondade de Jesus que alcançou a cura dêste como dos outros leprosos. Mas o Senhor declara-o expressamente ao Samaritano para o confirmar na fé, e para mostrar que esta e as graças dela derivadas são destinadas na nova Lei a todos os homens sem distinção de raça, religião ou nacionalidade.

— A *lepra* é a figura do *pecado*, que produz na alma efeitos espiritualmente análogos aos que aquela produz no corpo. Só Jesus, pela sua virtude divina, pode curar-nos da lepra espiritual. Êle o faz, efectivamente, se a Êle recorremos com fé, confiança e humildade, implorando a sua misericórdia e dispostos a executar fielmente os seus preceitos. Jesus manda-nos, como àqueles leprosos, mostrar-nos aos sacerdotes da nova Lei, isto é, confessar os nossos pecados. É Deus que nos cura. Exige, porém, que recorramos ao ministério sacerdotal, pelo sacramento da confissão, afim de por êle sermos purificados e restituídos ao convívio dos fiéis, ao uso dos sacramentos e à participação das graças da Vida eterna.

— À imitação do Samaritano do Evangelho, devemos agradecer a Deus os benefícios de ordem natural e sobrenatural, que Êle tão generosamente e sem interrupção nos concede: pelos nossos sentimentos, palavras e obras. Os leprosos ingratos

representam aquêles que só atendem aos próprios interêsses. Recebendo os benefícios de Deus, não se lembram de quem lhos concede, nem procuram dirigi-los antes de tudo à sua glória. Atendendo apenas ao proveito que deles tiram, esquecem o fim superior para que Deus lhos dá. Tal procedimento é detestado por Deus, como uma ingratidão e um abuso das suas graças. Usemos dos dons recebidos; mas não esqueçamos Aquêle a cuja liberalidade os devemos. Mostremos-lhe antes de tudo o nosso reconhecimento e procuremos acima de tudo a sua glória. A ingratidão é odiosa a Deus e aos homens. O reconhecimento pelos favores recebidos atrai sôbre nós outras graças da divina benevolência...

# 14.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. VI, vv. 24-33.*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos: Ninguém pode servir a dois senhores; porque ou odiará a um e amará o outro, ou aderirá a um e desprezará o outro. Não podeis servir a Deus e ao dinheiro. Por isso vos digo: Não vos inquieteis pela vossa vida, que haveis de comer, nem pelo vosso corpo, que haveis de vestir. Não é a vida mais que o alimento, e o corpo mais que o vestido? Olhai para as aves do céu, que não semeiam nem segam nem recolhem nos celeiros; e o vosso Pai celeste dá-lhes o alimento. Acaso não sois vós mais do que elas? Qual de vós, com tôda a sua solicitude, pode acrescentar à sua estatura um côvado? E quanto ao vestido, porque vos inquietais? Observai os lírios do campo como crescem, sem trabalhar nem fiar. Digo-vos porém que nem Salomão, com tôda a sua magnificência, se vestiu como um deles. Mas, se ao feno do

**campo, que hoje é e amanhã se lança ao forno, Deus veste assim, quanto mais a vós, homens de pouca fé! Não vos inquieteis, pois, dizendo: Que havemos de comer, ou que havemos de beber, ou com que nos havemos de vestir? Porque tudo isso procuram os gentios. Porquanto o vosso Pai celeste sabe que tendes necessidade de tôdas estas coisas. Mas procurai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e tudo isso vos será acrescentado.**

## Explicação do texto

Os ensinamentos do Divino Mestre contidos na lição do Evangelho dêste dia são colocados por S. Mateus no Sermão da montanha, pronunciado pelo Salvador na Galileia, pela festa do Pentecostes do segundo ano do seu ministério público. S. Lucas coloca-os em diversas circunstâncias e noutro contexto do seu Evangelho (cfr. Mat. 6,24 e Luc. 16,13: em Jerusalém, depois da última festa da Dedicação do Templo; Mat. 6,25-34 e Luc. 12,22-31: na parte correspondente ao período entre as festas do Pentecostes e dos Tabernáculos do 3.º ano). Qualquer que fôsse a ocasião em que Jesus proferiu estas sentenças, nelas quis ensinar-nos qual deve ser a atitude dos seus discípulos para com os bens dêste mundo, condenando a adesão desordenada e a so-

licitude excessiva por êsses bens, e inculcando o desapêgo das coisas terrenas e a confiança filial na Providência divina, que vela solícita pela subsistência das suas criaturas.

Não devemos ser escravos das coisas temporais: o que seria um obstáculo ao serviço de Deus. Ninguém pode servir ao mesmo tempo a dois senhores entre si irreconciliáveis. Servir a Deus e às riquezas (*Mamona* — a riqueza personificada) são coisas incompatíveis. Não é que os bens temporais sejam maus em si mesmos. Tôdas as coisas, que Deus criou, são boas, se são usadas conforme a ordem por Êle estabelecida. Mas quando êsses bens se buscam e se usam desordenadamente, dominam e escravizam a quem os procura ou possui. Então os interêsses temporais são opostos aos interêsses de Deus.

O homem depende do senhor a quem serve: de Deus ou das riquezas. Ora, quem serve a um senhor e o ama verdadeiramente, odeia o seu adversário. Ainda mesmo que em princípio quisesse ser indiferente, pràticamente não o pode ser, tendo de tomar o partido daquele a quem serve e desprezar o outro. Assim, o coração não pode dividir-se por Deus e pelas riquezas. Tem de decidir-se por um ou pelas outras. Perante esta alternativa um discípulo de Jesus Cristo não pode hesitar.

Condenando a adesão escrava ou seja a afeição desordenada às coisas temporais, a qual nos

afasta de Deus, o Divino Mestre condena ainda a solicitude imoderada e excessiva por essas coisas, mesmo pelas mais necessárias à vida. Não é que o homem não deva ocupar-se das coisas necessárias para viver. Mas essa solicitude deve ser moderada, e não deve absorver os seus pensamentos e a sua actividade de tal sorte que êle seja dominado pelas coisas terrenas, esquecendo-se das coisas eternas, e desconfiando da providência do Pai celeste, como se Êle não cuidasse de prover às necessidades dos seus filhos.

Deus, que nos deu e nos conserva a existência, a alma e o corpo, também nos dará o necessário para o sustento da nossa vida. Quem nos deu o que é mais, não nos faltará com o que é menos.

O Pai celeste conhece bem as nossas necessidades e cuida de prover a elas. Êle, que alimenta as aves do céu, as quais não trabalham nem fazem provisões, e que veste de tanta beleza e esplendor as florinhas do campo, não terá menos cuidado daqueles que criou para os fazer seus filhos por adopção, e que para Êle valem muito mais do que os seres irracionais.

Sendo uma prova de desconfiança da Providência divina, os cuidados, inquietações e cálculos humanos são vãos e inúteis; pois que, pelas suas próprias fôrças, sem o auxílio de Deus, o homem nada pode. Em vão se esforçaria o homem por acrescentar à duração da sua vida alguns instantes,

a extensão de um côvado (ler *idade*, em vez de *estatura*). Todos os momentos da sua existência dependem única e absolutamente da vontade divina. Se assim dependemos de Deus nas coisas mínimas, a Êle devemos abandonar-nos confiadamente em tudo o mais. Tendo feito da nossa parte o que nos toca, não nos inquietemos imoderada e inùtilmente, mas confiemos na Providência divina.

A solicitude escessiva pelas coisas temporais compreende-se nos pagãos, que nada mais esperam além da vida terrena e ignoram o Pai do céu. É, porém, indigna de um cristão, cujas vistas devem levantar-se mais alto. Deus conhece as nossas necessidades, e é poderoso e bom para as remediar. É nosso Pai, e isto basta para inspirar-nos uma grande confiança e um filial abandôno à sua Providência.

Devemos procurar antes de tudo o reino de Deus (a sua glória e o cumprimento da sua vontade) e a sua justiça (a perfeição e santidade). E então não nos faltará o necessário para a vida, dos bens materiais; os quais nos serão dados como por acréscimo, em ordem à consecução dos bens espirituais e eternos.

— Assim nos exorta o Divino Mestre ao desapêgo e santa indiferença com relação às coisas terrenas; a pensar antes e acima de tudo em Deus, na sua glória e justiça; a procurar com fervorosa solicitude os bens espirituais; e abandonarmo-nos

com filial confiança à Divina Providência. Assim como, porém, a Providência de Deus nos não dispensa de lhe pedirmos o pão de cada dia, também nos não dispensa de trabalhar para o obter. Jesus não condena, portanto, a preocupação moderada pelas coisas temporais necessárias à vida. Essa preocupação porém deve ser subordinada à confiança e abandôno à providência do Pai do céu.

Quando consideramos os efeitos sociais do apêgo e ambição desordenada das coisas terrenas, não podemos deixar de admirar a doutrina de Jesus, que eleva as almas a regiões superiores e põe um freio à cobiça humana, com as suas funestas conseqüências... Por outro lado, a experiência cristã mostra que Deus cuida solicitamente daqueles que, contentes de ter o necessário à vida, procuram acima de tudo o seu reino e a sua justiça, e se abandonam à sua amorosa providência. A palavra de Jesus não é uma utopia. Se os homens não sentem a sua verdade, é porque poucos são os que a põem em prática. O Salvador não se engana, nem engana aquêles que nele confiam, e nele acham o Caminho, a Verdade e a Vida...

# 15.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. VII, vv. 11-16:*

NAQUELE tempo ia Jesus para uma cidade chamada Naín, acompanhando-o os seus discípulos e uma grande multidão. E, ao aproximar-se da porta da cidade, eis que era conduzido (a enterrar) um morto, filho único de sua mãe, que era viúva, e com ela estava uma multidão numerosa da cidade. E, ao vê-la, o Senhor foi movido de compaixão por ela e disse-lhe: Não chores. E, chegando-se, tocou o esquife. E pararam os que o transportavam. E disse: Moço, eu to digo, levanta-te! E o morto, erguendo-se, sentou-se e começou a falar. E restituiu-o à sua mãe. E todos foram tomados de temor, e glorificavam a Deus, dizendo: Um grande profeta surgiu entre nós; e: Deus visitou o seu povo.

## Explicação do texto

O milagre, que lemos no Evangelho de hoje,

e que nos é referido sòmente por S. Lucas, teria lugar no decurso do segundo ano do ministério público de Nosso Senhor, durante a sua longa missão na Galileia, depois do Sermão da montanha, pelo Pentecostes dêsse ano. Voltando a Cafarnaúm, Jesus curou ali o servo do centurião. E de Cafarnaúm saía missionando pelos povoados da Galileia. Dirigiu-se pois a Nain, a sete ou oito horas de distância daquela cidade e a sudeste de Nazaré, acompanhado dos discípulos e de muito povo.

Ao chegar à porta da pequena cidade, encontrou-se com um cortejo fúnebre. Levavam a enterrar, ao lugar das sepulturas, que devia ser vizinho da cidade, o cadáver de um jovem, filho único de uma pobre viúva. Acompanhava-o, como de costume, sua mãe, em pranto, e muito povo. Ao ver o doloroso espectáculo da pobre mãe aflita, o Senhor (e é a primeira vez que o evangelista dá êste nome ao Divino Mestre) foi profundamente movido de compaixão, Êle que, pela exquisita delicadeza do seu coração, era tão acessível a todos os sentimentos humanos. E quis intervir, obrando um dos seus mais estrepitosos milagres, para a consolar, ao mesmo tempo que daria um testemunho palpável da sua bondade e do seu poder divino.

O Salvador começa por dirigir à viúva estas palavras: Não chores! Na boca de Jesus tais palavras significam mais do que a consolação que os

homens por elas pretendem ordinàriamente incutir a quem sofre. Elas excitam a confiança e a esperança de que uma graça extraordinária vai pôr termo àquelas lágrimas. Em seguida, Jesus aproxima-se do esquife, aberto, em que era transportado o cadáver, coberto apenas de um lençol. Tocando o esquife, faz sinal de parar aos que o transportavam. Todos se preguntavam, naturalmente, qual seria a razão porque o Salvador fazia parar o cortejo fúnebre. Não tardaram a compreendê-lo, logo que Êle, com uma autoridade suprema e irresistível, apelando para o poder da sua pessoa (Eu to digo!), ordenou ao morto que se levantasse do esquife. E obedecendo à sua palavra poderosa e eficaz, o morto imediatamente ergueu-se, sentou-se e começou a falar.

A narração, aliás tão singela e despretenciosa, do milagre termina por uma observação que caracteriza a bondade do Salvador. Tendo obrado o prodígio por compaixão para com a pobre viúva, Êle entrega-lhe aquêle filho único, em quem ela tinha postas tôdas as suas esperanças e cuja morte lhe custara tantas lágrimas. Era a maior consolação que poderia dar-lhe.

O evangelista diz-nos em breves palavras quais os efeitos do milagre na multidão que dele foi testemunha. A primeira impressão foi de temor, como é próprio de tôdas as manifestações sobrenaturais. Um poder tão extraordinário, ao qual a mesma

morte obedecia, era motivo de confusão e respeito. Depois glorificavam a Deus, que só podia ser o autor de um tal prodígio. Tendo porém Jesus sido o intermediário nesta manifestação do poder divino, proclamam-no um profeta; não como os demais, que, se ressuscitaram os mortos, não o fizeram por uma simples ordem ou pela virtude da sua palavra; mas um *grande Profeta*, sem dúvida o que era esperado nos tempos messiánicos. Assim reconhecem que "Deus visitou o seu povo„ para o salvar, segundo as suas promessas, testemunhando-lhe a sua misericórdia, benevolência e amorosa solicitude. É o pressentimento de carácter messiánico de Jesus.

— A narração do milagre da ressurreição do filho da viúva de Nain deve, antes de tudo, confirmar em nós a fé na divindade de Jesus, que assim nos é atestada não só pelas suas palavras, mas pelas suas obras. Jesus é verdadeiramente aquêle que se afirmou: o Autor da Vida, o Senhor dos vivos e dos mortos, Aquêle a cujas ordens tôdas as criaturas obedecem.

Mas, sendo o autor e restituidor da Vida corporal, Jesus é-o também da Vida espiritual. E as suas obras exteriores, mostrando-nos o seu poder supremo, são ao mesmo tempo uma representação sensível, simbólica, da sua acção interior nas almas. Neste sentido, não deixa de ser significativo que o Evangelho nos conservou e transmitiu a narração

de três ressurreições obradas pelo Salvador em circunstâncias diversas e características. Quantas obrou Êle, não o sabemos. A primeira é a que lemos hoje, a do filho da viúva de Nain. Pouco tempo depois, ressuscitou Êle a filha de Jairo, chefe de uma sinagoga. No ano seguinte ressuscitou o seu amigo Lázaro. A filha de Jairo, de doze anos de idade, acabava apenas de morrer. O filho da viúva de Nain, um pouco mais velho, ía já a caminho da sepultura. Lázaro, homem já feito, havia quatro dias que jazia enterrado.

Êstes três milagres são, segundo S. Agostinho, a figura de três espécies de ressurreição espiritual, da morte do pecado, que Jesus não cessa de obrar nas almas: dos pecados internos, ocultos ainda no coração; dos pecados externos, postos já por obra; e do pecado habitual ou obstinação no pecado. A estas três espécies progressivas de morte corresponde uma intervenção mais especial, intensa e eficaz de Jesus, significada no modo como Êle obrou os três milagres narrados no Evangelho.

Em Jesus devemos, pois, procurar a vida espiritual, se tivermos a infelicidade de a perder pelo pecado mortal, e a sua conservação e aumento, se pela divina misericórdia a possuímos. Por Êle os mortos ressuscitam; e os que vivem, alcançam a plenitude da vida. Por Êle é que a Juventude, em especial, poderá rehaver a vida espiritual, se a perdeu pelo contágio das doutrinas erróneas e da

perversão dos costumes; ou conservá-la no meio de tantos perigos que a ameaçam. Para todos tem Jesus tesouros de Vida eterna. A todos Êle repete constantemente aquelas palavras que dirigiu ao jovem do Evangelho: "Moço, eu to digo, levanta-te!„... E a Juventude, ressuscitada pela graça do Salvador, fará também a consolação daqueles que lhe deram a existência e choram desolados a sua perda não só, mas a da sua Mãe espiritual, a Igreja, que chora sôbre tantos filhos arrancados pelo pecado ao seu amoroso seio...

# 16.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Lucas, c. XIV, vv. 1-11:*

NAQUELE tempo, tendo Jesus entrado em casa de um dos principais dentre os fariseus, num sábado, para comer, observavam-no êles atentamente. E eis que um homem hidrópico estava em pé diante dele. E Jesus, tomando a palavra, disse para os doutores da Lei e fariseus: É lícito curar ao sábado? Mas êles ficaram silenciosos. Êle, porém, tomando-o pela mão, curou-o e mandou-o embora. E disse para êles: Qual dentre vós, se um jumento ou um boi lhe cai num poço, não o tirará imediatamente num dia de sábado? E não puderam replicar a isto. E dizia para os convidados uma parábola, advertindo como êles escolhiam os primeiros lugares, nestes termos: Quando fores convidado por alguém às bodas, não te sentes no primeiro lugar, para que não suceda que algum de maior consideração do que tu seja convidado por êle, e vindo o que te chamou a ti e a êsse, te diga: Cede

**a êste o lugar; e então vás, envergonhado, ocupar o último pôsto. Ao contrário, quando fores convidado, vai sentar-te no último lugar, de sorte que, vindo o que te convidou, te diga: Amigo, sobe mais para cima. Então será para ti uma honra perante todos os convivas. Porque todo o que se exalta, será humilhado, e o que se humilha, será exaltado.**

## Explicação do texto

O banquete, a que Jesus foi convidado por um dos principais dentre os fariseus, teria lugar no último ano do seu ministério público, talvez em Jerusalém, quando ali foi por ocasião da festa da Dedicação do Templo (Novembro-Dezembro do a. 29). Foi nesta ocasião que o Divino Mestre propôs a parábola do banquete, figura do reino dos céus (Luc. 14,16-24; ver o Evangelho do 2.º Domingo dep. do Pentecostes).

O banquete efectuou-se num sábado, dia festivo para os Judeus, em que êles de preferência faziam os seus festins. Assistiam vários fariseus, talvez membros conspícuos daquela seita. Não sabemos se o convite foi feito a Jesus com intenções malignas, para lhe armar alguma cilada. Talvez não. Em todo o caso, era uma ocasião propícia para êles o espiarem, vendo como Êle observava

as prescrições relativas ao descanso sabático, às refeições etc. Também ignoramos se o hidrópico teria sido levado para ali com as mesmas intenções, para verem se o Salvador o curava naquele dia; o que, segundo êles, não era permitido. Poderia ser que êle se tivesse ali introduzido espontâneamente, usando da liberdade dos costumes orientais, na esperança de ser curado da sua enfermidade. Seja como fôr, os fariseus observavam atentamente tudo o que fazia o Divino Mestre naquelas circunstâncias, esperando achar alguma coisa de repreensível no seu procedimento. Não era a primeira vez que Êle curava em dia de sábado: o que havia provocado a indignação farisaica (ver Luc. 13,14). Entre os assistentes notam-se particularmente os doutores da Lei, que geralmente pertenciam à seita dos fariseus, e que se atribuíam especial competência nas questões das observâncias legais.

O hidrópico estava de pé, em evidência, diante de Jesus. A hidropisia é uma enfermidade grave, muitas vezes incurável, resultante da acumulação anormal do líquido seroso nos tecidos celulares, especialmente no abdómen.

O Divino Mestre, conhecendo as intenções malignas ou ao menos reservadas dos que estavam presentes, previne a sua intervenção, preguntando-lhes se era lícito ou não curar em dia de sábado. Igual pregunta fizera Êle já outra vez, em idênticas circunstâncias, numa sinagoga, aos escribas e fari-

seus (Luc. 6,9). Êles não responderam, ou por malícia ou pelo temor de serem refutados. Não se deixando intimidar por êsse silêncio propositado, nem fazendo caso algum dos escrúpulos farisaicos, Jesus tomou o hidrópico pela mão, preferindo usar de um gesto, que os presentes não aprovariam, em vez de obrar só pela virtude da sua palavra, curou-o instantâneamente e despediu-o.

Em seguida, por um argumento *ad hominem*, o Salvador mostrou-lhes a liceïdade do seu procedimento e a inconseqüência deles. Êles, com efeito, não hesitariam em salvar, mesmo em dia de sábado, um boi ou um jumento, que tivessem caído numa cisterna. Reconheciam assim que a necessidade urgente dispensava da lei do repouso sabático, tratando-se dos próprios interêsses temporais. Com quanto maior razão não devia essa lei ceder a uma necessidade do próximo, tratando-se de salvar um homem e praticar uma obra de caridade? A caridade para com o próximo está acima das leis positivas.

Os fariseus nada puderam replicar ao argumento do Divino Mestre, que era irrefutável. A sua inconseqüência deixa-os confundidos. E, passado êste episódio preliminar, tratam de acomodar-se à mesa para o banquete. Mas o modo como êles então se portaram, na escolha dos lugares, levou Jesus a aproveitar a oportunidade para lhes dar uma lição de humildade, em forma parabólica, por

um exemplo prático e aplicado às circunstâncias. Os convivas procuravam colocar-se o mais perto possível da presidência da mesa, nos lugares de honra — conforme o costume que o Salvador já noutra ocasião censurava aos fariseus (Luc. 11,43). Poupando o amor próprio dos que o ouviam, Jesus não fala directamente do caso presente, mas toma como exemplo um banquete nupcial, em que mais estritamente costuma observar-se a ordem da precedência. E, em vez do fariseu, que o convidara, introduz um interlocutor fictício. Mas a lição serve para todos os casos análogos.

A escolha dos lugares honrosos é um indício de orgulho e vaidade, porque quem os procura, julga-se digno deles. Mas o Divino Mestre faz ver a conveniência, mesmo por prudência humana, da modéstia e humildade. Quem vai, por sua iniciativa, ocupar o primeiro lugar, arrisca-se a ser coberto de confusão, tendo de ceder êsse lugar a outro convidado mais digno, e passar a ocupar o último, por estarem os outros já ocupados. Ao contrário, o que se contenta de ocupar o último lugar, poderá talvez ser chamado a ocupar um lugar superior, o que reverterá em sua maior honra. Não aconselha, certamente, Jesus a tomar o lugar mais humilde, para assim ser mais honrado. Opõe simplesmente duas condições contrárias, a do orgulhoso e a do modesto, que podem ser invertidas. Mas o alcance dos ensinamentos do Divino Mestre

é mais vasto e elevado. A conclusão é uma lição universal de humildade: "Todo o que se exalta, será humilhado, e o que se humilha, será exaltado„. Se isto não se realiza sempre perante os homens, é sempre verdadeiro diante de Deus, na ordem espiritual. Deus, que conhece o mérito de cada um, dará a todos o lugar que lhes compete. E, no seu juízo, os mais humildes serão preferidos aos orgulhosos.

—Fujamos do orgulho, e pratiquemos sinceramente a humildade, que Jesus não cessou de recomendar-nos, com a palavra e sobretudo com o exemplo. "Deus resiste aos soberbos, e dá a sua graça aos humildes„, dizem os apóstolos S. Pedro e S. Tiago (1. Petr. 5,5; Jac. 4,6). O prémio da humildade será a glória celeste.

# 17.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. XXII, vv. 34-36:*

NAQUELE tempo chegaram-se a Jesus os fariseus, e um dentre êles, doutor da Lei, preguntou-lhe para o tentar: Mestre, qual é o maior mandamento na Lei? Disse-lhe Jesus: Amarás ao Senhor teu Deus de todo o teu coração, com tôda a tua alma e com tôda a tua mente. Êste é o maior mandamento. O segundo é semelhante a êste: Amarás ao teu próximo como a ti mesmo. Nestes dois mandamentos está baseada tôda a Lei e os profetas. Estando porém reünidos os fariseus, fêz-lhes Jesus esta pregunta: Que vos parece a respeito do Cristo? De quem é êle filho? Dizem-lhe: De David. Diz-lhes Êle: Como é pois que David (movido) pelo Espírito o chama Senhor, dizendo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Senta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés? Se pois David o chama Senhor, como é Êle seu filho? E ninguém podia responder-lhe uma pala-

**vra, nem ousou ninguém mais desde aquêle dia pôr-lhe alguma questão.**

## Explicação do texto

Os episódios referidos no Evangeiho de hoje deram-se num dos primeiros dias da Semana da Paixão. Êstes dias, da segunda à quarta-feira, foram de luta renhida e perseverante contra Jesus, da parte dos seus inimigos, os fariseus e os saduceus. O Divino Mestre tinha-lhes repetidas vezes imposto silêncio, desfazendo as suas ciladas e respondendo com divina sabedoria a tôdas as questões por êles propostas. Desta vez confundirá e imporá definitivamente silêncio aos fariseus, como o fizera antes aos saduceus na questão da ressurreição dos mortos.

Juntando-se os fariseus, um deles, doutor da Lei, em nome de todos, pôs a Jesus uma questão, para o tentar, isto é, para o embaraçar, no intuito de assim o desacreditar perante o povo, que tanto admirava a sua doutrina.

Os rabinos haviam com as suas subtilezas complicado tanto a Lei que não era fácil determinar a importância maior ou menor das suas prescrições. Êles conheciam 613 mandamentos, dos quais 248 positivos e 365 negativos. Uns eram classificados como leves ou pequenos, outros como graves ou grandes. Qual de todos fôsse o maior, nem todos

o diriam igualmente, ou seria difícil dizê-lo sem hesitação. É mesmo possível que os fariseus pensassem que o Divino Mestre, com a autoridade que se arrogava, ousaria modificar a Lei de Moisés. Em todo o caso, esperavam achar na sua resposta alguma coisa com que o pudessem incriminar e comprometer.

Jesus, desprezando tôdas as vãs discussões dos seus adversários, faz-lhes ver que tôda a Lei se reduz a dois preceitos; dos quais o primeiro, fundamental e essencial, é o do amor de Deus. Êste é, com efeito, para tôda a criatura racional o primeiro dever e o fundamento de todos os demais.

O doutor da Lei não lhe preguntara senão pelo primeiro mandamento. O Salvador, porém, acrescenta espontâneamente o segundo, que diz ser semelhante ao primeiro, do qual deriva e com o qual faz como um só preceito: o do amor do próximo. É de notar esta espontaneidade de Jesus e a sua audácia em colocar no mesmo pé o amor de Deus e o amor do próximo. Êste facto é bastante para caracterizar a religião de Jesus, ao mesmo tempo tão divina e tão humana... Ao que junta o Divino Mestre: "Nestes dois mandamentos está baseada tôda a Lei e os profetas„. O fundamento e o resumo da Lei é o preceito da caridade, no seu duplo aspecto, relativo a Deus e ao próximo. Todos os demais preceitos contidos nas Sagradas Escrituras, do Antigo como do Novo Testamento,

não são mais que o comentário e o desenvolvimento do preceito por excelência, o da Caridade, resumo, centro e coroa de tôda a Perfeição cristã, como depois de Jesus o repetiram os Apóstolos.

Já reduzidos ao silêncio todos os seus adversários, o Divino Mestre aproveita a ocasião em que tinha diante de si muitos fariseus, para tomar por sua vez a ofensiva, afim de que a confusão deles fôsse mais completa, mostrando-lhes ainda com que facilidade poderia servir-se das armas da sua dialética, quando o quisesse. A questão, que lhes propõe, era das mais delicadas e difíceis para êles: a da origem e natureza do Messias, que esperavam. E êles, que presumiam conhecer profundamente a Lei, ignoravam a natureza daquele que era o seu fim e objecto principal. Ainda não é chegada a hora de lhes dizer abertamente quem Êle é. Por agora quere forçá-los a reconhecer a própria ignorância.

A origem davídica do Messias era ponto assente e indiscutível para os Judeus, de tal sorte que êle era designado vulgarmente pelo título de Filho de David, como o provam os Evangelhos. Se pois o Messias é Filho de David, como é que êste, inspirado pelo Espírito Santo, o chama seu Senhor, no salmo 109,1: "Disse o Senhor ao meu Senhor etc.„ É manifesto que os adversários de Jesus admitiam que êste salmo fôra composto por David, e que aquelas palavras se referiam ao

Messias. Como conciliar estas duas coisas: Senhor ao mesmo tempo que filho? A resposta é hoje fácil para nós, depois da revelação do mistério de Jesus: o Messias era filho de David segundo a carne ou como homem: mas era superior a David, Senhor de David, pela sua natureza divina. Era a um tempo Deus e homem. Os inimigos de Jesus não podiam conhecer o mistério só pelas luzes da interpretação tradicional das Escrituras, que não chegava tão alto. Mas o Divino Mestre mostra evidentemente a êstes legistas que as Escrituras abriam novos horizontes, devidamente interpretadas. E êsses horizontes tinha-os Êle muitas vezes aberto diante dos seus olhos. Os adversários poderiam conhecer esta verdade sobrenatural, se o quisessem, crendo na doutrina e nas obras de Jesus, que se revelava como Messias, como Filho de David ao mesmo tempo que Filho de Deus. Era à luz desta afirmação, confirmada com tantos prodígios, que os oráculos das Escrituras deviam ser interpretados.

Confundidos e vencidos, não sabendo responder ao Divino Mestre, não ousaram mais pôr-lhe questões insidiosas. Assim pôde o Salvador dedicar pacíficamente os últimos dias ao ensino do povo e dos seus discípulos. Mas os seus inimigos, afastados da discussão pública, foram concertar nas trevas o modo de tirar vingança, dando-lhe a morte.

— Jesus continua sempre na sua Igreja a

missão de ensinar a Verdade e confundir o êrro, humilhando o orgulho e a malícia humana; como os adversários de Cristo continuam em todos os tempos a desempenhar o papel dos fariseus. Mas a Igreja, assistida e governada pelo Espírito de Jesus, triunfará sempre dos seus inimigos, desfazendo as suas ciladas e descobrindo as suas astúcias. E seguirá sempre mostrando a todos os homens de boa vontade o caminho que conduz à salvação, e revelando-lhes os horizontes da plenitude da Verdade e da Vida...

# 18.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. IX, vv. 1-8:*

NAQUELE tempo, subindo Jesus para uma barca, atravessou (o lago de Genesaré, e veio para a sua cidade. E levaram-lhe um paralítico deitado num leito. E vendo Jesus a fé deles, disse ao paralítico: Tem confiança, filho, são-te perdoados os teus pecados. E alguns dos escribas disseram consigo mesmos: Êste blasfema. E conhecendo Jesus os seus pensamentos, disse: Para que cogitais o mal nos vossos corações? Que é mais fácil, dizer: São-te perdoados os teus pecados, ou dizer: Levanta-te e anda? Mas para que saibais que o Filho do homem tem sôbre a terra poder de perdoar pecados, — diz então ao paralítico: Levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa. E êle, levantando-se, foi para sua casa. Vendo isto as turbas, encheram-se de temor e glorificaram a Deus, que dera um tal poder aos homens.

## Explicação do texto

É sabido que o evangelista S. Mateus agrupou nos capítulos 8-9 do seu Evangelho uma série de milagres de Nosso Senhor, para mostrar o seu poder taumatúrgico em acção, e assim provar a sua divindade, não se cingindo à ordem cronológica, que os outros evangelistas nos ajudam a determinar com mais precisão, quando narram os mesmos factos. Não é por isso de admirar que a indicação da travessia do lago de Genesaré, por onde começa a lição do Evangelho dêste dia, se refira a uma época posterior à do facto narrado em seguida, que precedeu de alguns mêses aquela travessia, segundo as indicações de S. Marcos e de S. Lucas. Era provàvelmente cêrca da Páscoa do segundo ano do ministério público do Salvador (a. 28). Desde o princípio do seu apostolado, fixara Jesus a sua residência habitual em Cafarnaúm (Mat. 4,13); pelo que o evangelista a chama "a sua cidade„. Dali saía a prègar pela Galileia e regiões vizinhas. Voltando da Judeia, onde se demorou alguns mêses, pela Samaria (talvez pelo mês de Dezembro do a. 27), o Salvador curou em Caná o filho do oficial de Cafarnaúm (Jo. 4,46-54); e dirigiu-se depois para esta cidade, onde entrou secretamente, indo para a casa que ali ordinàriamente habitava. Sabendo-se onde Êle estava, correu logo para ali de tôdas as partes uma numerosa multidão para ouvir a sua

doutrina, de sorte que a casa estava repleta de gente até fora da porta. Chegaram então alguns homens, trazendo um paralítico deitado no seu próprio leito, para que Jesus o curasse. Não podendo de outro modo aproximar-se dele, subiram pela escada exterior ao tecto da casa e, fazendo nêle uma abertura, desceram por meio de cordas o paralítico no seu leito. A operação não era difícil numa casa oriental, com o seu terraço, construído em traves de madeira, sôbre as quais se colocava um entrançado de canas ou ramos, coberto de argila ou terra pisada; ou então em arcos de pedra ou tijolo, com lages sobrepostas.

Vendo o Divino Mestre a fé dêstes homens, sem dúvida igualada pela do paralítico que desejava ser curado, disse para êste: Tem confiança, filho, são-te perdoados os teus pecados. Não era ainda a cura, mas uma garantia dela, e um novo estímulo para a fé do enfermo. Segundo a opinião vulgar daquele tempo, os males físicos eram o castigo dos males morais ou pecados. Disso teria consciência o paralítico, que desejaria o perdão dêstes, como condição necessária para ser livre daqueles. Seja como fôr, o perdão dos pecados precedeu no paralítico a cura da enfermidade corporal. E, se Jesus proclamou tão alto o perdão dos pecados nesta ocasião, tinha para isso as suas razões, dirigindo-se não menos ao auditório do que ao interessado.

Estavam ali alguns escribas ou doutores da Lei, que observavam atentamente tudo o que o Divino Mestre dizia e fazia. Êstes escandalizaram-se, evidentemente, com as palavras de Jesus. Sem dúvida, era a primeira vez que semelhantes palavras soavam a ouvidos humanos. Ninguém se arrogara ainda tal poder. Murmuravam por isso interiormente de que Jesus se atribuísse um poder que pertence exclusivamente a Deus, acusando-o de blasfémia.

De facto, só Deus pode perdoar pecados, pois só o ofendido pode perdoar a ofensa. Se Jesus em seu próprio nome perdoa pecados, atribui-se indubitàvelmente uma autoridade divina. E quando os adversários, murmurando interiormente, lhe contestam êste poder, Êle mostra-lhes, pelas obras, que o tem, começando por descobrir os seus pensamentos ocultos, e curando em seguida o paralítico da sua enfermidade corporal, como o curara da espiritual.

Não diz o Salvador que é mais fácil perdoar pecados do que fazer andar um paralítico; mas insinua que é mais fácil dizer a alguém que lhe são perdoados os pecados do que dizer a um paralítico que está curado. As primeiras palavras, qualquer as poderia pronunciar, pois que ninguém poderia constatar o seu efeito. Seria porém insensato provocar exteriormente um milagre, sem estar seguro de poder executá-lo. Só o resultado das segundas pode, portanto, mostrar se quem as pro-

nuncia é um impostor ou um enviado de Deus. Êle vai pois dar aos legistas a única prova para êles irrecusável. Prova-lhes a sua autoridade divina, que não se vê, por um milagre a todos manifesto. Por êste devem os adversários crer que Êle tem em realidade o poder divino que se atribui pessoalmente, e que como homem exerce sôbre a terra, da mesma sorte que como Deus o exerce no Céu. E só com a virtude da sua palavra curou instantâneamente o paralítico que, transportado para ali no seu leito, voltou com êle às costas para sua casa, são e salvo.

Os inimigos de Jesus, compreendendo tôda a fôrça dêste argumento, ficaram confundidos, nada podendo responder. O povo simples, porém, foi tomado de um grande temor, como é próprio de tôda a manifestação sobrenatural. E em seguida glorificava a Deus por ter dado um tal poder aos homens... Jesus, em verdade, não era simplesmente um homem. Mas o povo não compreendia as coisas de outra sorte. A divindade do Salvador era uma verdade tão elevada e inacessível à razão humana pelas próprias fôrças, que o povo é excusável de a não ter ainda então atingido. De resto, Jesus mesmo atribuiu êste poder à sua humanidade, apelando para a sua qualidade de Filho do homem. Se o tinha, porém, era não em virtude da sua humanidade, mas como Homem-Deus, isto é, em virtude da sua natureza divina.

— Êste poder sobrehumano, divino, que Jesus tinha por direito próprio, comunicou-o Êle aos seus apóstolos e a todos os seus ministros e representantes na terra, aos sacerdotes. E assim Deus deu efectivamente aos homens o poder de perdoar pecados, embora em seu nome e pela sua virtude. Êste poder divino é exercido pelos ministros de Jesus Cristo no Sacramento da Penitência. Devemos, como aquêle povo, reverenciar com santo temor êste poder, e glorificar a Deus pela sua imensa misericórdia. Os incrédulos de todos os tempos continuam sempre a contestar à Igreja um tal poder, como os adversários do Salvador. Os maus cristãos desprezam, ao menos pràticamente, êsse poder. Detestemos um tal procedimento. E recorramos com fé, temor e confiança ao poder divino, que os sacerdotes receberam de Jesus e exercem no Sacramento da misericórdia e do perdão...

# 19.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. XXII, vv. 1-14:*

NAQUELE tempo falava Jesus aos príncipes dos sacerdotes e fariseus em parábolas, dizendo: É semelhante o reino dos céus a um rei que fêz umas bodas ao seu filho. E mandou os seus servos chamar os convidados para as bodas; mas êles não queriam vir. Mandou novamente outros servos, dizendo: Dizei aos convidados: Eis que preparei o meu jantar, os meus touros e animais cevados estão mortos, e tudo está pronto; vinde às bodas. Êles porém, não fazendo caso, foram um para o seu campo, outro para o seu negócio; e os demais, lançando mão dos servos, ultrajaram-nos e mataram-nos. O rei, tendo ouvido isto, encheu-se de cólera; e, mandando os seus exércitos, exterminou aquêles homicidas e incendiou a sua cidade. Então diz aos seus servos: A boda está preparada, mas os convidados não eram dignos. Ide pois às encruzilhadas dos caminhos e quantos encon-

**trardes, chamai-os para as bodas. E saindo aquêles servos pelos caminhos, juntaram todos os que acharam, maus e bons; e a sala das bodas encheu-se de convivas. Entrando porém o rei para ver os convivas, viu ali um homem não vestido da veste nupcial. E diz-lhe: Amigo, como entraste aqui sem a veste nupcial? E êle emudeceu. Então disse o rei aos seus servos: Atai-o de pés e mãos, e lançai-o nas trevas exteriores; ali será o pranto e o ranger dos dentes. Porque muitos são chamados, mas poucos escolhidos.**

## Explicação do texto

A parábola (ou talvez melhor: o aglomerado de parábolas), que lemos no Evangelho de hoje, é referida por S. Mateus por ocasião do ministério do Salvador em Jerusalém, nos dias que precederam imediatamente a sua paixão. Ela é porém, na sua parte principal, idêntica à que narra S. Lucas 14,16-24 (ver no 2.º Domingo dep. do Pentecostes). Segundo a ordem mais precisa de S. Lucas, ela seria pronunciada em Jerusalém, mas anteriormente, talvez por ocasião da festa da Dedicação do Templo do último ano da vida pública do Senhor (Novembro-Dezembro do a. 29), num banquete que então lhe ofereceu um dos principais dentre os fa-

riseus (ver também o 16.º Domingo dep. do Pentecostes).

A parábola em S. Mateus consta pelo menos de duas partes distintas, que devem ser interpretadas de per si: a primeira refere-se aos convidados às bodas; a segunda à veste nupcial, necessária para nelas tomar parte. No fim, como apêndice, acrescenta-se uma máxima, de sentido genérico, familiar ao Divino Mestre.

Jesus dirige-se, como nas parábolas que precedem esta no primeiro Evangelho, aos chefes do povo judaico, para lhes significar o castigo reservado à sua dureza e obstinação, por se recusarem a receber a sua doutrina e entrar no seu reino, para o qual seriam chamados outros em seu lugar (1.ª parte). Não basta porém entrar no reino de Deus para ser salvo. Antes, os que não se tornarem dignos dêsse favor, cumprindo as necessárias condições, serão dele excluídos e votados à perdição eterna (2.ª parte).

Um rei celebra com grande pompa as bodas do seu filho. Convidou muitos para a festa, naturalmente personagens de distinção, que são os convidados usuais da mesa real. Mas, não obstante o convite ser tão honroso para êles, os convidados recusaram-se a comparecer. Esta recusa era uma ofensa inqualificável para o rei, que êle porém dissimula. Manda novamente os seus servos, chamando-os com maior insistência, quási obrigan-

do-os a vir ao banquete já preparado; mas em vão. Não fizeram caso do convite, e foram para as suas coisas e negócios vulgares, que preferiram conscientemente à honra de se sentarem à mesa do rei. Alguns, mais insolentes ainda, prenderam os seus enviados, maltrataram-nos e deram-lhes a morte. Compreende-se bem a ira do rei, e a justiça do castigo por êle infligido aos culpados, mandando-os matar e incendiar a sua cidade... (Esta cláusula referente aos convidados homicidas e ao seu castigo perturba a ligação natural entre o que precede e o que segue no resto da parábola. A melhor explicação desta anomalia vê aqui um vestígio de uma outra parábola, fundida com a primeira na tradição reproduzida por S. Mateus).

Aquêles, que tão grosseiramente desprezaram o convite do rei, são definitivamente excluídos do banquete, porque dele se mostram indignos. Em seu lugar entrarão outros, não já escolhidos como os primeiros, mas tomados a êsmo nas encruzilhadas dos caminhos, dentro ou fora da cidade. À ordem do rei, juntaram os servos, sem discernimento, todos os que encontraram. E não lhes foi difícil fazer encher em pouco tempo a sala do festim. O convite porém não mudou as disposições dos novos convidados. Todos entraram tais quais eram, bons e maus, dignos e indignos. À selecção dos convivas sucede pois a mistura do número e da qualidade.

O rei, que não presidia pessoalmente ao banquete, entrou na sala para ver os convivas. Êstes, para corresponderem condignamente à honra que lhes era feita, deviam apresentar-se devidamente preparados. Havia porém ali um que, por negligência ou desdém, não se vestiu como os demais do vestido nupcial ou de festa, que devia ter-se procurado antes de entrar no festim. Repreendido pela sua falta de consideração, não teve que responder. O rei fê-lo lançar dali para fora, e castigar severamente. O castigo do desgraçado é descrito nos têrmos de que o Divino Mestre se serviu muitas vezes para designar as penas do inferno.

O rei da parábola é a figura de Deus. O banquete nupcial representa o reino messiánico na sua fase definitiva, isto é a Bemaventurança celeste. Nesse banquete celebra o Pai celeste as bodas do seu Filho, o Verbo Incarnado, com a sua Igreja e as almas escolhidas. Os primeiros convidados a essas bodas foram os Judeus, o povo escolhido; os quais, primeiro pelos profetas e depois por Jesus e pelos Apóstolos, foram chamados ao reino messiánico. Apesar da sua dureza e obstinação, chamou-os Deus uma e muitas vezes, com a maior insistência e longanimidade. Preocupados porém com os cuidados terrenos e com as esperanças do reino messiánico temporal, que sonhavam, recusaram grosseiramente o convite, repelindo o Evangelho que lhes era anunciado. Não contentes com

isso, perseguiram, maltrataram os enviados de Deus. Prova-o manifestamente o modo como foi tratado o Salvador e a história dos primeiros tempos da Igreja... Assim atraïram sôbre si a cólera divina, que, por meio dos exércitos romanos os castigou severamente, destruindo a sua capital e nação.

Rejeitado o povo judaico, e nomeadamente os seus chefes, pela sua ingratidão e infidelidade, foi o reino messiánico aberto àquêles que os Judeus desprezavam e tinham por indignos, aos gentios, que encheram a Igreja, em vez dos primeiros convidados, que foram os que se não mostraram dignos dêste favor. Deus chama, pois, a todos os homens à sua Igreja. Nela porém entram todos indistintamente, bons e maus, justos e pecadores, dignos e indignos. Todavia, antes de realizar-se o banquete celeste, ou de o reino messiánico entrar na sua última fase, virá Deus examinar e fazer a escolha dos convivas. Não tomarão parte nesse banquete senão os que tiverem o vestido nupcial, isto é, as devidas disposições morais, sintetizadas na Graça e Santidade. Os que não tiverem êsse vestido, serão excluídos do banquete, dos gozos eternos, e condenados às eternas penas.

— "Muitos são chamados, mas poucos escolhidos„ — é uma máxima familiar ao Salvador, e que foi acrescentada a esta parábola pela analogia do objecto. Nela parece o Divino Mestre significar que o número dos eleitos é relativamente inferior

ao número daqueles que o poderiam ser. Qual será porém a proporção entre o número dos que se salvam e o dos que se condenam, só Deus o sabe e não o disse a ninguém. Nós recebemos de Deus a graça de sermos chamados a tomar parte no banquete divino, entrando aqui na Igreja, para depois entrarmos na Glória eterna. Apreciemos devidamente esta graça e tornemo-nos cada vez mais dignos dela, assegurando a nossa salvação por uma vida conforme à nossa vocação, pela prática das boas obras. — "Quapropter, fratres, magis satagite, ut per bona opera certam vestram vocationem et electionem faciatis„, diz-nos o Apóstolo S. Pedro (1 Petr. 1,10)...

# 20.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. João, c. IV, vv. 46-53:*

NAQUELE tempo havia um oficial régio, cujo filho estava doente em Cafarnaúm. Tendo êle ouvido que Jesus viera da Judeia para a Galileia, foi ter com Êle, rogando-lhe que fôsse curar o seu filho, pois estava a morrer. Disse-lhe Jesus: Se não virdes milagres e prodígios não crereis. Diz-lhe o oficial régio: Senhor, vinde antes que morra o meu menino. Diz-lhe Jesus: Vai, o teu filho vive. Creu o homem na palavra que lhe disse Jesus, e foi-se. Indo êle já de regresso, vieram os servos ao seu encontro, dizendo-lhe que o seu menino estava são. Informou-se pois deles a que hora se achara melhor. E disseram-lhe: Hontem, pela hora sétima, deixou-o a febre. Reconheceu pois o pai que foi àquela hora em que Jesus lhe disse: O teu filho vive. E creu êle e tôda a sua casa.

## Explicação do texto

Jesus inaugurara o seu ministério público na Galileia, talvez pelo mês de Dezembro do ano 26 da nossa era, obrando o seu primeiro milagre em Caná (ver o Evangelho do 2.º domingo depois da Epifania). Dirigiu-se depois para Cafarnaúm, na margem noroeste do lago de Genesaré, estabelecendo ali o centro da sua prègação na Galileia e regiões limítrofes. Daí a pouco tempo, acompanhado dos primeiros discípulos, foi a Jerusalém para a festa da Páscoa (a. 27), prolongando o seu ministério na Judeia durante alguns meses. E em seguida, talvez pelo mês de Dezembro do a. 27, atravessando a Samaria, voltou para a Galileia. Tendo ganhado na Judeia a reputação de profeta e taumaturgo, depois de alguns meses de ausência, foi desta vez melhor recebido pelos Galileus, que tinham sido testemunhas dos milagres por Êle obrados em Jerusalém. O Salvador dirigiu-se novamente a Caná, onde obrara o primeiro milagre. E foi ali que Êle obrou também o que lemos no Evangelho dêste dia, o qual assinalou o seu regresso da Judeia à Galileia (Jo. 4,54).

O oficial régio, de que fala o Evangelho, seria um funcionário ao serviço de Herodes Antipas, que então governava a Galileia como tetrarca, mas que o público lisongeava com o título de rei. Por simples conjectura, é por alguns identificado com

Chusa, marido de Joana, que com outras santas mulheres provia às necessidades materiais de Jesus e do colégio apostólico (Luc. 8,3). Sabendo que o Divino Mestre tinha regressado da Judeia à Galileia, foi ter com Êle a Caná, a cêrca de oito quilómetros a nordeste de Nazaré e a 33 quilómetros (seis a sete horas de caminho) a sudoeste de Cafarnaúm, onde o oficial residia com sua família. Ali tinha êle um filho gravemente doente, às portas da morte. Encontrando o Salvador, rogou-lhe instantemente que fôsse a sua casa curar o pequeno. Tinha êle, evidentemente, alguma fé e confiança no poder taumatúrgico de Jesus. Mas essa fé era ainda muito imperfeita, supondo que, para lhe fazer o que lhe pedia, precisava o Salvador de ir junto do seu filho, e não pensando que poderia exercer o seu poder a distância. Como os outros Galileus, via em Jesus um taumaturgo, sem suspeitar a natureza e a extensão da sua missão espiritual.

O Divino Mestre, mostrando uma certa tristeza por se ver tão mal compreendido, e dirigindo-se menos talvez a êste pai aflito do que ao povo que o escutava, censurou a imperfeição e fragilidade da sua fé. Pouco antes, fôra Êle bem recebido pelos Samaritanos, sem fazer milagres. Os Galileus, porém, seus compatriotas, precisavam de milagres e prodígios para crer nêle. De facto, todavia, o Salvador condescendia com a fraqueza daquele povo,

obrando milagres, no intuito de aperfeiçoar a sua fé. Assim, nesta ocasião, queria Êle que a fé dêste homem, apoiada, como a do vulgo, exclusivamente sôbre os sinais exteriores, se transformasse numa convicção mais pura e fundada sobretudo na sua palavra. E atingiu o seu fim na alma dêste bom oficial, aliás disposto a tudo.

Grande era a angústia e inquietação daquele pai pela sorte do seu filho. Cada momento que passa, aumenta a sua preocupação. Suplica instantemente ao Senhor que vá depressa a sua casa, antes que seja demasiado tarde. Nova prova da imperfeição da sua fé; mas também de confiança perseverante, embora pouco esclarecida. O Salvador condescendeu ainda uma vez, e concedeu-lhe a graça que pedia. Não acedeu porém ao seu desejo de ir a sua casa. Declarou-lhe simplesmente que a sua súplica era favoravelmente acolhida e despachada. O seu filho estava são e salvo. Desta sorte, punha ainda à prova a fé do oficial, para a elevar e aperfeiçoar. Creu êle na palavra do Senhor, que lhe assegurava uma coisa, que não podia ainda verificar. Não insistiu mais, e pôs-se a caminho para sua casa.

Indo êle de regresso, saïram-lhe ao encontro os seus servos, trazendo-lhe uma boa nova: o seu menino estava curado. Preguntando-lhes o pai a que hora se tinham notado as melhoras do pequeno, responderam-lhe que a febre o deixara no

dia anterior, pela sétima hora. O milagre realizou-se no momento em que o Divino Mestre o anunciara ao oficial. A hora sétima corresponde, segundo o modo de contar dos antigos, à nossa 1 hora da tarde. Sendo a distância de Caná a Cafarnaúm de cêrca de sete horas, o oficial, que partira de Caná pouco depois de ter ouvido a palavra do Salvador, chegaria a sua casa já de noite (sobretudo no mês de Dezembro). Os criados vieram, naturalmente, ao seu encontro quando êle se aproximava de Cafarnaúm, perto de casa. Como os judeus começavam o dia logo depois do pôr do sol, compreende-se como os servos disseram ao oficial que a cura se efectuara *hontem*, isto é, no dia precedente, terminado às seis horas da tarde, com o sol pôsto.

O efeito do milagre, em conformidade com a vontade do Divino Mestre, foi confirmar a fé do oficial régio. E, porque a convicção, sobretudo dum chefe de família ou duma pessoa importante, é contagiosa e eficaz, com o oficial creu em Jesus tôda a sua casa, isto é, os seus familiares e servos.

Assim, a fé do oficial era muito imperfeita, ainda incipiente, quando foi pedir ao Salvador a cura do seu filho. Aumentou consideràvelmente quando creu na sua palavra, ainda antes de ver a sua realização. Foi consumada quando, tendo verificado o milagre, creu, com todos os seus,

no poder divino, incondicionado e ilimitado, de Jesus.

— O exemplo do oficial do Evangelho ensina-nos que devemos orar com fé, confiança e perseverança. Devemos orar porque: *a*) temos necessidade do auxílio divino, sem o qual nada podemos conseguir, nem na ordem temporal, nem na ordem espiritual; *b*) e Deus quere auxiliar-nos, recorrendo nós a Êle pela oração. Se orarmos bem, temos a certeza de que seremos ouvidos, obtendo de Deus o que mais convém aos nossos interêsses espirituais e eternos: certeza fundada nas promessas do Salvador. Mas, para orarmos bem, devemos orar com uma fé humilde, confiada e perseverante. Deus põe muitas vezes à prova a nossa fé, como o fêz ao oficial do Evangelho, afim de a aperfeiçoar e purificar. Se ela porém fôr firme e constante, veremos escutadas as nossas preces, cumprindo-se a palavra de Nosso Senhor...

# 21.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. XVIII, vv. 23-35:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discípulos esta parábola: O reino dos céus é semelhante a um rei, que quis ajustar contas com os seus servos. E, começando êle a tomar as contas, foi-lhe apresentado um que lhe devia dez mil talentos. E, como não tivesse com que pagar, mandou-o o seu senhor vender, com a mulher, os filhos e tudo o que tinha, para se pagar. Mas o servo, prostrando-se aos seus pés, rogava-lhe: Usai de paciência para comigo, e eu vos pagarei tudo. Compadecido o senhor daquele servo, deu-lhe a liberdade e perdoou-lhe a dívida. Tendo, porém, saído o servo, encontrou um dos seus companheiros de serviço, que lhe devia cem dinheiros; e, agarrando-o, sufocava-o, dizendo: Paga o que deves. E o companheiro, lançando-se-lhe aos pés, suplicava-o, dizendo: Usa de paciência para comigo, e eu te pagarei tudo. Mas êle não quis; antes, foi lançá-lo

**numa prisão, até que pagasse a divida. Vendo os seus companheiros o sucedido, entristeceram-se muito, e foram dar parte ao seu senhor de tudo o que se passara. Então o senhor, tendo-o mandado chamar, diz-lhe: Servo mau! Perdoei-te tôda aquela divida, porque mo suplicaste. Não devias também tu ter compaixão do teu companheiro, como eu tive compaixão de ti? E, indignado, o seu senhor entregou-o aos algozes, até que pagasse tudo o que devia. Assim também vos fará o meu Pai celeste, se cada um de vós não perdoar ao seu irmão do fundo do coração.**

## Explicação do texto

O Divino Mestre teria proposto esta parábola aos seus discípulos pelo fim do último período da sua missão na Galileia, o qual decorreu desde a festa da Dedicação do Templo do a. 29 até que pela última vez se dirigiu a Jerusalém, algumas semanas antes da derradeira Páscoa, em que teve lugar a sua paixão.

Preguntara o apóstolo S. Pedro quantas vezes deveria perdoar ao seu irmão, isto é ao seu próximo, se êste o ofendesse: até sete vezes? Respondeu-lhe Jesus: Não te digo, até sete vezes, mas até setenta vezes sete; isto é, sem limites,

sempre... E, para esclarecer êste ensino e preceito, mostrou-lhes o Salvador por uma admirável parábola que é indispensável que perdoemos as injúrias do nosso próximo, se queremos que Deus nos perdôe as nossas. Aquêle que não perdôa ao seu próximo, não pode esperar que Deus lhe perdôe a êle. Ao contrário, a infinita misericórdia de Deus para connosco é um exemplo que nos exorta à compaixão para com o próximo. Se Deus nos perdôa as nossas dívidas, enormes e insolúveis, com quanto maior razão não devemos nós perdoar ao próximo as suas dívidas para connosco, tão insignificantes, por maiores que sejam, em comparação das nossas para com Deus? Tal é a lição da parábola do servo sem piedade.

O rei da parábola tomou contas aos seus servos. Um dêles devia-lhe dez mil talentos: soma correspondente a cêrca de sessenta milhões de francos-ouro. É uma quantia enorme, sem dúvida; mas que no caso presente serve bem para a lição que o Divino Mestre quere inculcar. A dívida era tão grande, que o devedor não poderia nunca pagá-la, devendo considerar-se insolúvel. O castigo infligido ao servo, não é de surpreender nos costumes antigos. Daquela venda não tiraria o rei grande proveito para se reembolsar. Mas faz justiça exemplar.

O servo, vendo-se perdido, prostra-se humildemente aos pés do rei, e pede-lhe uma moratória,

prometendo pagar tudo o que deve. Como o conseguiria êle? Não o saberia dizer. Mostra a sua boa vontade de fazer o que permitisse a sua capacidade.

O rei, porém, movido de compaixão, perdoou-lhe não só o castigo mas tôda a dívida. Mandou-o embora, livre e exonerado. Tal magnanimidade é sem igual.

Ao contrário, êste servo dá provas de uma singular estreiteza de alma e baixeza de sentimentos no seu procedimento para com o companheiro. Depois de lhe ter sido perdoada uma soma tão exorbitante, não concede ao seu devedor sequer a dilação suficiente para lhe poder pagar uma quantia relativamente tão miserável e de fácil reembolso. Cem dinheiros equivaleriam a cêrca de cem francos. Era a sexcentésima miléssima parte da primeira dívida. Não se comovendo perante os rogos do seu companheiro, na mesma atitude e com igual promessa às que êle tivera com o seu senhor, trata-o com rigor inexorável e inqualificável brutalidade.

Os companheiros de serviço, desgostados e indignados perante tão triste espectáculo, vão dar parte ao rei do sucedido. Êste chama de novo o servo, e censura acremente o seu procedimento indigno. As severas palavras do senhor não admitem réplica. A justiça do rei é então inexorável. O servo perdeu o direito ao benefício da miseri-

córdia. Pois que tão cruel se mostrou para o seu companheiro, será cruelmente torturado, até que pague tôda a dívida. Se disso não fôr capaz, a culpa é sua; e o castigo, em rigorosa justiça, não terá fim.

A afirmação categórica, com que o Divino Mestre termina a parábola, dispensa comentários, e resume admiravelmente, em poucas palavras, a lição que Êle quis dar-nos: Deus não usará de misericórdia para com aquêle que dela não usar para com o seu próximo. Seremos tratados por Deus da mesma sorte com que tratarmos os nossos semelhantes. É a doutrina exposta pelo Salvador no Sermão da montanha (Mat. 6,14 seg.).

— O rei da parábola representa Deus, infinitamente magnânimo e misericordioso, mas igualmente justo. Os devedores somos nós. Os companheiros de serviço são os nossos próximos. A dívida enorme de dez mil talentos figura a dos nossos pecados, com que ofendemos a Deus: dívida que jamais poderemos satisfazer adequadamente, como o exigirá a justiça divina. Somos assaz loucos para contraír dívidas sôbre dívidas, com os nossos contínuos pecados. Depois dêstes cometidos, achamo-nos irremissivelmente onerados. Não podendo pagar as nossas dívidas, nada mais nos restaria do que sofrer o rigor da divina justiça. A pena infligida àquêle servo é um pálido reflexo da que Deus impõe ainda nêste mundo aos nossos

pecados, privando-nos de todos os dons sobrenaturais e deixando-nos entregues à escravidão do demónio; e da pena mais rigorosa ainda com que Êle nos ameaça na eternidade. Se, porém, o pecador, arrependido, se lança humildemente aos pés de Deus, implorando a sua misericórdia, e prometendo satisfazer à sua justiça na medida do possível, por meio da penitência e das boas obras, Êle, movido de compaixão, perdôa-lhe a dívida e a pena, a ofensa e o castigo. Restitui-lhe a sua graça e o direito ao Paraiso.

Mas a misericórdia e magnanimidade de Deus para connosco obriga-nos a ser também misericordiosos para com os nossos irmãos. Se não perdoamos ao nosso próximo as ofensas dêle recebidas, há entre o nosso procedimento e o de Deus um contraste, para nós profundamente humilhante, que clama ao Céu. As dívidas do próximo para connosco são insignificantes e miseráveis, comparadas com as nossas para com Deus: como cem dinheiros em comparação de dez mil talentos... Por isso é justa a indignação e rigoroso o castigo que a Justiça divina reserva para os homens sem compaixão e misericórdia para com os seus irmãos.

A parábola é um comentário concreto da petição do Pai-nosso: "Perdoai-nos as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores„. O perdão mútuo das ofensas é condição ndispensável para alcançar da Divina Misericórdia

o perdão das próprias culpas. Aliás: "Judicium sine misericordia illi, qui non fecit misericordiam„ (Jac. 2,13). Ao contrário: "Beati misericordes, quoniam ipsi misericordiam consequentur„ (Mat. 5,7).

# 22.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. XXII, vv. 15-22:*

NAQUELE tempo os fariseus, retirando-se, aconselharam-se entre si para enredarem a Jesus numa questão. E mandam-lhe os seus discípulos com os Herodianos, dizendo: Mestre, sabemos que és sincero e ensinas o caminho de Deus em verdade, e não te importas com quem quer que seja, pois que não olhas às pessoas dos homens. Dize-nos pois o que te parece: É permitido pagar o imposto a César ou não? Conhecendo porém Jesus a sua malícia, disse: Porque me tentais, hipócritas? Mostrai-me a moeda do imposto. Êles apresentaram-lhe um dinheiro. E diz-lhes Jesus: De quem é esta imagem e a inscripção? Dizem-lhe êles: De César. Então diz-lhes (Jesus): Dai, pois, a César o que é de César, e a Deus o que é de Deus.

## Explicação do texto

O episódio, que lemos no Evangelho de hoje, sucedeu nos primeiros dias da Semana da Paixão, em Jerusalém. Nestes últimos dias do ministério público do Senhor, os seus inimigos conjurados dirigiram-lhe os mais violentos ataques, para o comprometerem e desacreditarem perante o povo, preparando a oportunidade e um pretexto para lançarem mão dêle e o fazerem morrer. Foi assim que os mais encarniçados dentre êles, os fariseus, armaram-lhe esta cilada, perigosíssima, que Jesus porém desfêz vitoriosamente, confundindo-os com a sua sabedoria divina.

Os chefes ou representantes oficiais da seita dos fariseus, a quem o Divino Mestre tinha já muitas vezes desmascarado e confundido, por prudência não vão pessoalmente ter com Jesus. Concertam-se nas trevas e organizam o ataque. E mandam os seus discípulos que, menos conhecidos, seriam menos suspeitos. Os fariseus eram os representantes mais fanáticos do exclusivismo nacional, e só à fôrça suportavam o jugo estrangeiro. Para comprometerem e perderem Jesus, porém, entendem-se com os Herodianos, seus adversários, que eram os partidários dos descendentes de Herodes, e com êles favoreciam o domínio romano, adulando os imperadores. (Originariamente, o nome designaria os partidários de Herodes nas guerras

entre êle e os Asmoneus, sendo oposto ao de Antigonianos ou partidários de Antígono). O preâmbulo foi bem preparado, para se insinuarem e atrairem a confiança do Salvador. Noutras ocasiões trataram-no de seductor do povo, endemoninhado ou com epítetos análogos. Agora começam pela adulação, hipócrita e astuciosamente. Aliás, quanto o Divino Mestre ensinava a doutrina da Verdade com tôda a franqueza, sem atenuação nem respeito humano, êles o sabiam bem por experiência.

A questão, que propõem a Jesus, era inquietante para muitas consciências e extremamente delicada na presente situação. Sujeitos à autoridade romana, os Judeus eram obrigados a pagar ao imperador os tributos e impostos. Para muitos, aceitar tal imposição era reconhecer o domínio estrangeiro, abdicando da independência nacional e cometendo um crime contra a soberania de Deus, a única que um judeu podia acatar. Pràticamente, todos os pagavam, porque não podiam agir de outro modo, salvo em ocasiões de revolta. Mas a questão de princípio continuava de pé. Se o Divino Mestre se declarava pelo pagamento do imposto, acatava implicitamente o jugo estrangeiro. Isso equivalia a renunciar à sua função messiánica e às esperanças da nação, segundo a mentalidade vulgar. Assim incorreria no descrédito e desagrado do povo fanático. Se, ao contrário, se declarava

contra a legitimidade do imposto, expunha-se às represálias dos poderes públicos. E os Herodianos, obtendo da sua bôca uma declaração comprometedora, não deixariam de o denunciar logo à autoridade romana como rebelde.

Jesus, porém, sabia com quem tratava e, com divina sabedoria e prudência, evitou o laço que os seus adversários lhe armavam com tanta perfídia. Começou por desmascarar a sua malícia e hipocrisia. E assim mais uma vez confirma a verdade daquilo que êles menos tinham dito, embora hipòcritamente, para o adular. E ninguém deixará de reconhecer quanto os inimigos do Salvador mereciam o epíteto duro, mas tão verdadeiro, de hipócritas. Em seguida, faz o Divino Mestre que êles sejam confundidos pelas suas próprias palavras, fornecendo as armas que os devem ferir e pôr fora de combate.

Como se ignorasse qual era a moeda que servia para pagar o imposto ou nunca tivesse visto tal moeda, pede que lhe mostrem uma. Êles apresentam-lhe imediatamente a moeda corrente, um dinheiro (denarius), a unidade monetária romana. As moedas romanas, com as quais devia pagar-se o imposto civil devido a Roma, distintas das que serviam para pagar o imposto religioso ao Templo de Jerusalém, tinham a efígie do imperador reinante e uma inscripção ou legenda com os seus títulos. O Salvador, como se tudo aquilo ignorasse, pre-

gunta-lhes ingènuamente de quem era aquela imagem e legenda. A resposta não se fêz esperar. Era de César, do imperador romano. Era precisamente a resposta, de que Jesus precisava para pôr fim ao enrêdo e confundir os seus adversários. Se o dinheiro tem a efígie do imperador romano, pertence-lhe, e portanto para êle deve voltar. Quem aceita o dinheiro de César com os seus proveitos, deve também aceitar-lhe os encargos. O Salvador prescinde da questão de princípios, e constata apenas o facto, tirando dêle um argumento *ad hominem*. Pode legitimamente pagar-se a César o que lhe é devido, sem por isso ser menos livre espiritualmente — e é o que importa ao Salvador — nem menos obrigado de dar a Deus o que lhe pertence.

Pràticamente, declara o Senhor que deve pagar-se o imposto à autoridade de facto constituida. Isso faziam, aliás, os mesmos fariseus, que pràticamente reconheciam a necessidade de obedecer ao poder imperial. Servindo-se do dinheiro do imperador, reconheciam de facto o seu domínio e valiam-se da sua protecção para os seus interêsses temporais. Devem pois respeitar também os seus direitos, dando-lhe o que é seu.

Todavia, o Divino Mestre reserva e coloca num plano àparte os direitos de Deus. As coisas temporais devem estimar-se e usar-se segundo o seu valor e carácter transitório. Mas que não se esqueçam os deveres para com Deus, que são os

principais, de necessidade absoluta e superiores a tôda a contingência.

— As palavras de Jesus ultrapassam os limites da controvérsia e revestem um carácter universal, definindo o fundamento das nossas obrigações para com a autoridade civil e para com Deus e a autoridade espiritual. Ao poder temporal constituido deve-se a obediência naquilo que é da sua esfera, quando não impõe nada que seja contrário à lei de Deus, cujos direitos sempre serão salvaguardados.

A sabedoria e prudência, com que o Divino Mestre confundiu os adversários, comunicou-a Êle à sua Igreja. Separando nìtidamente as duas ordens, espiritual e temporal, a Igreja manda-nos prestar aos legítimos poderes constituidos nos Estados o respeito, acatamento e obediência nas coisas temporais. Nas coisas espirituais, porém, não reconhece outra autoridade que a de Deus, da qual ela é a legítima intérprete e representante...

# 23.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. IX, vv. 18-26:*

NAQUELE tempo, falando Jesus às turbas, eis que um chefe (de sinagoga), aproximando-se, prostrava-se diante dêle, dizendo: Senhor, a minha filha acaba agora de morrer; mas vinde impor sôbre ela a vossa mão, e viverá. E Jesus, levantando-se, acompanhava-o, assim como os seus discipulos. E eis que uma mulher, que sofria um fluxo de sangue havia doze anos, aproximando-se por detraz, tocou a orla do seu manto. Porque dizia consigo mesma: Se eu tocar sòmente o seu manto, serei curada. Mas Jesus, voltando-se e vendo-a, disse: Tem confiança, filha, a tua fé salvou-te. E ficou a mulher curada desde aquela hora. E chegando Jesus a casa do chefe, e vendo os tocadores de flauta e a multidão fazendo grande ruído, dizia: Retirai-vos, porque a menina não está morta, mas dorme. E escarneciam dêle. Mas, quando a multidão foi posta fora, en-

**trou, tomou-a pela mão, e a menina levantou-se. E espalhou-se a fama disto por tôda aquela região.**

## Explicação do texto

Os dois milagres referidos por S. Mateus no Evangelho dêste dia, seriam obrados pelo Salvador no segundo ano da sua vida pública, cêrca da festa dos Tabernáculos (setembro-outubro do a. 28), quando, regressando da parte oriental ou transjordánica, pelo lago de Genesaré, entrou na Galileia e se dirigiu provavelmente a Cafarnaúm, que deixara pouco tempo antes. A narração de S. Mateus, abreviada e limitada ao essencial dos factos, é completada pela dos outros Sinópticos, mais circunstanciada (Marc. 5,21-43 e Luc. 8,40-56).

O chefe, de que fala S. Mateus, era o que presidia à sinagoga do lugar, de Cafarnaúm, ao que parece. Chamava-se Jairo, como o indicam os outros evangelistas. Apesar da sua dignidade, foi humildemente lançar-se aos pés do Divino Mestre, rogando-lhe que salvasse a sua filha, que estava perdida. Pede-lhe que vá impor-lhe a sua mão. Era o gesto costumado na cura dos enfermos, do qual o Salvador usou muitas vezes e que, a seu exemplo, devia perpetuar-se na Igreja. Jesus, acedendo sem demora ao pedido confiante do chefe,

levantou-se do lugar onde estava ensinando, e foi com êle para sua casa, acompanhado dos seus discípulos.

Antes, porém, de chegar ao têrmo da viagem, uma nova personagem intervém e outro prodígio vai efectuar-se. Indo o Salvador a caminho, cercado de uma numerosa multidão, foi ter com Êle, secretamente e evitando chamar a atenção, uma pobre mulher que sofria uma perda de sangue, havia já doze anos. O mal era, pois, crónico e o seu estado desesperado. Tinha gastado tôda a sua fortuna com os médicos, sem resultado algum; antes, achava-se cada vez pior. Ouvindo falar de Jesus e do seu poder taumatúrgico, recorreu a Êle com uma rara confiança, como ao último recurso que lhe restava. O seu procedimento compreende-se bem, dado o carácter humilhante da sua enfermidade, particularmente entre os Judeus, que a consideravam como conseqüência e castigo de uma vida pecaminosa. Tal enfermidade constituia uma impureza legal, que afectava a pessoa que dela padecia e todos aquêles que a tocavam ou dela eram tocados. A mulher tinha o seu mal oculto. Confessar publicamente a sua enfermidade era para ela tão desagradável como imprudente naquelas circunstâncias. A vergonha e a esperança de ser curada levam-na a violar a lei, que lhe proïbia o contacto com os demais. Mas a sua fé era admirável. Não pretendia mais do que tocar a orla do

manto do Salvador para ser curada do seu mal. De facto, apenas conseguiu o que desejava, foi repentinamente curada; do que ela teve desde logo consciência.

Como referem os outros evangelistas, Jesus, que conhecia tudo o que se passava, voltou-se para traz e preguntou: Quem me tocou? Os apóstolos, não penetrando as intenções do Salvador, responderam-lhe: A multidão aperta-vos de todos os lados, e ainda preguntais: Quem me tocou? Jesus porém insistiu: Alguém me tocou: porque conheci que de mim saíu virtude. Não aludia, evidentemente, ao contacto sensível e comum, mas ao contacto especial da fé daquela mulher. Esta, vendo que Jesus sabia o que se tinha passado com ela, foi lançar-se aos seus pés, declarando publicamente o sucedido.

Não quis o Divino Mestre que êste milagre ficasse oculto, como tantos outros por Êle obrados; porque a sua revelação era uma nova prova do seu poder divino; e para instrução e edificação de todos os seus discípulos. O Salvador terminou por dirigir àquela mulher, agora feliz, estas palavras ternas e consoladoras: Tem confiança, minha filha, a tua fé salvou-te; vai em paz! Assim foi premiada a sua fé e confiança em Jesus.

O livro apócrifo "*Acta Pilati*„ deu a esta mulher o nome de *Verónica*. E a legenda identificou-a

com a que teria limpado o rosto do Senhor quando caminhava para o Calvário.

Depois dêste episódio, continuou Jesus a viagem para casa do chefe da sinagoga. No caminho, alguém saíu ao encontro dêste, dizendo-lhe que a sua filha estava já morta; e por isso não importunasse mais o Divino Mestre, pois era demasiado tarde... A ideia da possibilidade de uma ressurreição não ocorria sequer ao espírito daquela gente. O Salvador porém assegurou a Jairo que tudo teria remédio, se a sua fé não hesitasse. Chegando a casa, Jesus encontrou uma grande multidão que, segundo o costume do tempo, fazia a lamentação ou pranto fúnebre, com flautas e grande gritaria. A cerimónia era parte obrigada dos funerais. É natural que em casa de uma personagem de distinção a concorrência dos músicos, lamentadores e outros actores fôsse excepcional. O Divino Mestre manda retirar tôda aquela gente, declarando que não tinham ali cabimento as lamentações, pois que a menina não estava morta, mas apenas dormia. Bem sabiam todos que a menina tinha morrido. Por isso parecia-lhes ridículo que Jesus dissesse que ela estava a dormir. Pelo que escarneciam dêle.

Por estas palavras ambíguas, porém, o Salvador queria significar que aquela morte, embora real, não era definitiva, mas teria remédio. Depois que, não sem grande dificuldade, tôda aquela gente

saíu para fora, entrou Jesus no aposento, onde a menina jazia sôbre o seu leito, acompanhado apenas do pai e da mãe, e de três dos seus discípulos, Pedro, Tiago e João. E, tomando a mão da menina, disse-lhe estas palavras, que S. Marcos conservou na lingua original ou aramaica: *Talitha qûmi!*, que quer dizer: Menina, levanta-te! E logo a menina se levantou e começou a andar. E mandou Jesus que lhe dessem de comer, mostrando assim que a sua cura era completa. E aos assistentes recomendou o segrêdo, afim de que êste facto prodigioso não provocasse qualquer agitação prematura. Mas a notícia não podia deixar de divulgar-se, como efectivamente sucedeu.

— Na mulher, que padecia o fluxo de sangue, devemos admirar a rara confiança e humildade; ao mesmo tempo que a exquisita bondade do Salvador, que a curou. Mais felizes que essa mulher, temos nós a dita não só de tocar a orla do vestido de Jesus, mas de o receber a Êle mesmo, na Eucaristia. Jesus, que se deixa tocar pela fé, confiança e humildade, pode curar tôdas as nossas enfermidades.

Admiremos igualmente a confiança e humildade do chefe da sinagoga, e o poder e bondade do Divino Mestre ressuscitando a sua filha. A ressurreição corporal daquela menina é a imagem da ressurreição espiritual, tantas vezes operada nas almas pela virtude do Salvador (ver o Evangelho do 15.º domingo dep. do Pentecostes).

# 24.º Domingo depois do Pentecostes

*Evangelho de S. Mateus, c. XXIV, vv. 15-35:*

NAQUELE tempo disse Jesus aos seus discipulos: Quando virdes a abominação da desolação, predita pelo profeta Daniel, posta no lugar santo, — o que lê, compreenda! — então os que estiverem na Judeia, fujam para os montes; o que estiver no terraço, não desça a tomar as coisas da sua casa; e o que estiver no campo, não volte atraz a tomar a sua túnica. Ai, porém, das que estiverem grávidas e das que amamentarem naquele tempo! Orai para que a vossa fuga não seja no inverno ou ao sábado. Porque será então a tribulação tão grande, qual não houve desde o principio do mundo nem haverá jámais. E, se não fôssem abreviados aquêles dias, ninguém se salvaria; mas por causa dos escolhidos, serão aquêles dias abreviados. Então, se alguém vos disser: Eis aqui está o Cristo ou ali, não acrediteis. Porque surgirão falsos cristos e falsos profetas, e farão gran-

des maravilhas e prodígios, de sorte a induzir em êrro, se fôsse possível, os mesmos escolhidos. Vêde que eu vo-lo disse antecipadamente. Se, pois, vos disserem: Eis que êle está no deserto, não saiais; Ei-lo nos cubículos, não acrediteis. Pois que como o relâmpago sai do Oriente e brilha até ao Ocidente, assim será a vinda do Filho do homem. Onde quer que esteja o cadáver, ali se juntarão as águias. Mas, logo depois da tribulação daquele tempo, escurecer-se-á o sol, a lua não dará a sua claridade, as estrelas caïrão do céu, e as potências celestes serão abaladas. E então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem; e farão então ouvir os seus lamentos tôdas as tribus da terra; e verão o Filho do homem vir sôbre as nuvens do céu com grande poder e majestade. E Êle mandará os seus anjos, ao som da grande trombeta, e ajuntarão os escolhidos dos quatro ventos, duma à outra extremidade dos céus. Aprendei a semelhança da figueira: Quando já o seu ramo se torna tenro e as fôlhas têm brotado, sabeis que está próximo o estio. Assim também, quando vós virdes tudo isto, sabei que está perto, às portas. Em verdade vos digo que não passará esta geração até que tudo isto se realize. Passarão

**o céu e a terra; mas as minhas palavras não passarão.**

## Explicação do texto

O discurso profético do Salvador, que lemos no Evangelho dêste domingo, o qual fecha o ciclo do ano litúrgico, foi por Êle pronunciado nos últimos dias que precederam a sua Paixão, em Jerusalém. Ao sairem do Templo, chamaram os apóstolos a atenção do Divino Mestre para a magnificência e riqueza daquela obra admirável. Jesus, chamando-os à triste realidade, que o preocupava, predisse-lhes então a completa ruína daquele Templo. Subindo em seguida ao monte Olivete, preguntaram-lhe os discípulos quando teria lugar aquela catástrofe, e quais seriam os sinais que a anunciariam, bem como a sua vinda e o fim do mundo. Os dois acontecimentos, da ruína de Jerusalém e do fim do universo, estavam, ao que parece, então conexos na mente dos apóstolos. O Salvador responde-lhes conforme a pregunta, sem indicar porém a relação entre êsses acontecimentos. Todavia, o que se refere à ruína de Jerusalém é também a figura da catástrofe final. E, na análise do discurso, é extremamente difícil distinguir o que imediatamente se refere a um ou outro dêsses factos.

O Divino Mestre começou por indicar os *sinais precursores da ruína de Jerusalém* (Mat. 24,4-22).

Êstes seriam, em suma: o aparecimento de falsos messias, guerras e revoluções, fome, pestes, tremores de terra, aparições tétricas e sinais no céu (4-8); perseguições contra os discípulos por causa do Evangelho, e defecção de muitos (9-14); e, enfim, a desolação e situação angustiosa da Judeia (15-22), por onde começa o Evangelho de hoje.

A *abominação da desolação*, predita pelo profeta Daniel, parece significar aqui a invasão da Terra Santa, de Jerusalém e do Templo pelos exércitos inimigos. Aconteceu isto quando os Romanos invadiram a Judeia e foram cercar a cidade santa. Era então chegado o tempo da sua destruição (no a. 70). A fuga devia ser precipitada. As recomendações do Salvador, para aquela ocasião, reduzem-se a isto: que os seus discípulos fujam dali o mais depressa possível, abandonando tudo, para não serem envolvidos na catástrofe. Assim o fizeram, de facto, os cristãos no cêrco de Jerusalém.

A fuga seria dificultada para as mulheres em estado de gravidez ou que amamentavam as crianças; bem como no tempo do inverno, pelo mau estado dos caminhos, ou em dia de sábado, quando os Judeus não podiam andar mais de dois mil passos. Tôdas estas expressões, de côr local, devem tomar-se como símbolos representativos.

Depois, em termos enfáticos, mostra Jesus

qual será a grandeza daquela tribulação e horrenda catástrofe. O que Êle, porém, diz da ruína de Jerusalém, terá uma realização mais rigorosa e completa no fim do mundo. Num e noutro caso, a Providência divina encurtará a duração de tantas calamidades em atenção aos escolhidos ou justos.

Á ruína de Jerusalém e da nação judaica segue-se uma época, em que aquêle povo, na obscuridade e inquietação, procurará o Messias. E em nome dêste se apresentarão muitos falsos messias e falsos profetas. O Salvador adverte disso os seus discípulos com antecipação, para que se não deixem seduzir. Não devem crer nêles, por mais prodígios e maravilhas que êles pareçam obrar. Nem se inquietem a procurar o Messias, o verdadeiro, que virá uma segunda vez ao mundo. Êle virá repentina e manifestamente como um relâmpago. Não sendo prevista nem anunciada com antecedência, a sua presença não poderá ser ignorada de ninguém. Os eleitos irão ao seu encontro como instintivamente, do mesmo modo que as aves de rapina (as águias, ou antes: os abutres) se juntam em tôrno dos cadáveres (23-28).

O Divino Mestre passa a descrever, em têrmos apocalípticos, os *sinais da sua vinda e do fim do mundo:* escurecimento do sol e da lua, queda dos astros, comoção dos elementos (potências celestes), angústia cruel dos povos. Tal é, no estilo profético, o anúncio das grandes calamidades. Seja qual

fôr o sentido destas expressões na escatologia mundial, real ou metafórico, a comoção do universo é o sinal da intervenção divina, da vinda do Juiz supremo.

Então aparecerá no céu o sinal do Filho do homem. Seja qual fôr esse sinal (a Cruz do Redentor?), será um símbolo do poder divino, sinal de consolação para os justos e de terror para os pecadores. Os povos da terra, à vista dêsse sinal, soltarão lamentos de confusão e desespêro. E logo virá Jesus Cristo glorioso, com grande poder e majestade, para julgar o mundo. Êle mandará os seus anjos ressuscitar os mortos, ao som da trombeta, sôbre tôda a extensão da terra. E todos, eleitos e réprobos, virão assistir à solene e definitiva manifestação da divina Justiça, ao Juizo universal.

Os últimos versos do Evangelho hoje lido (32-35) referem-se à época da ruína de Jerusalém. Pela comparação da figueira significa o Salvador aos discípulos que ao verem suceder as coisas por Êle preditas, isto é, os sinais precursores da ruína da Cidade, saberão que se aproxima a catástrofe. E afirma solenemente que não passará aquela geração, isto é, não morrerão todos os que então viviam, sem que se realize tudo o que Êle predisse. Jerusalém foi destruida passados quarenta anos, no a. 70 da era cristã. Referindo-se, porém ao dia da sua vinda, no fim do mundo, declarou formal-

mente que a ninguém era dado sabê-lo. E recomendou a vigilância constante, como meio único de não ser por êle surpreendido.

— Têm porém um valor universal as últimas palavras do Divino Mestre: "Passarão o céu e a terra, mas as minhas palavras não passarão„. Como se realizou uma parte da sua profecia, também se há de realizar a outra: a sua vinda, o fim do mundo e o Juizo final. O dia, porém, é desconhecido, como incerta é a hora do fim de cada um de nós. Importa, pois, que para êsse dia e essa hora estejamos sempre preparados, como no-lo recomenda instantemente o Salvador: "Vigiai, pois não sabeis em que momento virá o vosso Senhor... Estai preparados, porque o Filho do homem virá na hora em que o não pensais„ (Mat. 24,42.44).

# Festa de N. S. Jesus Cristo-Rei

**(Último Domingo de Outubro)**

*Evangelho de S. João, c. XVIII, vv. 33-37:*

NAQUELE tempo disse Pilatos a Jesus: Tu és o rei dos Judeus? Respondeu Jesus: Dizes isso de ti mesmo, ou outros to disseram de mim? Respondeu Pilatos: Porventura sou eu Judeu? A tua nação e os pontifices entregaram-te a mim; que é o que fizeste? Respondeu Jesus: O meu reino não é dêste mundo. Se o meu reino fôsse dêste mundo, os meus satélites teriam combatido para que eu não fôsse entregue aos Judeus. Agora porém o meu reino não é daqui. Disse-lhe pois Pilatos: Portanto, tu és rei? Respondeu Jesus: Tu dizes que eu sou rei. Eu nasci e vim ao mundo para dar testemunho à verdade. Todo aquêle que é (amigo) da verdade, ouve a minha voz.

## Explicação do texto

Era na Sexta-feira da Paixão, talvez o dia 7 de Abril do ano 30 da nossa era. Jesus, depois

de preso no Jardim de Getsémani, foi conduzido a casa dos pontífices, onde teve lugar o processo religioso contra Êle. O Sinédrio ali reünido condenou o Salvador à morte, como blasfemo, por se dizer Filho de Deus. Privado porém do direito de aplicar a pena capital, não podia o Sinédrio fazer executar a sua sentença, sem o assentimento da Autoridade Romana, senhora da nação. Era portanto necessário instruir o processo civil perante o Procurador da Judeia. Para isso, logo de manhã cedo, dirigiram-se os chefes do povo judaico ao Pretório ou residência do Procurador em Jerusalém, instalado na fortaleza Antónia, no ângulo noroeste do Templo. O Procurador romano era então Pôncio Pilatos, que governava a Judeia desde o ano 26. De carácter altivo, duro e vingativo, aquêle magistrado ia neste processo dar o exemplo da maior fraqueza, condenando à morte, por intimidação pessoal, Aquêle cuja inocência lhe era manifesta e por êle mesmo foi altamente proclamada.

Conduzindo o Salvador perante Pilatos, esperavam os Sinedritas que êle confirmaria sem dificuldade a sentença por êles pronunciada. Uma vez porém que o réu era conduzido ao seu tribunal, o Procurador devia investigar a sua culpabilidade, procedendo a um inquérito regular. Por isso, Pilatos preguntou-lhes desde logo qual a causa da sentença ou que acusação apresentavam contra Jesus. A isto contestaram os Sinedritas de um

modo vago, como esquivando-se, denunciando Jesus como um malfeitor comum. Ao que o Procurador respondeu que o julgassem êles mesmos segundo a própria lei. A isto replicaram êles que não lhes era permitido matar ninguém. Nisto mostravam claramente que o seu único intento era dar a morte a Jesus; o que só poderia fazer a Autoridade Romana. Tudo isto, observa o evangelista S. João, obedecia aos desígnios divinos, segundo os quais o Salvador deveria morrer crucificado.

Não conseguindo que Pilatos aceitasse o papel de mero executor da sua sentença, os Sinedritas, calando o aspecto religioso da questão, para êles o mais importante, formularam contra o Salvador uma tríplice acusação de carácter político, apresentando-o como um agitador do povo, um revoltado contra a Autoridade Romana e um usurpador da realeza (Luc. 23,2).

Então, tendo o Procurador entrado no Pretório e chamado Jesus à sua presença, começou o interrogatório, pelo diálogo que lemos no Evangelho de hoje, cujo objecto é a última parte da acusação dos Sinedritas: "Tu és o rei dos Judeus?„. O Procurador estranhava, evidentemente, tal acusação. Nada permitia ver em Jesus, tão sereno e pacífico, um usurpador da realeza e um revoltado.

Antes de afirmar ou negar, o Salvador informa-se do sentido da pregunta.

Efectivamente, esta teria diverso sentido, se-

gundo fôsse da iniciativa espontânea de Pilatos ou lhe fôsse sugerida pelos Judeus. No primeiro caso, o Procurador teria em vista a realeza política, pois outra não lhe interessava. E nêste sentido, temporal e terreno, Jesus não era rei. Sugerida, porém, pelos Judeus, a pregunta referir-se-ia à realeza messiánica. E então, não segundo a mentalidade judaica, mas no verdadeiro sentido dessa realeza, o espiritual, Jesus era verdadeiramente rei. Pilatos, porém, não ficou satisfeito da pregunta do Divino Mestre. Que tinha êle que ver com os Judeus? Todavia, declarando que o Salvador lhe fôra entregue pela nação judaica e pelos pontífices, mostra que dêles provinha a acusação e portanto a pregunta. Mas, evitando discussões, que não lhe interessam, quere que lhe responda ao que lhe importa saber: Que fez Êle?

Jesus porém insiste em esclarecer uma questão, que para Êle era fundamental. Não declinando as pretensões de que o acusam, faz as necessárias reservas, para afastar quaisquer suspeitas que elas pudessem inspirar. O seu reino, declara, não é dêste mundo. Aliás, teria recorrido à fôrça material para se defender dos seus inimigos mortais. Se o não fêz, é porque a sua realeza não é temporal e terrena. Sendo assim, ninguém deve temer um conflito entre o seu poder e os poderes da terra. São de ordem diversa: um espiritual, os outros temporais. Entre êles não há

oposição alguma, conservando-se cada um na própria esfera.

O Procurador mostra-se surpreendido com as palavras do Divino Mestre. Esperava, sem dúvida, que Êle negasse simplesmente aquilo de que o acusavam. As suas explicações, tão nobres e comedidas, mas tão claras e firmes, parecem-lhe comprometedoras. Êle mantém, pois, as pretensões à realeza, confirmando a acusação dos seus adversários. Êle é rei?

Jesus, porém, não renuncia às suas pretensões àquela realeza, que lhe é própria, à realeza messiánica, espiritual e ultraterrena. Pelo contrário, afirma categòricamente que é rei! (A frase "tu o dizes„ é o reconhecimento da verdade de uma afirmação, equivalendo a: Sim, eu sou rei!). Todavia, mais uma vez insiste em precisar a natureza da realeza, que reivindica para si. Ela é de carácter puramente espiritual. Pretende reinar sôbre as almas por meio da Verdade. E foi para fazer triunfar a Verdade que Êle incarnou e veio a êste mundo. E todos os que são amigos da Verdade, ouvem a sua voz e acatam a sua realeza. Êle reinará sôbre as almas sinceras, rectas e de boa vontade. O seu domínio estende-se, de direito, a todos os homens. Mas deve ser por êles livremente aceite. Os seus meios de acção, para fazer acatar o seu domínio, são pacíficos e espirituais. Reinará pela Verdade e pelo Amor!

— Jesus Cristo, Verbo humanado, é Rei: por direito de nascimento e por direito de conquista... Êle deve reinar: sôbre as inteligências, pela Fé, pela Verdade; sôbre as vontades, pelo Amor. — Deve reinar: sôbre os Indivíduos, sôbre as Famílias, sôbre as Sociedades. Só no reconhecimento do reinado social de Jesus Cristo os homens acharão a verdadeira paz, na Ordem e na Justiça...

Deveres que nos impõe a Realeza de Jesus: *a)* obedecer, amar e zelar a honra do nosso Rei; *b)* trabalhar na dilatação do seu reinado: Apostolado e Acção Católica...

"*Oportet illum regnare*„ (1 Cor. 15,25). Jesus Cristo deve reinar!

# Festa da Imaculada Conceição de N. Senhora

**(8 de Dezembro)**

*Evangelho de S. Lucas, c. I, vv. 26-28:*

**NAQUELE tempo foi enviado o Anjo Gabriel da parte de Deus a uma cidade da Galileia, chamada Nazaré, a uma virgem desposada a um homem, de nome José, da casa de David. E o nome da virgem era Maria. E o Anjo, tendo entrado junto dela, disse-lhe: Avè, cheia de graça, o Senhor é contigo, bendita és tu entre as mulheres.**

## Explicação do texto

As poucas palavras do sagrado Evangelho, que acabamos de ler, são a introdução à singela e idílica narração, que nos deixou S. Lucas, do adorável mistério da Incarnação do Filho de Deus no seio de Maria Santíssima. Extraindo apenas estas breves palavras do texto sagrado, a Igreja viu nelas o mais sublime cântico de louvor, que poderia dirigir à Mãe de Deus nêste dia, em que celebra-

mos o inefável privilégio da sua Conceição Imaculada.

Passados seis meses depois que o Anjo Gabriel anunciou a Zacarias a conceição do Precursor, foi o mesmo celeste mensageiro encarregado por Deus de anunciar à Virgem Maria a Incarnação do Verbo divino.

O Anjo ou mensageiro de Deus, que recebeu a altíssima missão de intervir como medianeiro entre o céu e a terra na realização do prodigioso mistério, é designado pelo nome de *Gabriel*, que significa "homem de Deus„. Segundo o Antigo Testamento, era um dos sete espíritos que estão diante do Trono de Deus, prestes a executar as suas ordens (Tob. 12,15); e o mesmo que fôra enviado a Daniel para o instruir dos planos divinos relativos à Redenção messiánica (Dan. 9,21 seg.). É por isso chamado o Anjo ou mensageiro da Incarnação.

*Nazaré* era uma obscura povoação da Galileia, província setentrional da Palestina, tão obscura que nem sequer é nomeada no Antigo Testamento nem pelos autores profanos contemporâneos de Nosso Senhor; e parece que era até de inferior reputação na mesma época (Jo. 1,46).

*Maria*, a humilde Virgem de Nazaré, era ainda então apenas desposada com José, não habitando ainda na mesma casa, pois não se realizara a cerimónia das bôdas ou entrega da espôsa. Todavia,

segundo o direito então vigente entre os Judeus, a partir dos esponsais tinham os esposos todos os direitos do matrimónio. Pelo que nada tinha a sofrer nessas condições a reputação de Maria, coberta pela protecção de S. José. A atitude dêste perante o mistério da conceição virginal de Maria é-nos referida por S. Mateus, c. 1, vv. 18-21 (ver o Evangelho da Vigília do Natal).

A significação do nome de *Maria* é muito discutida e portanto incerta. Pode crer-se que na interpretação vulgar o nome significava *Senhora*. Maria é por antonomásia "Nossa Senhora„.

A designação "*da casa de David*„ refere-se ao nome de José, que precede. Maria seria também descendente de David, sendo parente de S. José. Todavia, a paternidade legal dêste era suficiente para transmitir a Jesus os direitos da descendência real e o título de Filho de David.

O Anjo entrou junto de Maria, isto é, em sua casa. A saüdação não lhe foi dirigida fora de casa, a caminho da fonte, como a descreveram os evangelhos apócrifos. Maria vivia ainda então em casa de seus pais, enquanto não passou a habitar com S. José: o que só se efectuou alguns meses depois.

A saüdação do Anjo é sublime, na sua concisão, e cheia de ensinamentos teológicos. Não pode fazer-se maior elogio de uma criatura humana. Pode dizer-se que nela estão compendiados

todos os privilégios, graças e favores singulares, de que Maria foi objecto sem par.

*Avè !* — saüdação jubilosa... Literalmente: Alegra-te! O mesmo que: Salvè!

*Cheia de graça* — não parcial e transitòriamente, mas de um modo perfeito, pleno e permanente. Não se trata da perfeição física, mas da perfeição moral: da Graça, que torna as criaturas agradáveis aos olhos de Deus; da divina complacência com tôdas as suas conseqüências, os dons e favores de ordem sobrenatural. Maria possui a plenitude da Graça, por comunicação: o que porém não obsta a que a Graça possa nela progredir, pelos actos de virtude.

*O Senhor é contigo* — de um modo singular e único, pela Graça que nela habita. Maria goza de um favor e protecção peculiar da parte de Deus. A razão dêste amor singular de Deus por Maria é a escolha que Êle fêz dela para ser Mãe do seu Filho Unigénito humanado.

*Bendita és tu entre as mulheres* — isto é, abençoada de Deus e cumulada dos mais singulares favores, que a levantam acima de tôdas as outras mulheres, acima de tôdas as criaturas racionais.

— A razão da escolha desta perícopa evangélica, tão breve, mas dum conteúdo tão elevado, para a Solenidade da Imaculada Conceição de Nossa Senhora, não é difícil de descobrir. Ela é a introdução à mais sublime mensagem que o Céu

mandou à terra, e ao anûncio angélico da Divina Maternidade, fundamento e razão última de tôdas as graças e singulares privilégios, que o Altíssimo outorgou a Maria Santíssima, entre os quais ocupa o primeiro lugar o privilégio e favor sem par da sua Conceição Imaculada.

Mas na saüdação angélica estão compendiados, como dissemos, todos os privilégios, graças e favores, de que a Virgem Imaculada foi objecto da parte de Deus. Ela é proclamada cheia de graça: elogio que o Céu não dispensou a nenhuma outra criatura, a não ser à pessoa do Verbo Incarnado, em quem habita a plenitude da Graça, essencialmente (Jo. 1,14).

É declarada pelo Anjo cheia de graça antes mesmo da conceição virginal de Jesus, isto é, antes que nela habite corporalmente Aquêle que é a fonte e a plenitude da Graça por essência. O Altíssimo preparou-a desde o primeiro momento da sua existência para a sublime missão da Maternidade Divina, a que a destinava nos seus eternos desígnios, aplicando-lhe dum modo singular, superabundante e inexcedível os merecimentos do Redentor da humanidade, a que Ela foi ligada do modo mais íntimo e inefável, como Corredentora dos homens e Mãe da humanidade regenerada.

É da plenitude da graça concedida a Maria Santíssima que a teologia católica deduz todos os seus singularíssimos privilégios, incluindo o da sua

Conceição Imaculada, a nenhuma outra criatura concedido.

"Por esta saüdação singular e solene, até então inaudita, a Mãe de Deus é-nos apresentada como a sede de tôdas as graças divinas, como ornada de todos os dons do Divino Espírito, mais ainda, como um tesouro quási infinito e um abismo inexgotável dêsses mesmos dons; de sorte que, não tendo sido nunca submetida à maldição, mas tendo com seu Filho participado duma perpétua bênção, mereceu ouvir de Sta. Isabel, sob a acção do Espírito Santo: Bendita és tu entre as mulheres...„ (Bula de Pio IX "Ineffabilis Deus„, definindo o dogma da Imaculada Conceição de Maria).

# Festa da Assunção de Nossa Senhora

(15 de Agosto)

*Evangelho de S. Lucas, c. X, vv. 38-42:*

NAQUELE tempo entrou Jesus numa aldeia; e uma mulher, chamada Marta, recebeu-o na sua casa. E tinha ela uma irmã, chamada Maria, que, sentada aos pés do Senhor, ouvia a sua palavra. Marta porém estava preocupada com o muito serviço. E aproximando-se disse: Senhor, não vos dá cuidado que minha irmã me deixe só a fazer o serviço? Dizei-lhe pois que venha ajudar-me. E o Senhor lhe respondeu: Marta, Marta, tu inquietas-te e perturbas-te com muitas coisas, não havendo necessidade senão de uma só. Maria escolheu a melhor parte, que não lhe será tirada.

## Explicação do texto

O episódio narrado por S. Lucas teria lugar no segundo ano da vida pública de Nosso Senhor,

na viagem que Êle fêz a Jerusalém para a festa dos Tabernáculos (setembro-outubro do ano 28). Provàvelmente de Jericó, onde teria proposto a parábola do Bom Samaritano (Luc. 10,25-38; ver o Evangelho, do 12.º domingo dep. do Pentecostes), o Divino Mestre dirigiu-se para Jerusalém, passando por Betânia. Era esta a aldeia, de que fala S. Lucas sem indicar o nome, onde sabemos que habitavam as duas irmãs de Lázaro, Marta e Maria (Jo. 11,1). Jesus hospedava-se na casa daquela família, que lhe era particularmente dedicada, quando por ali passava. A mesma narração, que acabamos de ler, faz supor que as protagonistas tinham certa familiaridade respeitosa com o Salvador. Marta era a mais velha das irmãs, e talvez da família; pelo que pesavam sôbre ela todos os cuidados da casa e da hospitalidade. Maria (que deve distinguir-se de Maria Madalena e da pecadora que ungiu os pés do Senhor), livre dessas preocupações, estava sentada aos pés do Divino Mestre, como discípula atenta, escutando as suas palavras, enlevada e cuidando apenas de não perder uma só parcela dos divinos ensinamentos.

Marta bem desejaria, sem dúvida, fazer outro tanto. Impediam-na disso, porém, os cuidados domésticos, que absorviam todo o seu tempo e atenção. O seu empenho era preparar para o Senhor uma boa refeição. Indo de uma parte para outra, passou diante dêle. Parou. E, com certa familiari-

dade, a que se juntava um pouco de impaciência, dirigiu-se ao Salvador, chamando a sua atenção para o facto de que todo o trabalho pesava sôbre ela. Sua irmã desinteressava-se dêle completamente. E Jesus mesmo parecia não cuidar disso, nem se dar conta da falta que ela lhe fazia. Pede-lhe a sua intervenção para que sua irmã a vá ajudar.

A resposta do Divino Mestre é uma delicada admoestação, em que Êle manifesta o seu desinterêsse pelas coisas terrenas, preocupando-se ùnicamente das celestes, às quais só pretende levantar as almas. Marta deixava-se absorver demasiadamente pela solicitude das coisas temporais, a ponto de inquietar-se e perturbar-se por causa delas. Essa preocupação excessiva impedia-a de atender e aproveitar os ensinamentos divinos, que sua irmã recebia com tanto cuidado e proveito. Uma só coisa, afinal, é necessária: tratar da salvação da alma, ouvir a palavra de Deus, receber do Céu o alimento espiritual. Tudo o mais é acessório e deve passar em segundo lugar.

É digna de atenção a lição do texto original melhor atestada e que melhor parece corresponder às circunstâncias. Diz ela: "De poucas coisas há necessidade ou de uma só„. O sentido parece ser: que é inútil e supérfluo preparar muitas coisas para a refeição, como fazia Marta; pois que pouco é necessário e basta, mesmo uma só iguaria.

O Salvador contentava-se com bem pouco, no cuidado do corpo.

Maria, acrescenta o Divino Mestre, escolheu a melhor parte, a qual não lhe será tirada. A melhor parte é a de ouvir a palavra de Deus. Disso não a afastará o Salvador. Não será impedida de atender aos seus interêsses espirituais pelo cuidado das coisas terrenas.

Jesus opõe aqui, não pròpriamente dois géneros de vida — contemplativa e activa, mas o recolhimento de uma alma atenta a ouvir a palavra de Deus, à distracção de outra, absorvida demasiadamente pelo cuidado das coisas temporais; a vida interior à vida exterior. A nossa preocupação principal deve ser a de ouvir a palavra divina, isto é, a vida espiritual ou interior. Isso não é incompatível com a vida activa, indispensável ao comum das almas cristãs ou religiosas e aos interêsses da Sociedade. Uma coisa deve aliar-se com a outra. O que deve evitar-se é a vida meramente exterior e dissipada, que prenderia tôda a nossa atenção aos cuidados temporais, fazendo-nos esquecer o que é primário e essencial: a vida do espírito, a união com Deus, a oração, a perfeição interior.

— A razão da acomodação desta interessante narração evangélica à festa da Assunção de Nossa Senhora parece ser que o que nela se diz de Maria, irmã de Marta e de Lázaro, se adapta bem à Mãe de Deus; e particularmente a última sen-

tença do Divino Mestre, que a Igreja repete no *Communio* da Missa dêste dia: "Maria escolheu a melhor parte, a qual não lhe será tirada (eternamente)„. Maria Santíssima realizou, melhor do que ninguém, ao mesmo tempo a parte de Marta e a parte de Maria. Mais do que Marta, ela trabalhou por Jesus, com todo o cuidado e solicitude de uma mãe, provendo desveladamente às suas necessidades em Belém, em Nazaré... Nunca porém se deixou absorver e distrair pelos cuidados temporais, que não impediam que ela seguisse continuamente e com tôda a atenção os divinos mistérios que se cumpriam à sua vista. Melhor do que Maria de Betánia, ela escutava constantemente os ensinos de Jesus, que conservava no seu coração, meditando as suas palavras, os seus exemplos, todos os mistérios e verdades que lhe revelava a vida de Deus feito homem.

Melhor do que ninguém, Maria Santíssima realizou em tôda a sua perfeição as condições desta bem-aventurança proclamada pelo Divino Mestre: "Felizes os que ouvem a palavra de Deus e a guardam„ (Luc. 11,28). A parte que ela escolheu nêste mundo, a melhor de tôdas, conservá-la-á para sempre no Céu, aonde subiu gloriosamente, junto do seu divino Filho...

# Festa de S. José

**(19 de Março)**

*Evangelho da Vigília do Natal* (pág. 31)

O Evangelho dêste dia recorda-nos, primeiramente, as duas prerrogativas singulares de S. José, que o colocam numa categoria àparte, e a que na economia divina deviam corresponder singulares graças e uma santidade fora do comum: -- êle é o *espôso* de Maria Santíssima e o *pai putativo* e legal do Filho de Deus humanado.

Depois do privilégio inefável da Mãe de Deus, não houve nem haverá na terra missão e dignidade que possa comparar-se à de S. José. A tão sublime missão devia ser proporcionada a sua santidade.

Da virtude de S. José não poderia fazer-se elogio nem mais conciso nem mais completo do que o que dêle faz o Evangelho, dizendo que era *justo*. Na passagem do texto sagrado que hoje lemos, impõem-se à nossa admiração a sua paciência, a sua prudência, a sua escrupulosa delicadeza, a sua caridade e a sua profunda veneração e respeito pela virtude de Maria.

A cruel angústia por que passou naquele transe

a alma de S. José, mostra-nos ainda uma vez como Deus prova os seus escolhidos, e particularmente os que lhe são mais caros e sôbre quem Êle tem mais elevados desígnios de santidade e de glória. Mas a Providência Divina vela constantemente sôbre os justos, que a ela se abandonam com absoluta confiança. Às trevas faz suceder a luz, à tempestade a bonança, à dôr a consolação.

Foi pela sua fidelidade e constância nos trabalhos, provas e tribulações desta vida que S. José mereceu a glória incomparável de que goza hoje no Céu, ao lado de Jesus e Maria sua imaculada Espôsa...

# Festa dos Ss. Apóstolos Pedro e Paulo

(29 de Junho)

*Evangelho de S. Mateus, c. XVI, vv. 13-19:*

NAQUELE tempo foi Jesus para a região de Cesareia de Filipe, e interrogava os seus discípulos, dizendo: Quem dizem os homens ser o Filho do homem? Êles disseram: Uns que é João Baptista, outros Elias, outros ainda Jeremias ou um dos profetas. Diz-lhes Jesus: Vós, porém, quem dizeis que eu sou? Respondeu Simão Pedro: Vós sois o Cristo, o Filho de Deus vivo. Jesus respondendo disse-lhe: Feliz és tu, Simão Bar Joná, porque não foi a carne e o sangue que to revelou, mas o meu Pai que está nos céus. E eu te digo que tu és Pedro, e sôbre esta pedra edificarei a minha Igreja, e as portas do inferno não prevalecerão contra ela. Dar-te-ei as chaves do reino dos céus; e tudo o que tu ligares na terra, será ligado nos céus, e o que desligares na terra, será nos céus desligado.

## Explicação do texto

O facto, de capital importância, narrado no Evangelho dêste dia, teve lugar nos últimos meses da vida pública de Nosso Senhor, no período da sua última missão na Galileia, talvez pelo mês de Dezembro, pouco depois da festa da Dedicação do Templo, do ano 29 da nossa era. Voltando da Judeia, onde estava por ocasião dessa festa, iria o Divino Mestre a Cafarnaúm. Daqui passou à parte nordeste do lago de Genesaré, subindo em direcção à região de Cesareia de Filipe, onde o Jordão tem uma das suas nascentes. Ali, na solidão e retiro, podia abrir-se com os discípulos em confidências íntimas, que teriam uma repercussão ilimitada na vida da sua Igreja. No caminho, preguntou-lhes o Salvador que pensava o povo a respeito da sua pessoa, quem era Êle na opinião do vulgo. Não faz esta pregunta por mera curiosidade ou, ainda menos, por ostentação vã. Jesus quere proporcionar aos seus apóstolos a ocasião de manifestar os seus próprios sentimentos, e prepará-los para a grandiosa revelação e solene promessa que ia fazer a Pedro, em conformidade com os peculiares desígnios que sôbre êle tinha. A expressão "Filho do homem„, com que designa a sua pessoa, mostra que a pregunta era de um alcance fora das preocupações vulgares. Ela designa directamente a sua natureza humana, a qual só era imediata-

mente acessível aos homens. Ao mesmo tempo, porém, e por contraste, prepara a revelação da sua natureza divina, que Pedro vai confessar solenemente em nome de todos.

Entre o povo, pensavam uns que Jesus seria João Baptista, novamente aparecido, quer porque ressuscitasse, quer porque de facto não tivesse morrido. Outros pensavam que seria Elias, o qual era esperado pelos Judeus como precursor do Messias. Outros pensavam em Jeremias, pela sua importância peculiar na vida do Judaísmo depois do exílio; ou em qualquer dos profetas. Tinham, isto é, Jesus por um profeta. Assim referiam os discípulos as várias opiniões que ouviam correr no povo. O Divino Mestre, dando mais um passo, pregunta-lhes o que é que êles mesmos sentiam a seu respeito. E então Pedro tomou a palavra em nome de todos. O evangelista indica-o aqui com os seus dois nomes; Simão, que tinha primitivamente, e Pedro, que lhe impuzera Jesus quando o chamou ao apostolado. De um e outro se vai servir o Salvador nesta ocasião. E a identidade da pessoa, a quem Êle se dirige, é posta fora de tôda a dúvida ou confusão possível.

Pedro confessa, pois, que Jesus é o Messias (o Cristo). Indo porém muito mais longe do que aquêles que já haviam reconhecido ao Salvador êste carácter, Pedro confessa também a sua divindade, declarando que Êle é o Filho de Deus vivo.

Não pode professar-se mais claramente a origem divina de Jesus, a sua participação da natureza do Ser infinito, que tem em si a vida e o poder de a transmitir. Sem uma graça e luz especial não poderia o Apóstolo penetrar e proclamar assim o mistério da divindade de Jesus-Messias.

O Salvador felicita-o por esta magnifica profissão de fé, proclamando-o feliz, bemaventurado. O apelativo *Bar Jonâ* significa Filho de Jonas ou João, como Jesus chamou também a Simão, quando o viu pela primeira vez e lhe impôs o nome de *Cefas* ou Pedro (Jo. 1,42). Pedro é feliz, declara o Divino Mestre, porque faz uma declaração, que não poderia fazer humanamente, só com as luzes da razão natural. Se chegou ao conhecimento da verdade que proclama, é porque recebeu do Alto uma revelação particular, superior às que até ali haviam sido feitas aos homens. Se a unidade de Deus pode ser atingida pela razão, a filiação divina de Jesus, como o mistério da SS. Trindade, não podia ser conhecida senão pela revelação. Porque Pedro recebeu de Deus esta revelação peculiar, que comunicará aos outros, é verdadeiramente privilegiado.

Á confissão de Pedro responde o Salvador com uma solene declaração e promessa, têrmo previsto dêste diálogo, constituindo o Apóstolo fundamento visível da sua Igreja e dando-lhe nela o poder supremo e efectivo.

"*Tu és Pedro*„ — A palavra *Petros* é uma criação nova, como nome próprio. Como nome comum, significava *pedra*. E *Petra* significava rochedo. Na língua aramaica, que Nosso Senhor falava, corresponde à palavra *Cefa*, nome pelo qual era conhecido S. Pedro na Igreja primitiva. Jesus quere dizer: Com razão és chamado Pedro (ou pedra), porque "*sôbre esta pedra*„, que o teu nome significa, "*edificarei eu a minha Igreja*„. A promessa do Salvador só pode aqui entender-se da pessoa de Pedro. A condição de Pedro na Igreja de Cristo é a do rochedo, sôbre o qual é construido um edifício. Êste será sólido, graças à firmeza do seu fundamento. O fundamento invisível, mas primário, da Igreja é o mesmo Jesus Cristo. Mas o seu fundamento exterior e visível é Pedro. A Igreja, edificada sôbre Pedro, será firme e duradoira.

"*As portas do inferno não prevalecerão contra ela*„ — A Igreja resistirá vitoriosamente a todos os ataques dos seus adversários. Êstes são representados pelas "portas do inferno„, expressão que designa o reino do Diabo, o império do Mal. Êste atacará hostilmente a Igreja, tentando destruí-la. Mas *non prævalebunt!* Os seus ataques serão baldados. A Igreja permanecerá inabalável... E será inabalável, porque fundada sôbre a fé de Pedro, a qual persistirá firme e incorrupta nos seus sucessores. A profecia e solene promessa de Jesus

realiza-se ùnicamente na Igreja Romana, com o seu chefe visível, sucessor de Pedro, o Sumo Pontífice.

O Divino Mestre explica ainda por outra metáfora a função de Pedro, como chefe da sua Igreja. *A entrega das chaves* representa a investidura do poder sôbre a casa, da qual o senhor guarda o domínio e poder supremo, mas confia a administração ao seu delegado. Pedro governará a Igreja com a autoridade ilimitada recebida de Jesus. Tôdas as medidas que êle tomar sôbre a terra, como administrador fiel, serão confirmadas e ratificadas por Deus no céu. Assim é conferido a Pedro e aos seus sucessores o poder ilimitado do Magistério e da Jurisdição na Igreja de Cristo.

— A festa do Apóstolo S. Pedro, a que a tradição uniu inseparàvelmente a do Apóstolo S. Paulo, fazendo dos dois os Príncipes dos Apóstolos e Chefes gloriosos da Igreja Romana, deve ser para nós uma ocasião de renovarmos a nossa Fé, por cujo triunfo os dois Apóstolos deram a sua vida, e de protestarmos a nossa firme adesão à Cadeira de Pedro, e a nossa inteira submissão, veneração filial e amor ardente ao Sumo Pontífice. Só a êle unida e por êle guiada é que a Igreja poderá resistir aos violentos ataques dos seus inimigos de todos os tempos, e permanecer firme e inabalável na Fé de Jesus Cristo, pela qual sòmente a humanidade será salva...

# Festa de Todos os Santos

(1 de Novembro)

*Evangelho de S. Mateus, c. V, vv. 1-12:*

NAQUELE tempo, vendo Jesus as turbas, subiu ao monte; e, tendo-se sentado, chegaram-se a Êle os seus discípulos. E, abrindo a sua bôca, ensinava-os, dizendo: Bemaventurados os pobres de espírito, porque dêles é o reino dos céus. Bemaventurados os mansos, porque êles possuirão a terra. Bemaventurados os tristes, porque êles serão consolados. Bemaventurados os que têm fome e sêde da justiça, porque êles serão saciados. Bemaventurados os misericordiosos, porque êles serão tratados com misericórdia. Bemaventurados os puros do coração, porque êles verão a Deus. Bemaventurados os pacíficos, porque êles serão chamados filhos de Deus. Bemaventurados os perseguidos pela justiça, porque dêles é o reino dos céus. Bemaventurados sois quando vos ultrajarem e perseguirem e disserem todo o mal contra vós, mentindo, por amor de mim.

**Alegrai-vos e regozijai-vos, porque grande será a vossa recompensa nos céus.**

## Explicação do texto

As *Bemaventuranças*, que acabamos de ler no santo Evangelho dêste dia, formam o exórdio do Sermão da Montanha, que o Divino Mestre pronunciou na Galileia, cêrca de Cafarnaúm, pela festa do Pentecostes do segundo ano da sua vida pública ou a. 28 da era cristã. Jesus dirigia-se, antes de tudo, aos seus discípulos, que Êle acabava de escolher para seus apóstolos. Por isso, dêles requere principalmente a perfeição aqui ensinada. Todos os demais discípulos do Salvador, porém, devem seguir as mesmas normas, no modo e medida apropriados à condição de cada um, para conseguirem a santidade.

Nas Bemaventuranças apresenta o Divino Mestre como que a lei basilar do reino de Deus, que Êle vinha estabelecer, e o resumo de tôda a doutrina evangélica. Em breves sentenças, expõe a doutrina da verdadeira Felicidade e as condições para a conseguir. Simultâneamente descreve os caracteres que devem distinguir os seus verdadeiros discípulos, e o prémio que lhes é reservado. Êste prémio, apresentado sob várias formas, é em resumo substancialmente o mesmo: a possessão do Reino de Deus e da eterna Felicidade.

*Bemaventurados os pobres de espírito.* — Os pobres de espírito são aquêles que são verdadeiramente pobres; não só externa e efectivamente, mas interiormente e de afecto; não apenas materialmente, mas espiritualmente. São, isto é, os que têm o coração livre de tôda a afeição desordenada às coisas terrenas; que não buscam nem desejam desordenadamente as riquezas e prosperidades do mundo, mas servem ao Senhor com humildade, paciência, resignação e completo abandono à sua providência. A tais pobres, interiormente e em espírito, chama Deus ao seu reino. Êle lhes pertence, pois, como por direito, realizando êles as condições necessárias para o possuir. Jesus proclama-os, por isso, verdadeiramente felizes, embora os homens os não considerem tais, nem êles próprios tenham talvez consciência dessa felicidade.

*Bemaventurados os mansos.* — Os mansos são os que nas aflições e adversidades conservam a paciência e a resignação com a vontade de Deus, plenamente submissos aos seus desígnios e disposições. Tal disposição de espírito é intimamente conexa com a humildade: "Aprendei de mim que sou manso e humilde de coração„ (Mat. 11,29). Os mansos e humildes são também indulgentes e clementes para com os demais. A êstes promete Jesus a posse da terra: isto é, a participação nos bens messiánicos.

*Bemaventurados os tristes e aflitos.* — Isto é,

aquêles que são afligidos pelas adversidades e provações, as quais porém suportam com paciência, por amor de Deus. Os que, renunciando às delícias e gozos terrenos, tomam o caminho estreito do sacrifício e da mortificação. Todos os que sofrem no corpo, no espírito ou no coração... Êsses tais serão consolados, certamente com o eterno gozo. Mas a promessa de Jesus é para êles já o lenitivo e a consolação nas dores da vida presente.

*Bemaventurados os que têm fome e sêde da justiça.* — Isto é, aquêles que com um desejo ardente procuram a Justiça, que consiste na conformidade com a vontade divina, ordenando segundo ela tôda a sua vida. Dessa justiça devemos ter constantemente fome e sêde, porque nunca será completa nesta vida. Mas na vida eterna é-nos prometida a plena saciedade, com a posse de Deus, que é a Justiça por essência.

*Bemaventurados os misericordiosos.* — Isto é, os que se compadecem das misérias e necessidades, espirituais e corporais, do próximo; não só internamente, mas efectivamente, socorrendo-o na medida das próprias fôrças e recursos. Os que praticam a misericórdia para com o próximo, quer perdoando-lhe as ofensas quer acudindo à sua indigência, alcançarão de Deus misericórdia e clemência.

*Bemaventurados os puros do coração.* — Isto é, os que são puros interiormente. Esta pureza

consiste na rectidão da alma, da mente e da vontade. É a pureza de consciência, livre de todo o pecado. A êstes promete Jesus a visão de Deus. Na glória todos verão a Deus. Mas, assim como vê melhor o que tem os olhos mais limpos, assim verão melhor a Deus os que tiverem maior pureza de coração ou consciência.

*Bemaventurados os pacíficos.* — Pacíficos (ou *pacificadores*, segundo o texto grego) são os que amam a paz, conservando-a em si mesmos, e procurando dá-la aos outros, difundi-la em tôrno de si. Essa paz é, não só a ausência de tôda a discórdia, mas a posse dos bens espirituais, tôda a prosperidade na ordem sobrenatural. Tais pacificadores, que propagam no mundo a ordem e o bem, serão chamados, isto é, serão por excelência os filhos de Deus, participando em grau elevado da imagem daquele que é chamado o Deus da paz (2 Cor. 13,11) e do seu Filho humanado, o Príncipe da paz.

*Bemaventurados os perseguidos por causa da justiça.* — A Justiça é a virtude, a religião, o bem, a perfeição cristã, de que os discípulos de Jesus devem ter fome e sêde. Porque esta justiça é diametralmente oposta aos falsos princípios e máximas do mundo, não é de admirar que os seguidores de Cristo tenham de sofrer dêste a perseguição. Se tal, porém, é a sorte dos justos nesta vida, está-lhes assegurado o triunfo no reino dos céus,

onde reinará a verdadeira Justiça, e que será o prémio devido aos que sofreram por sua causa.

Sofrer perseguição pela Justiça e sofrer por amor de Cristo são coisas idênticas, sendo o motivo o mesmo. E o Salvador indica os sofrimentos reservados aos seus discípulos por sua causa: os ultrajes, as perseguições, as calúnias. Tudo isso devem êles suportar por seu amor, com calma e alegria. Devem alegrar-se e regozijar-se, pois que a perseguição é para êles o penhor de uma grande recompensa no céu; a qual será proporcionada à medida das tribulações que na terra tiverem de suportar por sua causa, que é a causa da Justiça. Tal é a sorte de todos os que neste mundo combaterem pela causa de Deus. Foram perseguidos os profetas, foi-o Jesus em pessoa, foram-no os apóstolos, foram-no todos os discípulos de Cristo, os santos de todos os tempos. E assim será até ao fim dos séculos. Nenhum verdadeiro discípulo de Jesus será excluído desta bemaventurança. Mas, se neste mundo participarmos da sua sorte, também dela participaremos na glória eterna.

— Quão oposta é a doutrina da verdadeira felicidade prègada pelo Divino Mestre às máximas, à mentalidade e ao modo de proceder do mundo! Os discípulos de Jesus Cristo não devem procurar a felicidade na terra, onde ela não pode aliás encontrar-se, mas unicamente no céu. E para lá che-

garem, têm de passar pelo caminho do Sacrifício. Alenta-os porém no meio das tribulações desta vida a esperança do prémio, que lhes está reservado na glória celeste. Cumprindo aqui as condições requeridas 'para realizar o programa da Perfeição cristã que o Divino Mestre lhes propõe, são já na terra felizes com a esperança da eterna Bemaventurança que lhes é reservada no Céu, na companhia dos Santos que, executando fielmente aquêle programa, acharam o caminho da verdadeira Felicidade...

# ÍNDICE


| | Pág. |
|---|---|
| Prólogo | 5 |
| 1.º Domingo do Advento | 11 |
| 2.º » » | 16 |
| 3.º » » | 21 |
| 4.º » » | 26 |
| Vigília do Natal e Festa de S. José | 31 |
| 1.ª Missa do Natal | 36 |
| 2.ª » » | 42 |
| 3.ª » » | 47 |
| Festa dos Santos Inocentes | 53 |
| Domingo dentro da Oitava do Natal | 58 |
| Festa da Circuncisão do Senhor | 63 |
| Vigília da Epifania | 68 |
| Festa da Epifania | 73 |
| 1.º Domingo depois da Epifania (Festa da Sagrada Família) | 79 |
| Oitava da Epifania | 85 |
| 2.º Domingo depois da Epifania | 90 |
| Festa da Purificação de N. Senhora | 96 |
| 3.º Domingo depois da Epifania | 101 |
| 4.º » » » | 107 |
| 5.º » » » | 112 |
| 6.º » » » | 118 |
| Domingo da Septuagésima | 123 |
| » Sexagésima | 130 |
| » Quinquagésima | 136 |

PÁG.

1.º Domingo da Quaresma . . . . . 142
2.º » » . . . . . 148
3.º » » . . . . . 154
4.º » » . . . . . 160
Domingo da Paixão . . . . . 166
Domingo de Ramos . . . . . 172
Domingo de Páscoa . . . . . 178
Domingo da Pascoela. . . . . 183
2.º Domingo depois da Páscoa. . . . . 189
3.º » » » . . . . . 194
4.º » » » . . . . . 199
5.º » » » . . . . . 204
Festa da Ascensão . . . . . 209
Domingo dentro da Oitava da Ascensão. . . . 214
Domingo do Pentecostes . . . . . 219
Festa da Santíssima Trindade . . . . . 224
1.º Domingo depois do Pentecostes . . . . . 229
Festa do SS. Corpo de Cristo . . . . . 235
2.º Domingo depois do Pentecostes . . . . . 241
3.º » » » . . . . . 247
4.º » » » . . . . . 253
5.º » » » . . . . . 259
6.º » » » . . . . . 264
7.º » » » . . . . . 269
8.º » » » . . . . . 274
9.º » » » . . . . . 281
10.º » » » . . . . . 287
11.º » » » . . . . . 293
12.º » » » . . . . . 299
13.º » » » . . . . . 306
14.º » » » . . . . . 312
15.º » » » . . . . . 318
16.º » » » . . . . . 324
17.º » » » . . . . . 330

PÁG.

18.º Domingo depois do Pentecostes. . . . . 336
19.º » » » . . . . . 342
20.º » » » . . . . . 349
21.º » » » . . . . . 355
22.º » » » . . . . . 362
23.º » » » . . . . . 368
24.º » » » . . . . . 374
Festa de N. S. Jesus Cristo-Rei . . . . . 381
Festa da Imaculada Conceição de N. Senhora . . 387
Festa da Assunção de N. Senhora. . . . . 393
Festa de S. José . . . . . 398
Festa dos Ss. Apóstolos Pedro e Paulo . . . . 400
Festa de Todos os Santos . . . . . 406